

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ SZCZAWLINSKA MUCENIECKS

VIRTUDE E CONSELHO NA PENA DE SAXO GRAMMATICUS (XII-XIII)

CURITIBA

2008

ANDRÉ SZCZAWLINSKA MUCENIECKS

VIRTUDE E CONSELHO NA PENA DE SAXO GRAMMATICUS (XII-XIII)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Regina
Fernandes

CURITIBA

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

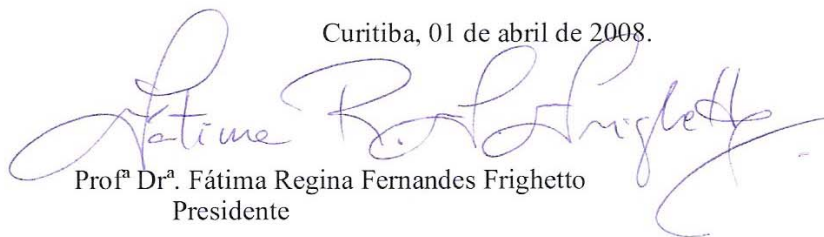
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

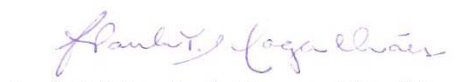
PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado do aluno André Szczawlinska Muceniecks, sob o título: Virtude e conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII), para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas, são de Parecer pela.....APROVAÇÃO.....do aluno, completando-se assim todos os requisitos previstos na regulamentação do Programa de Pós-graduação em História para obtenção do Grau de **Mestre**.

Curitiba, 01 de abril de 2008.



Profª Drª. Fátima Regina Fernandes Frighetto
Presidente



Profª Drª Ana Paula Tavares Magalhães
1º Examinador

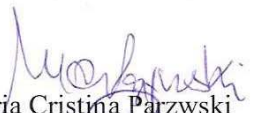


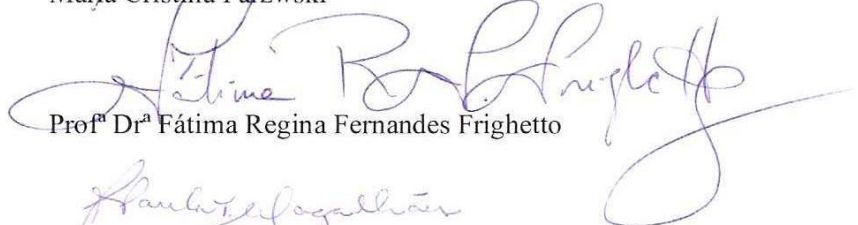
Profº Drº Renan Frighetto
2º Examinador

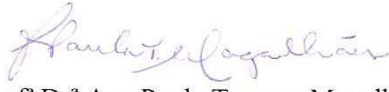


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

Ata da sessão pública de arguição de Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História. No primeiro dia do mês de abril de dois mil e oito, às quatorze horas na sala seiscentos e doze, sexto andar do Edifício D. Pedro I, da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição do aluno André Szczawlinska Muceniecks em relação a sua Dissertação de Mestrado intitulada: Virtude e conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII). A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, foi constituída pelos seguintes Professores Doutores Fátima Regina Fernandes Frighetto, orientadora, Ana Paula Tavares Magalhães (USP) e Renan Frighetto (UFPR), sob a presidência da primeira. A sessão teve início com a exposição oral do aluno sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente concedeu a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. Em seguida, o aluno apresentou sua defesa. Na sequência, a senhora presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela.....do aluno. Finalmente, a senhora presidente declarou o aluno.....Completando-se assim todos os requisitos previstos na regulamentação do Programa de Pós-Graduação em História para a obtenção do Grau de **Mestre**. Nada mais havendo a tratar a senhora presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Maria Cristina Parzowski, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.


Maria Cristina Parzowski


Profª Drª Fátima Regina Fernandes Frighetto


Profª Drª Ana Paula Tavares Magalhães


Profº Drº Renan Frighetto

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador do Sopro da Vida e da Salvação, do Conhecimento e Sabedoria.

À professora Fátima, pela orientação firme, pela paciência, pelos pés-no-chão, pela confiança e principalmente, pela coragem frente ao inóspito.

Aos professores Renan, Marcella e Ana Paula, pelos conselhos e sugestões, pela criatividade, poesia e estímulo.

Aos *contubernalli* (tanto novos quanto velhos) que contribuíram de inúmeras formas; seria deselegante mencionar alguns e não outros.

Ao Paulinho, e sua ajuda desinteressada, constante e imprescindível.

À Maria Cristina, que tantos galhos e problemas de memória resolveu.

À IBVM, em particular ao Ministério de Música, pela ajuda com as passagens, dentre outras tantas.

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

Dedicatória

À Celiane; que sabe sempre os porquês.

Aos meus pais e avós, que sempre deram (e ainda dão) mais do que podiam para que eu chegasse aqui.

À minha irmã, Rebeca; que persevere.

À Ísis, que merecia chegar ao fim mais que eu e muitos outros.

⁵ Em Gibeom apareceu o Senhor a Salomão de noite em sonhos, e lhe disse: Pede o que queres que eu te dê. ⁶ Respondeu Salomão: De grande benevolência usaste com teu servo Davi, meu pai, porque ele andou contigo em verdade, em justiça, e em retidão de coração, perante a sua face. Guardaste-lhe esta grande benevolência, e lhe deste um filho que se assentasse no seu trono, como se vê neste dia. ⁷ Agora, ó Senhor meu Deus, tu fizeste reinar teu servo em lugar de Davi, meu pai. Mas eu sou apenas um menino pequeno, e não sei como sair, nem entrar. ⁸ Teu servo está no meio do teu povo que elegeste, povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. ⁹ Portanto, dá ao teu servo um coração entendido para julgar o teu povo, para prudentemente discernir entre o bem e o mal. Pois quem poderia julgar este teu grande povo? ¹⁰ Esta palavra pareceu boa aos olhos do Senhor, por haver Salomão pedido tal coisa. ¹¹ Disse-lhe Deus: Visto que pediste esta coisa, e não pediste para ti muitos dias, nem riquezas, nem a vida de teus inimigos, mas pediste entendimento, para discernires o que é justo, ¹² farei segundo as tuas palavras. Dar-te-ei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti igual não houve, e depois de ti igual não se levantará. ¹³ Também até o que não pediste te darei, assim riquezas como glória, para que não haja teu igual entre os reis, durante todos os teus dias. ¹⁴ E se andares nos meus caminhos, e guardares os meus estatutos e mandamentos, como andou Davi, teu pai, eu prolongarei os teus dias.

RESUMO

Esta dissertação analisa o contexto de transição dos séculos XII-XIII na Dinamarca, em particular sua atuação no Báltico Oriental, na Estônia, Livônia e Curlândia, nas chamadas Cruzadas setentrionais, baseado nas interpretações e contruções de Saxo Grammaticus. Este, por sua vez, foi clérigo danês que escreveu no mesmo período. Sua obra, chamada posteriormente *Gesta Danorum*, tornou-se história oficial e de referência na Dinamarca pelos séculos posteriores. Escrita inicialmente por encomenda do Arcebispo Absalão, consta de dezesseis livros, e divide-se tradicionalmente em duas partes chamadas arbitrariamente chamadas de “mítica” (livros I-IX) e “histórica” (livros X-XVI), sendo que a maioria das opiniões aponta que a segunda parte teria sido escrita antes que a primeira. Duas temáticas diferentes foram instrumentais em tal análise, a saber, o esquema das quatro virtudes cardinais, estudado pioneiramente na *Gesta Danorum* por Kurt Johanesson, e a Temática do Conselheiro, detectada primordialmente no estudo das passagens selecionadas acerca das regiões do Báltico Oriental. As Virtudes Cardinais propiciaram os valores primordiais e estruturais; a temática do conselheiro contemplou o núcleo narrativo principal, inserindo tanto os valores anteriores quanto concepções políticas e as idéias fundamentais de Saxo; ela significa basicamente que não é suficiente ao rei ser forte; ele necessita também ser sábio, e ter um homem sábio para guiá-lo. Este obviamente representa o Arcebispado. As conclusões do entrelaçamento das temáticas com o contexto de escrita apontam para a defesa na obra de concepções hierocráticas, mesmo nos livros míticos, onde há ausência da Cristandade nos eventos narrados. Aponta também a defesa de um projeto de hegemonia danesa no contexto Báltico, sob tutela e conselho do arcebispado, e fundamentado nos movimentos de Cruzada na região Báltica. Tal movimento é apresentado, por fim, como aglutinador do imaginário acerca de um passado glorioso, ao projeto de glória e hegemonia no presente de escrita; presta-se também como canalizador de tensões e contradições externas, em processo paralelo ao fortalecimento das instituições monárquica e da Igreja danesa.

Palavras-chave: Saxo-Grammaticus. Dinamarca. Báltico. Medievo. História-Cultural.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the transition context of the centuries XII-XIII in Denmark, particularly its actuation in Eastern Baltic, Estonia, Livonia and Kurland, in the called "Northern Crusades", and based in interpretations and constructions of Saxo Grammaticus. This, by his time, was a Danish clerk that wrote in the same period. Their workmanship, called posteriorly *Gesta Danorum*, became official and referential history in Denmark for several centuries after. Initially wrote under commission of Archbishop Absalom, it has sixteen books divided traditionally in two parts, arbitrarily called 'mythic' (books I-IX) and 'historical' (books X-XVI), but the most opinions agrees that the second part was wrote before the first one. Two different thematics were instrumental in such analysis; the scheme of the Four Cardinal Virtues, studied first in *Gesta Danorum* by Kurt Johansson, and the Thematic of the Counselor, detected primarily in this study of selected parts concerning Eastern Baltic. Cardinal Virtues provided referential and structural values; Thematic of the Counselor covers a principal narrative kernel, inserting since the previously mentioned values as politic conceptions and fundamental ideas in Saxo; it means basically that it is not sufficient to the king to be strong; he needs to be wise, and have a wise man to guide him. This wise man obviously represents the Archbishopric. Conclusions obtained from the interweaving with the write context points to defense of hierocratical conceptions, even in the mythical books, where there is absence of Christianity in the narrated events. Points too to the defense of a Danish hegemonic project in the Baltic, under guidance or Archbishopric, grounded in crusade movements on Baltic region. Such movements are presented as agglutinative of the imaginary about glorious past with the projects of glory and hegemony in the present of the write process; serves too to canalize internal tensions and contradictions, in parallel process to strengthening of the monarchic institutions and the Danish Church.

Keywords: Saxo-Grammaticus. Denmark. Baltic. Medieval. Cultural-History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapas:

01	The Baltic Region, 1100	15
02	Dinamarca	17
03	The Wendish Crusades	25
04	Livônia no séc. XIII	34
05	The Baltic Tribes in the 9-12th centuries	117
06	Semgália, Hellesponto, Galácia e o Hellesponto de Saxo	122

Figuras:

01	Reconstituição de Groß Raden, perto de Sternberg	26
02	Os Valdemares.....	28
03	A Batalha de Lyndanisse e o Dannebrog caindo dos céus	31
04	Castelo de Toompea	32
05	Arcebispo Absalão, como retratado em seu túmulo	41
06	Konungs skuggsjá; "Espelho de príncipe"	44
07	Danorum Regum heroumque Historia	49
08	QVATOR VIRTUTES EAM VISITANT. FRONESIS. DIKIA. SOFROSINI. ANDREIA vel YSKIS	66
09	Amblett	82
10	Amblett	82
11	Manuscrito de Angers, contendo o diálogo entre Bessus e Gro	109
12	Fragmento de Lassen contendo parte da narrativa de Starcatherus	145

Tabelas:

01	Frequência da terminologia para as virtudes cardinais em Saxo Grammaticus	68
02	Principais personagens do livro XIII da Gesta Danorum	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONTEXTOS	15
1.1 REALEZA, SUCESSÃO REAL E ESTABILIDADE	15
1.2 VIKING, PIRATA E CRUZADO	19
1.3 OS VALDEMARES, AS CRUZADAS E AS CONQUISTAS TERRITORIAIS	24
1.4 O CRISTIANISMO NA ESCANDINÁVIA	36
1.5 A REFORMA GREGORIANA NA ESCANDINÁVIA E OS PRIMEIROS ARCEBISPOS	39
2. A OBRA	43
2.1 A PRODUÇÃO ERUDITA ESCANDINAVA NOS SÉCULOS XII-XIII	43
2.2 SAXO GRAMMATICUS E A GESTA DANORUM	46
2.2.1 <i>Sobre o autor</i>	46
2.2.2 <i>Sobre a obra</i>	48
3. CONCEPÇÕES POLÍTICAS	57
4. VIRTUDES E VALORES EM SAXO GRAMMATICUS: AS QUATRO VIRTUDES CARDINAIS	62
4.1 FORTITUDO	69
4.2 IVSTITIA, AVARITIA ET LIBERALITAS	73
4.3 PRUDENTIA, SAPIENTIA, INGENIUM	80
4.4 TEMPERANTIA, CONSTANTIA	86
5. O TEMA DO CONSELHEIRO	99
5.1 O CAVALO, OS FREIOS E O CONDUTOR	104
5.2 A PRIMEIRA APARIÇÃO DA TEMÁTICA DO CONSELHEIRO: GRAM E BLESSUS, HADINGUS E OTHINUS	108
5.3 FROTHO E ERICUS DISSERTUS	123
5.3.1 <i>Frotho e os maus conselheiros</i>	123
5.3.2 <i>Ericus Dissertus</i>	129
5.3.3 <i>Frotho pacificador e legislador e a hegemonia danesa</i>	137
5.4 STARCATHERUS	143
5.4.1 <i>Starcatherus, virtudes e conselho</i>	143
5.4.2 <i>Starcatherus, Bravalla e as cruzadas</i>	157
CONCLUSÕES	161
REFERÊNCIAS	163
1. Fontes primárias	163
2. Bibliografia	165
3. Dicionários, Enciclopédias e Obras de referência	171
ANEXOS	173
1. Lista de reis nos livros I -VIII da Gesta Danorum	174
2. Lista de Governantes e Arcebispos da Dinamarca em relação aos acontecimentos no Báltico, Germânia, Império e Papado	175
3. Mapa Geral – Gesta Danorum	177
4. Genealogia dos Valdemares	178

INTRODUÇÃO

Os estudos relativos à Escandinávia e populações germânicas no período do medievo possuem em território brasileiro ainda um caráter de novidade. O interesse e o número de estudiosos envolvidos é crescente, mas o número de especialistas e a experiência no tema ainda são reduzidos. Tal circunstância é ainda mais marcada ao ampliarmos o recorte mais a leste e abrangermos populações bálticas, fino-úgricas e eslávicas, para as quais os estudos medievais no Brasil são praticamente inexistentes.

Torna-se preocupante uma tendência ao isolamento deste campo recém-aberto de estudos. Uma crescente popularização entre graduandos e não-historiadores acompanha uma propensão ao estudo isolacionista da Escandinávia, desvinculado da medievalística em geral e focado apenas em especificidades. Desta forma estimula-se um distanciamento com a medievalística já fundamentada e consolidada, abrindo-se uma lacuna e distanciamento entre os próprios historiadores. A Escandinávia medieval assume o papel exclusivo de lugar exótico e distante, sem maiores vínculos com o medievo geral; uma espécie de baluarte de intocado paganismo e belos selvagens.

Curiosamente, tal busca suprema pela especificidade ignora uma das características mais marcantes das sociedades escandinavas antigas, que foi a grande adaptabilidade as circunstâncias e uma capacidade incrível de expansão e contatos nas mais longínquas regiões¹. A chegada pioneira à América é um dos testemunhos mais eloqüentes de tal assertiva. E em adição, a consideração de uma Escandinávia isolada do contexto europeu, incólume ao continente, ignora a circunstância importantíssima da circulação das idéias.

Por outro lado, uma parcela considerável de medievalistas enxerga com restrições e cautela esta quantidade crescente de interessados nestas novas vertentes, por vezes tornando difícil o ingresso em tais campos de estudo. Circunstância em parte devida a própria falta de especialistas no Brasil.

¹ TOYNE, S.M. *The Scandinavians in History*. London: Edward Arnold & Co., 1970.p.34s.

Nossa pesquisa procura amenizar tais lacunas, de forma vinculada à medievalística geral, mas focando-se no estudo de fontes escandinavas medievais. Colocamo-nos, portanto, numa posição que muito provavelmente desagradará a extremistas de ambos os lados das questões, mas que procura conectá-los. Nossa proposta enfoca não apenas o recorte Escandinavo, mas sua própria relação com outros recortes geográficos, seja no Báltico ou na Europa Continental. E para tal gênero de análise, partimos da importante premissa de que as idéias circulam, e que a Europa Continental e a Escandinávia não são tão estranhas uma a outra como freqüentemente se considera. Não descartamos as especificidades, mas buscamos colocá-las em contextos; o suposto pagão viking não apenas influenciou a Europa com suas invasões, mas foi igualmente influenciado de formas diversas, desde adoção de instituições até no campo religioso e mental; esta própria dualidade e contraposição extrema entre pagão e cristão vêm sendo revistos². Procuramos, portanto, construir uma ponte.

Nossa fonte primária principal é a *Gesta Danorum*, escrita por Saxo Grammaticus na Dinamarca dos séculos XII-XIII. Apesar de seu desconhecimento no Brasil, ela foi e continua a ser muito discutida na Dinamarca e na Escandinávia, e de certa forma mais restritamente no contexto anglo-saxão. Os móveis principais para o interesse na obra de Saxo nas nações de língua inglesa foram estudos ligados à mitologia nórdica, mas principalmente a narrativa de Amlethus - que séculos mais tarde, e por intermediação da versão de Belleforest, forneceria o tema da peça *Hamlet*, de Shakespeare. Na Escandinávia em geral grande parte do interesse centralizou-se em temáticas mitológicas, com exceção da Dinamarca, que forneceu estudos mais amplos sobre a obra e vinculados a estudos históricos mais gerais, mas em sua quase que totalidade em línguas escandinavas e inacessíveis a contextos acadêmicos mais amplos. Os estudos alemães seguem uma tendência similar à dinamarquesa, com certo enfoque à história política.

Tal polarização de estudos criou uma certa incongruência. A *Gesta* foi composta por 16 livros, dos quais os nove primeiros foram considerados “míticos”, nos quais Saxo narraria a “pré-história” dinamarquesa, anterior à adoção do Cristianismo, consistindo os livros restantes numa narrativa de cunho mais cronístico

² LUND, Niels. *Viking Age*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993. p.693.

e narrando fatos corroborados em certa parte por outras fontes. Desta forma, os nove primeiros livros possuem duas traduções completas para o inglês e uma parcial da narrativa de Hamlet, traduções para o espanhol, francês, alemão e outros idiomas, inclusive o japonês. Os livros finais, entretanto, possuem uma única tradução para a língua inglesa, fora de tiragem e acessível principalmente em bibliotecas de universidades anglo-saxãs. O latim da Gesta Danorum e o estilo de escrita de seu compositor fornecem outros desafios ao leitor, recebendo da parte de latinistas e eruditos da área lingüística adjetivos como “empolado”, “pomposo”, “prolixo”, “complexo”, mas impondo ao medievalista médio dificuldades consideráveis e necessidade de auxílios lingüísticos³. Desta forma, a obra inteira de Saxo Grammaticus é consideravelmente hermética, e seus estudos em contextos mais amplos foram focados exclusivamente nos nove primeiros livros, muito freqüentemente efetuados em consulta exclusiva de traduções, caracterizados por propensões negativistas e descontextualizadas por não levarem em consideração o contexto da obra inteira.

Por tais razões, incluindo-se o tamanho enorme da obra, nossa disponibilidade de espaço, tempo e experiência, optamos por seguir num estudo centralizado ainda nestes nove primeiros livros, mas com a preocupação constante de não dissociá-lo de seu contexto geral e do restante da obra em si. O estudo dos tais permite o estudo de valores e ideologias em construções narrativas onde as questões centrais não são a deturpação de mitos ou a constatação de “fatos” e eventos, mas as mensagens que estas adaptações e reconstruções dos mitos e tradições frente aos eventos de seu presente revelam acerca de sua defesa

3

*“Huggery-muggery
Saxo Grammaticus
As a historian
Hadn’t much flair;
One might have said he was
Supererogatory
Hed he not mentionated the
Hamlet Affair*

(James Michie)

(...) his Latin style is recognized by all as being of an elaboration unusual for his time, and consequently not easy to read (...) Oliver Elton (...) spent his leisure hours for some years from 1889 onwards preparing the first English translation of the nine books”.

A citação é de Hilda Ellis-Davidson, que preparou o comentário à tradução mais recente para a língua inglesa, de Peter Fischer, e que empregamos constantemente aqui. (ELLIS-DAVIDSON, Hilda. *Commentary*. In: SAXO GRAMMATICUS, *The History of the Danes*. Tradução: FISCHER, Peter. II Vols. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer, 2006.[1979-80]. P. I.

ideológica e suas convicções. Não trataremos Saxo, portanto, como um deturpador, mas como alguém que constrói imagens legíveis e didáticas de mundo que refletem seu próprio presente⁴.

Um dos nossos propósitos é demonstrar que mesmo em livros discriminados como mitológicos e como diferentes do restante da obra, é possível detectar as mesmas inclinações e a mesma integração danesa no contexto europeu de seu presente. O hábito de separar artificialmente os livros I-IX como “míticos” e os livros X-XVI como “históricos” criou interpretações mais artificiais, isolou características importantes e contribuiu para denegrir a obra de Saxo.

O início desta pesquisa deu-se com a observação de trechos específicos da *Gesta Danorum* que possuísem informações ou conexão com as regiões do Báltico Oriental, em particular Estônia, Livônia e Curlândia, e as políticas e projetos daneses neste contexto geográfico-temporal; um estudo inicial, portanto, de imaginário político. Seu decorrer revelou a conexão de um tema narrativo específico repetido nas passagens em questão, que nomeamos “O tema do conselheiro”, que exigiu a ampliação dos objetos de estudo e sugeriu novos caminhos a percorrer.

Dentre estes, optamos por uma análise dos valores defendidos pelo autor em conexão com o estudo de algumas de suas fontes clássicas e da antiguidade tardia, em adição ao expediente habitual da análise de fontes escandinavas de enredos similares. Metodologicamente nossa principal ferramenta é a análise de discurso, em particular na observação de aspectos político-culturais.

Os objetivos da repetição deste núcleo narrativo serão analisados em conjunto com o contexto específico da escrita da obra, e não na tentativa de recuos e reconstruções a séculos anteriores. Ainda que Saxo narre supostamente muitos eventos dos períodos de Vendel e Viking, sua história é fruto e reflexo principal de seu presente, documento de tal contexto, e não de séculos anteriores a ele, ainda que possam fornecer indícios relevantes em estudos de história comparada. Desta forma, ao estudarmos episódios envolvendo por exemplo Ericus Dissertus e Starcatherus, o enfoque será na explicação e significados concedidos por Saxo a

⁴ CHRISTIANSEN, *The Place of Fiction in Saxo's Later Books*. In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). *Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture*. Copenhagen, 1981. pp.27s.

tais personagens no século XIII, e não nas características que supostos “Eiríkr inn Malspekr” e “Starkaðr” provavelmente possuiriam nos séculos X-XI.

A inspiração a temática de estudo por sua conexão com o leste e norte do Báltico faz-se num momento em que reconhece-se cada vez mais, principalmente na Escandinávia, a necessidade (e a quase que inexistência) de estudos que incorporem as margens mais orientais do Báltico aos estudos escandinavos⁵; tal necessidade vem tornando-se mais patente após o fim da Guerra Fria, com o maior intercâmbio acadêmico com as nações bálticas e do leste europeu recém-independentes, bem como sua maior incorporação à Europa Ocidental e as inevitáveis tentativas de (re)construções históricas e legitimações⁶.

Este estudo, portanto, conquanto necessite discutir assuntos que, embora inéditos em solo brasileiro possam ser de conhecimento geral na Dinamarca (como por exemplo os fortes modelos em Saxo da Antigüidade e Antigüidade tardia), acrescenta dimensões novas à discussão, em particular ao interpretar o papel do Báltico em Saxo e incorporar discussões referentes à ideologias de poder, concepções políticas e culturais e o contexto das cruzadas setentrionais dos séculos XII-XIII. Referenciais teóricos pontuais serão referidos no transcorrer das discussões, dentre os quais destacamos Kurt Johannesson e suas idéias acerca das Virtudes Cardinais.

Nas citações de Saxo, empregaremos a citação do texto latino conforme a edição de Olrik, no formato (1.2.3)[4] – (1-Livro. 2-Capítulo . 3-Parágrafo)[verso]. Quanto às citações em si, daremos preferência ao emprego no corpo do texto dos originais latinos, segundo texto da edição de Olrik disponibilizada pela biblioteca real da Dinamarca, constando nas notas de rodapé as versões⁷.

⁵ NYBERG, Tore (ed.) *Saxo and the Baltic Region: A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004. pp.09-12.

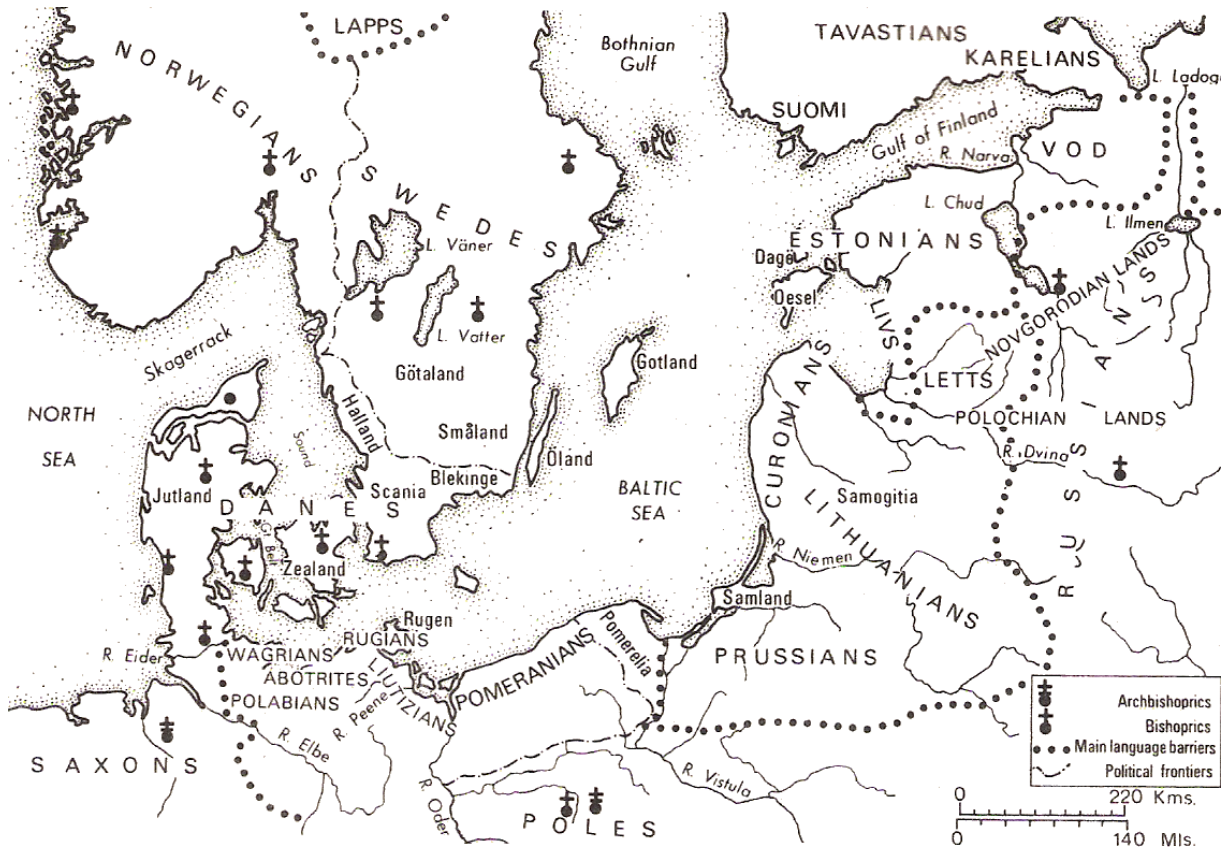
⁶ CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Crusades*. London: Penguin Books, 1997 [1980].p.05.

⁷ Geralmente nossas, a não ser quando constando referência explícita de outros. Como afirmamos, tratam-se de versões, não traduções, com o intuito de propiciar maior fluência ao texto, e focadas mais na apresentação dos vocábulos e conceitos discutidos. As versões de outros são geralmente traduções de Álvaro Cabral das traduções latinas de Dumézil. Bastante fiéis aos originais latinos, entretanto; note-se que na versão francesa original da obra de Dumézil (*La Saga de Hadingus*) há certos erros ortográficos no texto latino anexado. Na tradução de Cabral, tais erros foram corrigidos, e tais cuidados com a qualidade do texto latino e fidelidade aos originais são notórias. Citaremos-las como “versão DUMÉZIL, p.X”.

Quanto a conceitos pouco conhecidos, nomes de lugares, reis e arcebispos, são referenciados em notas, mapas e listas no corpo de texto e apêndices; locais não mostrados em mapas próximos ao texto são colocados num mapa geral nos anexos. Na questão das grafias de nomes próprios, manteremos as formas latinizadas usadas por Saxo, por mais artificiais que possam parecer. Evitaremos adaptações para o português, inglês ou línguas escandinavas. Com exceção de nomes de personagens conhecidos mais amplamente com grafias diferentes. Desta forma, citaremos “Hadingus”, “Amlethus”, “Ericus” e “Starcatherus”, ao invés de “Hadingo”, “Amletho”, “Érico” e “Starcathero”, “Hadhing”, “Hamlet”, “Eric” e “Starkather”, ou as formas escandinavas “Haðing”, “Amlóði”, “Eiríkr” e “Starkaðr”. “Canutus”, “Waldemar” e “Absolon”, entretanto, referiremos como “Knut” ao invés de “Canuto” ou “Canut”, “Valdemar” e “Absalão” por tratarem-se de nomes mais usuais e usados em bibliografia mais ampla.

1. CONTEXTOS

1.1 REALEZA, SUCESSÃO REAL E ESTABILIDADE



Mapa 1: *The Baltic Region, 1100*. In: CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Cruzades*. London: Penguin Books, 1997 [1980].xx.

O tempo da escrita da *Gesta Danorum* está no período de apogeu da dinastia dos Valdemares (aproximadamente 1157-1241), que trouxe estabilidade à Dinamarca após um período turbulento. Conquanto que na Escandinávia a Dinamarca tenha sido o reino com experiências mais antigas de unificação, na maior parte do tempo o que algumas fontes apresentam como “rei da Dinamarca” era, na verdade, rei da Jutlândia, rei da Zelândia ou da Scânia. O primeiro rei danês a ser batizado, por exemplo, foi Harald Klak, em 826, mas o rei à quem se dá o crédito de unificador de toda a Dinamarca foi Harald “dente-azul”, por volta de 965; desta forma, o que algumas fontes apresentam como rei era mais especificamente, um grande senhor de determinada região danesa. A ausência de fontes não permite traçar um quadro cronológico preciso dos períodos iniciais (e nem se trata de nosso propósito), mas algumas referências antigas como os Anais francos em 813, ao citar a necessidade de restauração da autoridade danesa após a morte de Godfred em

810, apontam a constância das disputas referentes à sucessão dinástica. Alguns poucos governantes fortes reunificavam o reino e chegavam a estender o domínio danês a nações escandinavas vizinhas, mas muito freqüentemente após sua morte o reino entrava em turbulência e passavam-se anos de lutas entre os pretendentes até que um governante forte o suficiente assumisse o trono e restabelecesse a ordem.

Um determinante importante nestes conflitos dinásticos era a pouca definição sobre os procedimentos de sucessão, no que tange à transferência hereditária; o fator prioritário para o rei era a sua eleição pelos *þingi*⁸. Não havia a tradição da primogenitura, sendo o único parâmetro sucessório o pertencimento à família real do eleito. Desta forma, todos os filhos tinham o mesmo direito e mesmo parentes distantes podiam reivindicar o governo. Os perdedores e outros pretendentes na disputa eram normalmente exilados, ou engajavam-se em expedições vikings, nas quais aumentavam sua riqueza, prestígio e número de seguidores. Seu retorno à terra natal muitas vezes provocava disputas pelo trono, conturbações sociais e divisões entre os magnatas. Alguns dos reis daneses de maior renome fundamentaram seu reino após conquistas “vikings”, como os conquistadores da Inglaterra; em particular Knut o grande, filho de Sven, que reinou de 1019-1035 após alguns anos em expedições na Inglaterra, fundamentando seu poder ali. Após sua morte, o período de turbulência retornaria, até a subida ao poder de um sobrinho seu, Sven Estridssen, que reinou de 1047 a 1076⁹.

Com sua morte, seus filhos tentaram governar a Dinamarca conjuntamente. Tal experiência não obteve êxito, sendo que cinco de seus filhos acabaram por governar sucessivamente. A outra geração assistiu a conflitos mais violentos entre os filhos dos últimos destes cinco, Erik e Niels. Svein III foi eleito pelos things da Scânia (*Skåne*) e Zelândia (*Sjælland*)¹⁰ em 1146, mas foi Knut V, filho de Niels, quem foi escolhido pelo thing da Jutlândia (*Jylland*). Como resultado houve a divisão do reino em dois em meio a conturbação social na qual o reino chegou a dividir-se

⁸ Espécies de reuniões, ajuntamentos ou assembléias formadas por homens livres, de caráter principalmente jurídico e legislativo, e comuns entre os povos de origem germana. Os *þingi* definiam a aplicação das leis, banimento de criminosos, mas foi, por exemplo, um *þingr* que votou a adoção do Cristianismo na Islândia, quando reuniu-se (circunstância não tão comum) um *þingr* geral, ou *Alþingr*. BYOCK, Jesse. *Alþingi*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.p.10s.

⁹ LUND, Niels. *The Danish Empire and the End of the Viking Age*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2001 [1997]. P.156.

¹⁰ Vide Mapa 02.

em três¹¹, e a Dinamarca só seria estabilizada em 1157 com a subida ao poder de Valdemar I, neto de Erik. Valdemar I foi sucedido pelos seus dois filhos, Knut e Valdemar II.



Mapa 02: *Dinamarca*. In: ELLIS-DAVIDSON, Hilda. *Commentary*. In: SAXO GRAMMATICUS, *The History of the Danes*. Tradução: FISCHER, Peter. II Vols. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer, 2006.[1979-80].

¹¹ FORTE, Angelo, ORAM, Richard & PEDERSEN, Fredericus. *Viking Empires*. Cambridge, 2005. pp.375s.

Quando o último morreu em 1241, seus três filhos entraram na disputa pelo reino novamente e a Dinamarca entrou em outro período de guerra civil¹². Desta forma, o período entre os Valdemares foi, entre outras circunstâncias, de estabilidade memorável desde os tempos de Sven e de seu tio Knut o grande, e Saxo Grammaticus freqüentemente refere-se a circunstâncias similares em suas narrativas, ecos desta idéia. Além de contar de forma particular a própria disputa entre Erik e Niels no livro XIII, mais de uma vez nos livros anteriores ele narra e cria ocasiões em que havia turbulência na Dinamarca pela disputa pela sucessão, incluindo tentativas de governos por mais de um indivíduo simultaneamente¹³.

Com a estabilização interna a Dinamarca consolidou-se como potência por todo o Báltico, controlando o comércio e a pesca, e tornando-se detentora do maior poderio militar. Seu domínio estendeu-se principalmente nas terras habitadas por eslavos ocidentais, sendo que os conflitos com Saxões foram agravados (em adição a outras querelas vinculadas ao Império e Papado). Em 1201 a cidade germânica de Lübeck chegou a reconhecer a supremacia danesa, e em 1202 Valdemar II foi reconhecido como “rei dos daneses e dos eslavos”. O interesse em regiões mais orientais enfrentou maior oposição, e a Dinamarca expandiu-se pouco na Prússia e Livônia, concentrando mais seus esforços no Golfo da Finlândia, que dava acesso mais direto às regiões produtoras de peles. Após uma série de conflitos com germanos, o máximo que Valdemar II conseguiu foi a região norte da Estônia e a fundação de Tallin (Reval) em 1218, ainda que tenha levantado reivindicações por outras partes da Livônia.

Circunstância interessante é esta em que a alegação de Saxo para a estabilidade não é a defesa de um parâmetro específico de sucessão real (como a progenitura) ou uma linhagem forte, mas sim, a guerra. Por mais de uma vez Saxo cita a chegada ao poder de um rei, filho legítimo do anterior, sob o qual a Dinamarca passa por tempos de caos. Os quadros são de certa forma, similares; sua corte fica entregue à luxúria, à glotonaria ou a ambas. A explicação para isto é dada sem subterfúgios: Saxo afirma que os homens “relaxaram” por não estarem em guerra,

¹² URBAN, William. *The Baltic Crusade*. Chicago: Lithuanian Research and Studies Center Inc. & McNaughton & Gunn Inc.: 1994.p.222.

¹³ SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. *Medieval Scandinavia: from conversation to Reformation circa 800-1500*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2003 [1993].pp. 61s.

que traria a disciplina a seus espíritos¹⁴. Obviamente o que defende-se aqui é a guerra externa, que traria a paz ao reino, uma espécie pitoresca de explicação social que encontrou na literatura clássica, tardo-antiga e medieval, mas que singularmente, observava na realidade enquanto escrevia sua obra.

1.2 VIKING, PIRATA E CRUZADO

O emprego do termo “viking”, em particular no Brasil, é por vezes banalizado, empregado sem critério ou, com maior frequência, empregado com critérios contemporâneos e pós-românticos. Assumiu conotação étnica ligada aos povos escandinavos; desta forma, encontra-se amiúde referências como “civilização viking”, “sociedade viking”, “mitologia viking”, “religião viking”, “deuses vikings”, sem maiores explanações ou delimitações. Tal circunstância deve-se em parte a ainda recente expansão do interesse e estudos por tais temáticas em conjunto com pouca discussão.

É também provavelmente resultado de um influxo tanto das terminologias mais comuns encontradas na bibliografia Anglo-Saxã relativamente recente e posterior às décadas de 60-70, que emprega em sua maior parte o termo “viking”, com as referências ambíguas encontradas em autores franceses de maior alcance como Duby e LeGoff, que amiúde empregam a designação “normando”. Este último em particular suscita maiores confusões, pois deriva da designação étnica de “homens do norte”, mas peca pela falta de diferenciação entre habitantes do ducado da Normandia ou viajantes oriundos dos países escandinavos. Alguns trabalhos clássicos da década de 50 como *Les Peuples Scandinaves au Moyen Age* de Musset¹⁵ e obras de Gabriel Turville-Petre¹⁶, dentre outros, empregam o termo “escandinavos” ou “northmen”, numa conotação étnica mais precisa e inequívoca,

¹⁴ Em particular no livro II

¹⁵ MUSSET, Lucien. *Les Peuples Scandinaves au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

¹⁶ I.e. TURVILLE-PETRE, Gabriel. *The Heroic Age of Scandinavia*. London: Hutchinson's University Library, 1951. ou, posterior, TURVILLE-PETRE, Gabriel. *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1964.

mas conotação foi paulatinamente transferida para o termo “viking”, de forma nem sempre tão precisa.

A designação de *viking* carregada exclusivamente de conteúdo étnico pode apresentar-se de certa forma anacrônica e generalista. Pressupõe uma identificação mútua entre os povos escandinavos do medievo fundamentada em aspectos e características escolhidas contemporaneamente, empregando desta forma um conceito contemporâneo e taxonômico de etnicidade; é o conceito fundamentado nas características definidas pelo pesquisador (conceito “ético”).

Ao empregarmos o termo “viking” aqui, entretanto, não o faremos num sentido étnico; antes, procuraremos empregar o sentido mais coerente com as fontes consultadas e afins. Procuraremos, portanto, ater-nos na definição êmica, mais próxima dos próprios personagens.

A designação mais comum encontrada nas fontes dos séculos XII-XIII para *víkingr* associa o termo a um tipo de *ocupação*, no sentido de *profissão*¹⁷. Sua etimologia mais provável a faz derivar do termo *vik* que, por sua vez, significa “enseada”, “baía”, “porto”¹⁸. Desta forma, *víkingr* é aquele que freqüenta as baías, que navega. Aquele que pratica expedições de navegação, de comércio ou saque. É um significado dúbio, não necessariamente carregado de conotação negativa ou positiva por si só. Negativa para aqueles que são vítimas de tais expedições de saque; entretanto, muito positivas quando o herói narrado é descrito como tal. É encontrado em tais acepções antes mesmo da chamada “Era Viking”¹⁹. Na Inglaterra Anglo-saxônica nos século VII-VIII, temos o uso do termo *wícing* no poema anglo-

¹⁷ HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the Vikings*. London: Penguin books, 1995. pp.8s.

¹⁸ Outras etimologias sugeridas são do antigo nórdico a) *vig*, “batalha” – como Brøndsted bem resume, “semanticamente plausível, mas duvidosa em termos fonológicos”(BRØNDSTED, p.32); b) do latim *viccus* e anglo-saxão *wic*, significando “cidade” e “acampamento”; c) de *wikan*, segundo dialeto da ilha de Runö no Golfo de Riga, designando “caçadores de foca”(apud RUSSOV In: KENDRICK, 2ss, nota 04). Uma outra opinião popular endossada por inclusive SAWYER (1997; 8ss.), mas desacreditada mais recentemente (CHRISTIANSEN, 2002) deriva o termo da região do fjörd de Oslo, *viken*, considerando o “víkingr” um habitante vindo de tal região, mas as derivações encontradas nas fontes para tais habitantes são *Vikverjar* ou *Vestfaldingi*.

¹⁹ O período aproximado entre 800-1100, referindo-se a Escandinávia e o mundo setentrional. LUND, Niels. *Viking Age*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993. p.693.

saxão Widsið ao referir-se a tribo germânica dos Heoþobeardan (“Wícinga cynn”)²⁰, na versão poética saxônica do livro do Êxodo, e em algumas glosas²¹.

Sob tal ponto de vista, encontramos algumas extrapolações valiosas. Uma é a freqüente tradução do termo para o latim por *pirata*. Outra é sua adaptabilidade temporal no contexto de cruzadas setentrionais dos séculos XII-XIII e aplicação mais ampla. Esta versão paralela com o termo para *pirata* é encontrada claramente já em glossas do séculos X na obra do anglo-saxão Ælfric, onde aparecem como: “pirata, uel piraticus, uel ... wicing” ou “archipirata: yldest wicing”²². Adam de Bremem, no século XI, citava que os zeelandeses chamavam certos piratas de *wiching*, que ele, assim como outros cronistas germânicos, chamavam de *Ascomanni*²³: “Ipsi enim pyratae, quos illi Wichingos appellant, nostri Ascomannos”²⁴. Em Saxo Grammaticus o termo *pirata* é, com exceção da tradução de Peter Zeeberg, vertido para o dinamarquês, inglês e outros idiomas como “viking”, seguindo tal conceituação.

Aqui encontra-se o cerne da questão. Ao empregar o termo pirata/víkingr enquanto ocupação e de forma “neutra”, sua esfera de aplicação é ampliada muitas vezes à populações que etnicamente não são escandinavas e que possuem crenças e estruturas sociais freqüentemente diversas, ainda que constatem-se amiúde grandes similaridades. A recusa de Zeeberg em traduzir todas aparições do *pirata* de Saxo por *viking* deve-se por tal amplitude e sua opção por produzir uma tradução acessível a um público mais amplo, cedendo a imagem contemporânea trazida pelo leitor de um viking etnicamente apenas escandinavo²⁵.

Fontes do século XIII, entretanto, também endossam este conceito “ocupacional”. Snorri Sturlusson, na *Heimskringla*²⁶, oferece exemplos diversos de seu uso de *víkingr*. Na saga de Hakon, o bom, capítulo 7, temos a referência de

²⁰ FORTE et alii, pp.3ss

²¹ KENDRICK, 2s, nota 04.

²² FORTE, ibidem.

²³ As interpretações variam para o significado variam, desde “homens de madeira”, “homens dos barcos” (de *ashmen*- “homens de freixo”) até estonianos provenientes de Askkala. BRØNDSTED, 31; JONES, Prudence & PENNICK, Nigel. *A History of Pagan Europe*. London & New York: Routledge, 1995. p.166; TSCHAN. *History of the archbishops of Hamburg-Bremen*. New York: Columbia University Press, 2002. P.198. p.105n. (In ADAM BREMENSIS).

²⁴ ADAM BREMENSIS, *Descriptio insularum aquilonis*, cap.06. In: *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*. Versão em língua inglesa: TSCHAN (trad) p.190.

²⁵ ZEEBERG, pp.18s; 2004.

²⁶ Uma sucessão de sagas épicas dos reis da Noruega.

Hakon derrotando 11 barcos *vikings* (xi. *víkingasnekkjur*²⁷), seguida de poema no qual afirma-se serem eslavos ocidentais²⁸ (de *Vindland*)²⁹. No capítulo 8, temos a referência de episódio no qual Hakon, na Scânia, matara todos os vikings, "tanto daneses quanto eslavos"³⁰, seguida também de poema no qual cita os vikings de Vindland. Na Saga do rei Olaf Tryggvason (capítulos 5 a 7), relata como Olaf fora capturado por vikings de Eistland³¹.

A Saga de Egil, possivelmente também de autoria de Snorri Sturluson³², narra no capítulo 46 acerca de uma expedição de Egil Skallagrímsson à Curlândia. Onde de início pratica atividades conjuntas com os curônios, sendo que adiante, capturado pelos mesmos, encontra cativos dinamarqueses, aparentemente capturados pelos curônios em expedições vikings.

Em Saxo encontramos conceito similar nos usos de *pirata*. A aplicação dá-se em, além de diversos de seus maiores heróis como Hadingus (1.6.7; 1.8.15), Ericus Dissertus e Frotho (5.4.1 & 2), Starcatherus, oriundo da Estônia (6.5.1; 6.5.7-9 & 16ss) e diversos reis importantes, a outras populações como Frísios (2.3.1) Rutenos (7.9.7) Eslavos (10.9.2; 12.4.1) Prussianos e Estonianos (11.8.0). Culmina na própria aplicação do termo ao arcebispo Absalão em suas expedições de caráter cruzado na Slávia (a Vindland de Snorri).

²⁷ HEIMSKRINGLA, p.74.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Não confundir com a *Vinland* na América. As referências aqui são à *Vindland* dos "vendos" ou "wendi", eslavos ocidentais que habitavam a costa sul do Báltico. Snorri refere-se a eslavos realmente, e não aos vikings etnicamente escandinavos de Jomsborg, que ficava na Vindland. Quando estes são referidos posteriormente na Saga de Olaf Trygvasson, o são especificamente. Snorri diferencia claramente quando trata dos escandinavos oriundos de Jomsborg, e suas referências aos "vind", "vendos", são claramente aos eslavos, como demonstram os nomes listados.

³⁰ "(...)ok drap alla víkinga (...)hæði Dani ok Vinðr".HEIMSKRINGLA, p.74

³¹ "(...)kómu at þeim víkingar; þat váru Eistr(...)".HEIMSKRINGLA, p.108. "(...)vikings veram contra eles; eles eram éstios(...)". Aqui há uma possibilidade dupla de lugar. Apesar da tradução habitual do trecho por Estônia, o uso de "Eistland" ao invés de "Estland" torna possível que o lugar referido seja a Prússia Oriental, habitada por povos bálticos e conhecida em diversas fontes habitualmente como variações do nome "Aistia". Há prós e contras para ambas identificações. No episódio Snorri cita um grande mercado de verão em "Eistland". Conquanto na Estônia não se tenha relatos de mercados sazonais particularmente renomados no período, um dos maiores portos comerciais do Báltico, Truso, encontrava-se na Aistia. Entretanto, o enredo próximo fala de vikings vindos de comércio com Novgorod; a rota mais tradicional para Novgorod passava pelo Golfo da Finlândia e pelo norte da Estônia, o que torna mais provável ser o local indicado.

³² *EGILS SAGA SKALAGRÍMSSONAR*. Edição de JÓNSSON, Finnur. Halle: Verlag, 1924. pp.130-135.

Em todas as passagens citadas destacamos alguns pontos. De início, a inexistência de um critério étnico para o emprego de *víkingr* e *pirata*, salientado pelas especificações e diferenciações claras dos grupos étnicos envolvidos em conjunto com a consideração de paridade de costumes na atividade marítima. Snorri cita vikings “tanto daneses quanto eslavos”, as expedições de Egil e Hadingus à Curlândia não fazem diferenças nos estratagemas e práticas de escandinavos ou curônios, seja a situação de associação ou antagonismo. Inclusive a espada que Egil usará dali adiante foi obtida nesta expedição na Curlândia.

É certo que os grupos dominantes e de maior influência no contexto tenham sido escandinavos, e que muitas das práticas e mesmo ideologias e crenças envolvidas nos contextos de expedições vikings mais antigas tenham sido por eles exportadas. Mas o emprego do conceito em si nos séculos XII-XIII foi feito de forma indistinta etnicamente³³.

Mais ainda, tal conceito é perfeitamente compreensível e aplicável no século XIII. Quando Saxo e Snorri escrevem sobre eventos antigos e heróis vikings, o fazem com seu contexto em mente. Seu emprego do conceito *víkingr*/pirata se dá de maneira que apresente uma continuidade entre os heróis pagãos de seu passado com os de seu presente. Estes últimos são os cruzados. Tal circunstância é particularmente saliente em Saxo Grammaticus, onde como Zeeberg observa, “(...) anybody can be a *pirata*, Russians or Wends, or Scandinavians of course – even archbishop Absalon is called *pirata* (...)”(p.19). Portanto, o emprego que faremos do termo viking é associado à tradução de *pirata*, focado em sua aplicação no sentido de ocupação, e possui associação na escrita do século XIII com desde os vikings do período pagão até aos cruzados setentrionais de XII-XIII.

³³ Eric Christiansen apresenta desenvolvimento similar no conceito ‘*rhos*’, que originaria o termo para “Rússia”. Inicialmente significando entre baltos e fineses “remador” ao referirem-se a suecos, assumiria conotação étnica pela sua aplicação aos oriundos da Escandinávia. CHRISTIANSEN, Eric. *The Norsemen in the Viking Age*. Oxford: Blackwell, 2002.p.115.

1.3. OS VALDEMARES, AS CRUZADAS E AS CONQUISTAS TERRITORIAIS

Pois é neste seu período que a Dinamarca incorpora-se às expedições de Cruzadas dirigidas aos eslavos ocidentais e, posteriormente, ao Báltico Oriental; num movimento que, ainda que não completamente novo, centraliza grandemente o foco da atenção danesa na região Báltica, com o abandono completo das pretensões sobre Inglaterra³⁴.

Discriminando-se melhor a situação, as campanhas iniciais contra os Eslavos Ocidentais possuíram grande participação danesa, mas mesclam-se com os movimentos de germanos em expansão ao leste. O processo envolveu entre as sociedades de saxões e eslavos algumas rupturas das estruturas sociais, mas, como discutiremos adiante, no caso danês podemos enxergar certas permanências. A história das populações eslávicas ocidentais vinculam-se estreitamente à história do Império e recuam ao século IX.

Por volta dos séculos X-XI, as interpretações variam; para alguns, os Otônidas possuíam interesse na conquista e anexação das terras a leste do Elba³⁵. Para outros, as intervenções de conquistadores germânicos entre os eslavos limitavam-se a coletas de tributos e serviço militar, constituindo-se em disputas que, ainda que violentas, possuíam caráter mais regionalizado, sem participação imperial e sem maiores conseqüências a longo prazo³⁶. Endossamos tal idéia, por enquadrar-se melhor no desenvolvimento dos eventos posteriores. Nos séculos XII e XIII, missões pacíficas de conversão foram encorajadas pelos arcebispos de Bremem e Madgeburgo, envolvendo missionários como Vizelin de Lübeck e Otto de Bamberg³⁷, e as intervenções do imperador Lothar eram freqüentes³⁸, mas por mais

³⁴ FORTE et alii, p.392.

³⁵ BARFORD, Paul M. *The early slavs: Culture and Society in Early Medieval Eastern Europe*. Avon: Bath press, 2001.p.250.

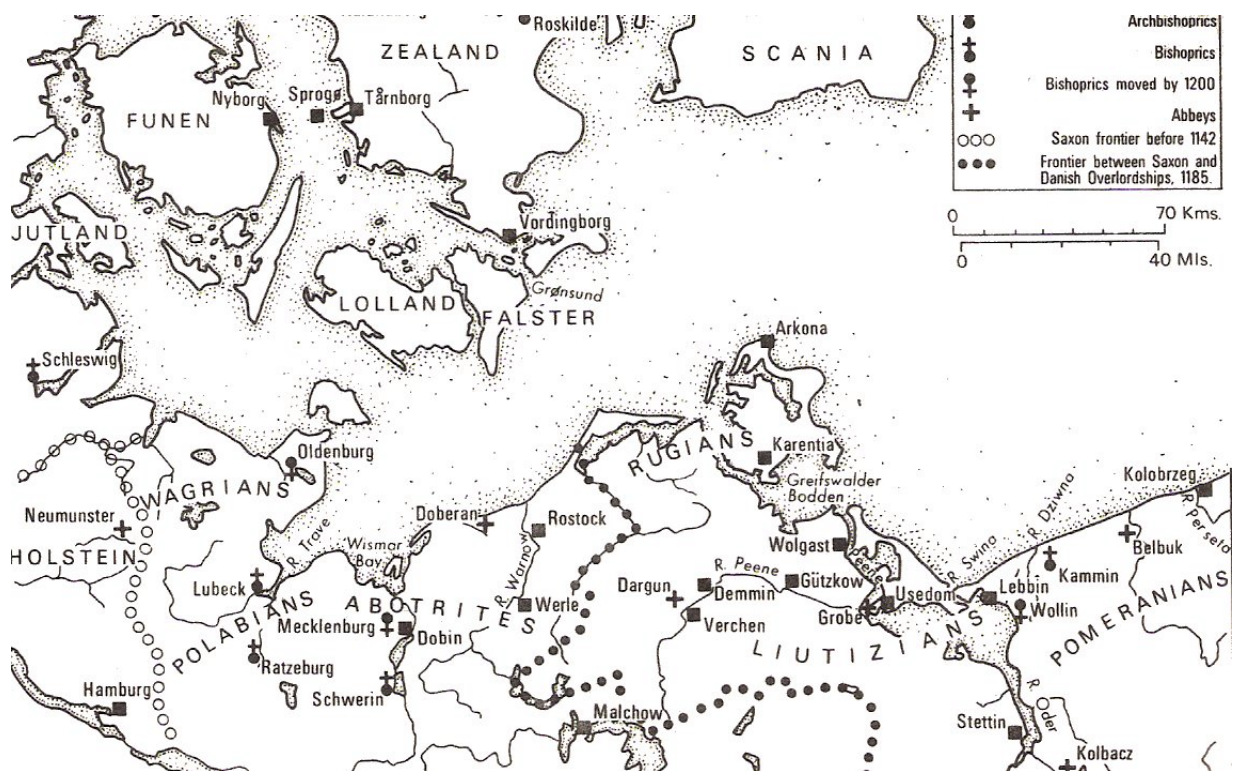
³⁶ BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200*. New York: Cambridge University Press, 2007. p.33; CHRISTIANSEN, 1997. p.53; HERMANN, Joachim. *Welt der Slawen*. Leipzig, Jena & Berlin: Urania-Verlag, 1986, 530s.

³⁷ BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média (século XII)*. Lisboa: Edições 70, 1986 [1983].pp.123s.

³⁸ BARRACLOUGH, George. *The Origins of Modern Germany*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.p.258-261.

de 300 anos mantivera-se o chamado “limes saxonicus”, a fronteira entre germanos e eslavos definida por Carlos Magno de 772 a 804³⁹.

Já na segunda metade do século XII, a situação sofreria alterações significativas. Entre 1140 e 1143 diversas famílias de saxões das regiões fronteiriças de Holsátia e Nordalbingia invadiram a região vizinha eslávica dos Wágrios, removendo seus chefes locais, construindo fortes e iniciando um processo de colonização, expansão e mesmo substituição populacional. O *Limes saxonicus* deixara de constituir fronteira política, e passou-se a adotar o ideal de “guerra santa”, em processo mais amplo envolvendo a circulação das idéias do sul e o apoio dos missionários locais – para os quais qualquer ganho de terra posteriormente seria chamado de adição à cristandade.



Mapa 03: *The Wendish Crusades*. In: CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Crusades*. London: Penguin Books, 1997 [1980]. xxi.

Note-se o caráter inicial um tanto quanto local de tais iniciativas, já que a atenção dos imperadores mantiveram-se principalmente em suas querelas referentes mais ao sul.

³⁹ BARFORD, Op.Cit., 258.

O apoio papal mais declarado viria em 1147 quando Bernardo de Clairvaux, atendendo a requisições e reclamações dos nobres saxões, encaminharia a questão ao papa Eugênio III. Este, por sua vez, com a bula *Divina dispensatione*, de 13 de abril de 1147, autorizaria os cristãos da Europa Setentrional a fazerem a guerra santa contra os seus próprios pagãos. O bispo Anselmo de Havelberg, legado papal, assumiria o comando geral dos exércitos. Ainda assim, missionários tiveram influência e participação antes da efetiva intervenção papal, mas sem coordenação central ou objetivos gerais mais definidos e específicos.

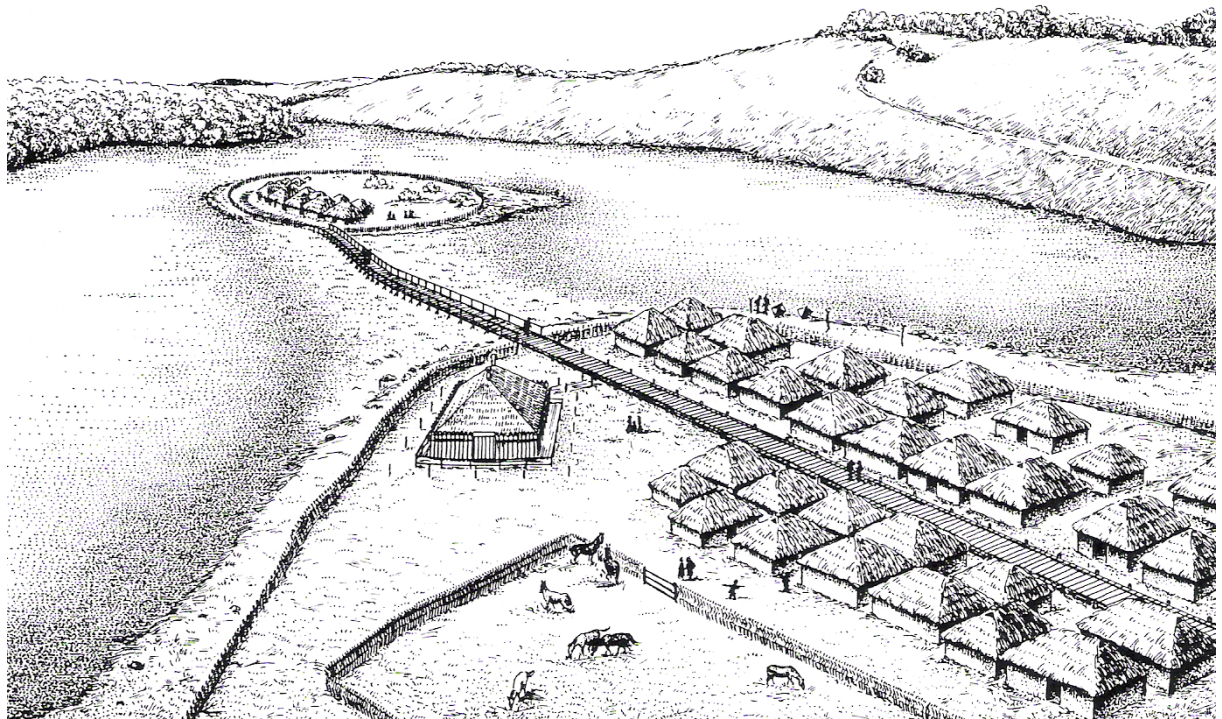


Figura 01: *Reconstituição de Groß Raden, perto de Sternberg*. As escavações e reconstituições passam diversos elementos dos povoados eslavo-ocidentais do período das cruzadas e anterior. Note-se a colônia, o templo, a paliçada e a fortificação no meio do lago. Os povoadamentos não davam-se diretamente na costa, muito vulnerável a expedições, e empregavam criativamente os ambientes, fossem lagos, colinas ou penhascos.

In: HERMANN, Joachim (ed). *Welt der Slawen*. Leipzig, Jena & Berlin: Urania-Verlag, 1986 p.281.

Quanto ao envolvimento danês na definição da cruzada, é de certa forma recuado, mas envolve menos rupturas. Já em 1135, uma vitória danesa no forte eslavo de Arkona na ilha de Rügen (vide *mapa 03*) foi acompanhada pelo batismo forçado dos entrincheirados. Entretanto, conquanto o batismo tenha sido uma consequência, o batizar não era a motivação. Tal discurso seria proferido principalmente em seus estágios finais, sendo referido em pé de igualdade com as outras alegações, entre as quais a defesa da Dinamarca contra seus inimigos

externos⁴⁰. Esta última é que deve ser considerada como um dos fatores preponderantes nas expedições danesas contra os eslavos, somada às disputas pela hegemonia na região báltica. O modelo de dominação empregado pelos daneses manteve-se mais vinculado à coleta de tributos, serviço militar e batismo sem, entretanto, envolver a colonização mais extensa característica dos movimentos saxônicos na região báltica.

É possível enxergar nesta circunstância não uma ruptura com o passado pagão, mas sim uma continuidade. O viking convertido passa a atuar como cruzado⁴¹, com as devidas adaptações e construção de ideologias que fundamentariam tal fenômeno⁴², dentre os quais o papel de Saxo não é de forma algum desprezível.

Já no caso do Báltico Oriental, as circunstâncias, discursos iniciais e propósitos seriam ligeiramente diferentes. Toda justificativa danesa é apontada como religiosa desde seu princípio⁴³, ainda que outras fontes revelem que a necessidade de defesa contra os ataques de piratas do Báltico Oriental dependessem boa parte de esforços do rei (como, por exemplo, na ocasião da coroação do filho de Valdemar I, Knut) e gerassem problemas aos mercadores germânicos já por muito tempo⁴⁴. Conclamações papais já apresentam-se como defesa e justificativa. As disputas com outros “pretendentes” aos territórios (principalmente Saxões, mas também Suecos e Russos) são travadas com argumentos religiosos: os Saxões (ou os daneses, segundo as fontes saxãs) executariam a obra de cristianização dos pagãos de modo “errado”, colocando muitos fardos ou procedendo de maneira ímpia. Os russos, cristãos ortodoxos, seriam “quase pagãos”⁴⁵. O único defensor correto apresentado da cristandade é o

⁴⁰ CHRISTIANSEN, 1997:55s; 64s.

⁴¹ HAYWOOD, Op.Cit, 117.

⁴² LUND, 2001, 181.

⁴³ CHRISTIANSEN, 1997: 71s; 93s.

⁴⁴ URBAN, William. *The Teutonic Knights: a Military History*. London: Greenhill Books, 2003.p.79s.

⁴⁵ Ainda assim, as querelas com russos são muito menores, ou ao menos, pouco citadas, em comparação com as disputas com teutões no tempo de Valdemar II. Não se pode deixar de ter em conta que Valdemar II era filho de Sofia Vladimirovna, de Novgorod, da dinastia dos Riurikid, fundadora da realeza russa. Ainda que de origem alegada escandinava, tal dinastia há muitas gerações já estava eslavizada e trazia nomes e costumes eslavos. O pai de Valdemar II, por sua vez (Valdemar I), era filho de Ingeborg Mstislavna, de Kiev, também dos Riurikid (ainda que de prenome escandinavo), e devia seu nome ao avô russo Wladimir. Desta forma, o componente dinástico russo entre os Valdemares era até maior que o escandinavo, e no decorrer das duas casas reais (russa e danesa) havia uma tradição de casamentos tão grande ou até maior que dentre as próprias casas

rei danês, e é desta forma que Valdemar é apresentado pelo próprio papa, como “defensor da cristandade”⁴⁶ – ao menos nos período de cooperação estreita com o arcebispo local.

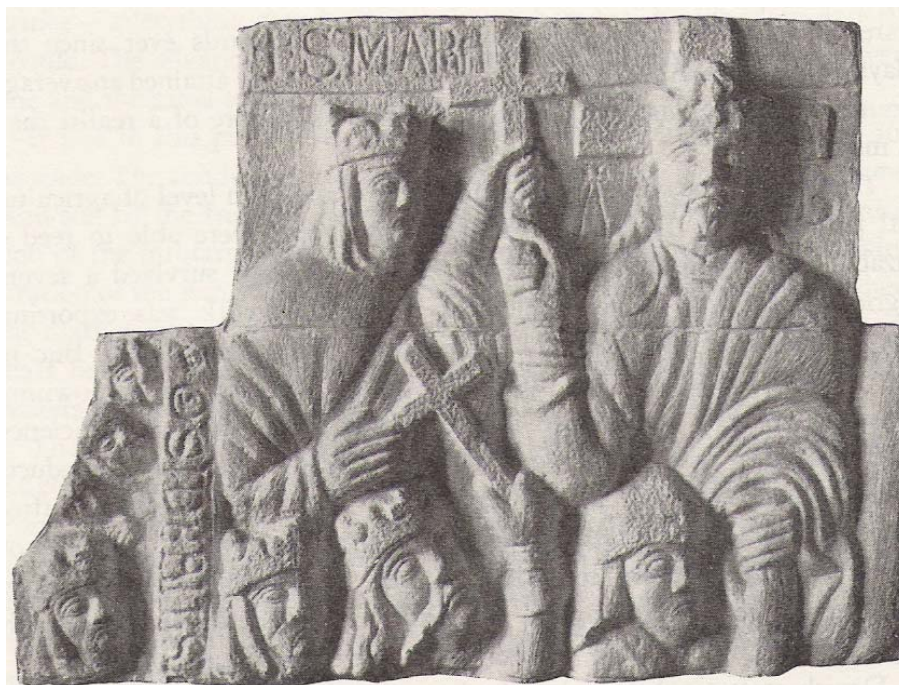


Figura 02: Os *Valdemares*. Na parte de cima, a Virgem Maria e Cristo entronizado. Na parte de baixo, da esquerda para direita, seguem-se: Valdemar I, como duque de Schleswig; Knut VI; Valdemar II, “den Store”, erguendo a cruz de cruzado; São Knut Lavard, o duque de Schleswig assassinado, segurando a mão de Cristo. Note-se a representação de Valdemar II como cruzado e sua associação com a Virgem Maria; a Livônia era chamada pelos cruzados de a “terra da mãe”, assim como a Palestina seria a “terra do filho”.

Relevo da Catedral de Ribe, de construção iniciada entre 1150 e 1175 e concluída em 1225. Obtida em STARCKE, Viggo. *Denmark in World History*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1962 [Dinamarca, 1946]. P.309.

Nesta circunstância específica, no entanto, o que se reflete é a canalização destas tensões internas sociais numa obra conjunta, desta vez sob a direção do rei. Desde o Danegeld (o governo e tributação da Inglaterra) de Knut não havia um direcionamento tão forte dos diversos aristocratas e líderes daneses numa expedição comum. Note-se que grande parte das turbulências sucessórias ocorridas nos séculos entre Knut e Valdemar trataram-se especificamente do retorno de chefes guerreiros de suas expedições “vikings” à Dinamarca. Os protagonistas dos

escandinavos entre si (vide “Genealogia dos Valdemares”, nos anexos). As relações com os russos, portanto, apresentavam-se de formas diversas e mais delicadas, e as acusações dirigidas aos russos enquanto ortodoxos, ainda que fundamentadas em maiores diferenças doutrinárias e possuindo maior respaldo teórico, apresentam-se em grau menor que as desavenças envolvendo saxões e o Império, ao menos na passagem dos séculos XII-XIII. MARTIN, Janet. *Medieval Russia 980-1584*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 [1995]p.44.

⁴⁶ CHRISTIANSEN, 1997:111.

distúrbios, como colocados por Saxo, são quase sempre construídos num modelo conhecido entre os Vikings como “berserkir⁴⁷”, o guerreiro viking mais poderoso e temido, que lutava sob acessos de fúria e proteção de Óðinn. Desta forma, os argumentos de Saxo encontram-se fundamentados firmemente em sua realidade: ele é testemunha de uma estabilidade não vista na Dinamarca por séculos.

Ainda assim, este direcionamento não era atendido da mesma forma por todos; a aristocracia da Zelândia (ilha onde encontra-se Copenhague, localizada na parte oriental da Dinamarca – vide *mapa 02*) era muito mais imediata a atender aos chamados dos Valdemares em expedições no leste do que os habitantes da península da Jutlândia, pela simples questão de que eram eles os prejudicados nos constantes ataques de piratas do leste, enquanto a Jutlândia ficava protegida dos mesmos pelos Zeelandeses.

A forma principal encontrada pelo rei para atrair contingentes foi a criação de um corpo de soldados armados e de cavalaria que possuía isenção das taxas sobre a terra⁴⁸. Estes *Herremaend* – “senhores de homens” adquiriam terras durante os períodos de paz, o que os fez crescerem grandemente em força, chegando a superar a igreja em quantidade de terras possuídas. Desta forma, um outro reflexo do movimento cruzado dinamarquês foi o fortalecimento das relações e cooperação entre Igreja e realeza, numa associação que contrabalançava o poder crescente dos aristocratas. Foi neste período que a composição social escandinava anterior, fundamentada numa relativamente grande camada de homens livres (*karls*) foi paulatinamente transformada numa aristocracia menor em número, mas detentora de maiores recursos e poder, e mais similar à nobreza do Ocidente Medieval. A ideologia cruzada, por sua vez, ao mesmo tempo que fortaleceu a relação entre o rei danês e Roma, prestou-se também aos propósitos desta nascente nobreza, que ali encontrava um corpo ideológico bastante adequado aos valores da nobreza, e a exaltação da cavalaria (*milites*), bem como a remissão dos pecados vinculados à sua natureza guerreira, empregando-a nos movimentos contra os pagãos.

⁴⁷ Vide capítulo 5.

⁴⁸ STARCKE, Viggo. *Denmark in World History*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1962 [Dinamarca, 1946]. P.316.

A presença desta nova aristocracia similar à cavalaria da Europa Ocidental recebe destaque na narrativa de Saxo Grammaticus. O livro XIII há pouco citado centraliza-se completamente na temática do cavaleiro, cavalo e do controle de freio e arreio, numa narrativa que deve ser lida em níveis de história, alegoria moral e até mesmo uma espécie de teoria política⁴⁹, mas que deixa bastante evidente os questionamentos e mudanças que a transformação da anterior estrutura social danesa vinha sofrendo. Os livros posteriores, que passam a narrar os eventos envolvendo a dinastia dos Valdemares e o arcebispo Absalão, já tratam-se de uma narrativa das próprias expedições cruzadas danesas.

Os primeiros alvos deste movimento cruzado, como já referido anteriormente, foram os eslavos ocidentais, localizados na margem sul do báltico, em região fronteiriça à Dinamarca e Alemanha. Ainda que campanhas tenham sido lançadas tão cedo quanto o ano de 1108, foi a partir de 1147 que incorporaram-se mais definitivamente na política de Valdemar I e o então arcebispo Eskill. A captura definitiva de Arkona em 1168 fundamentaria movimentos posteriores ainda mais ao nordeste, desta vez dirigidos principalmente contra a Estônia⁵⁰ e com contingentes militares engrossados pelos novos vassallos.

As campanhas mais significativas de Valdemar no Báltico Oriental, no entanto, ocorreram com um certo atraso em relação aos germanos. A primeira ação mais extensa e organizada danesa ocorreu em 1206 na ilha estoniana de Saaremaa (Ösel nas fontes germânicas), e contou com a participação do próprio rei Valdemar II e o então arcebispo Anders Sunesson⁵¹; cruzados daneses participaram em outras expedições, como por exemplo, em 1208, em Fellin, na Estônia, sendo que em 1219 Valdemar fundaria no norte da Estônia o castelo de Toompea, em Tallinn⁵², numa campanha que contaria com a ajuda de seus vassallos eslavos recém chegados ao mundo cristão e Theodorico de Loccum, nominalmente bispo da Estônia.

⁴⁹ JOHANNESSEN, Kurt. *Order in Gesta Danorum and Order in the Creation*. Copenhagen, 1978. In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). *Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture*. Copenhagen, 1981. pp.96s.

⁵⁰ FORTE et alii, 384ss.

⁵¹ CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Crusades*. London: Penguin Books, 1997 [1980]. p.110.

⁵² Provavelmente significando “forte dos daneses”, “Taani – linn”. Para daneses e germanos, “Reval”. Para os russos, “Kolyban”.



Figura 03: *A Batalha de Lyndanisse e o Dannebrog caindo dos céus*. Pintada em 1809 por Christian August Lorentzen. *Dannebrog falder ned fra himlen under Volmerslaget ved Lyndanis 15. juni 1219*; 1809; Olie på lærred; 102x128,5 cm. Køb 1815; Inventarnr.: KMS274; Statens Museum for Kunst, Dinamarca.

Na chamada “Batalha de Lyndanisse” criou-se posteriormente o mito de que, enquanto o arcebispo Anders orava, a bandeira danesa ainda usada até os dias atuais (*Dannebrog*) caiu dos céus (vide *figura 03*). Não se sabe exatamente a origem da bandeira danesa; tal mito é o mais popular, ainda que pouco verossímil, mas pode-se notar que no século XIV ela já era empregada, e na edição de Saxo em 1514, é vista na capa (vide *figura 07*).

Quanto à batalha, a participação dos vassallos não fora medíocre; os contingentes de Valdemar e Theodorico encontraram o forte vazio e alguns anciãos estonianos com palavras de paz. Demoliram a fortificação anterior e lançaram-se na construção de um outro castelo, desta vez em pedra e chamado *Toompea*, devido a igreja(Dom) que havia ali. Tal castelo subsiste até os dias de hoje (vide *figura 04*). Acreditando falsamente que os estonianos haviam fugido, três dias depois foram

pegos de surpresa e dispersos em todas as direções, sendo salvos do massacre pelos contingentes eslavos comandados por Vtislav I (“Wenceslau”)⁵³.



Figura 04: *Castelo de Toompea*. Fundado pelos daneses em Tallin (Reval) em 1219. Foto: Steve Jurvetson. Obtida em: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Toompea_ordulinnus_2005.jpg⁵⁴

Comerciantes e eclesiásticos germanos, no entanto, iniciaram atividades mais intensas de colonização, cristianização e tentativas de controle de populações logo em 1180, data do início das atividades do primeiro bispo entre os Livônios, o Agostiniano Meinhardt⁵⁵. Nos anos posteriores seguiriam-se construções dos castelos de pedra de Uexküll e Holm por homens de Gotland, e Theodorico, então monge cisterciense de Loccum e posteriormente bispo (ao menos nominalmente) da Estônia, daria impulso mais forte a vinda de missionários e mesmo cruzados.

Em 1195-96 Theodorico, com apoio do papa Celestino III, organizaria uma expedição de germanos, suecos e gotlandeses contra os curônios. Uma tempestade desviou a frota, e foram parar na Estônia⁵⁶. Em 1202 foi fundada na Livônia a ordem

⁵³ HENRICUS LETTUS, XXIII:2-3 (pp.173s); URBAN, 1994:125.

⁵⁴ Foto licenciada e protegida pelo “Creative Commons Attribution 2.5”; distribuição e uso permitidos, desde que com a referência do autor.

⁵⁵ URBAN, 1994: 36.

⁵⁶ HENRICUS LETTUS. *Chronicon Livoniae*. I:14.

militar (mas originalmente envolvida em missões, não cruzadas) dos *Fratres Militie Christi de Livonia*, chamada mais comumente de “Ordem dos irmãos da Espada” ou “Ordem Livoniana”⁵⁷, que posteriormente (1237) seria absorvida pela Ordem Teutônica⁵⁸. Enquanto isto, os daneses poucas atitudes tomavam em relação a Livônia.

Este atraso de 30 anos das ações dos daneses (ocupados com seus vassalos mais próximos, germanos e eslavos, bem como expedições de piratas/vikings curônios, estonianos e prussianos em suas costas), culminou em tensões acerca de legitimação e supremacia; Valdemar II requisitava para si a posse da Estônia e Livônia. Conquanto na Livônia tenha chegado realmente muito tarde, na Estônia, após uma série de contendas com os saxões cuja solução necessitou de tentativas de mediações papais, Valdemar ainda conseguiu alguma de suas reivindicações (vide *mapa 04*).

Estas refletem sua política de domínio do Báltico em toda sua extensão. É digno de nota que a concordância de germanos e eclesiásticos na concessão de terras estonianas só deu-se após uma atitude ousada de Valdemar: o bloqueio do porto de Lübeck, no Báltico, a cruzados dirigindo-se à Livônia, que revela um poder efetivo de Valdemar no Báltico.

As ameaças à esta supremacia vinham das mais diferentes fontes. Desde os saxões, com as quais as querelas tornaram-se abertas no governo de Valdemar II e intensificaram-se com a disputa na Estônia, e seus vassalos mais próximos como germanos e eslavos ocidentais, até as próprias populações do Báltico Oriental (que não limitavam-se aos Estonianos).

⁵⁷ CHRISTIANSEN, 1997: 79ss.

⁵⁸ URBAN, Willian. *The Teutonic Knights: a Military History*. London: Greenhill Books, 2003.p.57.



Dentre estas, as que mais causavam problemas ao reino danês especificamente eram os curônios, estonianos de Ösel e prussianos. Conquanto algumas opiniões contemporâneas favoreçam aos estonianos enquanto populações de maior poderio bélico⁵⁹, é notório que nas fontes, incluindo Saxo Grammaticus, as maiores referências, desde o século IX, sejam aos curônios.

O direcionamento danês à Estônia, e não à Curlândia, é questionamento pouco colocado. Poderíamos, à guisa de explicação provisória, argumentar como já citado antes, do “atraso” da ação danesa; a Curlândia acabara, desta forma, por encontrar-se diretamente sob a ação germânica. Em contrapartida, somariam-se maiores facilidades de ação militar na Estônia; ainda que mais populada, e por grupos mais coesos socialmente, o território Estoniano é muito mais aberto; na Curlândia, o acesso por costa era dificultado pelos próprios piratas ou “vikings” curônios, enquanto que o caminho por terra passava por florestas densas e pântanos muito mais fechados e propensos à emboscadas que o território estoniano.

Como já referido, a tentativa de expedição efetuada em 1195-96 por germanos, suecos e gotlandeses falharia, confundida por tempestade. Some-se aos fatores anteriores, questões relativas à própria navegabilidade.

Também pode-se supor uma questão de “tradição”. Por séculos a rota comercial escandinava mais importante passava pelo golfo da Finlândia, que dava acesso mais direto aos coletores de pele mais setentrionais, de população mais esparsa e menor organização política. Conquanto que a rota que passava pelo Daugava também dê sinais arqueológicos de considerável atividade comercial, é de supor-se que a lucratividade para os escandinavos não fosse tão grande, pela disputa com os senhores locais baltos, que possivelmente tornou-se pior após o século IX. O imaginário apresentado por Saxo em relação à ela, entretanto, é considerável e de maior monta, e nas proximidades do Daugava ele localiza diversos de seus personagens mais significativos. Também é relevante que no período após a fundação de Tallin, o arcebispo Anders Sunesson tenha residido por volta de um ano em Riga. Sucessor de Absalão, é razoável pressupor que tenha exercido influência similar à ele na obra de Saxo, e seu contato mais próximo com o Báltico

⁵⁹ URBAN, William. *Religion in the Medieval Baltic*. In Lithuanus: Quaterly journal of Arts and Sciences. Vol.19, N°01. Spring 1973.

Oriental provavelmente foram uma grande fonte de informações e influências para Saxo.

1.4 O CRISTIANISMO NA ESCANDINÁVIA

A questão da Cristianização da Escandinávia liga-se a certa polêmica, envolvendo em particular segmentos de estudiosos com uma visão “neo-romântica” das populações germânicas de antigüidade e medievo⁶⁰. Desta forma, temas envolvendo o processo de cristianização das nações escandinavas no medievo vêm sendo renegados por grande parte dos estudiosos ligados à temática germânica⁶¹, preferindo-se a construção da imagem de um germânico idealizado, bravo, guerreiro e pagão, intocado pela cristandade, numa versão contemporânea e atualizada do mito do “bom selvagem”. Desta forma, aspectos bastante relevantes da história medieval escandinava são ignorados, em particular aqueles envolvendo a formação de uma cultura eclesiástica local.

Por “cultura eclesiástica”, consideramos alguns elementos do conceito resumido por Emilio Mitre Fernandez, a saber: a) uma cultura de presença minoritária, b) patrimonializada por estamento, c) identificada como cultura letrada e d) oposta a cultura popular ou “folclórica”. Esta oposição pode dar-se por várias formas; pode envolver a destruição pura e simples de templos pagãos e ídolos, bem como a proscrição de certos temas religiosos. Pode dar-se por desnaturalização e resignificação de certos símbolos, ou pela obliteração e sobreposição – a cultura eclesiástica forma um “manto” sobre a cultura popular⁶². Apesar da construção do conceito numa realidade diversa, todos estes elementos estão presentes no processo de cristianização e formação de uma cultura eclesiástica escandinavos. Não implicam em uma dualidade ou oposição simples, tampouco constituem-se em

⁶⁰ Como referido pelo Prof. Dr. Marcelo Cândido Ferreira, da USP, em conferência na ANPUH/SP 2006.

⁶¹ Em particular no Brasil, onde a temática de estudos germânicos ainda é recente.

⁶² FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. *La formación de la cultura eclesiástica en la génesis de la sociedad europea*. In: *Cultura y culturas en la historia* : Quintas Jornadas de Estudios Históricos organizadas por el Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea de la Universidad de Salamanca. Salamanca, 1995. Pp. 31ss.

elementos exclusivamente alienígenas à Escandinávia, e possuem papel chave no processo de fortalecimento de monarquias locais e criação de poderes institucionais⁶³.

O processo cristianizador ali, assim como na Europa em sua quase que totalidade, envolveu processos verticais e descendentes, freqüentemente envolvendo a conversão de um governante, seguido de seus súditos. As permanências de religiosidades populares perduraram por muito tempo, promoveram sincretismos e manifestações folclóricas de caráter particular, sendo que reminiscências e cultos pagãos mantiveram-se vivos em regiões mais “periféricas” – com exemplos eloqüentes na Lituânia - até finais do período moderno. Repetimos que tal circunstância não é exclusividade escandinava, podendo ser averiguada entre populações tanto neo-latinas, quanto germânicas, célticas, eslavas, bálticas e fino-úgricas. Circunstância ocorrida desde os primórdios da expansão cristã, por vezes referida como “cristianização imperfeita da Europa”, e perpassando a obra de diversos outros autores de proeminência ligados à temática de religiosidade popular, como, além do próprio Fernández, Carlo Ginzburg e Keith Thomas⁶⁴.

Por mais que as práticas difundidas entre todos os extratos sociais tenham sido heterogêneas, o Cristianismo - mais particularmente a instituição da Igreja Católica -constituiu-se na estrutura de poder mais significativa, e sua difusão e influência em território escandinavo nos séculos XII e XIII não pode ser contestada, vinculando-se estreitamente à própria consolidação dos reinos escandinavos⁶⁵.

Tais processos foram complexos e multifacetados, envolvendo tanto a adoção do Cristianismo por parte da população como a convivência com religiões

⁶³ BEREND, 36ss.

⁶⁴ Dentre outras, GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das letras, 1988[1966]; _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989[1986]; _____. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 3ªed; 2002 [1976]; THOMAS, Keith. *Religion and the Decline of Magic*. Penguin Books Ltd; New Ed, 1991[1976].

⁶⁵ FORTE et alii, pp.391ss. O caso da Dinamarca constitui uma exceção em alguns aspectos, em relação a Escandinávia como um todo. A existência de um monarca pode ser atestada com mais antigüidade. Porém, não se tem noção precisa da extensão dos domínios e autoridade do mesmo. Estelas rúnicas reclamam a unidade danesa justamente ao primeiro rei cristianizador da Dinamarca.

tradicionais. A primeira missão a pregar aos daneses e aos *Svear*⁶⁶ data de período tão recuado como as proximidades do ano 820, mas a aceitação publica do Cristianismo só seria mais extensiva na Escandinávia nas quatro décadas finais do século X, com a exceção da região de Svealand, na Suécia central, onde o mais conhecido dos centros culturais (Uppsala) permaneceu até pelo menos 1080, a despeito da presença de muitos cristãos na região⁶⁷.

Por volta do século XII, escavações revelam algo em torno de 540 igrejas medievais apenas na diocese de Lund (a mais rica e importante diocese escandinava), sendo que por volta de 300 reconstruídas em pedra; 630 na diocese de Skara, e em Uppsala, 280. Simultaneamente, era grande o número de monastérios Cistercienses (32) e Beneditinos (35), bem como das casas Franciscanas (32) e Dominicanas (23) anteriormente a 1300⁶⁸.

Tais números absolutos, ainda que pequenos em comparação com Francia e Germânia, por exemplo, demonstram uma expansão considerável da igreja em território escandinavo, muito mais esparsamente povoado. E tal atividade incluía também as áreas adjacentes e conquistadas, como, por exemplo, uma igreja danesa construída – segundo Adam de Bremen, mas desaparecida, na Curlândia⁶⁹, um monastério cisterciense, e uma casa Franciscana em Tallinn, na Estônia (entre outras igrejas), igrejas e uma casa dominicana na Finlândia, bem como monastérios cistercienses, beneditinos, e igrejas na costa sul do Báltico, nos territórios conquistados dos eslavos por daneses.

No período da captura de Valdemar II pelos saxões (1223) a Escandinávia encontrava-se institucionalmente, portanto, perfeitamente integrada nos objetivos gerais da Cristandade Ocidental⁷⁰, seus governantes participando inclusive das cruzadas⁷¹ e recebendo convites ao próprio trono do Sacro Império Romano-

⁶⁶ Uma das tribos principais a formar os posteriores suecos.

⁶⁷ SAWYER et alii, 100-112.

⁶⁸ Números aproximados, e sujeitos a modificação com as escavações arqueológicas constantes e possíveis descobertas de novos sítios. Vide distribuição em SAWYER et alii, pp.110-114.

⁶⁹ ADAM BREMENSIS. *History of the Archbishops of Hamburg-Bremen*. Tradução: TSCHAN, Francis. New York: Columbia University Press, 2002. P.198.

⁷⁰ FORTE et. alii, 390ss..

⁷¹ Não apenas as cruzadas no Báltico, da qual a Escandinávia participou de forma intensiva (FORTE et alii, pp.384-391), mas também na terra santa: SKOVGAARD-PEDERSEN, Inge. *The way to Bizantium: A study of the first three books of Saxo's History of Denmark*. In: FRIIS-JENSEN, Karsten

Germânico⁷². Tal resultado não significa homogeneidade, tampouco ausência de conflitos, permanências e resistências religiosas; entretanto, o Cristianismo já não podia mais ser dissociado das sociedades escandinavas. Demonstração interessante das novas circunstâncias é a popularidade de temáticas ligadas não apenas à peregrinação, mas ao próprio martírio, e a propensão à beatificação (em particular de governantes) via martírio, que incorporam características de sociedades guerreiras e recentemente convertidas e unificadas⁷³.

1.5 A REFORMA GREGORIANA NA ESCANDINÁVIA E OS PRIMEIROS ARCEBISPOS

A reforma gregoriana chegou às nações escandinavas sem muito atraso em relação à Europa Ocidental, e suscitou reações não muito diversas das encontradas naquela. Dentre diversos princípios salutareis à vida religiosa, como uma “purificação” do corpo clerical, uma melhor instrução deste e o fim da simonia, ela instituiu princípios definidores da supremacia do papado, o que conduziu a uma violenta e duradoura querela com o Sacro Império Romano-Germânico. Seus princípios fundamentais eram dissociar a igreja do domínio secular e “purificá-la”. Advogaram o fim da propriedade particular de igrejas, a autonomia para a própria igreja em indicar seus bispos e sacerdotes, e a liberdade dos clérigos da jurisdição secular, bem como auferiram a autoridade superior do Papa⁷⁴.

(ed.). *Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture*. Copenhagen, 1981.p.121.

⁷² O rei Håkon Håkonson (1217-1263) renunciou à sua indicação como candidato. BEYER, Harald. *Literatura Noruega*. Barcelona: Editorial Labor, 1931.p.42.

⁷³ ANTONSSON, Haki. *Some observations on Martyrdom in Post-Conversion Scandinavia*. In: Saga-Book. Vol. XXVIII. Viking Society for Northern Research: University College London, 2004. Tais circunstâncias são similares na Europa de norte e leste; nos reinos escandinavos, na Rus, Boêmia e Hungria as circunstâncias são similares. Regiões institucionalmente cristianizadas pelas proximidades do ano 1000 e com proximidades culturais e mesmo ideológicas. Os primeiros santos da Rússia foram Boris e Gleb, via martírio. Da mesma forma encontramos S. Estevão na Hungria, S. Knut (II), S. Knut Lavard na Dinamarca, Oláfr Haraldsson na Noruega, dentre outros.

⁷⁴ LeGOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval (2V)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995 [1983]., p.303 v.II & ARNALDI, Girolamo. *Igreja e Papado*. In: LeGOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Vol.I. Bauru, SP: EDUSC,2006 [1999].p.578.

Na Escandinávia os governantes eram relutantes em ceder seus direitos de, por exemplo, escolher os bispos – atitude tomada amiúde por senhores locais ao construírem igrejas particulares –, ainda que reconhecessem uma orientação da igreja em assuntos espirituais. Assim como os principais opositores no continente, os imperadores germânicos. Entre os próprios eclesiásticos, nem todos os princípios eram bem-aceitos. O arcebispo Eskill, um dos maiores divulgadores da Reforma Gregoriana, provavelmente foi casado, e aparentemente a regra do celibato não era bem aceita em boa parte do clero escandinavo – apenas a partir do arcebispo Anders Sunesson, já nas primeiras décadas do século XIII, tal idéia seria melhor aceita. De qualquer forma, a escolha de Absalão como arcebispo teria sido efetuada a portas fechadas e sem a interferência direta do rei Valdemar I.

No continente, o germânico Liemar, arcebispo de Hamburg-Bremen⁷⁵, apoiou a reivindicação imperial de Henrik IV, que tentava reter seu controle sobre as igrejas germânicas e o próprio papado. Foi deposto pelo papa Gregório VII que, além disso, em ordem a reduzir a influência deste arcebispado, criou uma província escandinava independente em Lund, em 1103 ou 1104. Seu bispo Asser, da família de Thrugut da Jutland, foi promovido a primeiro arcebispo de Lund.

Sob o papa seguinte, Inocêncio II, inteiramente dependente do imperador Lothar, o arcebispo de Bremen conseguiu uma série de bulas que restaurava a autoridade de Hamburg-Bremen na região e depunha a Asser, mas tais bulas nunca seguiram além de Bremen, e Asser continuou como arcebispo até sua morte em 1137, quando foi seguido por seu sobrinho Eskill, bispo de Roskilde de 1134 a 1138.

Os arcebispos estavam, portanto, mais inclinados a aceitar a reforma gregoriana, já que dela se beneficiariam. A autonomia dos bispados escandinavos aproveitou-se da reforma, e isto afetou diretamente a situação de seus governantes à medida em que os arcebispos deviam sua crescente autoridade à autoridade papal – o que acabou por colocá-los em situação de conflito com seus reis⁷⁶. A disputa

⁷⁵ Arcebispado germânico que possuía jurisdição sobre as províncias do norte. Nele foram produzidas algumas das principais fontes acerca da história do norte, como a *Vita Anskarii*, de Rimbert, narrando acerca de Anskar, primeiro apóstolo do norte, e a obra de Adam de Bremen, *A crônica dos bispos de Hamburgo*.

⁷⁶ SAWYER et alii 224s.

entre clero e realeza foi mais aguda entre Eskill, o maior divulgador da reforma gregoriana na Dinamarca, e Valdemar I⁷⁷.

O rei Valdemar I emergia vitorioso após muitos anos de disputa pelo trono e guerra civil, e em adição a este já complicado contexto, reconhecia o antipapa Vitor. Eskill permaneceu fiel ao papa Alexandre III; foi exilado, retornando apenas em 1166, com a reconciliação de Valdemar I com Alexandre III. Dentre outros conflitos no restante da Escandinávia, a igreja ali emergiu com autoridade reforçada e grande autonomia para regular seus próprios negócios⁷⁸.

Em 1176 a importância dos Thrugut na igreja danesa sofreu um forte abalo, quando cinco de seus membros foram implicados numa suposta conspiração contra o rei Valdemar I. Eskill, o mais importante do clã, resignou de sua sé e retirou-se para Clairvaux, onde morreu em 1181.

O arcebispo sucessor de Eskill seria Absalão, que encomendou a escrita da Gesta Danorum – e da qual constitui-se no personagem principal. Absalão fazia parte de outra família importante da Dinamarca, que dali em diante assumiria o papel dos Thrugut na igreja danesa por aproximadamente um século: os descendentes de Hvide, da Zelândia.

Estudara em Paris as artes liberais, depois Teologia e Lei, fora irmão adotivo de Valdemar I e cuidara de Valdemar II, ainda menino⁷⁹. O arcebispo posterior de Lund foi seu sobrinho Anders Sunesson, que estudou em Bologna, Paris e Oxford.

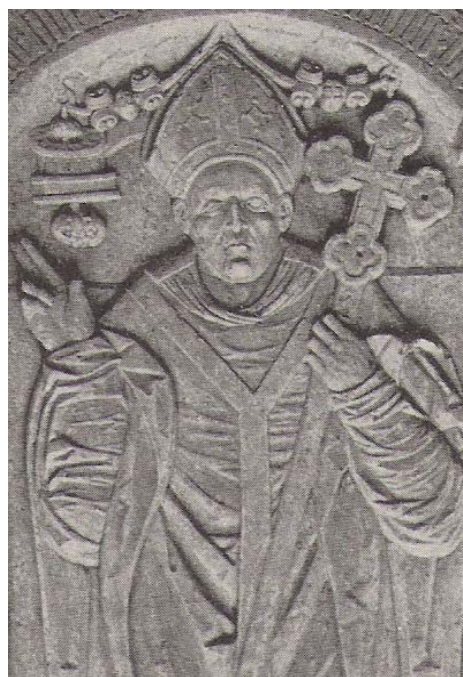


Figura 05: Arcebispo Absalão, como retratado em seu túmulo. Feita em 1536 por Morten Busserto, sob encomenda do Abade Henrik Tornekrans. STARCKE, p.313.

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ SAWYER et alii 117.

⁷⁹ ELLIS-DAVIDSON, 2006:19.

Da família de Thrugut da Jutlândia sairia Sven Aggensen, autor de outra história da Dinamarca contemporânea à Gesta, mas de abrangência muito menor. À família Hvide da Zelândia, da qual Absalão fazia parte, Valdemar devia muito de sua ascensão ao poder.

O que não significa que as relações entre Absalão e os Valdemares fossem completamente harmônicas. A encomenda da Gesta é exemplo disso: alguns sugerem que fora feita por temor de que nos tempos do filho de Valdemar I, Knut, o nome e feitos de Absalão fossem esquecidos⁸⁰. Ainda assim, os anos dos Valdemares e dos arcebispos Absalão e Anders consistiram no período onde a cooperação – e alguns poderiam adicionar, a concorrência - entre rei e arcebispos foi mais acentuada. Com o final deste período, pode-se dizer também que ocorreu o final do apogeu do catolicismo na Dinamarca⁸¹.

⁸⁰ SAWYER et alii, 225.

⁸¹ STARCKE, 310.

2. A OBRA

2.1 A PRODUÇÃO ERUDITA ESCANDINAVA NOS SÉCULOS XII-XIII

Nos anos de 1170-1220 aproximadamente houve uma grande produção escrita na maior parte da Escandinávia. Enquanto que na Islândia o início desta produção remonte a décadas anteriores, o período de maior florescimento escrito foi o mesmo referido antes. Esta produção, entretanto, fundamenta-se firmemente na existência de uma forte tradição de transmissão oral. É inadequado pressupor uma ignorância artística ou ausência de criação de cunho literário anterior à cultura latina escrita; entretanto, o meio de transmissão era por via oral. Uma das características importantes ao ideal de homem escandinavo era a capacidade de improvisar, de compor poemas. Eram os *skaldar*, “scaldos”⁸².

Entre esta produção intelectual-literária encontram-se objetivos e formas diversos; desde Sagas de heróis e famílias, escritas no vernáculo, lidando com assuntos laicos e regionais, até histórias com maiores pretensões e trabalhos de molde cristão, incluindo o *Konungs skuggsjá* (vide figura 06), um espelho de príncipes na Noruega em antigo nórdico⁸³.

A exceção neste período de florescimento literário foi a Suécia que, entretanto, produziu um maior número de crônicas e obras na Idade Média tardia e início do período moderno que as outras nações escandinavas. Esta passagem de XII-XIII centralizou a produção intelectual escandinava medieval por razões específicas. Pode-se argumentar que haviam já dois séculos da adoção do Cristianismo como religião oficial nos reinos escandinavos e, portanto, tratava-se de

⁸² “Skáldr” significa “poeta” em antigo nórdico. O uso do termo, apesar de presumivelmente genérico para qualquer tipo de poeta, entretanto, acabou por tornar-se específico, não designando um poeta em geral, mas os que lidavam com a poesia “escáldica” encontrada nas sagas e fontes islandesas antigas, regida por regras e parâmetros específicos. WHALEY, Diana Edwards. *Skáld*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.

⁸³ *Konge-Speilet*: et philosophisk-dikattist krift, forfattet i norge mod slutningen af det tolfte aar hundrede. Christiania (Oslo): Trykt hos Carl C. Werner & Comp., 1848.

circunstância na qual havia os primeiros latinistas e eruditos em moldes cristãos, geralmente oriundos de famílias abastadas, tendo estudado no exterior, principalmente Paris⁸⁴.

Uma parte considerável desta produção intelectual trata de períodos recuados na Escandinávia, em particular na Islândia e nas obras de abrangência menor como Sagas e Crônicas, mas esta tendência pode ser notada também em Saxo Grammaticus e Snorri Sturlusson, que escreveram obras de abrangência muito maior, com pretensões de histórias gerais de seus reinos.

Portanto, tratou-se também de um momento específico de tentativa de resgate de tradições e imaginários que corriam o risco de serem suplantados e esquecidos frente ao fortalecimento da tradição cristã.

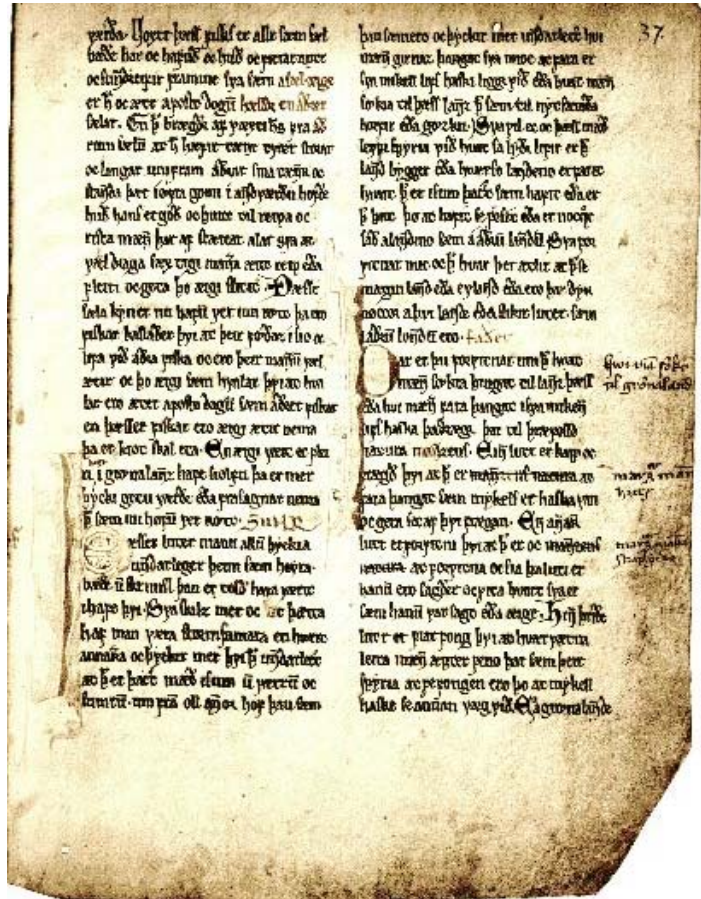


Figura 06: *Konungs skuggsjá*; "Espelho de príncipe". Escrito por volta de 1250 em antigo nórdico, originalmente para a educação de Magnus VI⁸⁵. Autoria desconhecida. Obtida em: "Konungs skuggsjá", <http://no.wikipedia.org/wiki/Kongespeilet>

Na Dinamarca em específico o monge inglês Ælnoth escreveria em 1120 uma crônica defendendo S. Knut e seus irmãos - *Gesta Suenomagni regis et filiorum eius et passio gloriosissimi Canuti regis et martyris* -, mas é a *Chronicon Roskildense* que pode ser considerada uma primeira história danesa, escrita por volta de 1140; escrita

⁸⁴ Por exemplo, Absalão referido acima, Anders, seu sucessor no arcebispado de Lund, citado por Saxo no Prefácio como alguém que estudara "em França, Itália e Britânia"; Gunnar de Viborg, autor do Código Legal da Jutlândia, primeira legislação escrita da Dinamarca (JANSEN & HANSEN pp. 02ss.) e outros, referidos por Arnolfo de Lübeck, citado por ELLIS-DAVIDSON, 2006:, p.11.

⁸⁵ BEYER, 43.

num dos períodos de turbulência, advoga o balanço de poder no reino e tenta cobrir o período desde a implantação do Cristianismo na Dinamarca.

Entre 1170-1220 temos a composição da *Gesta Danorum* e de três obras de Sven Aggesen⁸⁶: um tratado legal, uma história política e uma linhagem régia⁸⁷. Sua história, da qual não se tem o nome (o texto de Stephanus em 1642 traz “COMPENDIOSA REGUM DANIAE HISTORIA”) é muito mais curta que a *Gesta Danorum*, mas em suas partes iniciais possui alguns pontos em comum com ela. Apesar das opiniões contrárias de Christiansen, a idéia mais corrente aponta defesas de ideais políticos teocráticos em Sven, contrariamente a *Gesta*, e refletindo diferenças das casas às quais as obras estariam ligadas. Sven, da família Thurgot, jutlandesa, faria parte da mesma família de Eskill, o arcebispo reformador escandinavo, e sua obra apoiaria aos reis como enviados de Deus à terra. É preciso um pouco de cuidado na confecção de correspondências unívocas tão claras e simples. As querelas familiares não eram tão simplistas, e o simples pertencimento à família dos Thurgot não define necessariamente a posição política de Sven. As próprias memórias do arcebispo Eskill, escritas em seu exílio em Clairvaux sugerem que ele não encontrava-se exatamente em bons termos com seu irmão Aggi (pai de Sven).

Mas é a *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus que acabou perdurando como a história “oficial” da Dinamarca.

Para Peter e Birgit Sawyer⁸⁸, a concentração de escritos entre 1170 e 1230 trataria-se de um reflexo da consolidação do poder real na Noruega e Dinamarca; a escrita histórica trataria-se, nestes casos, de um “sintoma de crise” das antigas estruturas e uma necessidade de fixação escrita do que estava para ser perdido. O estímulo inicial fora a necessidade de legitimação do poder real após períodos longos e turbulentos de guerra civil.

Dentre estes trabalhos, as crônicas de Sven Aggesen (na Dinamarca) e a *Sverris saga* (na Noruega) seriam nas obras de cunho mais marcadamente teocrático, apresentando os reis como escolhidos por Deus e seus representantes

⁸⁶ SAWYER et alii, 221

⁸⁷ CHRISTIANSEN, 1992: 4

⁸⁸ SAWYER et alii 230ss

na terra. Theodoricus (na Noruega) e Saxo, por sua vez, escreviam em suporte à igreja, enquanto que o Islandês Snorri traduzia bem a voz da aristocracia. Tal situação explicaria a ausência de escrita histórica após 1230 na Dinamarca, quando o poder real já consolidara-se de modo mais efetivo, bem como as mudanças nas estruturas sociais e fortalecimento tanto da realeza quanto da igreja e a aristocracia. Esta proliferação de escritos tratou-se também, portanto, das diversas respostas apresentadas por diversos representantes de grupos às demandas das mudanças sócio-políticas ocorridas em seu tempo.

2.2 SAXO GRAMMATICUS E A GESTA DANORUM

2.2.1 Sobre o autor

A única obra conhecida de Saxo Grammaticus, a *Gesta Danorum*, foi escrita sob encomenda e patronato do arcebispo Absalão, sucessor de Eskill em Lund e, possivelmente depois, sob seu sucessor e sobrinho, Anders Sunesson. Sabe-se pouco acerca de Saxo. Pelas suas referências no prefácio de que seu pai e avô teriam servido a Valdemar I, é improvável que tenha nascido antes de 1150. Sua morte possível é apontada por volta de 1220⁸⁹, e tal poderia ser uma explicação um pouco frágil para ele não ter narrado a história de Valdemar II. Aparentemente iniciou a escrita da *Gesta* em 1185⁹⁰, ainda que as últimas narrativas encontradas nela datem de 1187.

Possivelmente era da Zelândia. Seu tom e modo são cheios de elogios aos Zeelandeses, e a região é por vezes apontada como o “centro da Dinamarca”, mas esta é a única evidência contemporânea. A crônica da Jutlândia, por sua vez em 1431, diz que ele fora da Zelândia, e lhe dá o título *Grammaticus*⁹¹, e a primeira edição da *Gesta* de 1514, pelo bispo Urnes, o cita como zeelandês, aparentemente

⁸⁹ ELLIS-DAVIDSON, 2006: 12.

⁹⁰ Ibid, 10ss

⁹¹ ELTON: *Preface*; ELLIS-DAVIDSON, 2006:10s

tratando-se circunstância de senso e conhecimento comuns. A crônica da Zelândia nomeia Saxo *cognomine Longus* (apelidado o “comprido”, o “alto” – ou talvez, “longo” nas palavras..), e usa pela primeira vez o nome “Gesta Danorum” para sua obra.

Sven Aggesen cita Saxo como seu companheiro (*contubernalis*), mas Saxo provavelmente era bem mais jovem que Sven, já que seu avô teria servido a Valdemar I (provavelmente, portanto, após 1157), mas o pai de Sven foi morto em guerra em 1132, muitos anos antes, portanto. Ainda que *contubernalis* seja traduzido ao pé-da-letra como “companheiro de tenda” (o que levantou a idéia de que Saxo teria sido um guerreiro ou um soldado), é mais provável que ambos tenham sido eclesiásticos, e *contubernalis* pode ser traduzido de inúmeras formas, na indicação de algum tipo de colega, companheiro ou associado⁹².

Karsten Friis-Jensen⁹³ identifica Saxo como o cânon de Lund que testemunhou alguns títulos/decretos em 1180/3 e 1197/1201. Esta hipótese é mais aceita do que a que considera Saxo como um deão de Roskilde, idéia esta gerada por uma má compreensão difundida pelo próprio bispo Lave Urne de Roskilde. Segundo esta idéia, Saxo Grammaticus seria identificado com certo provoste Saxo que teria viajado a Paris em 1165 – portanto, muito velho⁹⁴.

Saxo refere-se a si mesmo como a serviço de Absalão. Numa lista de clérigos na catedral de Lund há a referência a um certo Saxo, acólito (o mais baixo grau entre os cânons). No monastério de Sørø há uma nota deixada pela vontade de Absalão. A nota diz que ele enviara a quantia de 2 marcos e meio de prata, emprestada ao seu *clericus* Saxo, e que Saxo retornaria ao monastério de Sørø os dois livros que o arcebispo emprestara a ele. Provavelmente tratavam-se de dois códices de Valério Máximo e Justino, autores que influenciaram muito a obra de Saxo, e que são dois livros da biblioteca em Sørø presenteados por Absalão.

Não se sabe com precisão onde Saxo teria estudado, mas a escolha do modelo de obra e, principalmente, o costume danês eclesiástico à época, tornam quase provável que tenha estudado no reino da França, possivelmente em Paris,

⁹² CHRISTIANSEN, 1992: 2s.

⁹³ apud CHRISTIANSEN, 1992: 3.

⁹⁴ ELTON, *Preface*.

assim como ele diz do arcebispo em sua época, Anders (que estudara também em Bologna e Oxford). Eric Christiansen considera também que o forte “anti-teutonismo” em Saxo, assim como em Sven, seria algo aprendido nas escolas francas⁹⁵. Mas não se pode afirmar com certeza. Provavelmente seja mais coerente a consideração de que esta posição opositora aos germânicos fosse mais típica do extrato clerical danês, não necessariamente de aprendizado exclusivo em escolas na França, em particular pelas querelas entre Roma e Império.

Em suma, os indícios mais convincentes apontam para um Saxo nascido na Zeelândia, descendente de guerreiros, que estudara no exterior (portanto, oriundo possivelmente de uma família com alguns recursos, ou ao menos, do extrato dos pequenos proprietários livres); clérigo, possivelmente cânon em Lund, e de reconhecida capacidade literária e domínio da produção escrita clássica.

2.2.2 Sobre a Obra

Não se sabe o título que o próprio Saxo deu à sua obra. O nome “Gesta Danorum” é posterior. Sua primeira impressão deu-se em 1514 por Jodocus Badius Ascensius em Paris, da edição de Christiern Pedersen (vide *figura 07*). Trazia título diferente, “*Danorum Regum heroumque Historiae*”. A edição de Pedersen tornou-se a base para todas as versões e edições posteriores.

Existem alguns fragmentos mais antigos, dos quais o mais extenso é o fragmento de Angers (vide *figura 11*), que contém anotações atribuídos ao próprio Saxo, e contém parte do livro I. Outros fragmentos datam de 1275, e são menores. Tratam-se dos fragmentos de Lassen (livro VI – vide *figura 12*), de Kall-Rasmussen (livro VII) e de Plesner (livro XIV). Todos os fragmentos encontram-se depositados na Biblioteca Real da Dinamarca, em Copenhague.

⁹⁵ CHRISTIANSEN, 1992: 21.



Figura 07: *Danorum Regum heroumque Historia*. Primeira publicação da Gesta Danorum por Christiern Pedersen em Paris, 1514. Imagem de domínio público.

O nome “Gesta Danorum” data de 1342. Foi encontrado na Crônica da Jutlândia (*Chronica Jutensis*), também conhecida como *Compendium Saxonis*, que consistiu em uma versão resumida da Gesta Danorum, constando aproximadamente de um quarto de seu tamanho. As versões e edições posteriores da Gesta empregavam nomes diversos, sendo que o título passou a ser empregado mais genericamente a partir do século XIX. Quanto à edição de Pedersen, foi feita com uma cópia antiga do texto encontrada com o arcebispo de Lund Birger Gunnerssen.

Portanto, a identificação imediata do gênero literário precisa ser feita tendo em vista outras características que não apenas o título.

Ainda assim, mesmo que não se tenha informação sobre o nome dado pelo autor, o nome concedido no século XIV e difundido contemporaneamente associa seu conteúdo com as Canções de Gesta (*Chansons-de-Geste*). Datadas do século XII, fazem parte de um escopo literário mais amplo que inclui temáticas relativas à cavalaria e sociedade cortesã, mas que possuem características formais distintas.

São por volta de 80 a 100 poemas em vernáculo, de temática épica, religiosa e guerreira⁹⁶. Engendram o que chamamos contemporaneamente de feitos históricos com temáticas lendárias e mitológicas, normalmente ambientados na era Carolíngia, por vezes Merovíngia. São geralmente organizadas em três grandes

⁹⁶ BOUTET, Dominique. *Chanson de Geste*. In: GAUVARD, Claude, ZINK, Michel, LIBERA, Alain de. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. Pp.254ss.

ciclos, o *ciclo do rei*, o *ciclo de Guillaume d'Orange* e o *ciclo dos barões revoltados*⁹⁷.

Ainda que as temáticas principais e preocupações deste gênero literário sejam aristocráticas, sua representação escrita dá-se principalmente por eclesiásticos. Há por vezes uma sacralização da cavalaria à medida em que esta é apresentada como projeção no período carolíngio dos cruzados do século XII, em particular nos poemas dos ciclos do Rei e de Guillaume d'Orange⁹⁸.

Apesar de sua origem em França, o gênero difundiu-se para outros reinos e regiões e influenciando criações literárias diversas, como por exemplo no Império, Península Ibérica e Britânia. Na própria literatura islandesa, incluindo-se diversas *Íslendigasögur*, reconhece-se – e discute-se acerca de – possíveis influências da literatura francesa nos séculos XII e XIII⁹⁹. Certamente tal difusão de idéias fez-se também na Dinamarca, em particular devido ao número de clérigos que estudava em França e no estrangeiro, oferecendo um modelo adequado aos propósitos de Saxo.

Diversos destes elementos são encontrados na *Gesta Danorum*, permitindo-nos enquadrá-la razoavelmente como uma obra derivada ou inspirada pelo gênero. O que não significa a inexistência de outras obras contemporâneas de gênero épico com temáticas similares, mas origem ou influência diversa, no mesmo contexto cronológico. Obra significativa que exemplifica a questão é a *Слово о полку Игореве*¹⁰⁰ – traduzida por Roman Jakobson em 1948 como “La Geste du Prince Igor”. Considerada obra-prima da literatura da Rússia Kievita, reúne temáticas e elementos semelhantes (poema épico em vernáculo, luta contra o infiel, datação, etc) aos das *Chansons-de-Geste*, mas são consideradas como pertencentes aos ciclos épicos das *bylinas* ou *starinas*¹⁰¹. No caso de Saxo, entretanto, há indícios

⁹⁷ CROSLAND, Jessie. *Medieval French Literature*. Oxford: Basil Blackwell, 1956. p.165.

⁹⁸ KAEUPER, 232s; 244s.

⁹⁹ BEYER, Harald. *Literatura Noruega*. Barcelona: Editorial Labor, 1931.p.48; & FINLAY, Alison. *Skalds, Troubadours and Sagas*. In: *Saga-Book*. Vol. XXIV. University College London : Viking Society for Northern Research, 1995.

¹⁰⁰ *Slova o polku Igaryevye* – “Canção da campanha de Igor”.

¹⁰¹ Canções russas épicas antigas cujos heróis principais são os *bogatyrs* – tipos de heróis “super-homens”. São divididas em dois ciclos, o de Kiev e o de Novgorod. O ciclo de Kiev lida principalmente com o príncipe Wladimir, seus eventos passam-se no século XI e seus principais *bogatyry* são Ilya Muromets, Dobryni Nikititch e Alescha Popovitch. As canções do ciclo de Novgorod são posteriores e desenvolvidas dos séculos XIII ao XV, e o maior herói é um *bogatyrs* também mercador chamado

fortes acerca de sua formação e influência francas, e a literatura mais próxima épica, escandinava propriamente dita, apresenta construção bastante diversa. Consideremos alguns dos elementos em questão.

Primeiramente, a temática épica e os feitos de um povo e de heróis. O povo, obviamente é o danês. Os heróis são vários, normalmente reis e heróis em sentido bélico, mas que via de regra espelham o principal herói da Gesta, que é o Arcebispo Absalão. Por sinal, a exaltação de ambos, tanto o povo danês como o arcebispo-herói encontram-se explicitamente no *praefatio* de Saxo:

“[1] Cum ceterae nationes rerum suarum titulis gloriari voluptatemque ex maiorum recordatione percipere soleant, Danorum maximus pontifex Absalon patriam nostram, cuius illustrandae maxima semper cupiditate flagrabat, eo claritatis et monumenti genere fraudari non passus, mihi, comitum suorum extremo, ceteris operam abnudentibus, res Danicas in historiam conferendi negotium intorsit inopemque sensum maius viribus opus ingredi crebrae exhortationis imperio compulit.”¹⁰²

Acerca da linguagem, observamos circunstância diversa. A *Gesta Danorum* é escrita em latim, não em vernáculo, contrariamente às Canções de Gesta. O escrever em latim é em Saxo apontado como singularidade e pioneirismo. Mas o modelo do cantar os feitos, da temática poética, é incessantemente repetido em toda a Gesta. Saxo reivindica para si o papel de espécie de “tradutor”, procura apresentar-se como apenas transmissor de uma série de cantares de seu povo.

Acerca da sacralização dos guerreiros e da visão da aristocracia por um viés clerical, a Gesta Danorum apresenta material exemplar, tanto por conter narrativas de cruzadas propriamente ditas quanto por derivá-lo ao passado mítico. Discutiremos mais extensivamente a questão do emprego que Saxo faz das cruzada contra os eslavos ocidentais nos livros iniciais da Gesta Danorum. Por hora, é suficiente notar que a temática narrativa envolvendo o herói, cruzado e arcebispo

Sadko. ZENKOVSKY, Serge .A. (ed.) *Medieval Russia's: Epics, Chronicles, and Tales*. New York: E.P.Dutton & Co., Inc.: 1974p.167ss.

¹⁰² “Pela razão que outras nações possuem o costume de ostentar a fama de seus feitos, e rejubilam-se em recordar seus ancestrais, Absalão, arcebispo da Dinamarca, foi sempre consumido por zelo apaixonado de glorificar nossa terra natal. Ele não poderia permitir esta situação sem algum nobre documento deste tipo e, desde que todos os outros recusaram a tarefa, o labor de compilar uma história dos daneses foi lançado sobre mim, o último de seus seguidores(...)”.

Absalão contida por volta do livro XIV, é empregada de núcleo para o material contido em diversos outros livros da Gesta, incluindo I, V-VIII, e XIII ao final – ainda que no enredo de boa parte deste material a Dinamarca ainda não fosse cristã.

Quanto ao agrupamento de feitos históricos e míticos, a Gesta coaduna-se bem com o gênero. O método de composição de Saxo trata do reagrupamento de muitas fontes diversas em narrativas que possivelmente seguem de forma razoavelmente lógica uma linha genealógica pré-estabelecida. Aparentemente, tanto ele como Sven basearam-se em alguma genealogia, e a ela foram acrescentando as trajetórias e narrativas. Neste agrupamento e ordenação de fontes, o material oriundo das memórias de Absalão e Anders é colocado e narrado aproximadamente da mesma maneira que o material vindo dos mitos de Óðinn e Thórr, ou das histórias e crônicas conhecidas de outros reis mais próximos.

Por vezes o material oriundo de poemas antigos, inscrições rúnicas e estórias escáldicas não podia acomodar-se perfeitamente aos relatos de testemunhas oculares como Absalão e aos por ele próprio vividos, nem ao material considerado no campo da “história” registrado de outros reis. Em tais ocasiões Saxo racionaliza os mitos antigos, analisa-os, procura torná-los plausíveis aos seus olhos; por vezes toma as narrativas de reis conhecidos e “reais”, e “embeleza” ou modifica suas narrativas, e os principais parâmetros que podemos encontrar como definidores destes procedimentos tratam-se das mensagens que Saxo queria passar. Pois, apesar de comissionado, Saxo não consiste num escritor que meramente transcreve o que lhe é dito; por muitas vezes narra uma história e executa algum juízo imediato, mas na forma com que a narra ou nos episódios posteriores, deixa claro que sua idéia é exatamente oposta. Na própria narrativa da trajetória de Absalão, alguns entrevêm uma possibilidade de que, para Saxo, o arcebispo pudesse parecer ocupado talvez em demasia com os assuntos mundanos¹⁰³.

A escolha dos personagens-fonte para as narrativas também revela seus parâmetros de escolha, mas segue um caminho todo próprio. Para diversos dos personagens, Saxo podia encontrar fragmentos dispersos em outras fontes e poemas escandinavos, mas seu método não é tão simples. Pois em alguns casos

¹⁰³ SAWYER et alii, 225s.; CHRISTIANSEN, 1997: 60s.

onde possui-se narrativas completas de heróis escandinavos, Saxo por vezes inverte o papel entre herói e vilão. Como no mito de Balderus/Baldr, tão conhecida no meio escandinavo, mas que Saxo inverte, transformando-o em vilão, e transferindo suas características boas para o adversário Hotherus/Höðr. E alguns dos episódios aos quais ele apresenta maior cuidado de elaboração por muitas vezes não centralizam a atenção nos reis, mas em algum herói paralelo à narrativa do rei; o rei, desta forma, ainda que alegado o tema da história, apresenta para o leitor um interesse secundário frente ao herói.

Outro fator bastante relevante também nos métodos de escrita e composição de Saxo são os diversos esquemas e arranjos (por vezes herméticos) que procura imprimir na sua obra. São freqüentes as organizações de reis e eventos em padrões que seguem números significativos (como 3, 4, 12)¹⁰⁴, as inserções de esquemas de grupos de virtudes (em particular, as quatro cardinais), e até mesmo a existência de alegorias para as artes liberais.

Sobre o patronato e direcionamento de Absalão na Gesta, algumas considerações precisam ser tomadas.

Absalão morreu um bom tempo antes da conclusão da Gesta Danorum, o que deu a seu autor uma certa liberdade de ação – ao menos no que se refere à parte da Gesta referente a Absalão e suas memórias. A data da morte de Absalão é tida como segura, em 1202. Sobre o término da escrita da Gesta, as opiniões seguem um consenso, que teria sido terminada por volta de 1215 - 1219¹⁰⁵; data esta na qual foi construído por Valdemar o forte de Tallinn, na Estônia, como referido acima. O prefácio de Saxo, última parte da obra a ser escrita, refere-se à campanha de Valdemar no Elba, mas não à na Estônia, e é apontado como o maior argumento para a datação¹⁰⁶. A citação de eventos no prefácio não descritos no corpo do texto

¹⁰⁴ Uma das obras mais recentes (datando de 1999 mas com idéias rerepresentadas e republicadas em simpósios mais próximos, como 2004) é a de Sigurd KVÆRNDURUP, que defende a existência de 12 princípios na Gesta Danorum, baseados na obra de Valério Máximo. Entretanto, tal modalidade de estudos foi iniciada principalmente por Kurt JOHANNESSON e, em menor grau, Inge SKOVGAARD-PEDERSEN.

¹⁰⁵ CHRISTIANSEN, 1997: 110.

¹⁰⁶ A argumentação apresenta alguns problemas e pode ser usada para diferentes propósitos. Para CHRISTIANSEN (1997, pp.110s.), após a expedição de 1206 de Valdemar à Estônia, “(...)Saxo, que ainda escrevia sua Gesta nesta época, foi avivando sua narrativa com fábulas de como os ancestrais do rei tinham populado a Rússia e conquistado o Daugava, os Estonianos e os fineses”. Mas o mesmo Christiansen assume a data limite de 1215.

indicam sua posterior escrita, e aponta-se também (em particular Paul Hermann, numa linha de raciocínio talvez muito coerente na modernidade e contemporaneamente, mas não necessariamente em 1220) que trataria-se também uma questão lógica de escrita, o escrever um prefácio apenas após o final da obra.

O período de escrita fora da tutela de Absalão tomou rumos aparentemente inesperados: Saxo escreveria por último os primeiros livros da Gesta; recuaria no tempo e narrativa ao passado mítico danês, ao invés de continuar sua narrativa como cronista de Valdemar II.

Mas a temática da vida de Absalão não abandonaria a obra, ainda que não tenhamos como medir o quanto da influência do arcebispo Anders encontra-se ali. Entretanto, o número de fontes empregadas e reelaboradas é muito maior, e as dificuldades e desafios na escrita e organização apresentariam também necessidades de certa forma diversas. O arcebispo Anders, que passara de 1206 a 1207 em Riga após a primeira campanha de Valdemar II na Livônia, estaria apto a fornecer uma grande quantidade de informações acerca da região. Voltaria para a Livônia em 1219, e é plausível pressupor que se houve um direcionamento de sua parte na obra de Saxo, este daria-se no campo onde ele possuísse mais experiência e a política externa de sua época demonstrasse mais atividade. E é justamente nos primeiros livros da Gesta que Saxo detém-se mais acerca do Báltico Oriental, fornecendo informações indisponíveis em outras fontes e, algumas vezes, sendo o primeiro narrador a citar certas populações.

Ainda nestes primeiros livros Saxo emprega o latim mais complexo, a maior parte de referência aos clássicos e uma complexa elaboração de mitos, lendas e contos do norte, e o maior número de versos, muitas vezes de origem escandinava (principalmente islandesa) mas reelaborados em métricas clássicas. Nos livros oitavo e nono uma queda no estilo, apontado como inferior, é dada como indicativo de que Saxo já estaria muito idoso, e teria perdido muito de sua energia anterior¹⁰⁷. O argumento coaduna-se bem com as explicações apontadas para datação das outras partes da obra, mas precisa ser encarado com cuidado, sendo subjetivo e discutível.

¹⁰⁷ ELLIS-DAVIDSON, 2006: 11. Mas o argumento é de Paul Herrmann.

Acerca da existência de um plano de obra, existem algumas hipóteses. Skovgaard-Pedersen¹⁰⁸ sugere que Saxo teria planejado a Gesta em quatro partes: do livro I-IV, o mundo antes do nascimento de Cristo; de V-VIII, o período anterior à conversão; de IX-XII, o crescimento na nova igreja, e de XIII-XVI, o estabelecimento dos arcebispados.

Kurt Johannesson¹⁰⁹ vai mais longe, sugerindo que cada livro traria a primazia de uma das virtudes cardinais, e que cada uma das partes (ele endossa a divisão de Inge Skoovgard-Pedersen) seguiria um plano idealizado; Saxo teria sido um neo-platonista, e no final de sua análise, sua obra poderia ser considerada um modelo de virtudes e ações, não apenas para o monarca, não consistindo exatamente um espelho de príncipes, mas quase que um precursor (o primeiro espelho de príncipes escandinavo seria um pouco posterior, escrito na Noruega – vide seção anterior). Tal influência neo-platônica estaria evidenciada na análise de diversos esquemas encontrados pela Gesta, e pela possível formação de Saxo Grammaticus, sobre a qual nos deteremos um pouco mais adiante. É também característica que poderia explicar a originalidade de Saxo no modo como conta suas histórias, num período onde o Aristotelismo ganhava território muito rapidamente.

É necessário levar tais idéias com ressalvas, tanto pela impossibilidade de separações filosóficas tão nítidas quanto por incorrer no risco de deixar de lado evidências de método aristotélico em Saxo (por exemplo, seu uso freqüente de conceitos como *natureza*, *potência*, *ânimo*), e pelas próprias características ressaltadas pelo próprio Johannesson acerca dos métodos de composição, que podem ser consideradas de outras maneiras.

De qualquer forma, a influência de Johannesson foi muito grande na reavaliação de Saxo, e levou grande número de historiadores a analisá-lo de formas diversas. Portanto, apesar da estranheza inicial que seus argumentos apresentem, e a dificuldade de encontrar todos seus esquemas e colocações filosóficas na obra de Saxo, a base de sua argumentação é fundamentada, e ao menos questões como a estrutura dos valores, a enunciação prévia dos temas e a metodologia são questões

¹⁰⁸ apud SKOVGAARD-PEDERSEN, 1975 In: ELLIS-DAVIDSON, 2006: 06.

¹⁰⁹ JOHANNESSEN, 121.

que podem ser lidas em Saxo sem tentativas de acomodação do autor à uma idéia externa à fonte.

Mais recentemente Sigurd Kværndrup publicaria “Tolv principper hos Saxo” (“Doze princípios em Saxo”, de 1999), no qual ele defende a existência de uma organização na *Gesta Danorum* similar à “feitos e ditos memoráveis”, de Valério Máximo, e argumenta a existência de 12 *principatus* nos livros da *Gesta*. A *principatus*, Kværndrup dá a significação de princípio, domínio ou reino simbólico. Sua idéia é fundamentada na argumentação de Robert Combès (1995) referente à Valério Máximo e a organização do material em “reinos metonímicos”, cada livro consistindo “um domaine”¹¹⁰. O argumento de Kværndrup é de certa forma independente de Johannesson, mas sua metodologia, linhas de pesquisa e fundamentos são similares. Algumas das conclusões, entretanto, entrechocam-se; na acomodação das virtudes cardinais aos quatro primeiros livros de acordo com Valério Máximo, por exemplo, Kværndrup difere da organização proposta por Johannesson.

Analisaremos a questão detalhadamente mais adiante, mas por hora fica evidente que ao mesmo tempo que o estudo dos sistemas e esquemas herméticos em Saxo abre perspectivas promissoras, o risco da acomodação da fonte à teoria faz-se sempre presente.

¹¹⁰ KVÆRNDRUP, Sigurd. *The composition of the Gesta Danorum and the place of geographic relations in its worldview*. In: NYBERG, Tore (ed.) *Saxo and the Baltic Region: A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.p.28s.

3. CONCEPÇÕES POLÍTICAS

A suposta diferença de direcionamento na composição da Gesta e o estudo de suas partes isoladas interfere na interpretação dos alvos e concepções políticas de Saxo por diversos autores, cujas posições apresentaremos resumidamente a seguir.

Georges Dumézil, que centraliza seu estudo nos livros “míticos”, julga encontrar ali uma defesa e glorificação de Valdemar e, conseqüentemente, da monarquia¹¹¹. Sua base de argumento fundamenta-se no mesmo já tão citado aqui *praefatio* das Gesta, em particular a seguinte passagem:

0.1.6 “[1] Te ergo, salutaris princeps ac parens noster, cuius illustrissimam a priscis temporibus prosapiam dicturus sum, clarissima lux patriae, Waldemare, dubium laboris huius progressum favore prosecui rogo: quia propositi pondere constrictus vereor, ne magis imperitiae meae habitum ingenique debilitatem patefaciam quam tuam, sicut par est, originem repraesentem. [2] Siquidem praeter paternae hereditatis amplitudinem conspicua regni incrementa finitimorum oppressione sortitus Albiaeque reciprocos fluctus propagatae dominationis labore complexus, haud mediocre claritatis momentum celeberrimis laudis tuae titulis adiecisti¹¹²”.

Seu argumento encontra relativo apoio à medida em que procura nos feitos dos reis descritos e narrados no decorrer da Gesta, refletindo a glória da dinastia de Valdemar II¹¹³. Mas esbarra na falta da narrativa da vida deste mesmo Valdemar no

¹¹¹ DUMÉZIL, Georges. *Gram.* In: *Do mito ao Romance: A Saga de Hadingus*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [Paris, 1970]. Pp. 185ss.

¹¹² “Então, meu gracioso senhor e pai de todos, brilhante luz de nossa nação, Valdemar, cuja ilustre descendência dos tempos antigos descreverei, rogo-te que olhe agradavelmente para o cumprimento ondulante desta tarefa, pois temo que possa ser embaraçado pelo peso de meu assunto e, longe de descrever propriamente sua linhagem, eu venha apenas a revelar minha falta de aptidão e medíocres talentos. Pois alargando consideravelmente o reino herdado de seu pai através da subjugação de nossos vizinhos, e por abarcar o labor da extensiva conquista do fluxo e refluxo das águas do Elba, adicionaste elemento de glória não medíocre ao registro de sua fama”.

¹¹³ E na crítica genética baseada no fragmento de Angers, em principal de Paul Hermann. O fragmento de Angers é uma pequena porção do Livro I da Gesta, que termina antes da narrativa de Hadingus, e fala dos seus antepassados, os Skjoldungar. Supostamente foi escrito pelo próprio Saxo ou algum escriba a seu serviço, possuindo sugestões de correções feitas às margens; o argumento

final da Gesta e à primazia dada à Absalão, referido um pouco antes na mesma passagem como aquele à quem ele teria seguido as orientações na composição da Gesta. Na verdade, a própria ausência de referências à Valdemar II na Gesta, bem como a morte de seu antigo patrono, Absalão, são justificativas fortes por si mesmas acerca da necessidade de Saxo de, ao menos, endereçar suas homenagens à seu rei contemporâneo no prefácio de sua obra. É notório que Dumézil não amplie suas análises aos livros X-XVI, excluindo assim a parte que fornece boa parte da temática dos nove primeiros.

Peter Sawyer¹¹⁴, num ponto de vista mais hierocrático¹¹⁵ fundamentado principalmente no contexto eclesiástico e nos livros “históricos” da Gesta, encontra evidências fortes acerca da defesa da parte de Saxo da autoridade clerical sobre os governantes. Argumenta que Absalão, e não Valdemar I, é apontado como “*pater patriae*” (ainda que Valdemar II, no prefácio, seja citado como “pai-de-todos”); enquanto em quase toda a Gesta a divisão dos livros seja determinada pelos reinados dos reis, no livro XIV termina com a eleição de Absalão como arcebispo, e não com a morte de Valdemar I. Absalão é figura central a partir do livro XIV (o maior da Gesta), continuando a ter a proeminência até o livro XVI (quando ela termina). Em principal nesta parte da Gesta Danorum é apontada com clareza a necessidade de que os reis sigam sob a orientação dos homens da igreja.

A defesa de tais posições, entretanto, poderia ser considerada por muitos impossível nos livros iniciais da Gesta, onde nos eventos narrados não haveria ainda o estabelecimento da Cristandade em território dinamarquês. Saxo aponta o nascimento de Cristo no livro V da Gesta, mas permanece a narrar até o livro XI sem se referir à igreja, ainda que sempre deixando claras suas concepções morais e de valores (por exemplo, quando refere-se à ignorância dos homens da antigüidade, “enganados por feiticeiros que faziam-se deuses”, ou na ordem das virtudes anunciadas por Johannesson. Valores que muitas vezes demonstram seu

de Dumézil neste sentido refere-se ao direcionamento que tais correções dariam a glorificação da dinastia dos Valdemares.

¹¹⁴ SAWYER et alii, 225.

¹¹⁵ Posicionamento que confere à primazia ao *sacerdocium*, em detrimento do *imperium*; ou seja, do religioso sobre o secular. É a posição defendida pela reforma gregoriana, e que ganharia sua maior força no século XIII. SOUZA, José Antônio de. *As Raízes da Hierocracia no “de institutione regia” de Jonas de Orleans*. In: *O Reino e o Sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média*. _____ (org.) Porto Alegre: PUCRS, 1995. Pp.151ss.

Cristianismo, como a ênfase em certas características dos reis e heróis descritos, mas que dificilmente podem ser usados como argumentos acerca de concepções hierocráticas ou teocráticas em leituras mais literais. Mais adiante, nas análises da fonte, estudaremos outras formas narrativas de Saxo que sugerem concepções de primazia eclesiástica nos primeiros livros, e os enquadram de forma mais orgânica com o restante da obra.

Eric Christiansen, que focaliza os livros propriamente “históricos” – dos quais é tradutor da única versão inglesa publicada -, em particular as campanhas militares contra os wendi, já afirma o seguinte:

“He was interested in the spiritual regeneration of the heathen Slavs, but much more interested in the political regeneration of Denmark, and he seems to have believed that both aims were equally acceptable to God. He was writing at a time when Denmark was a powerful and prosperous kingdom, and his concern was to give a past as glorious as the present”¹¹⁶.

Tal posicionamento sugere, acima da figura do arcebispo ou do rei, a glorificação da Dinamarca, propósito debaixo do qual o valor de ambos os personagens seria medido. É um propósito apontado por Saxo no *praefatio*, e que pode ser seguido por toda a obra, sejam nos livros escritos sob a tutela de Absalão ou nos posteriores a sua morte. A glória de Valdemar II descrita no prefacium é à ele reputada, anteriormente a seu valor pessoal, pela expansão que promoveu à Dinamarca: “[3] Ita antecessorum famam atque opinionem operum magnitudine supergressus, ne Romani quidem imperii partes armis intentatas liquisti”¹¹⁷.

De mesmo significado, é a primeira sentença da *Gesta Danorum*, desta vez dirigida à Absalão:

(0.1.1) “[1] Cum ceterae nationes rerum suarum titulis gloriari voluptatemque ex maiorum recordatione percipere soleant, Danorum maximus pontifex Absalon patriam nostram, cuius illustrandae maxima semper cupiditate flagrabat, eo claritatis et monumenti genere fraudari non passus, mihi, comitum suorum

¹¹⁶ CHRISTIANSEN, 1997: 63s.

¹¹⁷ “Assim, pela escala de teus feitos sobrepujastes a reputação de seus antecessores às expensas da condução de guerra armada mesmo em partes do Sacro Império Romano”(praefatio, p.06).

extremo, ceteris operam abnudentibus, res Danicas in historiam
conferendi negotium intorsit inopemque sensum maius viribus
opus ingredi crebrae exhortationis imperio compulit.¹¹⁸

Acima de Absalão ou os Valdemares Saxo exaltaria, portanto, a Dinamarca, a sua “terra natal”(*patria*). Tal propósito político seria encontrado tanto na parte histórica, de cunho claramente hierocrático e escrita sob tutela de Absalão, quanto na parte mítica, a qual adicionou em seu prefácio o louvor ao seu governante. A aparente mudança de direcionamento das homenagens não afetaria seu propósito inicial; o valor da personalidade é avaliado à medida em que contribui à maior glória da Dinamarca, e tal circunstância coaduna-se bem com o processo de fortalecimento dos reinos em detrimento do Sacro Império Romano-Germânico na esfera do poder secular.

Colocada deste modo, porém, não fica de toda fechada a questão acerca de quais agentes seriam, para Saxo, mais capazes na tutela deste reino danês. Apresentaremos a seguir elementos que fornecem sugestões no sentido de que, mesmo nas narrativas centralizadas nos feitos de reis e heróis da parte mítica da Gesta, ideologias de cunho marcadamente eclesiástico encontram-se em plano de fundo, em adição a defesa evidente de valores. Entre eles, os episódios de Hadingus e Starcatherus, estudados extensamente por Dumézil sob um ponto de vista trifuncional¹¹⁹, e de Ericus Dissertus e do rei Frotho III.

Neste último em particular Saxo emprega notavelmente Paulo Orósio, mas a forma como reconstrói a narrativa transfere particularmente a glória e o mérito da pacificação do reino a Deus, e não ao rei; no reinado de Frotho III ocorreu período de grande paz que, entretanto, “non adeo terreno principatui quam divino ortui famulatam fuisse (5.15.3[2])”¹²⁰.

¹¹⁸ “Pela razão que outras nações possuem o costume de ostentar a fama de seus feitos, e rejubilam-se em recordar seus ancestrais, Absalão, arcebispo da Dinamarca, foi sempre consumido por zelo apaixonado de glorificar nossa terra natal. Ele não poderia permitir esta situação sem algum nobre documento deste tipo e, desde que todos os outros recusaram a tarefa, o labor de compilar uma história dos daneses foi lançado sobre mim, o último de seus seguidores(...)”.

¹¹⁹ As conclusões e construções de Georges Dumézil vem sendo cada vez mais solapadas, e não apenas em quesitos de concepções políticas, mas no próprio campo de religiosidade e mitologia germânico-escandinavas. BOULHOSA, Patrícia Pires. *A *mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade*. Brathair 6(2), 2006:3-31.

¹²⁰ “(...)atendeu antes ao divino nascimento que a um príncipe terrestre”.

Em adição à isto, note-se a inexistência de qualquer concepção teocrática¹²¹; Valdemar I jamais é apontado como eleito ou ungido de Deus, nem o é nenhum de seus antecessores. A extensa narrativa acerca dos reis, portanto, não liga-se defesa alguma da teocracia, e os episódios nos quais há referência ao poder e à cristandade, ou à “religião”, como Saxo mais comumente afirma, encontram-se em citações referentes à bispos, em particular Absalão.

Por fim, a ordem dos louvores e agradecimentos no *praefatio* começa pelos bispos: Saxo honra a Absalão; em seguida, a Anders, seu sucessor; fala sobre suas fontes, as tradições orais e histórias lidas e ouvidas de seu povo, e os escritos da Antigüidade, e só então honra a Valdemar e Knut, entremeados já pela descrição das terras nas quais inserirá sua narrativa, quase que eclipsados. Os agentes mais apropriados para a hegemonia e glorificação danesas são, portanto, os homens da igreja, do saber; como veremos a seguir, portadores das virtudes e adequados conselheiros, necessários a condução e tutela do rei.

¹²¹ Idéia segundo a qual o poder régio é recebido diretamente de Deus, desta forma possuindo primazia sobre o religioso, em particular da estrutura eclesiástica. Desta forma, os reis poderiam determinar e nomear pessoas para cargos eclesiásticos, e interferir diretamente na ação da Igreja. SOUZA, José Antônio de. *A teocracia Imperial no fim da alta Idade Média*. In: *O Reino e o Sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média*. _____ (org.) Porto Alegre: PUCRS, 1995. pp.211ss.

4. VIRTUDES E VALORES EM SAXO GRAMMATICUS: AS QUATRO VIRTUDES CARDINAIS

Conforme discutido anteriormente, a obra de Kurt Johannesson inaugurou interpretações e abordagens diferentes para a obra de Saxo Grammaticus. O interesse e estudo exclusivamente de temáticas ligadas à mitologia germânica foi em parte revisto e ampliado, e novos questionamentos e proposições acerca dos métodos de composição de Saxo foram colocados.

Por certo que a temática germânica e escandinava na obra de Saxo de forma alguma desapareceu; tampouco o interesse por elas. Entretanto, a adição do conhecimento mais amplo ligado à medievalística e mesmo estudos clássicos possibilitou compreensões diversas sobre as motivações de Saxo Grammaticus, de certa forma “reabilitando-o” como fonte, e possibilitando estudos não apenas negativistas acerca dos empregos, adaptações e resgates que Saxo efetuou da tradição escandinava antiga.

Um quesito relevante na questão é o estudo dos valores encontrados em Saxo Grammaticus. De forma geral a *Gesta Danorum* enquadra-se numa forma épica de composição, e a presença de valores guerreiros é tida como óbvia, assim como o interesse em heróis, feitos memoráveis e conquistas militares e de oratória – temática conhecida na tradição escandinava e muito presente no material oriundo da Islândia, em particular nas diversas formas de sagas. Um estudo mais detalhado dos valores que Saxo defende demonstra, entretanto, questões de certa forma diversas.

O problema da defesa de valores está ligado de forma intrínseca ao estilo e à construção de esquemas e arranjos composicionais - por vezes herméticos - em Saxo. À narrativa dos reis e da “historia” dinamarquesa Saxo incorporou diversos padrões e construções elaboradas de esquemas de valores, nem sempre completamente coerentes, mas nitidamente intencionais. Ele não faz sua narrativa da mesma forma que seus contemporâneos da Islândia; ao ser comissionado para construir sua forma narrativa em latim, os métodos que emprega são, primariamente, derivados do estudo e da formação que ele teve na cultura latina. Ao escrever

poemas, Saxo não meramente traduz ou “distorce” poemas escáldicos escandinavos; ele os compõe em complexas e elaboradas métricas clássicas, e procura imitar ao máximo autores da Antiguidade e Antigüidade Tardia¹²². Demonstra seu interesse e consciência na “estética” da composição ao buscar uma *ordo artificialis* bastante coerente com a poética do século XII; e define um método que aplica quase que sem exceções; como bem sintetiza JOHANNESSON, citando FARAL¹²³: “The author might start with a proverb, a sententia or an example to indicate a general theme of the text but also to prepare the audience for the central, decisive part of the story”¹²⁴. A narrativa e os feitos dos heróis, por si só, parecem não ser o móvel principal das tramas; antes, as mensagens que Saxo procura passar, e mesmo a forma, assumem papel tão significativo quanto o próprio enredo, modificado constantemente.

Um esquema que reveste-se de importância na *Gesta Danorum* e ligado intimamente à esfera de valores é o agrupamento das quatro virtudes cardinais, idéia apontada em Saxo pela primeira vez (ao nosso conhecimento) por Kurt Johannesson, e mais recentemente por Sigurd Kværndrup, e que procuraremos por à prova.

Em seu “Saxo Grammaticus, Komposition och värdsbild i *Gesta Danorum*”, de 1978, Johannesson demonstra haver em Saxo um papel significativo do esquema das quatro virtudes cardinais, em adição à outras inserções alegóricas demonstrando, por exemplo, as artes liberais. Os quatro primeiros livros apresentariam uma por vez, as virtudes. Primeiramente, entraria em cena a *fortitudo*, à qual se juntaria, no II, a *iustitia*, no III *prudentia*, e no IV, *temperantia*. Nos livros posteriores, as virtudes consistiriam em parâmetro de medida, justificativa ou explicação de erro nas diversas temáticas e enredos abordados, aparecendo em conjunto, ou algumas específicas em primazia.

¹²² Este vínculo de Saxo às formas e estruturas latinas é senso comum entre os estudiosos dedicados principalmente à obra de Saxo Grammaticus, em particular na Dinamarca, mas é por vezes muito freqüentes ignorado em estudos mais amplos ou centralizados em vikings, por exemplo.

¹²³ JOHANNESSON, 96.

¹²⁴ Tal discussão levanta a questão da caracterização genérica feita não apenas por Johannesson, mas também Kvaerndrup, Ellis-Davidson e outros, de Saxo Grammaticus enquanto puro “neo-platonista”, já que incorpora elementos nítidos da retórica aristotélica.

Quanto à Kværndrup, publicou “Tolv principper hos Saxo” (“Doze princípios em Saxo”) em 1999, aonde ele enfoca novamente a questão da existência das virtudes cardinais em Saxo, ainda que propondo a questão numa estrutura comparada à obra de Valério Máximo, “Ditos e feitos memoráveis”. Para Kværndrup, haveria a existência de 12 *principati* na obra de Saxo. Seu argumento fundamenta-se em Robert Combès, tradutor e comentador de Valério Máximo, e por “principatus” ele compreende um princípio, um domínio ou reino simbólico, um reino metonímico. Os quatro primeiros livros de Valério Máximo apresentariam as virtudes cardinais; o primeiro, *sapientia*, II a *iustitia*, III *fortitudo* e, no IV, *modestia*.

As discordâncias entre os dois mostram algumas das dificuldades no estudo de padrões e sistemas herméticos, e ao risco de subjetivismo. Ainda assim, as duas interpretações não são necessariamente excludentes. Os livros de Valério Máximo podem ter sido o modelo para Saxo, mas isto não significa que ele obrigatoriamente teria a necessidade de apresentar as virtudes na mesma ordem. Note-se também uma certa variação nas próprias virtudes; Saxo, ainda que possa ter adotado os exemplos e padrões conhecidos, adapta tais padrões na confecção de alguns conceitos próprios, os quais aplica de maneira original. E a ênfase de Kværndrup não consiste nas virtudes em si, nem em sua ordem; antes, ele elenca os temas tratados nos livros, e encontra similaridades e as mesmas temáticas de Valério em Saxo.

Antes de iniciarmos uma análise destas virtudes na própria fonte, é necessário defini-las. O conceito das virtudes cardinais, ainda que associado diretamente à tradição cristã, foi originário de autores gregos e romanos não-cristãos da Antigüidade, sendo adaptado e empregado pela Cristandade na Antigüidade Tardia e Medieval. Suas primeiras formulações vieram com Platão, em Protágoras e, principalmente, na República, mas foi transformado, usado e adaptado por diversos autores pagãos e cristãos, incluindo Marciano Capella, Santo Ambrósio, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

No conceito mais geral, as quatro virtudes cardinais tratariam-se da *sapientia* ou *prudentia* (bom senso, moderação, prudência), *temperantia* (moderação, medida, proporção; sobriedade, temperança, comedimento), *fortitudo* (força ou coragem, também significando *força de alma*, bravura, firmeza, decisão, ardor, intrepidez,

energia) e a *iustitia* (justiça). Na formulação inicial de Platão incluiria também a piedade, mas as formulações mais difundidas seriam as adaptações latinas.

Os termos empregados por Platão foram δικαιοσύνη (*dikaíosüne* - justiça), σωφροσύνη (*sophrosüne* - sensatez, juízo), ανδρεία (*andreia* - coragem, força, “hombridade”), φρόνησις (*phrónesis* - compreensão, inteligência) ou σοφία (*sophia* - sabedoria, conhecimento). Refletem uma tradição filosófica socrática, em particular a partição quaternária, e foram traduzidas e adaptadas em formas diversas. Mesmo as formas gregas foram empregadas multiplamente. É preciso levar-se em conta que, conquanto o conceito seja inicialmente grego, seu maior uso foi feito por autores latinos e, posteriormente, cristãos, o que implica uma parcela considerável de readaptações. O apócrifo de Macabeus na septuaginta, por exemplo, traz ao invés de “sophia”, “eusebeia”, que implica mais num conceito de piedade e reverência do que sabedoria ou conhecimento.

Cardinal vem do latim “cardo”, significando limites, extremidades, os pólos, os pontos cardeais. Seriam, portanto, os pontos de referência à qualquer vida virtuosa. Platão identificava-as com os tipos de seres da cidade descritos na República, e com as faculdades do homem. *Temperantia* era associada com as classes produtoras, os fazendeiros e artesãos, e com os apetites animais; *fortitudo* com os guerreiros e o elemento espiritual do homem; *sapientia* com os governantes e com a razão. A *iustitia* ficaria fora do sistema de classes e divisões dos homens, governando a própria relação entre eles¹²⁵. A reelaboração possivelmente de maior influência do conceito encontra-se em Marciano Capella, em “De nuptiis Philologiae et Mercurii”, onde Capella narra alegoricamente o casamento entre Filologia e o deus Mercúrio. Ele apresenta-as com quatro matronas que compareceram ao casamento, e chama-as *Prudentia*, *Iustitia*, *Temperantia* e *Fortitudo*:

“ (Nc11920)(...) Ecce conueniunt in penates et in-thalamum uirginis quedam matrone sobrio decore laudabiles. Non uultose i pulchre circa faciem conquisitis figmentis rerum. Simplici quadam comitate prenitentes. Quarum una dicebatur prudentia uocitari. Intenta circumspectione cautissima. Et omnia discriminans vigili rerum distinctione. Huius germana ferebatur sortita uocabulum iustitie.

¹²⁵ PLATÃO. *A República*. Tradução, Introdução e Notas; 10.ed.: PEREIRA, Maria Helena da rocha. Calouste Gulbekian, 2007 [1972?]. Livro IV.

Sua cunctis attribuens nullumque eo quo non merebatur afficiens. Uerum tertia nomen acceperat ex morum temperantia contemptis muneribus atque abstinencia predicanda. Que supererat fortissima ac tolerandis omnibus aduersis infracta subeundis etiam laboribus robore etiam corporis preparata uirium vocabulum possidebat. (Nc12016)¹²⁶.

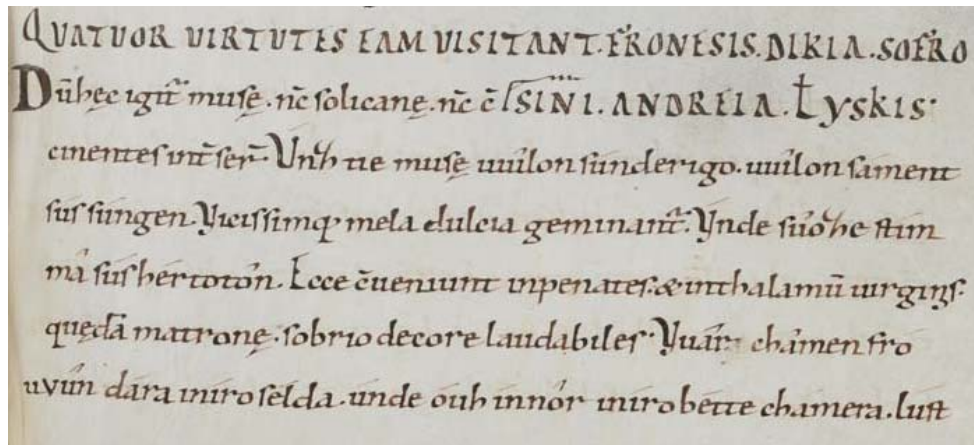


Figura 08: QVATOR VIRTUTES EAM VISITANT. FRONESIS. DIKIA. SOFROSINI. ANDREIA vel YSKIS
Início do trecho referente as virtudes cardinais em Marciano Capella.
Codex Sangallensis 872. St. Gallen, Stiftsbibliothek, Suíça.

Agostinho, em carta a Macedônio, cita-as de forma diversa: Quamquam et in hac uita uirtus no est nisi diligere, quod diligendum est; id eligere prudentia est, nullis inde auerti molestiis fortitudo est, nullis inlecebris temperantia esta, nulla superbia iustitia est¹²⁷. Fará conexão semelhante com o conceito de amor ao discutir a moral da igreja em contraste à moral dos maniqueístas¹²⁸.

Conquanto que S. Thomás de Aquino tenha escrito suas próprias reformulações no século XIII acerca das quatro virtudes cardinais, num ponto de vista mais vinculado à escolástica-aristotélica, o ponto de vista Agostiniano e neo-platônico na concepção das virtudes cardinais foi mais duradouro e abrangente.

¹²⁶ "(...) Eis que vieram algumas matronas vestidas com louvável sobriedade, suas faces belas sem artifício, mas adornadas com o charme da simplicidade. Uma delas dizia-se chamar Prudentia. Era atenta, com extrema circunspeção. E a tudo examinava, distinguindo as coisas diligentemente. Sua irmã carregava, por desígnio do destino, o nome de Lustitia. Dava a cada um o seu, e a ninguém afligia sem que merecesse. Quanto a terceira, recebera o nome pelo seus hábitos de temperança e comedimento com as dádivas; era recomendada por sua abstinência. A última era muito brava e sempre firme a carregar todas durezas, sempre pronta a, com firmeza de corpo, levar a cabo todos os labores; recebeu seu nome devido a sua força".

¹²⁷ Carta 155, IV 13. "Verdade é que também nesta vida a virtude não é outra coisa que amar aquilo que se deve amar. Elegê-lo é *prudentia*; não separar-se dele apesar das moléstias é *fortitudo*; apesar dos incentivos, é *temperantia*; apesar da soberba, é *iustitia*".

¹²⁸ AUGUSTINE, *The Catholic and Manichean ways of life: De moribus Ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum*. Washington: Catholic University of America Press, 1966. pp.22s.

Estas virtudes cardinais não são as mesmas que as três virtudes teológicas, nem as sete capitais. As teológicas - fé, esperança e amor/caridade - foram baseadas na I epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 13¹²⁹. Quanto às capitais (vindo de *caput*, “cabeça”), geralmente contrapostas aos mais conhecidos pecados capitais, consistiam em humildade, liberalidade, amor fraternal, mansidão, castidade, temperança e diligência; foram popularizadas por Prudêncio, ao traduzir Ésquilo¹³⁰ em sua *Psicomachia*, onde narrou alegoricamente a disputa entre heróis e inimigos (alegorias das virtudes e dos pecados) disputando Tebas (alegoria da alma). Alguns dos conceitos e sinônimos misturam-se com as virtudes cardinais, e compartilham de uma mesma tradição neo-platônica, mas tratam-se de esquematizações distintas. Agostinho considera as virtudes cardinais e teológicas complementares e necessárias ao culto perfeito, mas deixa clara a diferenciação entre elas:

[635](...)Nam etiam illis uirtutibus quattuor, quas memorabili pridem industria philosophi quoque indagare potuerunt, id est prudentiae, fortitudini, temperantiae atque iustitiae si ad perfectum religionis cultum tria haec uingentes addamus, id est fidem, spem et caritatem, septenarium profecto numerum inuenimus. Recte enim haec tria non omittuntur, sine [636] quibus nec deum colere nec ei quemquam nouimus posse placere¹³¹.

Aparentemente, Saxo adota os conceitos de Marciano Capella, incluindo a terminologia, ainda que por vezes empregue significados próprios. Seus usos de “fortitudo” e “temperantia” encontram-se freqüentemente associados¹³². São as virtudes que aparecem com maior freqüência, e tratam-se das mais apropriadas à imagem que ele passa do guerreiro. O guerreiro provido apenas delas, entretanto, acaba caindo; a maior freqüência com que Saxo cita-as não significa que tratem-se das mais importantes, e o desenrolar de suas narrativas vai demonstrar que o

¹²⁹ “Agora permanecem estes três: a fé a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor”. I Co.13:13.

¹³⁰ ÉSKUÍLO. *Os sete contra Tebas*. Tradução e prefácio: SCHÜLER, Donaldo. Porto Alegre: L&PM.

¹³¹ *Carta 171A,2*. “São quatro as virtudes que também os filósofos puderam indagar com memorável habilidade, a saber: *prudentia*, *iustitia*, *fortitudo* e *temperantia*. Agora, se, para atingirmos um culto religioso perfeito, as unirmos com outras três, a saber: fé, esperança e amor - chegaremos ao número sete. E não pode-se omitir as três últimas virtudes, pois sabemos que sem elas não se pode servir a Deus, nem agradá-lo”.

¹³² Estão associadas também no comentário a Marciano de Johannis Scotti “Eriugena”, do século IX, mas com outra acepção: “*Temperantia* esta ab omnibus quae fugienda sunt abstinere. *Fortitudo* esta quae superat omnia quae fugienda”. (IOHANNIS SCOTTI. *Annotationes in Marcianum*. 57,6).

guerreiro precisa de alguém dotado de *Prudentia* (ou *Sapientia*, como Agostinho e Saxo empregam algumas vezes) e *Iustitia* a fim de aconselhá-lo; não por acaso, tal virtude é identificada, já desde Cícero, com os anciãos e, posteriormente, com os homens da igreja – os quais Saxo obviamente representa.

Uma contagem da frequência de aparição dos termos nos leva à seguinte proporção:

	1. fortitudo	2. iustitia	avaritia	liberalitas	3. prudentia	sapientia	4. temperantia	continentia	constantia
Praefatio	2			2		1		2	
I	5		1	1		3	1	1	1
II	2	1	10	3		1	3		1
III	4	1	2	3	9	8	5		1
IV	7	3		1	1	5	5	1	1
V	5	4	2	1	7	6	8	1	2
VI	10		2	9	1		9	8	3
VII	6				1		4	4	2
VIII	4	1	2	5	4		15	4	2
IX	7	1		1	2		3	4	
X	10	2	1	5	9		3	1	5
XI	5	6	2	3	2		8	3	3
XII	7	1	1	1	4		7	1	2
XIII	6	3	2	1	2		5	2	
XIV	30	15	6	8	10	17	16	12	20
XV						1	5		6
XVI	1					1	7	4	3

Tabela 01: frequência da terminologia para as virtudes cardinais em Saxo Grammaticus. Do autor¹³³.

Uma análise desta terminologia, não pode ser feita sozinha, sem a temática e os motivos narrativos. Como partida inicial, entretanto, nota-se alguns padrões consistentes com as temáticas. A presença de *fortitudo* é uma constante em todos os livros; a contagem de seus sinônimos apresenta números ainda maiores, e ela apresenta uma frequência elevada em volta do livro V, no livro X e XIV. A *iustitia* entra em cena apenas no livro II, e o aparecimento do vocábulo na obra inteira é esparso a não ser no livro XIV. Entretanto a frequência de *avaritas* e *liberalitas*, que representariam segundo Johannesson¹³⁴ uma interpretação própria do medievo acerca da *iustitia*, e que concordam com a definição de Capella acerca do “dar a cada um o que recebe” e “não dá a ninguém o que não mereça”, é maior no livro II, com outros picos nos livros VI e XIV.

A *prudentia* aparece apenas no livro III e possui novamente picos nos livros V e XIV; *sapientia*, que Saxo usa com grande frequência, aparece com frequência nos

¹³³ Temperantia: abstinência é pouco relevante, aparece uma ou duas vezes só por livro.

¹³⁴ JOHANNESON, 90.

livros III, V, X e XIV. Quanto à *temperantia*, ou sua variação *constantia*, aparecem em todos livros com frequência, com destaque para por volta dos livros V, VIII e XIV.

Nos livros iniciais, as virtudes entram em cena paulatinamente, e Saxo desenvolve-as de acordo com a evolução que ele apresenta na história dinamarquesa. Os livros V, X e XIV consistem em partes importantes na obra; são, respectivamente, os que contém (segundo Saxo) o nascimento de Cristo e um período de paz no mundo inteiro (V), a conversão da Dinamarca para o Cristianismo e a vida de Knut, o grande (X) e a narrativa de Absalão e sua chegada ao arcebispado (XIV). São pontos focais da obra; o período entre os livros VI e VIII contém as narrativas sobre o herói Starcatherus, que resume a grande maioria das temáticas encontradas na *Gesta Danorum* (que será estudado separadamente mais adiante). Estes livros também os heróis “completos” da *Gesta*, portadores de todas as virtudes, como Ericus Dissertus, Starcatherus e o arcebispo Absalão.

Saxo apresenta a temática das virtudes inicialmente por partes, e a seguir, com exemplos positivos e negativos de personagens. Analisemos as virtudes em separado.

4.1 FORTITUDO

Como dito anteriormente, *fortitudo* é a virtude de maior frequência em toda a *Gesta Danorum*. Apresenta-se em Saxo frequentemente em conjunto com a *temperantia*, e refere-se tanto à força física (em conjunto ou alternadamente com *animi*, *robur*, *vigor*) como moral e espiritual, também encontrando-se associada às idéias de firmeza, coragem e virilidade. Por vezes, Saxo emprega o termo “fortitudo” como sinônimo de virtude (*virtute*), e a diferenciação se Saxo está falando da virtude *fortitudo* propriamente dita ou de uma outra virtude só pode ser feita nos contextos. Este uso alternado dos termos ajuda a explicar a grande frequência da palavra no texto, mas também demonstra um lugar de destaque à *fortitudo*, em particular quando considerada como força moral, não meramente física. Outros sinônimos e

termos freqüentemente usados em alternância são *audacia* e *firmitas*¹³⁵. Segundo Capella, a *fortitudo*, alegórica, era “brava” e “sempre firme a carregar todas durezas”, sempre pronta a, “com firmeza de corpo”, “levar a cabo todos os labores”.

Ela apresenta-se como a base que sustenta o herói, e mesmo as outras virtudes. Também coaduna-se perfeitamente como virtude inicial da obra; os primeiros daneses não possuíam mais que a *fortitudo*; seus primeiros reis foram por meio dela escolhidos, e na atmosfera produzida por Saxo, envolvendo gigantes, bárbaros e piratas do leste, é a virtude de maior necessidade para que o protagonista seja bem-sucedido.

A enunciação do tema é feita no primeiro parágrafo do primeiro livro. Os primeiros reis dos daneses foram Dan e Angul, filhos de Humblus. Foram escolhidos por votação devido à sua reconhecida superioridade em *fortitudo*, “summam ob egregia fortitudinis merita”.

Na escolha dos filhos de Dan (Humblus e Lotherus) como reis, Saxo reforça a idéia de firmeza e força, ao associar o voto na escolha do rei com um local; segundo ele, os votos eram proclamados enquanto permaneciam de pé sobre rochas fixadas no chão, para que a “firmeza do piso fosse augúrio na durabilidade de suas ações”¹³⁶.

O rei seguinte, Skyoldus, é o nome empregado nas dinastias antigas e míticas dinamarquesas à casa fundadora danesa; os “Skjoldungar”¹³⁷. As medidas de seu valor são novamente dadas por *exempla* de *fortitudo*; em sua juventude, derrotou desarmado um grande urso, tal circunstância mostrando-se precursora de sua *fortitudo* no futuro. Também derrotara vários campeões portadores e exemplos de notável *fortitudo* como Attal e Skat¹³⁸. Outras virtudes suas são mostradas (como generosidade), mas brevemente, e as repetições de exemplos deixam claro que o

¹³⁵ Vide BLATT. *Vademecum*, “fortitudo”.

¹³⁶ [1] Lecturi regem veteres affixis humo saxis insistere suffragiaque promere consueverant, subiectionum lapidum firmitate facti constantiam ominatur. (1.2.1; 14). Aqui, a idéia é pelo paralelismo no uso de “firmitatis”.

¹³⁷ Os Skjoldungar foram uma das dinastias de mais renome do passado mítico da Escandinávia e mundo Anglo-Saxão, citados em muitas fontes como descendentes do próprio Óðinn. BYOCK, Jesse. *Introduction*. In: *Hrolfs Kraka Saga*. Tradução: BYOCK, Jesse L. (trad.) *The Saga of King Hrolf Kraki*. Suffolk: Penguin Books, 1998.

¹³⁸ (...)complures spectatae fortitudinis pugiles per idem tempus viritim ab eo superati produntur, e quibus Attalus et Scatus clari illustresque fuere (1.3.1 [5]; 15).

intuito de Saxo é demonstrar que o principal valor de Skyoldus encontrava-se na *fortitudo*.

Ao seu filho Gram o mesmo padrão de medida é empregado; segundo Saxo, ele “espelhava as virtudes de seu pai”¹³⁹. Sua narrativa é mais longa, e inclui a derrota de um gigante e a conquista de uma donzela, em seu início, e conquistas militares diversas quando rei. O termo *fortitudo* em si não é empregado, mas a idéia é clara; Saxo alega que Gram espelhava seu pai, e dá exemplos de ações e narrativas muito mais freqüentes no que toca a Gram do que a Skyoldus, cuja narrativa é breve; o quadro traçado é claro na caracterização de Gram enquanto herói de grande força física. Vence um gigante e ladrões empregando clava (1.4.12 [3]) e Saxo compara-o em virtude, a Hércules: “Herculeae virtutis exemplo”(1.4.2; 16). Também ao narrar Gram, Saxo prepara caminho para outras temáticas posteriores na Gesta. É curioso que, apesar de tão abundante em grandeza, força, coragem e braveza, Gram, no meio da narrativa na qual derrota o gigante e ganha a donzela por ele aprisionada, necessita de um intermediário e ajudante, Bess, para falar por ele.

Os primeiros poemas da Gesta são proferidos não pelo herói Gram, mas por seu ajudante, Bess. E Saxo chega a afirmar não ser possível saber-se com certeza se o grande renome de Gram era devido ao seu heroísmo, ou ao seu companheiro. Tal referência é breve, e aponta para o desenrolar de tema futuro na Gesta, que será tratado em capítulo separado, mas no presente livro, parece indicar da parte de Saxo que a *fortitudo*, ainda que em destaque na narrativa em questão e de grande importância, poderia não ser por si só, suficiente.

O restante do livro I trata de Hadingus, e Saxo exemplifica a *fortitudo* já sobre este ponto de vista diverso. Hadingus passa a sua juventude consumido do desejo de vingar a seu pai, e exercitando-se nas armas e é, novamente, um exemplo claro de guerreiro, e de portador da *fortitudo*. Mas sua narrativa é mais longa, e não tão simples. Não trata-se apenas de uma trajetória de um guerreiro vitorioso. Hadingus sofre derrotas, é aprisionado, e só passa a vitorioso após ser tutelado e aconselhado por um ancião. No restante do livro, Hadingus, o exemplo de *fortitudo*, passa a

¹³⁹ Cuius mirifica indoles ita paternas virtutes redoluit (...) (1.4.1 [3], 16).

exemplificar a insuficiência da força física enfrentando poderes maiores, geralmente envolvendo o campo do oculto e da mágica.

Logo no início de sua narrativa Saxo insere uma discussão de natureza mitológica de diversos objetivos. Haveria no princípio três tipos (*generis*) de seres; feiticeiros (*matemathici*), gigantes (*gigantes*), e uma terceira raça oriunda do cruzamento das duas anteriores, nem tão poderosa nas artes mágicas e agudeza de intelecto como os primeiros, nem tão grande em porte quanto os segundos, mas que enganaram os homens da antigüidade, e passando-se por deuses (1.5.2 – 1.5.6; p.21-22). Na batalha entre os dois gêneros de seres, os feiticeiros foram vitoriosos, ganhando o direito de governo e a reputação de deuses. O exemplo passado aqui por Saxo é claro; a agudeza de intelecto (*mentis ingenio*) dos *matemathici* derrotara a força física e grandeza dos *gigantes* (*magnitudinis, granditate*).

Este tema enunciado é ampliado logo a seguir. Hadingus passa sucessivamente pela tutela de uma gigante, sua ama-de-leite e amante, e posteriormente, de um ancião caolho, um *matemathici*, que apresenta muitas características da divindade escandinava Óðinn; na forma de Saxo, *Othinus*. A primeira é morta pouco tempo após ter conjurado um morto a levantar-se. Quanto ao segundo, concede poções mágicas e diversos artifícios com os quais Hadingus obterá maior sucesso em suas campanhas posteriores.

No decorrer do livro, Hadingus enfrenta opositores comuns, mas também de natureza mágica. Após problemas iniciais na Curlândia, quando passa à tutela do ancião, Hadingus passa a efetuar campanhas de maior sucesso, mas necessitando freqüentemente do uso de artifícios e mágicas; ao mesmo tempo que Saxo salienta sua capacidade como guerreiro e sua força, coragem e audácia (*fortitudo, audacia*), ele demonstra sua incapacidade ao lidar com o sobrenatural por conta própria. Demonstra que a fortitudo *sozinha*, ao menos no que tange ao aspecto físico, frequentemente necessita de complementos. Após matar uma besta marinha, por exemplo, ao narrar e vangloriar-se do feito, recebe uma maldição por sua ignorância (pois matara um ser divino), e passa a atrair tempestades e mau-tempo quando navega, só podendo livrar-se da maldição após oferecer um sacrifício.

Nos livros posteriores, a *fortitudo* continua em destaque. Mas Saxo acresce à ele as outras virtudes tendo demonstrado em seu primeiro livro a necessidade de complementação à ela.

4.2 IVSTITIA, AVARITIA ET LIBERALITAS

O conceito de Marciano Capella para a *Iustitia* (Justiça) é uma matrona que “dava a todos os que mereciam, e a ninguém o que não fosse merecido”. Uma reelaboração frequente no século XIII da idéia vincula-se aos valores correntes envolvendo a cavalaria e a sociedade cortês, e centraliza-se na questão do “dar” e “receber”, desta forma vinculando-se às idéias de *avaritia* e *liberalitas*¹⁴⁰, e misturando se às sete virtudes capitais. Tal interpretação aparentemente é a endossada por Saxo Grammaticus. A idéia inicial de Platão do governo e regulamentação das relações entre os homens não é colocada de lado. No entanto, tal ponto de vista normalmente apresenta-se com o uso do termo “fortuna”. Saxo apresenta *exempla* de *avaritas* e *liberalitas*, e as consequências das ações de seus portadores, culminando na atribuição destas consequências pela *fortuna*.

O conceito aparece claro em Saxo Grammaticus no livro II da *Gesta Danorum*. Nele, Saxo apresenta dois personagens principais, Frotho (o primeiro dos vários reis com o nome na *Gesta*) e Rolvo Krake – por sua vez, um rei legendário dos Skjoldungar, do qual possui-se outros relatos, como a Saga de Hrolf Kraki¹⁴¹.

Na história de Frotho, a temática principal está ligada à riqueza. No parágrafo inicial, Saxo anuncia o problema; Frotho, filho de Hadingus, passou a sua juventude dedicado ao esmero no treino em armas e da virtude (aqui a referência implícita ainda é a *fortitudo*), mas as constantes guerras drenaram o tesouro de seu pai. Ele não pode, portanto, continuar a pagar seus soldados. O problema é resolvido ao ouvir uma canção de um ancião, que revela a existência de um tesouro guardado por um dragão e os meios de consegui-lo. Abastecido por tal tesouro, Frotho parte

¹⁴⁰ JOHANNESON, 99.

¹⁴¹ Vide Nota 137.

em campanhas na Curlândia e Ruthenia nas quais emprega diversos artifícios e estratégias, empregando também astúcia em adição à sua *fortitudo*. Os temas e cenários não divergem muito dos de Hadingus nesta parte inicial do livro. A idéia central torna-se clara apenas na leitura da parte seguinte.

Após conflitos familiares, Frotho abandona suas campanhas orientais (que o enriqueceram ainda mais) e passa a atuar na Europa de Ocidente, chegando à Escócia. Ali, já no conflito inicial com o governador Melbrictus, Frotho emprega curioso estratagema: perseguido pelo rei bretão, ordena aos seus soldados que abandonem suas carroças, bens pessoais e ouro, afim de derrotar seu inimigo por meio da *avaritia*:

(2.3.2) “[3](...) militibus ad contionem vocatis deserenda vehicula, abiciendam supellectilem aurumque, quod ab iis gestaretur, passim per arva disiciendum edixit, affirmans solam in opum effusione opem restare nec aliud conclusis subsidium superesse quam hostem ab armis in avaritiam pellicere”¹⁴².

Em contraposição à fala do rei, Saxo coloca o discurso de certo Thorkillus (o qual, segundo Saxo “superava aos demais em avareza/ganância assim como o fazia em eloquência”), que procura convencer os soldados a não abandonarem os tesouros, mas os homens dão ouvidos ao rei Frotho. Do lado bretão, por sua vez, o rei conclama seus soldados que não tomem o tesouro, enquanto que um cavaleiro discursa a fim de que o façam. Enquanto o rei bretão diz “nada é mais intolerável que o lucro, que leva ao cativo o tolo que pensa estar sendo enriquecido”, seu cavaleiro, entre acusações de covardia ao seu rei, afirma “este ouro jamais deveria ser abandonado aos porcos ou outras bestas, sendo largado ao solo enquanto teria um melhor uso nas mãos de homens”. Os bretões atiram-se avidamente às riquezas, e acabam por lutar entre si. Saxo termina o episódio da seguinte maneira:

(2.3.7) “[6] Paenituit tunc oneris Britannos, sanguine poenas avaritiae dantes. [7] Piguit in expletis aviditati brachia porrexisse.

¹⁴² “(...) não tendo meios de manter ações militares na frente e ré simultaneamente, ele convocou suas tropas a uma reunião e informou-os que eles deveriam abandonar suas carroças, lançar fora suas propriedades pessoais e abandonar o ouro que traziam consigo por toda a parte dos campos, pois ele sustentava que seu único bem estava em deixar seus bens, e que não havia nisso nada além de levar o inimigo circundante aos braços da avareza”.

[8] Puduit minus regiae exhortationi quam propriae indulsisse cupiditati.¹⁴³

Ao personagem conseguinte deste Frotho Saxo dedica pouca atenção, narrando rapidamente que retornou ao seu reino, derrotou alguns campeões e ganhou uma armadura impenetrável. Morreu não por ferimento de batalha, mas afogado ao usá-la. E, para acentuar ainda mais a ligação deste Frotho com as riquezas, Saxo afirma que ele tinha o hábito de colocar um pouco de ouro em pó em sua comida a fim de escapar de envenenadores.

As duas narrativas longas sobre este primeiro Frotho, portanto, falam sobre exatamente o mesmo tema, que é a questão da riqueza e de seus usos. No primeiro episódio, Frotho consegue o tesouro e emprega-o como pagamento a outros e com fins guerreiros; no segundo episódio, o ouro é usado para salvar a vida de seus soldados. A *avaritia* permeia a narração, e no episódio do tesouro lançado fora, não são os dinamarqueses que obtêm a vitória por meio de luta, mas a *avaritia*, que derrota aos bretões. Na contraposição dos discursos do rei Frotho e de Thorkillus e do rei bretão e seu cavaleiro, Saxo afirma a superioridade da *virtute* frente à *cupiditas pecuniae* (2.3.4).

Na continuação do livro II, os descendentes seguintes são passados rapidamente principalmente a fim de demonstrar a genealogia e condições de parentesco do rei seguinte, Rolvo (o Hrolf Kraki da tradição danesa), no qual Saxo detém-se. Apresenta-o em conjunto com seu rival, Athislus da Suécia. Rolvo é apresentado de modo similar aos antecessores, como “homem dotado com graça no corpo e na mente, e cuja grande estatura fazia frente à sua virtude”¹⁴⁴. Já Athislus, “Hic a puero liberalitatis odio imbutus adeo pecuniae tenax exstitit, ut munificum haberi infamiae loco duceret” (2.6.1[4], 52)¹⁴⁵. A caracterização principal de Athislus como vilão, portanto, deve-se à sua *avaritia*, e não à covardia ou algum outro tipo de

¹⁴³ “Somente quando a avareza foi paga por sangue os bretões deploraram seu estorvo (os *tesouros*), vexados de terem torcido seus braços com uma sede ainda insaciada, envergonhados de terem atendido a seus próprios apetites antes das exortações do rei”.

¹⁴⁴ “(...)vir corporis animique dotibus venustus, qui staturae magnitudinem pari virtutis habitu commendaret.” (2.6.1[1], 52).

¹⁴⁵ “(...)odiara a generosidade desde sua infância, e era tão ávido por dinheiro que considerava uma infâmia ser munificente”.

falha de caráter. A mãe de Rolvo, Yrsa, era casada com Athislus, e planeja meios de atingi-lo; o único meio que pode imaginar é privá-lo de seu tesouro (2.6.2).

A disputa entre os dois centraliza-se ainda em disputas de valores e virtudes: (grifos nossos):

(2.6.4) “[3] Idem percontantibus convivis, quod *fortitudinis* genus ceteris anteferet, *patientiam* nominavit. [4] Interrogatus ab iisdem Athislus, cui potissimum *virtuti* votorum suorum studium obligasset, *liberalitatis* sibi professionem aptavit.”¹⁴⁶

O uso intercalado dos termos confunde um pouco a narrativa, que pode ser melhor compreendido pelos exemplos posteriores. Primeiramente, aqui o termo “*fortitudo*” apresenta-se enquanto sinônimo de “*virtute*”, e não na virtude específica da *fortitudo* já discutida; este uso é tornado claro pelo uso intercalado com “*virtute*”, logo a seguir. Quanto ao seguir da narrativa, aos dois são exigidas provas. Rolvo suporta uma exposição forte ao fogo protegido apenas por um pequeno escudo. Athislus precisa dar um presente, e dá um colar pesado a Rolvo (seu filho adotivo).

Após as festividades, Saxo reapresenta o tema do tesouro lançado fora, de forma mais enfática. Ursa, a esposa de Athislus e mãe de Rolvo, rouba o tesouro de Athislus e foge com o filho. Ao ser perseguida, lança fora o tesouro novamente. No meio dele, encontra-se o colar que Athislus presenteara a Rolvo; a condenação final de Athislus, e aparentemente a imagem central do livro é colocada por Saxo:

(2.6.7) “[5] Videns igitur Athislus donatum Rolvoni torquem (...), intimum avaritiae suae pignus curiosius contemplatus, ut praedam exciperet, affixis humo genibus cupiditati maiestatem inclinare sustinuit”¹⁴⁷.

A parte seguinte da narrativa de Rolvo é bastante similar em detalhes à conhecida Saga de Hrolf Kraki. Segundo ela, Hrolf era um rei dinamarquês a quem

¹⁴⁶ “Sendo questionado (*Rolvo*) pelos convidados sobre que tipo de virtude (*fortitudo*) ele colocava acima das outras, ele colocou a paciência (*patientia*). Athislus foi interrogado pelos mesmos, sobre a qual virtude (*virtute*) ele encontrava-se mais comprometido(..), ao que respondeu liberalidade (*liberalitatis*)”.

¹⁴⁷ “Athislus, vendo abandonado (...) o colar que presenteara a Rolvo, olhou fixamente para este querido troféu da avareza; para pegar tal espólio, pressionou seus joelhos na terra, assim detendo-se e rebaixando sua realeza por ganância”.

os melhores campeões vinham procurar, a fim de fazerem parte de sua corte. Detalhes como a provação ao fogo constam de sua saga também. Saxo, entretanto, explica e enfatiza que era em virtude de sua *liberalidade* que campeões do mundo inteiro buscavam a Rolvo.

O livro termina com um longo poema associado aos personagens da história de Hrolf Kraki, supostamente composto por Hialto (“Hjalti” - um dos campeões da narrativa). Tal poema de certa forma fica deslocado na narrativa em si, enquadrando-se mais próximo de poemas escáldicos e centralizando-se em feitos de bravura. Este “deslocamento” é, curiosamente, admitido por Saxo, que se justifica de tê-lo inserido na narrativa:

(2.8.1) “[1] Hanc maxime exhortationum seriem idcirco metrica ratione compegerim, quod earundem sententiarum intellectus Danici cuiusdam carminis compendio digestus a compluribus antiquitatis peritis memoriter usurpatur¹⁴⁸.”

Uma das linhas do poema, entretanto, liga-se ao tema do livro: “nem sempre preferindo descanso à vis riquezas” (Hialto exaltando a Rolvo). Tal inserção traz luz acerca do modo de composição de Saxo. O que ocorre aqui é que Saxo lida com seqüências de reis, dos quais para a maioria possui narrativas orais e poemas escáldicos, e que firmam-se na tradição germânica e escandinava anteriores a Saxo. Ele busca, entretanto, imprimir padrões, esquemas de valores e virtudes, e defender conceitos próprios, fundamentados no seu contexto do século XIII. Em adição a isso, busca imprimir uma forma inspirada em autores da Antigüidade Tardia.

No caso em questão, os modelos de composição principais são Valério Máximo e Marciano Capella, e Saxo, ao buscar inserir *exempla* das virtudes cardinais, precisa reelaborar e transformar tanto os seus personagens como os próprios conceitos que vai imprimir a eles. Tratando-se do livro II, ao tratar da *iustitia* e reconhecendo a associação da *liberalitas* e *avaritia*, Saxo emprega narrativas escandinavas que possam acomodar adequadamente a este esquema, ou então transforma-a de modo conveniente a seus propósitos.

¹⁴⁸ “Eu particularmente compus esta coleção de versos admonitórios em métrica (*latina*) porque os mesmos pensamentos, arranjados em compasso de poemas daneses, são recitados de memória por muitos que são conhecedores dos antigos feitos”.

No caso do livro II, a ênfase nas questões ligadas à riqueza, *avaritia* e *liberalitas* acomodam-se bem a um rei nomeado Frotho. Saxo vai repetir tal nome amiúde, e é realmente nome freqüente em outras fontes escandinavas. Aparece vinculado à divindade Freijr que, dentre outras atribuições (fertilidade, prosperidade), liga-se à paz e à riqueza. Dentre os outros Frothos da Gesta Danorum, Saxo também distribui estas atribuições, em maior ou menor grau, sendo que em alguns (como o Frotho IV, tratado adiante), Saxo descreve situações às quais estudiosos encontram paralelos no próprio folclore. Desta forma, o nome “Frotho” é muito apropriado ao rei que vai exemplificar as virtudes e pecados relacionados ao manuseio das riquezas. Em relação à Rolvo (Hrolf Kraki), sua descrição de rei generoso, para cuja corte campeões de todos os lugares eram atraídos, também é muito apropriada ao livro no qual Saxo demonstra a *liberalitas*.

Quanto à questão da existência ou não do esquema das virtudes, a ênfase na *avaritas* e *liberalitas* pode levar ao questionamento de seu emprego real, por fazê-lo no lugar da *iustitia* em forma mais declarada. Ou então, da maior propriedade de outro esquema de virtudes, como o das sete virtudes capitais. Entretanto, a chave para a questão aqui encontra-se na *fortitudo*. Conquanto *liberalitatis*¹⁴⁹ e *temperantia* sejam comuns às duas formulações de virtudes, as cardinais são mais apropriadas à Saxo por duas razões principais. Primeiramente, devido ao modelo latino empregado de Valério Máximo, que ajunta diversos *exempla* romanos e organiza-os, nos quatro primeiros livros, de forma a proporcionar os ensinamentos acerca das quatro virtudes; é exatamente a mesma forma que Saxo emprega, com o diferencial de aplicá-las em personagens escandinavos. A *fortitudo*, própria apenas das quatro virtudes cardinais, é a virtude-chave na conceituação de Saxo, a ponto dele por vezes alternar o uso do termo “virtute” por “fortitudo”. No seu agrupamento de virtudes, portanto, Saxo não pode prescindir dela. Lidando com uma associação contextual dos conceitos de *iustitia* à *liberalitas*, Saxo efetua as devidas ênfases e mesmo substituições, a fim de não comprometer a existência da formulação. Uma razão final para Saxo aplicar as quatro virtudes, é a repetição desta partição quaternária que Saxo emprega em outras partes da obra, que origina-se nas próprias tradições platônica e neo-platônica.

¹⁴⁹ Na relação com *iustitia*.

Em suma, a formulação das virtudes cardinais mantém-se, ainda que a *iustitia* seja quase que substituída pelas associações com *liberalitas* e *avaritia*. A colocação da *fortuna* por trás do dar e receber, entretanto, revela ainda a intenção de Saxo de “acomodar” a *iustitia* na questão. Na situação de Frotho contra os bretões, e as riquezas abandonadas e os discursos proferidos em ambos os lados, ambos os contendores com os reis atribuem a presente situação à “fortuna”; na situação, portanto, ao “destino”, ou à *justiça*. Thorkillus, contendendo contra Frotho, afirma “Praeterea neutra nobis fortuna auri odium facit.”(2.3.3[23]). Já o cavaleiro bretão, contra seu rei, por duas vezes no mesmo discurso atribui a virada provocada pela “fortuna”, (Nefas est tantum fortunae beneficium indignanter excipere 2.3.5[7b]; (...)fortunam in nosmet victoris transferimus 2.3.5[18]). Na trajetória de Rolvo, o papel da “fortuna” é colocado já de início, na contraposição de Rolvo a Athislus: “Nec fortunam votis adversam habuit (2.6.1 [3])”. (referindo-se a Athislus e suas pretensões).

Os usos consequentes do termo são feitos no poema de Hialto e nos parágrafos finais do livro. Rolvo adquirira, através de sua generosidade e liberalidade, as boas graças de Vigi, e é este quem vinga sua morte. Mas a enunciação final é feita na última fase do livro, quando Saxo fecha o argumento com a “moral da história”: “Geralmente, a Fortuna vinga-se selvagememente de feitos executados de forma enganosa”.

Fica suficientemente claro, portanto, a associação intencional do “dar”, “receber”, da *avaritia*, *liberalitas*, com a *iustitia*. A temática de Saxo em seu livro II é acerca das riquezas, mas o juízo final, a moral principal, é acerca da *iustitia*. Ela transcende o individuo apenas, não limita-se à uma virtude pessoal; é demonstrada nas pessoas pelo modo como lidam com seus bens, mas transcende a todos e age na regulação das relações entre os homens, dando a cada um o que merece: “Adeo plerumque fortunae saevitia ulciscitur, quod dolo ac fallacia patrat.” (2.8.5[5])¹⁵⁰.

¹⁵⁰ “Geralmente, a Fortuna vinga-se selvagememente de feitos executados de forma enganosa”.

4.3 PRUDENTIA, SAPIENTIA, INGENIUM

“Uma delas dizia-se chamar *Prudentia*. Era atenta, com extrema circunspecção. E a tudo examinava, distinguindo as coisas diligentemente”. Tal é a definição de Marciano Capella para a *Prudentia*¹⁵¹.

Outro sinônimo recorrente é a *sapientia*; o conceito, na enumeração das virtudes cardinais, deriva, ao menos na *Republica* de Platão, do grego “sophia”. Sua associação, além dos cognatos com a prudência, encontra-se fortemente ligada à questão intelectual, do uso das faculdades mentais. No livro I Saxo dá indicações preliminares das carências da *fortitudo* agindo sozinha, mas é no livro III, com a história de Amlethus, que Saxo vai colocar em destaque a *Prudentia*. Para Johannesson¹⁵², numa emulação da associação de Platão das virtudes com os diversos tipos de grupos sociais nas *poleis*, a *prudentia* seria em Saxo a virtude própria dos conselheiros do rei, aos quais seria própria a *fortitudo*.

O termo *ingenium* também aparece freqüentemente associado em Saxo à *prudentia/sapientia*. Seus significados são um pouco mais amplos e genéricos, ainda que seu uso também volte-se muito freqüentemente à esfera das capacidades mentais e talentos ligados à inteligência. *Ingenium* pode ser traduzido por talento, capacidade intelectual, gênio, mas também de forma mais genérica como qualidade ou natureza de alguma coisa, disposição inata, natureza ou temperamento¹⁵³.

O livro III, onde dá-se destaque à *prudentia*, é dominado principalmente por duas personagens de trajetórias mais longas, os heróis Hotherus e Amlethus. A enunciação da temática do livro, aqui, não é efetuada na primeira sentença (na qual Saxo afirma apenas a filiação de Hotherus e seu desejo de narrar sua vida), mas no

¹⁵¹ Prudentia: 1. previdência, previsão; 2. conhecimento, saber, ciência, habilidade, competência; 3. bom senso, sagacidade, prudência, discricção, circunspecção, inteligência; 4 (FILOSOFIA) compreensão, discernimento; 5. RETÓRICA conhecimentos práticos. (Fonte: *Dicionário de Latim-Português – Porto Editora*)

¹⁵² JOHANNESSON, 99.

¹⁵³ Dicionário de Latim-Português – Porto Editora. “ingenium”

segundo parágrafo¹⁵⁴: Saxo enumera as qualidades de Hotherus, mas de forma diversa a todos os reis descritos até então: “(3.2.1) [2] *Adolescens collacteis ac coaevis summa corporis firmitate praestabat*. [3] *Ceterum ingenium eius crebrae dotaverant artes*.¹⁵⁵”

Segue-se a enumeração de tais habilidades: arco-e-flecha, natação, boxe, e outras atividades desejáveis em um campeão. Mas também Hotherus era o mais habilidoso em tocar cítara e lira¹⁵⁶, e grande conhecedor de outros instrumentos musicais. Tocava em diversos modos e podia, desta forma, gerar nos ouvintes diversos estados de espírito e emoções a seu bel-prazer, como alegria, ódio, pena ou remorso. A enunciação de tais características não é acompanhada no decorrer da narrativa por outras maiores concessões ao campo da música. Antes, fica claro que a intenção de Saxo aqui é apresentar uma nova dimensão no caráter de seus personagens principais; Saxo passa a dar primazia ao campo da mente e do espírito, e de outra modalidade de *ingenium*; num campo moral, abre espaço para a descrição de *exempla de prudentia*.

O que segue-se adiante com Hotherus é um dos episódios mais duramente criticados na *Gesta Danorum*, a versão de Saxo do mito escandinavo de Balder. Na versão de Snorri, Baldr é filho de Óðinn, e mais belo e agradável dos deuses. Entre suas habilidades, encontram-se eloquência e sabedoria. Ele é morto por Hoðr, um deus cego¹⁵⁷. Saxo narra uma história bastante diversa, na qual o herói é Hotherus, e o vilão é Balderus. Fica evidente que as características atribuídas por Snorri a Balder, são em parte atribuídas ao adversário, por Saxo.

O enredo de Saxo é mais elaborado e longo, incluindo uma guerra entre deuses e homens, que Hotherus vence com auxílios mágicos obtidos na Lapônia e conselhos de seres da mitologia clássica (ninfas e um sátiro), e chega ao trono danês. Uma escolha própria de Saxo de imagens e narrações distantes, nórdicas e

¹⁵⁴ Ainda que possa notar-se que, ao citar a origem de Hother, Saxo fala sobre seu pai morto, o que poderia ser argumentado como prelúdio à temática posterior de Amlethus, que busca vingar-se de seu pai.

¹⁵⁵ “Quando jovem, ele perpassara seus irmãos adotivos e contemporâneos por seu físico imensamente forte. Para não mencionar seus talentos (*ingenium*) em uma variada gama de artes”.

¹⁵⁶ “*Nemo illo chelis aut lyrae scientior fuerat*” “ninguém fora maior que ele no conhecimento de cítara e lira” (3.2.1[6])

¹⁵⁷ BRØNDSTED, Johannes. *Os vikings: história de uma fascinante civilização*. São Paulo: Hemus, S.D. p.251s.

clássicas¹⁵⁸ a fim de traçar a sua própria imagem. No reemprego da tradição escandinava, Saxo usa, portanto, a imagem de eloquência e sabedoria de Baldr ao apresentar o primeiro de seus heróis nos quais exemplificará a *prudencia* e *sapientia*. A seguir, entre duas narrativas menores, Saxo passa a contar acerca de Amlethus, nome que séculos posteriores passaria a “Hamlet”, sob Shakespeare¹⁵⁹.



Figuras 09 & 10: *Amblett*. Provavelmente as mais antigas gravuras de Amlethus. (Fig.09): Em manuscrito pertencente a Anna Krabbe, morta em 1618 e depositado na biblioteca real da Dinamarca. O texto oriundo da *Crônica Rimada Danesa*, data de antes de 1495 e diz o seguinte: “Amblett, filho da irmã de Rørik, rei da Dinamarca. Bancou o bobo, depois tornou-se um poderoso rei, e tomou a rainha da Escócia, que chamava-se Hermedrude. Ele tornou-se rei no ano 3507 a.C. e reinou por 65 anos”. (Fig.10): Lê-se “Amblet Rorigs Datterson” – “Amblet, filho da irmã de Rorik”; encontrada em livro pertencente a Karen Skram, prima de Anna Krabbe, data de 1597; o trecho manuscrito diz “Este rei bancou o bobo e tornou-se um rei poderoso”. Na “09”, Amblett encontra-se na posição real convencional e segura os símbolos de domínio, o cetro e um orbe; na “10”, o cetro é substituído por uma espada.

In: HANSEN, William F. Hansen. *Saxo Grammaticus and the Life of Hamlet: A translation, History and Commentary*, 1983.pp.155-158.

¹⁵⁸ Por exemplo, um sátiro na Lapônia. O caso não é isolado; Hadingus, no livro I, já enfrentara um leão na Curlândia.

¹⁵⁹ Por intermédio da versão de Belleforest.

Sua narrativa ocupa a segunda parte do livro III e a primeira do livro IV. O enredo é basicamente o mesmo que Shakespeare empregaria posteriormente, e trata-se de um príncipe que planeja a vingança de seu pai. É razoável supor que um modelo narrativo importante de Saxo para Amlethus/Hamlet tenha sido o Brutus de Valério Máximo, mas há diversas narrativas e contos populares escandinavos ligados a um personagem nomeado Amlothi, Amleth, ou alguma forma similar que preencheram muito adequadamente os pré-requisitos favoritos de Saxo, a saber, o engendrar do nórdico ao clássico; aliás, o personagem parece ter sido popular em um longo período de tempo, anteriormente a Saxo, e imortalizado por Shakespeare (vide *figuras 09 & 10*).

No livro III Amlethus luta quase que exclusivamente com armas do intelecto. Seu principal recurso é a *prudentia*. O conceito apresentou diversas formas em traduções; Oliver Elton, ao traduzir *prudentia* para o inglês, emprega por vezes “intelligence”, “witty”, “cunning”, “cleverness”, “wisdom”. Fisher usa “intelligence”, “wisdom” (na forma adjetiva “wise”), “sagacity”, “penetration”. Tais usos diversos aplicam-se bem às especificidades dos contextos e passagens, mas ocultam que Saxo está tratando de uma mesma característica, de uma apenas virtude, à qual dedica vários *exempla*, referindo-se a circunstâncias adversas

Observemos os empregos que Saxo dá à *prudentia* em Amlethus:

De início, Amlethus finge-se de idiota, a fim de ocultar a vingança que intenta contra seu tio: “(3.6.6) [1] Quod videns Amlethus, ne *prudentius* agendo patruo suspectus redderetur, stoliditatis simulationem (...) defendit.¹⁶⁰”.

Aqui, portanto, a *prudentia* é colocada em contraposição à “stoliditatis”, que pode ser traduzida como estupidez, imbecilidade, insensatez¹⁶¹.

Em seguida, em diversas ocasiões que Amlethus encontra-se com os acompanhantes do rei, Saxo elabora frases enigmáticas e respostas astutas e de duplo sentido. Em geral, tratam-se de ciladas colocadas pelos próprios

¹⁶⁰ “(...)Amlethus observava isso e, a fim de evitar levantar as suspeitas de seu tio por comportar-se com *prudentia*, defendia-se por meio de uma simulação de imbecilidade (...)”

¹⁶¹ Dicionário Latim-Português – Porto Editora.

acompanhantes do rei, a fim de constatar a pretensa tolice de Amlethus. Alguns exemplos:

A comitiva avista um lobo e contam a Amlethus que trata-se de um potro; ao que ele replica que havia vários iguais àquele nos estábulos de Fengo: “ (3.6.9) [2] Qui cum illum *prudenti* responso usum astruerent, ipse quoque se de industria locutum asseverabat, ne aliqua ex parte mendacio indulgere videretur.”¹⁶²

A comitiva mostra as dunas a Amlethus, chamando-as de farinha; este afirma terem sido moídas pelas ondas¹⁶³: “3.6.10 [3] Laudato a comitibus responso, idem a se *prudenter* editum asseverabat.”¹⁶⁴

Os acompanhantes procuram testar Amlethus de forma um pouco confusa ao leitor. Deixam-no sozinho em um lugar aonde enviaram previamente uma moça. A provação é verificar se ele deita-se com ela ou não, circunstância pela qual teriam uma prova acerca de sua tolice. Seu irmão adotivo e amigo envia-lhe um sinal; uma mosca com uma palha pendurada. Ele leva a moça para um lugar não vigiado, deita-se com ela e proíbe-a de contar o que houve. Após isso, ao reencontrar a comitiva, fala para seu ajudador que viu uma palha pendurada em suas costas voando ao redor:

¹⁶² “Quando eles observaram que ele deu uma resposta prudente (*prudenti*), ele assegurava que sua resposta fora deliberada; e que de forma alguma desejava ser visto como indulgente com a mentira”.

¹⁶³ Temos aqui um uso derivado de *kenning* dos *skaldar*. O “liquor de Amlóði” é empregado correntemente na poética islandesa para o mar; a “farinha do liquor de Amlóði” é a areia. Ligam-se tematicamente com um dos diversos reis chamados Frotho na Edda de Snorri. Clive Tolley demonstra a associação na mítica tanto escandinava quanto finesa, de um “moinho universal”, do qual a imagem deriva. TOLLEY, Clive. *The Mill in Norse and Finnish Mythology*. In: *Saga-Book*. Vol. XXIV. Viking Society for Northern Research: University College London, 1995. pp.69-73; 76,78.

Acerca dos kennings (*kenningr*, *kenningar*(pl)), tratam-se de recursos de linguagem empregados na poesia escáldica, consistindo em espécies específicas de epítetos ou paráfrases poéticas. O termo vem do verbo antigo-nórdico *kenna*, com sentido aproximado de “tomar por”. Por exemplo, *kenna X við Y* significa “tomar X por Y”. “Epíteto”, genericamente falando, é “*heitr*”; um *kenning* é normalmente composto por dois substantivos, um *base* e outro *determinativo*. Há ainda muita discussão acerca dos kennings, kennings “falsos”, kennings em “*by*”, kennings mitológicos e etc. AMORY, Frederic. *Kennings*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.pp.351s.

Snorri Sturlusson já dissertava acerca de kennings na Edda Menor. Um exemplo de *kenning*, numa passagem de Snorri: “*Drífr handar hlekk* þar er hilmir drekk”. A frase significa “Onde o rei bebe neva a prisão das mãos”. “*Handar hlekk*”, “liga(link) das mãos”, “amarra/prisão das mãos”, é um *kenning* para *ouro*. A passagem, portanto, diz algo similar ao contemporâneo português “onde o rei está, chove ouro”.

¹⁶⁴ “Foi louvado pela companhia por sua resposta que ele mesmo asseverava um sábio (*prudenter*) dito”.

(3.6.11) “[9] Quod dictum ut ceteros cachinno concussit, ita Amlethi fautorem *prudencia* delectavit.¹⁶⁵”

Mais adiante, Amlethus é enviado à Britânia, numa cilada de seu tio que ele supera. Por meio de inúmeras provas de astúcia, inteligência e agudeza de intelecto, conquista a confiança do rei dos bretões, que lhe confere sua filha em casamento:

(3.6.16) “[7](...)ut Britanniae rex *prudenter* ad se iuveni misso filiam in matrimonium erogaret.¹⁶⁶”

(3.6.20) “[3] (...) ut condicionis suae rubore confusus, ita iuvenis *prudencia* delectatus(..)¹⁶⁷”

Por fim, tendo efetuado sua vingança, o parágrafo final do livro apresenta apreciação similar à do livro II. Saxo apresenta um fechamento e uma declaração explícita acerca das virtudes:

(3.6.25) “[4] *Fortem* virum aeternoque nomine dignum, qui stultitiae commento *prudenter* instructus augustiorem mortali ingenio *sapientiam* admirabili ineptiarum simulatione suppressit nec solum propriae salutis obtentum ab astutia mutuatus ad paternae quoque ultionis copiam, eadem ductum praebente, pervenit.¹⁶⁸”

O fechamento, portanto, completa a idéia dos livros anteriores, em particular o livro I, no qual a *fortitudo* é apresentada inicialmente. Saxo apresenta diversos *exempla* acerca do uso da *prudencia/sapientia*, e todo o móvel da ação de seu protagonista é centralizado no seu uso. Os fins não foram alcançados por meio de batalha física e guerra, ainda que o livro termine com a morte de Fengo pela mão de Amlethus (em episódio com mais alguns artifícios, como o trocar das espadas). A

¹⁶⁵ “Conquanto este dito tenha sacudido os outros com gargalhadas, ele agradou muito ao ajudador de Amlethus por sua *prudencia*”.

¹⁶⁶ “O rei da Britânia entregaria em matrimônio sua filha ao inteligentíssimo (*prudenter*) jovem embaixador”.

¹⁶⁷ “(...)confuso e ruborizado por sua própria condição, assim como maravilhado pela agudeza do jovem”.

¹⁶⁸ “Que bravo (*forte*) homem era, digno de duradouro renome. Que, sabiamente (*prudenter*), aparentando estupidez, mas provido de habilidade acima dos mortais ocultou sua inteligência (*sapientia*) por meio de uma admirável simulação de tolice. Desta maneira seus artifícios proveram-lhe o salvo-conduto e mantiveram-no vivo até que chegasse o momento em que vingasse seu pai. Por esta razão, considerando-se quão habilmente protegeu-se e quão intrepidamente vingou a seu pai, fica incerto se deve estimar-se mais sua força (*fortitudo*) ou sabedoria (*sapientia*).”

fortitudo, entretanto, nunca abandonou a temática principal; ainda que ela não seja demonstrada na forma física, apresenta-se na forma de força e firmeza morais que teriam sustentado Amlethus em seu plano de vingança: “fortificou-se por meio de uma inacreditável performance de estupidez”. A condução foi dada pela *prudentia/sapientia*, mas a *fortitudo* manteve-se vinculada à elas. Ou ao menos, Saxo procura apresentá-la assim no seu fechamento, ainda que demonstre uma preferência pelos meios da *prudentia*. Meios que posteriormente empregará em alguns de seus heróis aos quais dedicará maior atenção na Gesta.

4.4 TEMPERANTIA, CONSTANTIA

Como já afirmado, a *temperantia* é, em conjunto com a *fortitudo*, virtude muito freqüente na Gesta inteira. O termo começa a ser usado com freqüência, entretanto, a partir do livro III, sendo que no livro IV aparece dotado de sinônimos e *exempla* mais claros.

“A terceira era digna de louvor por sua continência e comedimento nas dádivas, e por seu auto-controle recebeu o nome de *Temperantia*.” Assim diz Marciano Capella. Saxo, porém, adiciona outros significados à ela, em particular quando associa a guerreiros, como na história de Starcatherus, nos livros VI a VIII. No livro XIV, ao narrar a história do arcebispo Absalão, Saxo usa com particular freqüência, em alternância, o termo *constantia*.

Algumas traduções possíveis para o termo são moderação, medida, proporção, por um lado, e por outro, sobriedade, temperança, comedimento. Johannesson enfatiza o aspecto da *temperantia* enquanto virtude que lega à *ratio* o controle sobre as paixões. Adicionamos a terminologia associada à *constantia*, que liga-se à perseverança, constância, permanência e continuidade, mas que também pode indicar firmeza de caráter. Nesta última esfera de significados, *temperantia/constantia* liga-se estreitamente à *fortitudo*, portanto, e é outra razão para indicar sua freqüente associação na Gesta com ela. Um outro sinônimo, usado pouco mas num trecho de relevância, é *moderatione*, moderação.

Desta forma, o uso das duas virtudes (*fortitudo* e *temperantia*) é flexível o suficiente para ser aplicado às qualidades necessárias de um guerreiro ou soldado comum, de força, coragem e resistência, mas também aplicam-se no campo moral à firmeza e constância no caráter, que seriam mais próprias de guerreiros de padrão mais elevado para Saxo, como reis, conselheiros e arcebispos. Revelam o homem que diante das adversidades mantém sua mente firme em seus propósitos. Saxo emprega muitos exemplos desta natureza na Gesta inteira, em particular nas narrativas de Starcatherus, Ericus Dissertus e de outros heróis que fazem papel de conselheiros. Eles freqüentemente exortam o rei a manter-se em algum caminho antigo, a perseverar na trilha dos antepassados ou a não desistir de alguma obrigação ou plano de ação como, por exemplo, a vingança do pai morto, a conquista de algum domínio inimigo ou a moralização do reino.

Um último significado que Saxo usa associado à *temperantia* é a *modestia*, que, por sinal, é o termo empregado por Valério Máximo. Esta extrapolação pontual efetuada mais especificamente neste livro, centraliza-se numa ênfase aos aspectos da *temperantia* ligados ao comedimento e auto-controle e, em última instância, à *humildade*. Na Gesta Danorum inteira Saxo não difere de outros narradores escandinavos no que tange aos heróis cantarem e narrarem seus feitos. No livro IV, contudo, em algumas situações Saxo exalta personagens que possuíram comedimento e auto-controle em não vangloriar-se, e condena um guerreiro que proclama alguns de seus feitos. Este aspecto da *temperantia/modestia*, vinculado à *humilitas* constrói uma ponte com as virtudes capitais e a virtudes mais marcadamente cristãs.

A aparição do termo *temperantia* e seus derivados na Gesta começa a fazer-se com freqüência no livro III que já discutimos anteriormente como o domínio da *prudentia* e de Amlethus, mas é no livro IV que aparece associado a *exempla* que tornam clara sua proeminência. Neste livro, Saxo emprega novamente o recurso de duas historietas e personagens principais, mas apresenta *exempla* relevantes também por meio de outros personagens e enredos de menor extensão. Os principais heróis tratam-se de Amlethus novamente, e de Uffo. Entre as narrativas de ambos Saxo coloca os ancestrais de Uffo, e personagens “acessórios”.

Hilda Ellis-Davidson apresenta algumas hipóteses acerca das razões de Saxo empregar novamente a narrativa de Amlethus. Como, por exemplo, que houvesse uma tradição folclórica muito conhecida acerca do personagem *Amlothi*¹⁶⁹. A recorrência de narrativas e contos envolvendo um personagem de nome Amlothi/Ambalas/Amleth é constatada e verídica¹⁷⁰, mas a razão para a reapresentação de Saxo nos parece ser diversa. Esta segunda fase da trajetória de Amlethus é empregada como um *exemplum* acerca da virtude que entra em pauta no livro, a *temperantia*. Sua natureza liga-se em certos aspectos a uma duração temporal, em particular quando refere-se à persistência e permanência, e é portanto melhor apresentada em ações mais longas.

Desta forma, Saxo resume tudo que narrou acerca de Amlethus até então, e continua sua história no ponto em que ele assumirá o trono; esta mudança na trajetória do herói permitirá a constatação da presença ou ausência da *temperantia*.

Este Amlethus, entretanto, parece bem diverso do narrado anteriormente. Saxo faz alguns pronunciamentos de elogio e de conteúdo positivo a seu respeito, mas paralelamente narra circunstâncias um pouco adversas e não tão carregadas de juízos benevolentes. Seu primeiro feito é demonstrar medo. Ao ter completado sua vingança, Amlethus se esconde, com temor de que vingassem-no pela morte de Fengo:

(4.1.1) “[1] Peracta vitrici strage, Amlethus facinus suum incerto popularium iudicio offerre veritus, latebris utendum existimavit, donec, quorsum inconditae plebis vulgus procurreret, didicisset.¹⁷¹”

Tal é a primeira frase do livro. Que, como já referimos amiúde, apresenta um tema ou resumo dos motivos apresentados no livro a seguir. Este tema vai repetir-se posteriormente mas, de início imediato, indica uma mudança no caminho de Amlethus em comparação com o livro anterior. Nele, Amlethus não esconde-se, e convive diariamente com o perigo e a adversidade. Como ferramenta para enfrentá-

¹⁶⁹ ELLIS-DAVIDSON, Op.cit, p.67.

¹⁷⁰ HANSEN, William F. *Saxo Grammaticus and the Life of Hamlet*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1983. Pp.02-15.

¹⁷¹ “Concluída a morte do padraсто Amlethus ficou temeroso em revelar seu feito ao juízo incerto de seus patrícios e considerou o uso de esconderijos, até que discernisse em que direção se inclinaria a maioria do desordenado populacho.”

los, usa a *prudentia*. Não uma “prudência” temerosa, de esconder-se até que o perigo passe, mas uma *prudentia* fundamentada no uso da mente, da sabedoria e de diversas estratégias.

Após algum tempo, Amlethus profere discurso justificando-se e recebe a aprovação do povo, que o aclama rei (ainda que praticamente não atue como rei posteriormente). Aqui o juízo apresenta-se positivo e seus feitos são lembrados. Amlethus embarca para a Britânia em viagem dispendiosa, acompanhado de guerreiros igualmente dispendiosos. Encomenda um escudo adornado em ouro que narra por meio de figuras e escritos sua história até então. E passa a vestir-se com roupas extravagantes. O juízo de Saxo é revelador:

(4.1.9) “[2] (...)ut, sicut cuncta despicabili dudum habitu gesserat, ita nunc magnificis ad omnia paratibus uteretur et, quicquid olim paupertati tribuerat, ad luxuriae impensam converteret”¹⁷².

Ao temor inicial, portanto, Saxo soma à Amlethus a propensão à luxúria; uma luxúria de bens materiais, ou seja, ganância, amor pelas riquezas e ostentação; falha, portanto, no âmbito da *avaritia*.

O rei bretão, entretanto, deseja vingar a morte de Fengo e prepara estratégia para Amlethus. Envia-o como mensageiro com carta, pedir a mão da rainha escocesa. Famosa por matar os pretendentes à sua mão. No acampamento Amlethus dorme, e um enviado da rainha adentra seu acampamento, rouba o escudo ao seu lado e a carta, e os leva à rainha. Que, interessada, modifica o conteúdo da carta a fim de que a proposta seja para casá-la com Amlethus, e não o rei bretão.

Ainda que a narrativa não esteja provida de uma declaração explícita ou julgamento¹⁷³, é claro que Saxo dá um *exemplum* de falta de *prudentia*. Tanto na

¹⁷² “Se até então ele usara roupas insignificantes, agora suas vestes eram preparadas prodigamente e, tudo que até então fora marca de pobreza, converteu-se em custosa luxúria”.

¹⁷³ Tal forma de escrita será empregada cada vez mais freqüentemente por Saxo. À medida em que sua apresentação das virtudes cardinais vai aproximando-se do fim e ele passa à narrativa de heróis mais completos e virtuosos, o emprego de *sententiae* claras ou de valorações explícitas acerca do tema é substituído cada vez mais pela narração de episódios que demonstrem-nas. Por vezes Saxo apresenta também juízos explícitos, mas exemplos de situações que contradizem-nos. Como discutido anteriormente, tal recurso é empregado pelo autor por diversas razões, dentre as quais

falta de percepção dos estratagemas (fosse da parte do rei bretão ou da rainha escocesa) quanto ao ser roubado ao dormir. Associando às duas falhas anteriores de Amlethus, note-se que Saxo coloca-o deficiente das virtudes até então apresentadas: ao ser dominado pelo temor, Amlethus apresenta deficiência na *fortitudo*; ao demonstrar luxúria por riquezas, incorre na *avaritia*; e por fim, ao ser engodado seguidamente, apresenta falta de *prudentia*. Em tudo, o contraste é marcante com a narrativa anterior. Os próprios artifícios empregados são os mesmos. Amlethus anteriormente modificara a carta que Fengo encomendava sua morte; desta vez, foi vítima de quem alterassem a carta que ele leva.

Saxo apresenta uma certa dubiedade em sua apreciação do personagem, elogiando e enunciando seu valor, mas narrando circunstâncias em que o personagem não corresponde a tais elogios. No caso em questão, por toda a narrativa seja na história do escudo ou no interesse da rainha por Amlethus, fica claro que o herói ainda interessa ao narrador, que suas virtudes foram notórias no passado, mas que no presente ele apresenta-se deficiente em relação à elas. A deficiência, portanto, é referente à quarta virtude; Amlethus até então apresentara-se como exemplo de virtudes, mas Saxo demonstra que, ao não manter constância e temperança em seus caminhos, fracassará. *Fortitudo*, *iustitia* e *prudentia* esvaem-se caso seu portador não possuir, antes de tudo, *temperantia*.

Duas sentenças mais, desta vez juízos explícitos, confirmam os aspectos discutidos até então. Amlethus após casar-se com a rainha escocesa é recebido pelo rei bretão, e foge deste. Na batalha que se segue grande parte de seus soldados são mortos, mas ele emprega um último estratagema. Coloca os corpos em estacas, que passam aos bretões a impressão de estarem vivos e serem muito numerosos. É um recurso já empregado por outros reis, e que Saxo empregará novamente em narrações posteriores. Aqui, é acompanhado de um juízo: “4.1.20 [7] Quae victoria nescio callidior an felicior existimanda sit¹⁷⁴”.

Por fim, Amlethus é morto ao retornar à Dinamarca, em batalha com Wiglecus. O pronunciamento final acerca de Amlethus:

defender suas próprias posições e os interesses do arcebispo sem ofender aos seus governantes. Deteremo-nos detalhadamente em tal circunstância em capítulo posterior.

¹⁷⁴. “Não posso julgar se tal vitória deu-se mais à habilidade ou à sorte”.

(4.2.4) “[1] Hic Amlethi exitus fuit, qui, si parem naturae atque fortunae indulgentiam expertus fuisset, aequasset fulgore superos, Herculeae virtutibus opera transscendisset.”¹⁷⁵

Estes dois últimos juízos explícitos são razoavelmente positivos, e em conjunto com a narrativa que Saxo apresentou no livro até então, confirmam as interpretações expostas até aqui. Amlethus foi guerreiro de valor, e a sentença final e primeira parte de sua vida confirmam isto. Porém sua fase intermediária foi marcada pela falta de constância, de *temperantia*, sendo que mesmo seu último estratagema já foi não mais a ele atribuído como virtude. Fosse narrado no livro anterior, e Saxo atribuía-o imediatamente à *prudentia* de Amlethus. Aqui, entretanto, ele já demonstra claramente que este Amlethus não é mais o mesmo, ainda que não tenha perdido o valor.

O *exemplum* a seguir vêm de Herminthruda, a rainha escocesa. Anteriormente à morte de Amlethus em batalha, ela jurara não abandoná-lo mesmo na linha de frente de batalha. Ao ser morto, ela casa-se com o rei vencedor:

(4.2.2) “[7] Quam promissionis novitatem parum exsecuta est. [8] Nam cum Amlethus apud Iutiam a Wigleco acie interemptus fuisset, ultro in victoris praedam amplexumque concessit.”¹⁷⁶

A passagem é acompanhada de juízos negativos relativos às mulheres, e é usualmente empregada em estudos de gênero. Mas aos nossos propósitos, ela apresenta-se claramente como mais um *exemplum* de falta de *temperantia* e *continentia*, em particular na acepção de *constantia* do conceito; por mais que a questão de gênero encontre-se presente¹⁷⁷, a razão de ter sido empregada em tal ponto da narrativa é reforçar a falta da virtude em pauta no livro:

¹⁷⁵ “Este foi o fim de Amlethus. Que, se a fortuna tivesse sido tão indulgente (com ele) quanto a natureza, teria brilhado qual os deuses, e suas virtudes o teriam feito ultrapassar os trabalhos de Hércules.”

¹⁷⁶ “Ela não manteve-se muito perto de sua rara promessa. Pois quando Wiglecus matou Amlethus quando lutavam na Jutlândia, voluntariamente entregou-se a si mesma como troféu, tornando-se noiva do vitorioso.”

¹⁷⁷ Há de se notar também que, apesar do grande número de declarações negativas acerca de mulheres, Saxo narra sobre mulheres eslavas guerreiras na Batalha de Bravalla (discutida adiante, com Starcatherus). Entretanto, a acepção não é plenamente positiva, uma vez que parece valorizá-las por empregarem características que ele considera masculinas.

(4.2.3) “[1] Ita votum omne femineum fortunae varietas abripit, temporum mutatio dissolvit, et muliebris animi fidem lubrico nixam vestigio fortuiti rerum casus extenuant, quae sicut ad pollicendum facilis, ita ad persolvendum segnis variis voluptatis irritamentis astringitur atque ad recentia semper avidius expetenda veterum immemor anghela praeceptis cupiditate dissultat.”¹⁷⁸

Até tal ponto do livro Saxo esmera-se em produzir um número grande de *exempla* de falta de *temperantia*. Com o final da narrativa de Amlethus ele amplia a exposição do tema, apresentando não apenas exemplos negativos, mas uma digressão acerca da natureza dos guerreiros onde o diferencial é a *temperantia* e um exemplo de heróis dotados desta virtude. A frequência com que a *temperantia* aparece na obra e a importância que ele a ela dedica justificam sua elaboração maior na forma de apresentação.

A narrativa seguinte, intermediária à segunda parte do livro, fundamenta-se numa vingança pessoal. Wermundus, filho de Wiglecus (que matara Amlethus), governa, e casa seu filho Uffo com a filha de Frowinus, governador de Schleswig. Uffo é considerado por todos tolo e mudo, de modo similar à narrativa de Amlethus¹⁷⁹, mas não de forma a apresentar a tolice como estratégia. Wermundus e Frowinus entram em guerra contra Athislus da Suécia¹⁸⁰. Frowinus é morto por Athislus, que foge em batalha posterior. Em virtude desta fuga, Keto, o filho já enunciado de Frowinus e agora governante (*praefetus*) de Schleswig, passa a perguntar-se como ele pôde escapar com tantos obstáculos em seu caminho. O rei danês Wermundus explica-lhe, por meio de uma digressão.

Haveriam no campo de batalha quatro tipos de homens:

(4.3.7) “[3] Esse enim primi generis bellatores, qui *fortitudinem modestia temperantes* rebelles acrius caedant, fugientibus instare erubescant; hos siquidem esse, quos diuturna armorum experientia

¹⁷⁸ “O voto feminino é assaltado pelas mudanças da fortuna ou dissolve-se com as mudanças das estações; a confiabilidade de uma mulher permanece em solo escorregadio e é enfraquecida pela chance de acidentes. Sua confiança é jurada com fluência, mas executada vagarosamente, embaraçada pelas diversas sedução dos prazeres; sempre ansiosa em ávida novos interesses e esquecer os antigos, salta adiante ofegantemente rumo a suas paixões”.

¹⁷⁹ Ainda que Amlethus não apresentasse-se como mudo.

¹⁸⁰ Aparentemente não trata-se do mesmo referido no livro II, que exemplificava a ganância.

certiore virtutis testimonio prosequatur, quique gloriam suam non in victorum fuga, sed vincendorum expugnatione constituent.¹⁸¹ .

O segundo tipo de homem:

(4.3.8) “[1] (...) qui corporis animique viribus freti, sed nulla miserationis parte praediti in hostium tam terga quam pectora communi caedis atrocitate desaevant. [2] Tales quippe esse, qui iuvenilis animi calore provecti tirocinii rudimenta bellorum auspiciis ornare contendant, quosque tam aetatis quam laudis ardor inflammet inque fas et nefas pari nisus securitate praecipitet.¹⁸²” .

Quanto aos pertences ao terceiro grupo:

(4.3.9) “(...) quibus inter metum pudoremque anxii progressum terror adimat, recursum ruboris obstaculum tollat, qui sanguine clari inanique tantum proceritate conspicui aciem numero, non viribus densent, hostem umbra potius quam armis feriant et in bellatorum grege solo corporum spectaculo censeantur. [2] Hos magnarum opum dominos fore, genere quam animo praestantiores, quos lucis aviditas rerum dominio contracta plus ignaviae quam nobilitas viribus indulgere compellat.¹⁸³”

Por fim, o último grupo:

(4.3.10) “(...) non rem in bellum perferant seque extremis sociorum agminibus inserentes primi fugam, postremi proelium gerant, in quibus imbecillitatis habitum certi pavoris indicium detegat, cum

¹⁸¹ “Este primeiro tipo de guerreiro temperava sua força (fortitudo) com moderação (modestia) e, conquanto fossem apaixonados em dizimar aqueles que resistiam, envergonhavam-se em perseguir fugitivos; estes eram homens cuja experiência veterana nas armas equipara-os com provas mais estáveis de sua coragem, e que colocavam sua glória não no fugir dos inimigos conquistados mas no sobrepujar daqueles que derrotavam”.

¹⁸² “(...) dotados com força de corpo e espírito mas sem misericórdia alguma, disseminavam carnificina com indiscriminada selvageria tanto na ré como nas frente de seus adversários. Estes homens jovens, levados adiante por seu fervor, esforçavam-se em embelezar suas primeiras tentativas militares com bons augúrios; queimando pelo desejo de fama natural a sua idade, podiam correr desordenadamente a executar o certo ou o errado com a mesma despreocupação”.

¹⁸³ “(...) eram nervosamente comprimidos entre o medo e a auto-reprovação; o terror impedia-os de avançar, a vergonha impedia-os de recuar. Apesar de serem de sangue nobre eram notáveis apenas por serem inutilmente altos e dilatavam a linha de batalha com número, mas não com vigor (...) Estes eram senhores de grande riqueza, mais notáveis por seu nascimento que por sua coragem” .

semper, quaesitis de industria subterfugiis, pugnantium terga
timidioris progressus pigritia subsequantur.¹⁸⁴

Passagem riquíssima para diversos propósitos mas que por hora, levanta algumas questões pontuais diretamente ligadas ao tema. Primeiramente, note-se a ampliação e aplicação do enunciado do início. A atribuição de temor e medo em Amlethus reflete-se aqui, no terceiro e quarto grupos, que caracterizam-se pelo temor, e apontam a unidade temática do livro.

Alguns fatores básicos diferenciam os grupos. Em primeiro lugar, a coragem/força, ou seja, a virtude da *fortitudo*. Desta forma, a gradação inicial desqualifica o terceiro e quarto grupos de guerreiros, que não possuem-na. Nestes a distinção é em propriedades e títulos. Os mais ricos, mais altos¹⁸⁵, lutam apenas com suas aparências¹⁸⁶, sendo que os outros tampouco isso.

A distinção entre o primeiro e segundo tipo de guerreiro, entretanto, está na *temperantia*: “*qui fortitudinem modestia temperantes*”¹⁸⁷. Ambos são dotados de *fortitudo*, mas os do primeiro grupo temperam sua *fortitudo* com modéstia, moderação, *temperança*. Perseguir inimigos fugindo é desonroso, mas a luta com os que resistem deve ser totalmente permeada pela *fortitudo*. E um adendo que exploraremos amiúde: a *temperantia* apresenta-se como virtude extremamente necessária, mas da qual poucos são providos. Um dos fatores que pode ser sugerido ligado à sua existência é a idade. O primeiro grupo, dotado de *temperantia*, já adquiriu experiência e feitos suficientes, não sendo sobrepujado por seus desejos de glórias. A circunstância, em adição ao rei, mais velho, proferindo tal discurso ao jovem comandante, reforça a idéia. A *temperantia*, virtude necessária aos guerreiros, é mais facilmente encontrada nos anciãos e conselheiros.

O personagem seguinte é Uffo. Saxo modela alguns pontos de sua trajetória à semelhança da de Amlethus, mas aparentemente fundamentado em algum conto popular. Quando jovem, Uffo fora considerado imbecil pelos demais. À medida que a

¹⁸⁴ “(...) iam à ação em aparência, mas não em realidade. Inseriam-se nas fileiras a ré de seus companheiros e, assim como eram os últimos a lutar, eram os primeiros a fugir(...)”.

¹⁸⁵ Os extratos mais ricos da sociedade possuíam alimentação e nutrição melhor. Por isso possuíam estatura maior e eram mais fortes.

¹⁸⁶ (...) solo corporum spectaculo. 4.3.9 [1].

¹⁸⁷ 4.3.7 [3].

narrativa vai seguindo, ele vai demonstrando seu real valor. Seu pai Wermundus fica cego com a idade, e a Dinamarca é desafiada mais uma vez pelos Saxões. Uffo, que até então nunca proferira uma palavra, aceita o desafio, discursa e dá demonstrações de *fortitudo* e proeminência física. Nenhuma couraça pode vesti-lo, pois ele é muito grande, e precisa vestir a do pai (que rasga-se). Nenhuma espada fica intacta quando ele profere golpes. Ele toma uma antiga espada do pai, enterrada e enferrujada. Vence dois campeões num duelo no qual dá demonstrações também de paciência.

Mas é a *temperantia* na forma de que apresenta-se como coroa final de seus feitos: “(4.5.0) [2] Hic a compluribus Olavus est dictus atque *ob animi moderationem* Mansueti cognomine donatus.¹⁸⁸”. Esta proeminência à *temperantia*, à *moderatione* é deixada mais clara ainda quando Saxo afirma que os demais feitos de Uffo foram perdidos com o tempo, porque os daneses não possuíam nos anos anteriores a língua latina: “(4.5.0) [3]] Cuius sequentes actus vetustatis vitio sollemnem fefellere notitiam (...) [6] Quod si patriam hanc fortuna Latino quondam sermone donasset, innumera Danicorum operum volumina tererentur.¹⁸⁹”. Ora, a narrativa de certo Olaf filho de Vermund ou de um Offa filho de Warmund, nomeado como manso, moderado ou prudente, era conhecida não apenas em fontes islandesas, mas também na obra de Sven Aggessen e mesmo em fontes anglo-saxãs de maior antigüidade¹⁹⁰. Claramente, Saxo deseja que o epíteto de “mansus” torne-se o clímax da narrativa, a característica realmente digna de lembrança.

O final do livro enumera muito rapidamente uma sucessão de reis: Dan, Frotho, outro Dan e Fridlevus, aos quais são atribuídas rapidamente virtudes (ou falta delas), e alguns juízos breves. Aparentemente Saxo apresenta exemplos pequenos acerca das virtudes apresentadas até então, a título de conclusão da seção, já que os livros posteriores apresentarão diferenças consideráveis no estilo de composição. O primeiro Dan exemplifica o contrário de Uffo, seu pai, ao qual é

¹⁸⁸ “A esta altura, a maioria chamou-o Olavus, e por sua moderação de espírito recebeu o epíteto de ‘manso’”. Aqui o adjetivo *mansuetus*, “manso, brando, calmo, etc” possui conexão com “mansus”, participio de “*maneo*”, que passa a idéia de duração e permanência. Liga-se também, portanto, à idéia de constância. Portanto, o significado de “manso” liga-se ao de “constante”, “moderado”, “temperado”, e reflete a virtude cardinal.

¹⁸⁹ “Pelo prejuízo da passagem dos tempos, seus atos subseqüentes escaparam a transmissão costumeira(...) Pois se o destino tivesse garantido outrora à este país a língua latina, teríamos inúmeros volumes dos feitos dos daneses”.

¹⁹⁰ ELLIS-DAVIDSON, 2006; 67-69.

elogiada a modéstia. Quanto a Frotho, dotado de muitas habilidades, Saxo reafirma a superioridade do engenho sobre a força, ou seja, da *prudentia* sobre a *fortitudo*: “(4.8.2) Quippe, quod nullius ante viribus licuit, astutia praestitit”¹⁹¹, ao derrotar um adversário mais forte, experiente e aparentemente filho de Óðinn (Othinus). O outro Dan apenas derrota novamente aos saxões, e a Fridlevus são atribuídas outras vitórias, nas quais emprega artifícios já usados na Gesta, como os pássaros carregando fogo no cerco a uma cidade e o uso de cadáveres levantados em estacas simulando um exército numeroso. Portanto, o pronunciamento de maior cunho moral ou de conclusão, apresenta-se no final da narrativa de Uffo, com seu epíteto e o louvor à sua modéstia.

À guisa de conclusão, verifiquemos ainda esta última faceta da *temperantia*, que é a *modestia*. Retornemos ao Athislus sueco, que conseguira escapar vivo da batalha com os daneses, e que provoca o discurso de Wermundus acerca das modalidades de guerreiros. Saxo não fixa-se tanto na questão da covardia ou temor ao defini-lo como vilão, ainda que este tema esteja presente no livro. Mas antes, centraliza a crítica à ele no quesito da *humilitas*. Ele descreve este Athislus não como alguém que foge da batalha, mas como um homem valente que tinha o hábito de andar na floresta sozinho e completamente armado a fim de provar sua *fortitudo*¹⁹². Qual sua falha? Aparentemente, a arrogância, a soberba. Enunciada brevemente, de início: “(4.3.2) [3] In quo non minus sibi fiducia quam laudis cupido vindicavit.”¹⁹³. Mas que posteriormente causará sua morte, já que gabava-se a todos de ter morto Frowinus, o governante de Schleswig, e diminuirá seu valor, aos olhos de Saxo:

(4.3.2) “[4] Inde Suetiam reversus Frowini necem non solum virtutum suarum imaginibus ascripsit, verum etiam impensiore verborum iactantia prosequi consuevit, gloriam facti vocis petulantia demolitus. [5] Aliquanto enim speciosius virtutes silentii verecundia teguntur quam sermonis petulantia publicantur.”¹⁹⁴

¹⁹¹ “Ora, onde ninguém pudera chegar por força, a astúcia prevaleceu”.

¹⁹² Na verdade, Saxo frisa que, apesar dele ter escapado, estivera à frente na linha de batalha, e fora o último a sair do campo, apesar de ser aquele que os daneses mais queriam matar. Portanto, sua fuga assume mais a feição de astúcia e habilidade que propriamente temor.

¹⁹³ “Em quem a auto-confiança reivindicava para si não menos (lugar) que a paixão pela louvor”.

¹⁹⁴ “Em seu retorno à Suécia ele não apenas adicionou a morte de Frowinus ao rol de seus feitos pessoais, mas acompanhava isto com jactância petulante, assim comprometendo sua ação meritória

Esta auto-proclamação também ocultava sua derrota e fuga:

(4.3.12) “[1] Post haec Athislus Suetiam refugus petit, Frowini caedem petulantius iactans ac facinoris huius memoriam verboso laudum suarum relatu incessanter ostentans, non quod receptae cladis ruborem aequo animo ferret, sed ut recentis fugae vulnus antiquae victoriae titulis recrearet.”¹⁹⁵.

Esta última dimensão explorada por Saxo referente à modéstia apresenta-se como uma adaptação e ponte ligada diretamente à valores da esfera cristã. Saxo expande o conceito da *temperantia*, e associa-o à *humilitas* presente na elaboração das virtudes capitais, de forma similar à que trabalha na *iustitia*, associando-a à *liberalitas* e *avaritia*.

Desta forma, temos o fechamento dos valores que formam a linha condutora do discurso da Gesta Danorum, e que permeiam as trajetórias de seus heróis. Saxo Grammaticus parte de material nativo e escandinavo, e de forma consciente modela-os de forma a criar uma narrativa épica em moldes clássicos e cristãos. O esquema básico de valores que emprega para isso é o das quatro virtudes cardinais, que funciona como linha condutora. A presença da *fortitudo* e da *temperantia* apresenta-se central na escolha deste esquema por coadunar-se bem à miríade de guerreiros que ocupam o lugar mais freqüente na sua narrativa.

Da parte criadora de Saxo é a readaptação e associação de valores de outras esferas de forma a criar um todo homogêneo. Desta forma, ele agrega outras dimensões aos quatro valores iniciais, por vezes englobando virtudes ou pecados capitais condizentes com sua formação eclesiástica, e adequando narrativas escandinavas muitas vezes conhecidas em outras fontes que possam exemplificar ou serem associadas aos valores. A apresentação das virtudes associadas com *exempla* fica clara, e demonstra um plano certo de, ao menos nos primeiros quatro livros da obra, apresentá-las uma por vez, sendo que a cada nova virtude enfatizada

com sua incessante ostentação. Manter as virtudes em modesto silêncio é mais admirável que proclamá-las em alta voz”.

¹⁹⁵ “(...)ele ainda fazia bravata presunçosa acerca da morte de Frowinus e nunca cessava de tagarelar de forma ostensiva sobre a história de seu feito. Isto longe de indicar que ele carregava cuidadosamente a vergonha de sua última derrota, era por razão que sua recente fuga feria-o e ele tentava remedia-lá recontando o crédito de sua última”. (versão baseada em FISCHER, 104).

alguns aspectos das anteriores podem ser salientados, comparados ou usados em complemento.

A repetição de estratégias¹⁹⁶ em diversos pontos e livros diferentes não apresenta-se como uma mera falta de criatividade; o próprio Saxo, ao repetir o estratégia dos pássaros com fogo em Fridlevus, afirma que este estava fazendo tal qual Hadingus fizera anteriormente. Gram, Hadingus, mais de um Frotho, Amlethus, Uffo e Fridlevus, dentre outros, freqüentemente repetem estratégias uns dos outros. Esta repetição serve em grande parte das vezes para demonstrar a mesma ação praticada por personagens providos ou desprovidos de certa virtude. Consistindo na mesma atitude, fica firmado ao leitor que o diferencial é seu executor, em quesitos quase sempre de virtude. O exemplo de Amlethus é particularmente ilustrativo neste ponto. Ao levar uma carta que ordena sua morte e alterá-la, ele apresenta *prudentia*. Ao, novamente em território bretão, levar uma carta cujo conteúdo é alterado praticamente debaixo dos seus olhos, ele demonstra ausência da *prudentia*.

No que toca às virtudes e valores, portanto, Saxo Grammaticus adiciona dimensões clássicas, cristãs e mesmo cortesãs a personagens e narrativas escandinavo-germânicas, e constrói um herói escandinavo que, ainda que fundamentado no antigo viking, apresenta-se mais próximo do cruzado escandinavo do século XIII, e que tratará de delinear mais detalhadamente nos livros seguintes da *Gesta Danorum*.

¹⁹⁶ Citemos alguns: o emprego de cadáveres de inimigos ou soldados mortos a fim de assustar oponentes, o emprego da manobra militar do “testudo”, a alteração de cartas, o envio de pássaros portando fogo a fim de queimar cidades em cerco. Entre outros diversos.

5. O TEMA DO CONSELHEIRO

Discutimos até então a estrutura básica de valores empregadas por Saxo Grammaticus, e sua centralização em esquemas de virtudes ampliados. Nos quatro livros iniciais Saxo apresenta *exempla* e mesmo alegorias das virtudes, apresentando-as paulatinamente. Já o espaço compreendido entre os livros V a VIII apresenta uma forma diversa da desenvolvida até então. O uso de dois ou mais enredos menores e quase independentes é substituído pela centralidade em personagens principais mais amplos. O recurso foi usado no livro I com a trajetória de Hadingus, mais ainda assim de forma não tão marcada.

A apresentação de juízos explícitos e explicativos é feita de forma não mais tão conexa como anteriormente. Enquanto na maior parte dos *exempla* acerca das virtudes as *sententiae* corroboravam as narrativas, a parte em questão da Gesta vai centralizar mais fortemente a atenção na narrativa em si. As *sententiae* dissertam acerca de temáticas por vezes acessórias, às vezes de certa forma deslocadas no tema geral¹⁹⁷, mas não são proferidas clara e marcadamente como resumos das linhas narrativas.

O livro V narra em sua totalidade a história do rei Frotho e de Ericus Dissertus. Não tratam-se de duas histórias consecutivas de personagens diversos, mas sim de uma única narrativa de elaboração mais complexa. O livro VI apresenta um personagem principal, Starcatherus, após uma série de narrativas menores. Que apresentam-se, entretanto, como uma ponte necessária entre a história deste e a anterior. E o personagem continua presente até o livro VIII. Enfim, o foco destes livros é muito maior em personagens específicos do que nos anteriores. O tamanho dos livros também é maior, sendo que o livro V constitui-se no maior da primeira parte da Gesta.

¹⁹⁷ Por exemplo: ao narrar sobre o estado decadente da corte de Frotho III em sua primeira fase marcada pela decadência, Saxo insere juízos explícitos sobre mulheres e casamentos entre o mesmo extrato social, mas sentencia com parcimônia ao tratar do tema mais claro em sua narrativa, que é a dependência do rei aos conselheiros.

Esta centralidade em personagens únicos é decorrente da apresentação das virtudes até então. Saxo apresentara nos livros iniciais heróis providos de uma ou mais virtudes, mas não dotados de todas. Com Ericus Dissertus e Starcatherus, Saxo apresenta heróis mais completos que os personagens até então.

Outra mudança ocorrida no livro V é a anunciação do nascimento de Cristo. Para Skoovgard-Pedersen¹⁹⁸, a partir dele a Gesta Danorum entraria em sua segunda parte (de quatro), na qual o Cristianismo veio ao mundo, mas não à Dinamarca. Porém sua influência seria sentida num período de paz mundial, coincidindo com a paz de Augusto no Império Romano, que para Saxo estenderia-se no norte com o governo de Frotho¹⁹⁹. Ele transfere o papel dos Godos diretamente para os dinamarqueses, de forma a apresentar a Dinamarca como um equivalente do Império romano no norte. Segundo sua narrativa, os domínios dinamarqueses teriam expandido-se de Nordeste a noroeste da Europa, incorporando desde as ilhas britânicas até a Rússia.

Estes livros são, portanto, um marco na obra, apresentando a Dinamarca num estágio já diverso, no qual governantes fracos ou desprovidos de virtudes sustentam-se cada vez menos, e onde as consequências das ações dos personagens são mais amplas. Neles Saxo Grammaticus desenvolve extensamente uma temática inaugurada no livro I, com reflexos no XIII (contendo o primeiro arcebispado) que encontra seu ápice no livro XIV, e que consideramos o tema narrativo nuclear da Gesta Danorum. Trata-se do tema do conselheiro.

Saxo apresenta reis e guerreiros dotados de *fortitudo*, às vezes associada com outras virtudes, mas notavelmente carente de outras. Gram e Hadingus, por exemplo, teriam *fortitudo* em abundância, mas deficiência de *prudentia*. Amlethus seria notável em *prudentia* e *fortitudo*, mas deficiente em *temperantia*. Uffo é apresentado como notável em *fortitudo* e *temperantia*, mas metade de sua vida foi marcada pela tolice –demonstração de falta de *prudentia*.

¹⁹⁸ Apud SKOVGAARD-PEDERSEN In: ELLIS-DAVIDSON, 2006: 06.

¹⁹⁹ ELLIS-DAVIDSON, 2006: 80.

Para alguns dos personagens Saxo apresenta a queda e decadência, como por exemplo em Amlethus. Para outros, entretanto, ele insere um conselheiro ou companheiro que o coloca no caminho certo e o tutorea.

A origem deste tema e seus objetivos são claros; em primeira instância, advém do reflexo do relacionamento entre o rei Valdemar I e o arcebispo Absalão, relatados nos livros finais da Gesta Danorum baseados nas memórias de Absalão. Em última instância apresentam também a defesa de concepções políticas hierocráticas. Ambas as razões são compreensíveis pelo comissionamento de Saxo na escrita da Gesta pelos arcebispos Absalão e Anders, e pelo local de escrita de Saxo, provavelmente um cônego em Lund – por sua vez, sede do primeiro arcebispado escandinavo.

Um possível modelo composicional pode ter sido a fórmula narrativa antigo-nórdica que Joseph Harris definiu em sua dissertação de mestrado em Harvard no ano 1969 como “The King and the Icelander”, na qual um estrangeiro (normalmente islandês) adentra a corte norueguesa e derrota o rei e seus cortesãos por meio da eloquência²⁰⁰. Um exemplo claro desta fórmula encontra-se na saga tardia (século XIV) do rei Hrolf Kraki, que possui diversas partes e enredos similares com outros trechos da Gesta, sendo que sobre o rei Rolvo Krake discutimos na seção destinada à *Iustitia*. Tais estruturas narrativas encaixam-se bem nos modelos estruturais definidos por Wladimir Propp em suas análises de contos-de-fadas de enredos mágicos²⁰¹, e indicam forte componente nativo, ao menos no nível de estruturação narrativa²⁰².

Um enredo similar é encontrado também nos capítulos III e IV da anônima *Historia Apollonii regis Tyri*, escrita no século III (idade mais comumente aceita) ou V-VI (segundo Kortekaas, entre outros)²⁰³, e ambas fontes possivelmente prestaram-

²⁰⁰ MARTÍNEZ-PIZARRO, 115s.

²⁰¹ PROPP, Wladimir Yakovlevitch. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. [Moscou, 1976]

²⁰² As fontes principais para o trabalho de Propp consistiram em material folclórico russo e eslávico, mas suas conclusões e metodologias foram aplicadas satisfatoriamente de forma mais ampla em outros recortes geográficos, ainda que tal circunstância tenha dado origem a uma série de discussões acerca de aplicabilidade. Nossas fontes, entretanto, possuem suficiente proximidade em termos geográficos com o material em questão e similaridade estrutural narrativa evidente.

²⁰³ HALL, J. B. *The Classical Review*, New Ser., Vol. 40, No. 2 (1990), pp. 291-294. Reviewed Work(s): *Historia Apollonii Regis Tyri* by Gareth Schmeling. P.225.

se como modelos adequados para Saxo desenvolver a temática nos livros iniciais, anteriores ao Cristianismo na Dinamarca.

Com o emprego deste tema do conselheiro, Saxo pode defender a tutela do rei pelos arcebispos e a proeminência da igreja em narrativas onde definitivamente não há igreja ou arcebispos e onde o recurso mais fácil e natural seria a narrativa acerca de reis supremos. O decorrer da leitura da Gesta e a repetição gradual da temática reforçam na mente do leitor a imagem, e quando o livro XIV e a narrativa sobre Absalão são colocados, a supremacia do conselheiro sobre o rei já foi tão repetida e demonstrada por inúmeros *exempla*, digressões e virtudes relacionadas que a predominância de Absalão parece inconteste. É recurso bastante inteligente e relativamente sutil da parte de Saxo, que poderia colocar em questionamento as teorias de Paul Hermann sobre a ordem de composição dos livros da Gesta²⁰⁴. A primazia tradicional da leitura dos nove primeiros livros deixa a imagem incompleta à maioria dos leitores, razão pela qual a temática não foi ainda, ao nosso conhecimento, extensamente discutida.

A apresentação de tal temática é de certa forma arriscada para Saxo, em especial nos períodos subseqüentes à morte de Absalão. Estudos da crítica genética no manuscrito de Angers apontam uma possibilidade de que Saxo tenha feito algumas alterações posteriores na trajetória de Gram a fim de ecoar alguns dos feitos de Valdemar II, nos anos posteriores à morte de Absalão²⁰⁵ já que, mesmo tendo escrito por vários anos ainda sob o reinado de Valdemar II, não optou por narrar seus feitos da mesma forma que fizera sob os dois reis anteriores (Knut e Valdemar I); antes, estendeu a obra para o passado dinamarquês, escrevendo os livros “míticos”. Ainda que a figura do arcebispo Anders Sunesson tenha tido proeminência e relevância, em particular ao acompanhar o rei Valdemar II nas cruzadas na Estônia e Livônia, seu brilho e influência não colocaram-se na mesma intensidade e nível que Absalão em relação a Valdemar I. Sugere-se que uma das

²⁰⁴ Como discutimos anteriormente, Hermann inaugurou a idéia largamente aceita de que os livros X-XIV (“históricos”) foram escritos antes dos I-IX (“míticos”). A existência do plano geral da obra poderia prestar-se como argumento contrário, à medida em que pressupõe um plano de obra iniciado nos primeiros livros. Entretanto a apresentação de idéia similar ao tema no livro XIII permite supor com certa segurança que naquele livro o método de esboço da idéia encontra-se menos desenvolvido que nos livros I a IX. Se a ordem de escrita fosse de I a XIV, o episódio no livro XIII encontraria-se mais desenvolvido em relação à temática do conselheiro do que os episódios anteriores. Mas não é o que ocorre, como discutiremos a seguir.

²⁰⁵ DUMÉZIL, Georges. *Gram*. In: *Do mito ao Romance*. p.188.

razões para a encomenda da Gesta (iniciada no reino de Knut – filho de Valdemar I, e irmão de Valdemar II) por Absalão foi em grande parte uma manutenção dos registros de feitos do próprio Absalão, em risco de serem colocados de lado no reino de Knut²⁰⁶. A figura do rei, num processo de centralização e fortalecimento real, procurava a supremacia sobre o arcebispado também, ainda que atuasse em cooperação com este, em particular nas desavenças com a crescente nobreza²⁰⁷.

Este contexto aponta um crescente risco à escrita de uma obra claramente depreciativa da figura do rei, ou que defendesse em sentenças claras sua sujeição ao arcebispado. Os movimentos cruzados no norte canalizaram as forças de rei, arcebispo e em boa parte, aristocracia, num esforço conjunto conduzido por rei mas orientado num ideal religioso. Tal circunstância mascarava as possíveis desavenças e tensões internas, mas o contexto apresenta riscos suficientes para exigir de Saxo um cuidado especial na crítica à realeza e na sua forma de apresentação da supremacia do arcebispado e da hierocracia. Algumas pistas indicam outras discordâncias entre a posição de Saxo e a política real. O rei Knut VI, sob o qual escreveu boa parte da Gesta, fora casado com uma princesa Saxã, e o período em questão encontrava-se permeado de delicadas e potencialmente explosivas relações diplomáticas entre a Dinamarca e os principados germânicos.

Não obstante, Saxo mantém-se constante em suas críticas e acusações aos saxões, mantendo-se particularmente fiel à posição do arcebispado. Uma vez que Lund disputava a supremacia sobre as regiões setentrionais com o arcebispado de Hamburg-Bremen, o negativismo em relação aos germânicos, ao Império e aos saxões é claramente definido nas posições do arcebispado danês, mas não apenas freqüentemente arriscado para os governantes daneses, como não necessariamente desejado por eles. As disputas iniciais de Valdemar I com o arcebispo Eskill envolveram grandemente a querela entre Império e o papado, o rei reconhecendo o antipapa Vitor²⁰⁸; o próprio rei Knut VI era casado com a filha de Henry, “o leão”²⁰⁹, e fora reconhecido como protetor e senhor de Lübeck (fundada pelo próprio Henry)²¹⁰.

²⁰⁶ SAWYER et alii, 225.

²⁰⁷ STARCKE, 318-320.

²⁰⁸ SAWYER et alii., 117.

²⁰⁹ CHRISTIANSEN, Eric. *Introduction*. In: *The Works of Sven Aggesen: Twelfth-Century Danish Historian*. Viking Society for Northern Research: University College London, 1992. p.21.

²¹⁰ SAWYER et alii, 66.

Uma confrontação mais aberta e constante com os saxões só se dará da parte dos governantes daneses com o subsequente rei Valdemar II, mas apenas após a década de 1220, quando Saxo encontrava-se nos anos finais da escrita da *Gesta*, e a Dinamarca disputava com os saxões os territórios obtidos nas cruzadas em Livônia e Estônia e defendia mais marcadamente sua própria supremacia na região báltica. Nos 40 anos anteriores, entretanto, Saxo manteve-se constante na escrita de sua obra no que tange à crítica aos Saxões; seus reis mais terríveis, depravados e necessitados de conselheiros são aqueles que efetuam alianças com os saxões ou adotam aos costumes destes.

A metodologia freqüentemente alegórica e hermética de Saxo, seus inúmeros empregos neo-platônicos e esquematizações, e seu costume da apresentação crescente e paulatina de uma temática prestam-se adequadamente à defesa da posição eclesiástica sem o uso de declarações enfáticas – e arriscadas.

Discutiremos a seguir mais extensamente as apresentações sucessivas da temática feitas por Saxo, em particular nesta primeira parte da *Gesta* (I-IX), em virtude dos objetivos gerais da pesquisa, sendo que as referências à temática na segunda parte (X-XVI) serão feitas introdutoriamente apenas a título de comparação e guia.

5.1 O CAVALO, OS FREIOS E O CONDUTOR

O livro XIII, constando na parte “histórica” da *Gesta*, apresenta um exemplo “neutro” de demonstração do método narrativo de Saxo, e possui valor fundamental na exposição do tema do conselheiro. Tal trecho foi empregado já por Kurt Johannesson como exemplo ilustrativo das metodologias de Saxo, ao defender sua idéia pioneira dos métodos alegóricos de Saxo Grammaticus.

Chamamos este exemplo, com as devidas ressalvas, de “neutro”, porque narra um acontecimento factível e conhecido por meio de outras fontes, e para o qual se conhece uma cronologia precisa. Desta forma, o peso subjetivo que consta

nas narrativas míticas anteriores, bem como suas faltas de referências externas, é consideravelmente reduzido. Não queremos alegar que Saxo tenha escrito-o de forma neutra e sem inclinações; pelo contrário, pela possibilidade de uma análise mais objetiva e clara dessas inclinações.

Ele trata acerca do reinado do rei Niels, que durou de 1104 a 1134, ano no qual foi assassinado em Schleswig, e em particular da figura de seu sobrinho, Knut Lavard. Este disputaria com Magnus, filho de Niels, o direito à sucessão do trono, sendo que Knut acabaria assassinado em 1131 por Magnus. Que, por sua vez, seria morto pelos homens de Erik, irmão do assassinado Knut, em 1134. Knut Lavard foi pai de Valdemar I, e tanto ele quanto Magnus seriam chamados de mártires por seus descendentes e partidários que reivindicavam seus direitos ao trono.

Niels					
Magnus	Inge	Knut Lavard		Erik	
		Valdemar I			
		Knut VI	Valdemar II		

Tabela 02: Principais personagens do livro XIII da *Gesta Danorum*. Do autor

Este Valdemar I filho de Knut Lavard é o Valdemar que aparece nas narrativas em conjunto com o arcebispo Absalão, e pai de Knut VI e Valdemar II, reis dos períodos de escrita da *Gesta*. Tal episódio, portanto, reveste-se de significado especial para Saxo, visto que trata da legitimação da dinastia que o governa, e o meio pelo qual ele expõe a narrativa é bastante sugestivo.

Saxo inicia a narração do livro enumerando detalhes sobre a sucessão, e em seguida contando acerca de Inge, segundo filho de Niels. Ainda garoto, tentou montar um cavalo selvagem. Seu instrutor permitiu-o tomar os arreios, sendo que o cavalo fugiu ao controle do menino, o derrubou e matou. Este episódio inicial vai, da mesma forma que nos livros vistos até então, enunciar um tema presente na totalidade do livro²¹¹.

²¹¹ (13.1.3)[1] Cuius filius Ingo, initio adolescentiae effrenis equi lascivia excussus eiusdemque ungulis artuatim obtritrus, splendidissimum sanguinem luteis viarum sordibus erogavit, tristissimoque fati genere consumptus, sparsis viatim membris, lacerum humi cadaver iacuit. [2] Paedagogus quippe, eum equo assuefacere cupiens, habenas manu continere permisit, quarum regimini intempestivus adolescens, pede subselliis inhaerente, contiguum solo corpus habuit.

Knut Lavard, apresentado no livro como herói incontestado, é exemplo de *fortitudo* e *temperantia*. Mas apesar de avisos incontáveis, cavalga para a floresta de Haraldsted, onde será morto por seu tio Magnus. Este e Niels de maneiras similares caminharão rumo à suas próprias mortes, e a mensagem de Saxo, em junção com a imagem inicial do livro, é clara: desde o instrutor até os príncipes, todos demonstram a falta de *prudencia*.

O quadro completa-se com o arcebispo Asser, o primeiro em Lund e na Escandinávia²¹². Após a morte de Knut Lavard, Magnus e seu pai, o rei Niels, são acusados numa corte popular por Erik, irmão de Knut Lavard. Ocorre um tumulto e a multidão tenta matar ao rei, que envia o arcebispo Asser de encontro ao povo²¹³. Erik, o denunciador, cavalga à frente, mas Asser toma o arreio do cavalo, o faz descer, e por meio de sua autoridade a multidão acalma-se: “ (...) *qui reverentiam et nobilitati suae et sacerdotio debitam irae vulgi irrumpentis opponeret*” (13.7.7).

Saxo, portanto, ao invés de simplesmente tomar o caminho mais fácil e óbvio, defendendo a legitimidade da dinastia de Valdemar que governa em seu período e a martirização de Knut Lavard, aproveita o incidente para demonstrar a autoridade do arcebispado sobre *ambas* dinastias pretendentes ao trono. Em sua narrativa, o responsável pela manutenção da ordem não foi o tio de Valdemar I, tampouco seu pai, assassinado por imprudência ou insapiência. Mas sim, o arcebispo Asser. A imagem do cavalo e dos arreios assume forte significado no livro inteiro, desde a enunciação do tema com o menino Inge. O controle dos arreios e do freio é tomado pelo arcebispado, sua supremacia demonstrada, e o reino comparado ao cavalo bravo.

Note-se que, aparentemente de forma contraditória, o arcebispo Asser não é apresentado com muita frequência²¹⁴, da maneira que os conselheiros o são nos

²¹² Asser fora anteriormente bispo de Lund, que em 1103 ou 1104 fora elevada à arcebispado independente de Hamburg-Bremen. Continuou como seu arcebispo. (SAWYER et alii, 115).

²¹³ (13.7.7) [1] “(...) *Ascerum emittit, qui reverentiam et nobilitati suae et sacerdotio debitam irae vulgi irrumpentis opponeret*”.

²¹⁴ Esta é sua segunda aparição no livro, e no livro anterior também aparece nomeado apenas duas vezes. No livro XIV Saxo refere-se a ele mais frequentemente (9 vezes), já em conjunto com Eskill e Absalão. Ainda assim, em comparação com as referências aos outros, muito brevemente. Eskill é nomeado 16 vezes no livro XIV. Absalão, 252 no livro XIV, 49 no XV e 50 no XVI, possuindo algumas referências esparsas no restante da obra, como por exemplo, no *Praefatio*, e ocasionalmente citado por Saxo como fonte de alguma informação.

outros episódios da Gesta. Mesmo tendo sido o primeiro arcebispo da Escandinávia. O arcebispo seguinte, Eskill, de atuação bastante extensa e envolvimento internacional e com os cistercienses, também possui poucas referências em comparação com Absalão. Uma provável razão para isso é o pertencimento de Asser e Eskill à família dos Thrugot, adversários dos Hvide de Absalão e Anders; os Hvide, por sua vez, foram fundamentais na subida de Valdemar ao trono. Tais circunstâncias não permitem que Saxo apresente Asser como herói da narrativa; este continua sendo Knut Lavard, ancestral de Valdemar. Saxo defende aqui a *instituição* do arcebispado e sua supremacia, não podendo neste caso recorrer ao seu recurso habitual de inserir a representação da instituição focada principalmente no personagem, sob risco de presumir a defesa de uma família rival de seus patrocinadores.

Porém, o próprio risco de ser mal-interpretado colocando Asser em proeminência é fator suficientemente revelador da importância da temática da supremacia do arcebispado para Saxo. E o episódio é um bom preliminar ao estudo das formas como Saxo emprega a representação do poder eclesiástico. Uma das características mais marcantes de sua relevância, legitimidade e autoridade, trata-se do emprego da *Prudentia*. Como comprovaremos adiante, a *Prudentia* é um dos marcos principais pelos quais se reconhece o conselheiro e as referências ao arcebispado.

O episódio é ao nosso ver também um indício relevante na comprovação da ordem de escrita dos livros, discutida anteriormente. Nesta parte “histórica” ou “cronística” e baseada grandemente nas memórias de Absalão, a proeminência é dada ao próprio Absalão, e os demais arcebispos precisam ser descritos de modo discreto, ainda que a posição do arcebispado seja defendida. À medida em que Saxo desenvolve a narrativa nos anos “míticos” e procura meios de manter a posição hierocrática alegoricamente, desenvolve mais extensamente a temática do conselheiro e resgata as imagens já esboçadas anteriormente. Desta forma, o episódio do livro XIII apresenta-se estruturalmente diverso e menos explorado pelo autor do que os episódios nos livros I e de V-VIII.

5.2 A PRIMEIRA APARIÇÃO DA TEMÁTICA DO CONSELHEIRO: GRAM E BLESSUS, HADINGUS E OTHINUS

(1.4.1) “[2] Ex qua parvo post tempore Gram filium sustulit. [3] Cuius mirifica indoles ita paternas virtutes redoluit, ut prorsus per earum vestigia decurrere putaretur. [4] Corporis animique praestantissimis dotibus praeditam adolescentiam ad summum gloriae statum provexit, tantumque magnitudini eius a posteris tributum est, ut in vetustissimis Danorum carminibus ipsius vocabulo regia nobilitas censeatur. [5] Quicquid ad firmandas acuendasque vires attinuit, acerrima ingenii exercitatione tractabat. [6] A gladiatoribus vitandi inferendique ictus consuetudinem studioso exercitii genere contrahebat. [7] Educatoris sui Roari filiam coevam sibi collactaneamque, quo maiorem incunabulis gratiam referret, uxorem ascivit, quam postmodum Besso cuidam, quod eius strenua opera saepenumero usus fuerat, mercedis loco coniugem tribuit. [8] Quo bellicorum operum socio fretus plus gloriae sua an Bessi virtute contraxerit, incertum reliquit²¹⁵”.

Destaquemos, de início, a seguinte sentença: “(...)Quo bellicorum operum socio fretus plus gloriae sua an Bessi virtute contraxerit, incertum reliquit²¹⁶”. Tal afirmação foi feita referindo-se a Gram, acerca do qual discutimos anteriormente a virtude da *fortitudo*. Seu companheiro referido é Bessus. Os feitos heróicos narrados nesta primeira parte do livro I são todos atribuídos à Gram.

O que possuímos acerca de Bessus são, além destes breves pronunciamentos, alguns poemas. Os primeiros da Gesta, trazem uma peculiaridade: Gram parte em conquista de uma princesa (Gro) aprisionada por um

²¹⁵ “Pouco depois, dessa esposa, ele teve um filho, Gram. Sua maravilhosa natureza recordou tão bem os méritos de seu pai, que parecia ter sido calcada em seus traços. Muito jovem, dotado das mais eminentes qualidades de corpo e espírito, ascendeu ao auge da glória, e a posteridade conserva uma tal lembrança de sua grandeza que, nos mais antigos poemas dos daneses, é pelo seu nome que é expressa a regia nobilitas (*a elevada condição real*). Ligava-se com a mais viva energia a tudo o que pudesse consolidar e aguçar suas forças. Adestrando-se com aplicação, aprendeu com os gladiadores a arte de evitar e de desferir os golpes. Para testemunhar seu reconhecimento, casou-se com a filha de seu preceptor Roarus, sua irmã de leite e da mesma idade que ele – mas, pouco depois, a fim de pagar os serviços de um certo Bessus, que lhe tinha sido com frequência muito útil, ele entregou-lhe a jovem em casamento (*mercedis loco conjugem tribuit*). Bessus era seu companheiro e seu apoio nas suas iniciativas guerreiras, e não se pôde decidir se sua glória se devia à sua própria coragem, ou à de Bessus.” (versão DUMÉZIL, 1992: 189).

²¹⁶ “(...)não se pôde decidir se sua glória se devia à sua própria coragem, ou à de Bessus”.

gigante, e a fim de espantar seus opositores parte vestido por uma pele de bode. A dama crê tratar-se do próprio gigante, e inicia-se um diálogo em forma poética. Mas quem conversa com a moça é Bessus, não Gram.

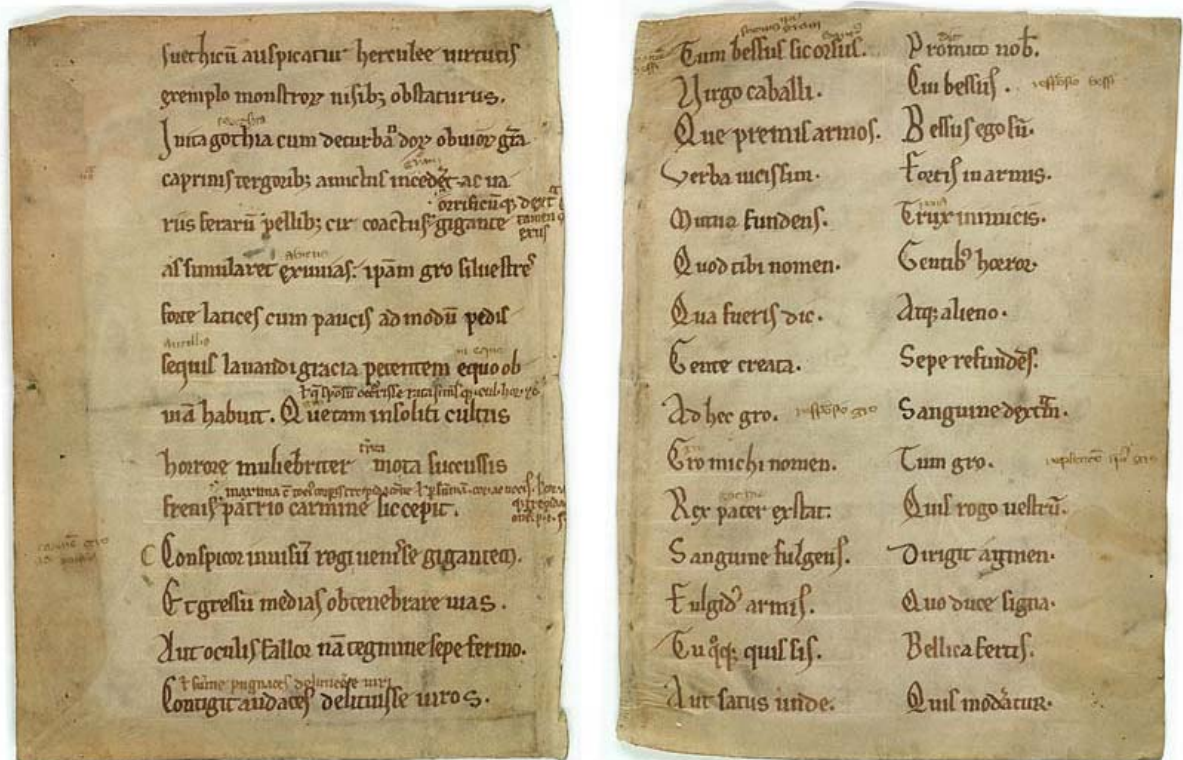


Figura 11: *Manuscrito de Angers, contendo o diálogo entre Bessus e Gro.* O único manuscrito medieval da obra de Saxo, escrito pelo próprio, contendo anotações e datado entre 1200-1220; infelizmente, contém apenas 8 páginas do livro I. Fonte: Biblioteca Real da Dinamarca; NKS 869 g 4°: Saxo, *Gesta Danorum, fragmentum Andegavense. Bifolium fractum B.*

Este último, apesar de proferir tantas demonstrações de *fortitudo* antes e depois do ocorrido, precisa de um intermediário para falar por ele. O mesmo intermediário profere mais um poema, em louvor a Gram, e desaparece da *Gesta*. Não aparece como parte realmente importante na linha narrativa. De que formas mais ele ajudara a Gram Saxo não nos informa. Seu objetivo imediato e sua função no livro parecem tratar-se apenas não exatamente depreciar o herói principal, mas apontar deficiências neste.

Levando em consideração a metodologia de Saxo Grammaticus, o episódio parece-nos um claro precedente à série de exemplos posteriores do rei que necessita de um ajudante. Este oficialmente não é mais importante que o rei, cujo valor é incontestável; mas Saxo sutilmente afirma estar em dúvida se o heroísmo de Gram era devido à ele mesmo ou a seu companheiro.

No quadro das virtudes, o episódio inteiro presta-se ainda à demonstração da deficiência de alguém provido apenas de *fortitudo*. No plano geral, Saxo inicia a demonstração do tema do conselheiro. Como seu sistema na formulação dos livros, em anunciar em um parágrafo, *sententia* ou curta narrativa iniciais a temática da narração posterior, o episódio é um anúncio.

Ele anuncia a primeira narrativa relativamente mais elaborada e extensa que vai tratar deste tema, e que nos traz maiores informações acerca do conselheiro, que encontra-se logo a seguir no mesmo livro, com Hadingus.

Como já afirmamos em análise no capítulo anterior, o princípio da história de Hadingus é pontuado, após a afirmação de que ele fora adotado por gigantes, de uma digressão acerca de três raças, feiticeiros (*mathemathici*), gigantes e do cruzamento dos anteriores, na qual ele demonstra a vitória da *prudentia* sobre a *fortitudo*: “Se eram inferiores aos precedentes pelo tipo corporal, levavam grande vantagem sobre eles pela vivacidade natural do espírito (...)”.

Esta digressão não é apenas uma justificativa para a citação de gigantes. Ela é seguida de duas narrativas consecutivas da vida de Hadingus, duas fases distintas que demonstram narrativamente o que Saxo enunciou dissertativamente. Em ambas narrativas Hadingus é tutelado por alguém. Primeiramente, por uma gigante. Após isso, por um *mathemathici*.

Hadingus, por si só, é apresentado como exemplo de *Fortitudo*:

(1.6.1) “[1] Hic primis adolescentiae temporibus felicissimis naturae incrementis *summam virilis aetatis perfectionem sortitus*, omisso voluptatis studio, continua armorum meditatione flagrabat, memor se bellicoso patre natum omne vitae tempus spectatis militiae operibus exigere debere²¹⁷.”

Os caminhos que trilha, entretanto, são bastante diversos sob os dois conselheiros; fica evidente que Saxo considera a *natureza* de Hadingus, por si só marcada pela *fortitudo*, mas que o aconselhamento inadequado ou a ausência de

²¹⁷ “A natureza deste homem assim cresceu e floresceu de modo que nas primícias de sua mocidade ele já atingia o primado da maturidade. Deixando a busca dos prazeres, zelava constantemente pelos exercícios bélicos; lembrando-se que era filho de um pai guerreiro, e estava destinado a gastar todos os momentos de sua vida em proezas aprovadas para a guerra”. (versão DUMÉZIL, 1992).

outras virtudes (ou mais freqüentemente ambos) podem deturpar uma natureza por si só, boa. Na tutelação pela gigante, o início é marcado por uma espécie de incesto:

“1.6.2 [7] Cedat odibilis iste rigor,
adveniat pius ille calor
et Veneris mihi necte fidem,
quae puero tibi prima dedi
ubera lactis opemque tuli,
officium genetricis agens,
usibus officiosa tuis.”²¹⁸

Este tema não apresentaria na mítica escandinava um “pecado” em si no mesmo sentido e acepções da tradição cristã, em particular porque os personagens e divindades dos quais Saxo se apropriou para a narrativa de Saxo encontram-se no âmbito da função da fecundidade e fertilidade²¹⁹. Não que o incesto não se constituísse em ofensa aos escandinavos; no entanto, na específica tradição mítica relacionada às divindades vanes que fornecem boa parte das características de Hadingus²²⁰, o incesto muito freqüentemente deu origem a um personagem divino ou a uma dinastia inicial.

Aqui, no entanto, a intenção é diversa. A inspiração do mito trouxe a Saxo o exemplo de um mau conselheiro. Este incesto da gigante é acompanhado também de exortações à indolência, ao relaxamento do ardor guerreiro e da *fortitudo*: “ (...) tentou, pelas seduções de seu amor, abrandar este coração valente e acomete-o constantemente (1.6.1)”. E de forma mais eloqüente:

(1.6.2) ” [3] Quid tibi sic vaga vita fluit?
Quid caelebs tua lustra teris,
arma sequens, iugulum sitiens?
[4] Nec species tua vota trahit;

²¹⁸ “Que ceda, esta odiosa frieza,
Que venha, esse piedoso calor.
E faz comigo o pacto do amor,
Eu que fui a primeira a dar-te, quando eras criança,
o seio, e te trouxe o socorro de meu leite.
Preenchendo a missão de mãe
A serviço de tuas necessidades”

(versão DUMÉZIL, 1992: 75)

²¹⁹ DUMÉZIL, 1992: 89ss.

²²⁰ Ibid.

eximia raperis rabie,
 labilis in Venerem minime.
 [5] Caedibus atque cruore madens
 bella toris potiora probas
 nec stimulis animum recreas.
 [6] Otia nulla fero subeunt,
 lusus abest, feritas colitur;
 nec manus impietate vacat,
 dum Venerem coluisse piget.²²¹

Ou seja, Hadingus, marcado em principal pela *fortitudo*, e carente de outras virtudes, é por meio desta conselheira espúria exortado a lançar mão de suas únicas qualidades.

A seguir, ela acompanha Hadingus em seu retorno à Dinamarca (pois ele crescera na Suécia). No meio do caminho param numa casa:

(1.6.4) “[2] Quo comite susceptum iter ingressa penatibus forte
 pernoctatura succedit, quorum defuncti hospitis funus maestis
 ducebatur exsequiis. [3] Ubi magicae speculationis officio
 superum mentem rimari cupiens, diris admodum carminibus ligno
 insculptis iisdemque linguae defuncti per Hadingum suppositis,
 hac voce eum horrendum auribus carmen edere coegit (...)”²²²

A circunstância, numa apreciação imediata, aparentemente é uma apreciação negativa à feitiçaria, conjuração de mortos e práticas mágicas pagãs²²³. E por tal feito, logo em seguida, Harthgrepa encontra a morte. Mas ao nosso ver trata-se não

²²¹ “Por que tua vida corre assim, agitada?
 Por que consomes teus anos no celibato,
 Todo entregue às armas, sedento de degolas?
 Nenhuma beleza atrai teus desejos:
 Dominado por extraordinária raiva,
 És inteiramente insensível a Vênus.
 Banhado de cadáveres e de sangue,
 Consideras a guerra preferível ao leito nupcial
 E as excitações (do amor) não divertem teu coração.
 Em teu ardor selvagem, o repouso não tem acesso:
 Nada de brincadeiras, cultivas apenas a selvageria,
 E tua mão não está isenta de impiedade
 Enquanto desprezas cultivar o amor.”
 (versão DUMÉZIL, 1992: 75).

²²² “(...) ela entrou por acaso, a fim de passar a noite, numa casa cujo dono acabara de morrer e de quem se celebravam as exéquias. Então, desejando entreabrir o véu das intenções divinas por meio de uma visão mágica, ela gravou na madeira fórmulas muito violentas, fez Hadingus colocá-las sob a língua do defunto e coagiu o último a pronunciar os seguintes versos, terríveis de se ouvir (...)”. (Ibidem).

²²³ E já foi muito discutida sob pontos de vista “magia branca X magia negra”, “seidr”, etc, que não tratam-se de nossos focos de atenção.

de uma condenação ou valoração negativa tão simples, pois no decorrer da Gesta inteira Saxo dá muita relevância e narrativas relacionadas à prática mágica, que associa ao *ingenio* e à *prudentia*; na própria continuação das narrativas de Hadingus, fica evidente que um aspecto fundamental para o sucesso de suas empreitadas é o bom-relacionamento com a esfera do divino e do sagrado – e aqui não se fala exatamente de sagrado enquanto cristão, mas sim à ligação com a *prudentia* e ao *ingenio*, que marcam em Saxo principalmente *mathemathici*, sábios, conselheiros e, posteriormente, arcebispos.

A associação imediata é com a digressão mitológica anterior, relacionada à magia dos gigantes, inferior, mas também é uma contraposição à magia que posteriormente será efetuada, de caráter e valoração diversos. O intuito aparente aqui é a caracterização de um mau conselheiro e da situação à que o guerreiro por ele guiado pode encontrar-se²²⁴; Harthgrepa faz um uso inadequado das características associadas à *prudentia*; usa de artes mágicas e simula possuí-la, mas o meio imprudente e inadequado que as emprega, e que por fim acabam por levá-la à morte, demonstram que sua virtude è espúria, uma simulação. Esta natureza dissimulada e dada ao engodo pode ser percebida por sua habilidade em mudar de forma e tamanho, que ela proclama ao tentar convencer Hadingus a deitar-se com ela:

(1.6.3) “[2] 'Non te moveat', inquit, 'insolitus meae granditatis aspectus. [3] Nunc enim contractioris, nunc capacioris, nunc exilis, nunc affluentis substantiae, modo corrugati, modo explicati corporis situm arbitraria mutatione transformo; nunc proceritate caelis invehor, nunc in hominem angustioris habitus condicione componor”²²⁵.

²²⁴ Kvaerndrup considera os problemas iniciais de Hadingus como devidos à sua influência pelos gigantes; toma-os, portanto, como uma influência negativa *per si*. Entretanto, um pouco posteriormente Vagnhoptus, o gigante que adotara a Hadingus, ajuda-o em batalha, o que questiona esta consideração meramente negativa acerca dos gigantes. Ao nosso ver, salienta-se aqui não um ser gigante ou não, mas nos usos da *prudentia* e na constituição de bons e maus conselheiros.

²²⁵ “Não seja guiado”, disse ela, “pelo aspecto insólito de meu tamanho. Pois minha substância é às vezes delgada, às vezes ampla; ora débil, ora abundante; e eu altero e mudo a meu bel prazer a condição de meu corpo, que uma hora está contraído e outra, expandido: hora minha altura sobe aos céus, e hora eu me estabeleço como um ser humano, sob uma forma mais contraída” (versão DUMÉZIL).

Ou então:

(1.6.3) “[11] Exsero contractos artus tensosque subinde
corrugo, vultum formis partita gemellis
et sortes complexa duas: maiore feroces
territo, concubitus hominum brevior capesso.”²²⁶

Harthgrepa, portanto, é caracterizada fortemente pela dissimulação e pelo engodo; uma conselheira má, ou um *exemplum* de uma falsa conselheira. Com sua morte, Hadingus obtém um outro protetor:

(1.6.7) “[1] Spoliatum nutrice Hadingum grandaevus forte quidam,
altero orbus oculo, solitarium miseratus Liserus cuidam piratae
sollemni pactionis iure conciliat (...) [3] Quo pacto Liserus et
Hadingus artissimis societatis vinculis colligati Lokero, Curetum
tyranno, bellum denuntiant. [4] Quibus superatis, fugientem
Hadingum praedictus senex ad penates suos equo devehendum
curavit ibique suavissimae cuiusdam potionis beneficio recreatum
vegetiori corporis firmitate constaturum praedixit. [5] Cuius augurii
monitum huiusmodi carmine probavit(...)”²²⁷

Não temos o nome deste protetor; trata-se de um “velho, privado de uma das vistas”²²⁸. Este sinal é habitualmente na mitologia escandinava, uma indicação de Óðinn²²⁹; “Othinus”, em Saxo. Parte dos seus feitos na passagem e posteriores podem corroborar esta idéia, e ela é freqüentemente aceita sem muitas dúvidas ou questionamentos acerca do tema.

Entretanto, em episódio imediatamente posterior, Saxo insere uma narrativa diversa sobre um certo Othinus, que fazia prodígios, governava em Bizâncio e

²²⁶ “Dilato meus membros contraídos e, quando estão esticados, volto a apertá-los, dispondo de uma aparência dupla, ganho dois tipos de benefício: por uma estatura maior assusto os audaciosos, pela menor acolho os abraços dos homens” (versão DUMÉZIL, 1992: 77).

²²⁷ “Por acaso certo velho, privado de uma das vistas, compadecido, reuniu o solitário Hadingus, privado de sua ama, com certo Liserus, por meio de pacto solene de viking. (...) Com este pacto Liserus e Hadingus, unidos por laços de estreitíssima aliança, declararam guerra a Lokero, tirano dos curônios. Derrotados, o velho mencionado acima conduziu para sua própria casa a cavalo o fugitivo Hadingus; ali curou-o com a ajuda de certa poção muito agradável, e predisse que ele encontraria firmeza em seu corpo, e reestabeleceria-se com mais força ainda. Cujas predições demonstrou da seguinte maneira, profetizando estes versos (...)”

²²⁸ “grandaevus (...) altero orbus oculo”

²²⁹ BRØNDSTED, Johannes. Op. Cit. p.249.

recebia adoração como deus na Europa. Esta passagem possui em si aspectos também sobre a questão envolvendo as divindades vanes, bem como inúmeras possibilidades de estudo mitológico, nas quais não nos deteremos.

Ela apresenta, entretanto, alguns problemas nos quesitos de identificação do personagem. Inge SKOVGAARD-PEDERSEN é da opinião que esta narrativa tenha sido colocada ali para explicar porque Othinus estaria nas paragens do Báltico Oriental na época²³⁰ (pois segundo a narração, ele auto-exilara-se de Bizâncio por algum tempo, pois fora traído por sua mulher com outro feiticeiro, chamado Mythotinus – “falso Othinus”²³¹). Dada a recorrência de Saxo localizar o Hellesponto no Báltico Oriental (como o fará logo em seguida), esta razão parece-nos perder uma parte boa de sua força.

Também este Othinus não é caracterizado como um velho de um olho só, tampouco o é em suas outras aparições na Gesta. Ao nosso ver, a narrativa possivelmente encontra-se ali com o intuito de diferenciar estes dois “Othinus”. O velho caolho foi fundamentado em Óðinn, mas Saxo não deseja que alguém que “recebia falsa adoração como deus” trate-se do conselheiro do futuro rei. Para isso, coloca logo a seguir uma narração contendo Othinus, agora nomeado. Nas outras aparições da Gesta Othinus não é apresentado ao lado do herói. Pelo contrário, Saxo normalmente coloca-o lutando com os homens, em particular contra seus heróis, como ocorre na narrativa de Balderus e Hotherus. No livro VIII, na batalha de Bravalla, Othinus aconselha um dos reis, o dinamarquês, e abandona-o em batalha²³².

²³⁰ SKOVGAARD-PEDERSEN, Inge. Op.Cit, p.124.

²³¹ Possivelmente seja um outro exemplo de distinção entre bons e maus conselheiros, ainda que nesta inserção na narrativa, complexa por si só, não haja um rei ou herói a ser aconselhado. Antes, tratam-se de dois *mathemathici*, Othinus e Mythothinus. Ambos são “maus”, visto que Othinus é apresentado como alguém que recebe falsa adoração, mas ainda assim os juízos de Saxo são claramente a seu favor. Os temas genéricos presentes na narração de Hadingus também encontram-se ali, incluindo questões ligadas à infidelidade conjugal e à esfera sexual, e ao uso de magia maléfica. Aparentemente, portanto, é uma narrativa que reforça a imagem principal, e incorpora inserções mitológicas que Saxo considerou adequadas, por razões diversas.

²³² Tal característica coaduna-se bem com o Óðinn da mitologia; frequentemente ele abandonava seus protegidos em batalha, a fim de contar com eles para a batalha final, o Ragnarok, mas tais aspectos escapam ao tema (ELLIS-DAVIDSON, Hilda. *Deuses e Mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004. pp.39ss). Em que medida a caracterização do Othinus de Saxo coincide com a do Óðinn de Snorri, por si só já é tema bastante intrincado.

Snorri Sturlusson e outros escritores de Saga empregam muito amiúde um esquema narrativo no qual apresentam um ancião que aparece diversas vezes na narrativa, usando nomes diversos, e com características diversas; às vezes caolho, às vezes portando um manto, outras com corvos, e às vezes nomeado como Óðinn. Na narrativa escandinava, principalmente islandesa, tal recurso é comum, e aponta seguramente para que o personagem assim camuflado trate-se de Óðinn andando entre os homens ou gigantes. Mas como já discutimos freqüentemente, não é tal modelo narrativo que Saxo procura construir, afastando-se conscientemente da metodologia de composição escandinava, buscando guiar-se aos exemplos latinos.

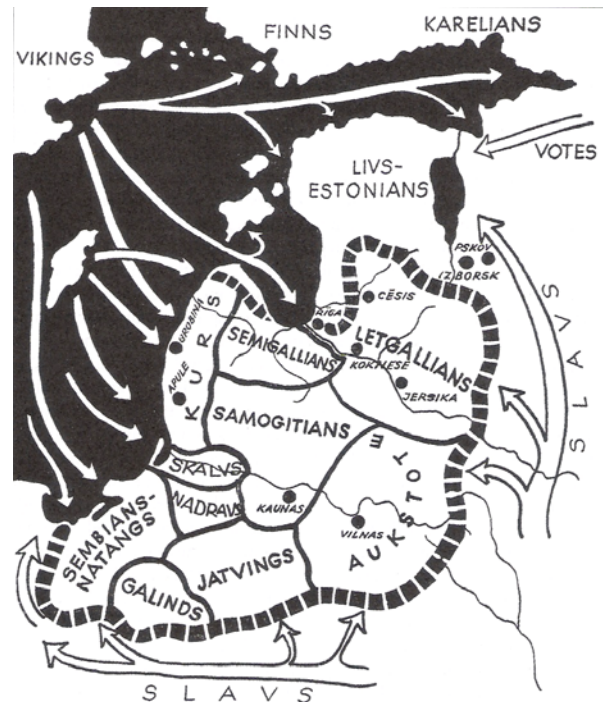
Consideraremos que este primeiro velho caolho presta-se mais adequadamente como um ser ligado à primeira ordem, à esfera religiosa e do saber, e portador da *Prudentia*, mas que a intenção de Saxo não foi de obrigatoriamente identificá-lo com a divindade Óðinn. Ainda que tenha claramente inspirado-se nela na construção do personagem, a apresentação de um falso deus como iniciador de Hadingus provoca reações dúbias em Saxo; ao mesmo tempo que denuncia a falsa divindade e o caráter de engodo de Othinus, sua posição é favorável a ele, quando colocado em contraste com Mythothinus. Este sujeito é apresentado como claramente um *mathemathici* que exemplifica bem a digressão mitológica anterior e salienta a supremacia da *prudentia* frente a *fortitudo*, mas a identificação exata deste com o posterior Othinus não pode ser feita de modo tão inequívoco e preciso, por mais tentadora que seja.

Após os cuidados do velho caolho, Hadingus escapa do cativeiro seguindo as indicações de seu conselheiro, e empreende um ataque a Andvanus, rei do “Hellesponto”, em sua fortaleza no rio Daugava²³³ - ou seja, na Semgália (vide *Mapa 05*). No sítio, ele emprega um artifício de enviar pássaros com as asas em chamas. Após a conquista, poupa a Andvanus: “cumque hostem tollere liceret, spiritu donare maluit: adeo saevitiam clementia temperabat.”²³⁴.

²³³ Ou seja, na vizinhança imediata da Curlândia, de onde Hadingus escapara há pouco. O uso do termo Hellesponto em Saxo não indica o “real” Hellesponto. Antes, refere-se ao rio Daugava, “Düna” para os germanos e “Dvina” para os Russos; mais especificamente, aqui, na região próxima à sua foz no golfo de Riga (BARANAUSKAS, 67s). A conexão é provavelmente derivada no papel do rio como uma das antigas rotas dos varegues rumo à Bizâncio.

²³⁴ “(...) apesar dele ter o direito de matar seu inimigo, preferiu garantir-lhe a vida; assim temperou sua ferocidade com clemência”.

Este velho caolho, descrito como tal, não aparecerá novamente no livro, mas seu papel será preenchido por outros anciãos de características muito similares e conforme discutido acima, identificados pela maioria dos autores como “Othinus”. A influência deste *mathemathici* apresenta-se de imediato em contraste com a anterior má conselheira. Se esta instava Hadingus a abandonar sua *fortitudo* em detrimento da luxúria o *mathemathici*, além de instar a que mantenha-se nos caminhos guerreiros, acrescenta outras dimensões ao personagem.



Mapa 05: *The Baltic Tribes in the 9-12th centuries*. In: SPEKKE, Arnolds. *History of Latvia: an outline*. Riga: Jumava, 2006[1948].

Note-se que esta primeira aliança viking de Hadingus não é de sucesso, e ele é capturado por Lokerus, o tirano dos curônios. O velho caolho liberta-o, oferece-lhe uma poção fortificadora e inicia-o ao uso de artifícios em adição à guerra simples e aberta. Ele não liberta-o simplesmente do cativeiro; o devolve, e indica-lhe o que fazer, e sua fuga é creditada a artifícios, em meio a uma espécie de iniciação guerreira²³⁵. No episódio imediatamente posterior Hadingus conquista a fortificação vizinha por meio de artifícios. Ao conquistá-la, demonstra misericórdia e temperança.

Desta forma, os conselhos deste primeiro ancião devolvem Hadingus aos caminhos de sua virtude natural, e ainda a aumentam significativamente. Em adição, características de outras virtudes como *prudencia* e *temperantia* são demonstradas por Hadingus logo em seguida, na conquista da cidade por artifício e no poupar de seu governante. A ambientação, o enredo, personagens e mesmo boa parte da temática são fortemente nórdicos, mas o todo revela claramente a intenção de Saxo em apresentar *exempla* dos dois tipos de sábios e conselheiros discutidos anteriormente e medidos por suas virtudes; o papel primordial do conselheiro aqui é

²³⁵ Hadingus mata um leão ao qual fora jogado o cativeiro de Lokerus, e bebe de seu sangue, que o fortalece.

colocar a Hadingus num caminho virtuoso, não apenas fortalecendo suas virtudes naturais, mas adicionando-lhe outras necessárias à um rei de sucesso.

Após estas circunstâncias Hadingus efetua a vingança de seu pai matando Svipdagerus e derrota também o filho deste, Asmundus. Mas precisa retornar rapidamente para a Dinamarca, pois Uffo, o filho de Asmundus, dirigira-se para lá. Hadingus é derrotado, e ao banhar-se numa praia, mata um estranho monstro, gabando-se do ocorrido. Uma mulher dirige-lhe maldições e palavras severas:

(1.8.11) “[2] Quem facto ovantem obvia femina hac voce
compellat: (...)Tantum poenae vis caelica pensat.
[7] Quippe unum e superis alieno corpore tectum
sacrilegae necuere manus: sic numinis almi
interfector ades!²³⁶”

As circunstâncias até então demonstram a incapacidade de Hadingus de lidar contra as forças ligadas à mágica, ao sobrenatural. A ele é imputada ignorância, falta de *prudentia*. Apesar dos conselhos e ajuda obtidos do velho caolho, tão logo este desaparece Hadingus comporta-se como um tolo que mata um ser divino sem reconhecê-lo, e ainda por cima sai proclamando o feito. Mesmo na batalha perdida anteriormente e narrada confusamente, houve a intervenção de dois seres divinos, cada um lutando ao lado de um exército. Não é apresentada razão para a derrota de Saxo, a não ser que de cada lado havia um dos seres. Portanto, a conexão imediata é com o parágrafo posterior, e a derrota de Hadingus deve-se à sua ignorância espiritual e à sua deficiência de *prudentia*, que leva-o a aplicar sua *fortitudo* em abundância em horas erradas. A própria não-permanência nos caminhos adequados também pode sugerir da parte de Saxo uma indicação de falta de *temperantia*.

A maldição da mulher só afasta-se de Hadingus quando ele efetua sacrifícios propiciatórios²³⁷, após o que adquire esposa, derrotando um gigante, e escapa de uma emboscada de vikings no mar. Este último, aparentemente é resultado do

²³⁶ “Enquanto ele estava triunfante com tal feito, foi acossado por uma mulher, que dirigiu-lhe as seguintes palavras: (...) Os poderes celestes dispensam tal punição. Pois você, com mãos sacrílegas, matou um ser celestial encerrado em outro corpo: eis a ti, o assassino de uma divindade benigna (...)”.

²³⁷ Em SAXO, 1.8.12; em FISCHER, 30.

sacrifício propiciatório, que reverte as maldições anteriores (entre as quais encontrava-se tempestades que o acompanhariam).

Não é de se surpreender que na reconquista da Dinamarca e derrota de Uffo, Hadingus receba auxílio de um novo conselheiro. Também um velho, desta vez vestindo um manto²³⁸.

Ele foi colocado para supervisionar a disposição de suas tropas, e as ordena numa formação em forma de cunha que os leva à vitória²³⁹. Quando os Biarmenses²⁴⁰ à serviço de Uffo passam a usar de magia para convocar tempestades, novamente é o ancião que resolve a situação, criando uma nuvem para remover o perigo²⁴¹. É uma segunda batalha travada pela magia e por artifícios, com o diferencial que, desta vez com o ancião ao seu lado, Hadingus encontra-se no lado dos vitoriosos. O uso de uma formação diversa e desconhecida dos demais é aplicação da *prudentia* e *ingenium* no campo dominado pela *fortitudo*.

Os últimos conselhos do ancião não apenas tratam das campanhas de Hadingus, mas também predizem a forma de sua morte: “(1.8.16)(...)non vi hostili, sed voluntario mortis genere consumendum praedixit clarisque bellis obscura ac longinquis finitima praeponere vetuit²⁴²”. A narração dos feitos subseqüentes de Hadingus é curta, e ele não efetua muitas campanhas mais que pudessem enquadrar-se nos conselhos do ancião, ainda que tenha obtido algumas vitórias. Mas sua morte dá-se como predito. O rei sueco Hundingus, ao ouvir acerca da suposta morte de Hadingus por meio de um atentado, oferece uma festa em homenagem a ele, na qual o chão do salão aonde dá-se a festa possui uma abertura que dá para um imenso tonel contendo bebida alcoólica. Presta-se ao papel de

²³⁸ Esta é outra característica na mitologia nórdica que revela Óðinn (BRØNDSTED, 249).

²³⁹ “(..) ut prima per dyadem phalanx ac per tetradem secunda constaret, tertia vero octoadis adiectione succresceret, semperque priorem insequens duplicitatis augmento transscenderet.” Esta formação será empregada mais vezes por Saxo no decorrer da Gesta.

²⁴⁰ Os Biarmenses eram os habitantes das margens do Mar Branco, que fica atualmente entre Finlândia e Rússia, e refere-se a um ramo oriental dos karélios, populações fino-úgricas ocidentais aparentadas a finlandeses e estonianos. O nome escandinavo, entretanto, aparentemente foi tomado dos habitantes vizinhos, os Permianos, que possuíam estrutura social diferente, e enquadravam-se no ramo fino-úgrico oriental. Os karélios tinham renome entre os escandinavos e finlandeses como mágicos e feiticeiros habilidosos. Vide *Mapa geral da Gesta Danorum*, nos anexos.

²⁴¹ “(1.8.16)[8] E contrario senex obortam nubium molem obvia nube pellebat madoremque pluviae nubili castigabat obiectu”.

²⁴² “(...)predisse que sua morte não daria-se por poder de inimigo, mas seria voluntária. Também proibiu-lhe que preferisse as guerras obscuras às gloriosas, e as próximas às longínquas”.

servente, mas cai no recipiente e morre. Hadingus, ao ouvir de sua morte: (1.8.27) “Quo cognito Hadingus parem veneratori gratiam relaturus exstinctoque superesse non passus suspendio se vulgo inspectante consumpsit.²⁴³”.

Este primeiro episódio mais elaborado contendo o tema do conselheiro encontra-se no início da Gesta, ainda que, em termos de cronologia de escrita, na sua metade. Como tal apresenta diversas características que serão aprofundadas, repetidas e ampliadas por Saxo posteriormente, mas que ainda não estão completamente declaradas e desenvolvidas. A narrativa, supostamente, também refere-se aos primeiros daneses, e a ambientação é mais marcadamente nórdica que as demais partes da Gesta, mais similar em conteúdo e mesmo forma à obra de Snorri Sturlusson. Ainda assim, as intenções de Saxo apresentam-se claras na reformulação desta tradição nativa.

O próprio esquema das virtudes encontra-se no início de sua explanação, e a característica mais marcante que depreende-se da parte relativa a Hadingus é acerca da insuficiência de sua *fortitudo* agindo sozinha e da necessidade que ele possui de ajuda quando lidando com forças relacionadas à magia e o sobrenatural.

Estes primeiros conselheiros²⁴⁴ procuram preencher estas deficiências, e indicam a Hadingus meios de extrapolar o campo de suas virtudes, mas não mantêm-se constantemente ao seu lado, ainda que nas ocasiões em que o façam os resultados sejam positivos. As situações em que Hadingus toma as decisões e atitudes por contra própria nem sempre são satisfatórias, e são nestas ocasiões que encontram-se suas derrotas e ferimentos.

Em suma, esta primeira apresentação do conselheiro envolvendo primeiramente a Gram e Bessus, e posteriormente a Hadingus, encontra-se na formulação inicial da esquematização das virtudes, em sua etapa referente à *fortitudo*. O conselheiro é apresentado em conjunto com a indicação da necessidade da *prudentia*, sendo que tal virtude consistirá realmente na principal característica que acompanha o conselheiro real. Neste sentido, Saxo emprega a atribuição já

²⁴³ “(...)considerou ser seu dever retribuir o gesto daquele que quisera homenagear sua morte e não aceitou sobreviver ao morto. Enforcou-se sob os olhos de seu povo”.

²⁴⁴ Ou “este primeiro conselheiro” aos que endossam a idéia que os dois anciãos e Othinus consistam no mesmo personagem.

efetuada por Platão acerca das virtudes enquanto próprias de determinados grupos sociais, mas não faz as mesmas associações. Conquanto Platão apresente a *prudentia* como própria dos governantes, Saxo apresenta-os como, com poucas exceções²⁴⁵, privados dela, e dotados da *fortitudo* (que para Platão seria própria dos guerreiros). A *prudentia* enquanto virtude característica de determinado grupo social é disposta por Saxo como própria principalmente dos conselheiros e arcebispos; não por acaso localiza-a entre os clérigos, grupo ao qual pertence e com o qual identifica-se. Quando o rei é corretamente aconselhado, suas ações refletem o uso da *prudentia*, e, em última instância, a situação adequa-se bem à sistemática Platônica das formas de governo.

Os últimos conselhos do ancião acerca de campanhas em lugares distantes apresenta-se também como uma primeira sugestão da idéia que ficará completa nas campanhas cruzadas no livro XIV, e cujo desenvolvimento e conexões ficarão evidenciados nas posteriores apresentações da temática do conselheiro. A escrita deste livro, efetuada no período de patronato do arcebispo Anders, adiciona à Gesta um cenário ampliado e de certa forma diverso do escrito nos baseados nas memórias de Absalão. Aqui, o contexto de Saxo não é mais o das cruzadas contra os eslavos, mas sim as disputas de Valdemar II e Anders contra germanos e mesmo suecos na Livônia e Estônia.

Tais elementos ficam evidenciado em Hadingus; as disputas com saxões e suecos são constantes, sua conexão com o leste é acentuada, muitos eventos significativos de sua trajetória ali ocorrem e muitos elementos constituintes do cenário provém dali. Sua iniciação guerreira dá-se na Curlândia; sua expedição seguinte contra Andvanus, rei do Hellesponto, dá-se no Daugava (vide *Mapa 05*)²⁴⁶. A fonte de inspiração para Saxo para o forte tomado ali provavelmente adveio do forte semgálio de Daugmale²⁴⁷, que por muitos séculos constituiu-se em importante centro de comércio entre baltos e escandinavos²⁴⁸. Não por acaso é por tal região

²⁴⁵ Das quais a mais notável é Amlethus, na parte inicial de sua vida. Que entretanto, como demonstramos, por não possuir *temperantia*, perdeu-a.

²⁴⁶ Vide Nota 233.

²⁴⁷ E não em Daugavpils, como afirma Hilda Ellis-Davidson (2006, 31). Daugavpils ("Dünaburg") seria fundada posteriormente a Saxo, pela ordem teutônica, por volta de 1275 (Livländisch Reimshronik, xix; 83-84).

²⁴⁸ KARKLIŅA, Inese. *Daugmale antiquities complex on the crossroads between east and west*. In: Association of Baltic Studies: Anals. Visby; Götland, Sverige: 1994. (Comunicação em congresso). Tal

que deu-se a penetração germânica inicial nos territórios da Livônia; em tais proximidades também seria construída Riga, ponto de partida para as subseqüentes conquistas.

Esta conexão da foz do Daugava com o Hellesponto e a rota para Bizâncio (vide *Mapa 06*) não é limitada apenas a Saxo Grammaticus. Bartholomeu o inglês, escrevendo também no século XIII, afirmaria: “Unde Semigalli sunt dicti, qui ex Gallis, siue Galatis, et illis populis processerunt²⁴⁹”. Ou seja, o nome “semgálio” adviria de “semi-gálatas”, pois seriam originários da mistura entre os locais e os gálatas²⁵⁰ – próximos, portanto, do Hellesponto.

Tal interpretação é equivocada – Zemgale vêm do letão *zeme*, “terra” e *gals* “canto, limite, fronteira” – uma espécie de “landmark” báltica. Entretanto, revela a existência da conexão efetiva, ao menos no campo do imaginário no século XIII, das regiões do Daugava com a rota a Bizâncio e ao verdadeiro Hellesponto.

Tais elementos salientam na narrativa de Saxo a derivação dos eventos no seu presente envolvendo a conquista da Livônia;



Mapa 06: Semgália, Hellesponto, Galácia e o Hellesponto de Saxo. Do autor, baseado em BARRACLOUGH, 77; MARTIN, 95 & SPEKKE, 81ss.

Em destaque, a rota varegue do Daugava-Dniepr, ligando o Báltico a Bizâncio

identificação é compartilhada por diversos estudiosos dos países bálticos, como Baranauskas, Radins, Zemitis, dentre outros, frequentemente de forma *ipsis literis*.

²⁴⁹ Apud BARTHOLOMAEUS ANGLICUS, *De proprietatibus rerum*. In: BARANAUSKAS, 68. “Os semgálios são assim chamados porque originaram-se dos galos, ou dos gálatas, e do povo local”.

²⁵⁰ Os gálatas, conhecidos mais amplamente como destinatários de uma das epístolas do apóstolo Paulo, eram um povo celta que habitava na Antigüidade o norte da Frígia, na Ásia Menor. Muito próximo ao Hellesponto, portanto. POWELL, T.G.E. *Os celtas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1965. pp.22-24.

suas construções posteriores da mesma temática do conselheiro irão salientar esta conexão do tema com os propósitos de hegemonia danesa no Báltico, efetivados por meio das expedições cruzadas.

5.3 FROTHO E ERICUS DISSERTUS

5.3.1 *Frotho e os maus conselheiros*

A seguinte apresentação do tema do conselheiro encontra-se no livro V, e segue bem a fórmula “The king and the Icelander” e a *Historia Apollonii regis Tyri*, com a principal diferença de que o estrangeiro é norueguês e o rei, danês. Ericus Dissertus (“Ericus, o Eloquentemente”) torna-se conselheiro do rei Frotho que, a fim de diferenciar dos demais, chamaremos de Frotho III. Como já afirmado, o livro inicia outra parte da Gesta Danorum, e marca o nascimento de Cristo. Ainda que a Dinamarca permanecesse pagã, o nascimento de Cristo teria trazido um período de paz à toda terra (que em Saxo Grammaticus trataria-se apenas da Europa e partes da Ásia), incluindo o Norte e Leste da Europa.

Enquanto que no mundo mediterrânico esta paz tenha sido referida como paz de Augusto, no norte e leste europeus o responsável fora, segundo Saxo, o rei Frotho III. A construção histórica efetuada no livro V incorpora diversos autores e temas da antigüidade, em particular de Paulo Orósio, Amiano Marcelino e Jordanes. Aos daneses são atribuídos feitos e características dos godos, que fornecem o modelo de *Imperium*. Temáticas posteriores na antigüidade como as invasões hunas são incluídas, e Saxo constrói um cenário no qual eventos da Antigüidade são associados a populações da Antigüidade tardia e do século XIII; tais eventos são traduzidos e apontados também como um espelho do que ocorre no século XIII, em particular na expansão do domínio danês pelo Báltico efetuado pela dinastia dos Valdemares.

Este rei não inicia sua vida de modo brilhante. Pelo contrário, o início de seu reinado é claramente o pior descrito até então. Sua vida é dividida em duas partes, marcadas por conselheiros distintos. Na primeira delas, o rei é criança; seu pai Fridlevus morreu, e por meio de assembleia o rei é colocado sob a tutela de guardiões.

As temáticas presentes no livro são resumidas nas primeiras sentenças. Em primeiro lugar, a temática da soberania. Referente ao rei Frotho III e seu pai e de forma similar à Gram e Hadingus, o pressuposto é a natureza virtuosa e soberana do rei: “(5.1.1)[2] *Tantum siquidem ab universis Fridlevi memoriae ac nomini tributum, ut tam tenero eius sanguini regnum daretur*”²⁵¹.

Em segundo lugar, o papel do aconselhamento e tutores, e seu papel na manutenção do reino: (5.1.1) “[3] *lidem, contione praehabita, infantiam regis a tutoribus excipiendam duxerunt, ne ob principis puerilitatem rerum excideret summa*”²⁵².

A apresentação da idéia aqui é comum e quase banal, não apontando para algum diferencial. Parte de um pressuposto de senso-comum referente à incapacidade de uma criança governar. Entretanto, a maneira como a narrativa desenvolve-se aponta um desenrolar diferente da idéia, e a minoridade do rei apresenta-se quase que como uma desculpa ou artifício a fim de demonstrar o papel definitivo que os conselheiros tomam nas políticas reais. Sobre a natureza deste conselheiros, os tutores são descritos logo a seguir:

(5.1.1) “[5] *Isulfo quoque et Aggoni octoque aliis illustribus viris non modo regis tutela credita, verum etiam gerendi sub ipso regni potestas indulta. [6] Abunde iis vires animique suppetebant, crebra non corporis tantum, sed etiam ingenii dote pollentibus. [7] Ita Danorum rem publicam, exspectato regis robore, vicaria tutabantur officia.*”²⁵³

²⁵¹ “Todos mantinham o nome de Fridlevus na memória com tanta estima que o reino foi dado para o tenro representante de sua linhagem”.

²⁵² “ (...)estipularam que a minoridade do rei deveria ser conduzida por tutores, já que a realeza poderia sofrer colapso em razão da pouca idade do soberano”.

²⁵³ “Isulfo e Aggo juntamente com oito outros homens eminentes foram encarregados da tutela do rei, e receberam poder para gerenciar o reino sob ele. Eram suficientes por sua abundância física e

As características destes conselheiros são as delineadas até então pela exposição acerca das virtudes; possuiriam “dotes abundantes” não apenas de força física, mas também mental: “[6] Abunde iis vires animique suppetebant, crebra non corporis tantum, sed etiam ingenii dote pollentibus”. A continuidade com os temas anteriores é clara, e colocada naturalmente após a série de demonstrações nos livros anteriores da necessidade principalmente da associação da *prudentia*, com a *fortitudo*.

Tais aspectos são supridos nesta primeira corte e nestes primeiros conselheiros, em particular nas figuras ligadas aos tutores do rei menino, Colo(Koli) e Westmarus. Entretanto, de forma deturpada. Westmarus possuía doze filhos, três dos quais chamados Grep. Juntamente com três filhos de Colo, aterrorizavam o reino; encarnam a *fortitudo* porém de forma desordenada, incontida e destemperada:

(5.1.3) “ [3] His summa caestibus aut ferro dimicandi peritia exstitit. (...) [6] Filii Westmari Colonisque, cum et aetate iam puberes et animis acres essent, fiducia in temeritatem versa, ad obscenos ac degeneres ritus inquinatam flagitiis indolem contulerunt.²⁵⁴”

O estado degenerado é associado, de forma similar à narrativa inicial de Hadingus, ao descontrole e práticas sexuais deturpadas:

“(5.1.3) [7] Adeo enim insolenter se indomiteque gesserunt, ut, constupratis aliorum nuptis ac filiabus, proscripsisse pudicitiam atque in prostibulum relegasse viderentur (...) [9] Suus nullum thalamus securitate donabat, nec quisquam fere patriae locus luxuriae eorum vestigiis vacuus erat. (...) coniugiorum reverentia pereunte(..)²⁵⁵”

mental; ricos não apenas de corpo, mas também pelos dotes mentais com que sobressaíam-se. Desta forma, oficiais substitutos tomavam conta do reino/da república (*res[m] publica*) dos daneses, enquanto se esperava o amadurecimento do rei”.

²⁵⁴ “Sua grande perícia em combater com a manopla (*luva dos pugilistas*) e espada sobressaía-se(...) Quando os filhos de Westmarus e Colo cresceram, chegaram à idade da adolescência e de ardor de espírito, sua auto-confiança transformou-se em temeridade, e adicionaram práticas sujas, obscenas e degeneradas em suas índoles maculadas”.

²⁵⁵ “Eram tão insolentes e incontidos que violavam mulheres e filhas de outros homens; pareciam ter banido a castidade e relegado-a ao prostíbulo (...) assim nenhum leito encontrava-se em segurança, e nenhum lugar no país encontrava-se vazio dos vestígios de sua luxúria (...) perdera-se o respeito pelo matrimônio”.

A própria irmã do rei era cobiçada pelo mais velho dos Grep, necessitando ficar enclausurada numa fortaleza.

O decorrer da narrativa permite a identificação clara dos filhos de Colo e Westmarus como *Berserkir*²⁵⁶. Trata-se de um estereótipo de guerreiro escandinavo que, em batalha ou quando suas vontades eram negadas, caíam em estado de furor extático. Snorri Sturlusson narra na Ynglinga Saga que mordiam seus escudos, ficavam loucos como cães ou lobos, dotados com a força de ursos ou touros. Nem ferro nem fogo podia atingi-los, e lutavam nus ou vestidos com peles.

Geralmente aparecem nas fontes escandinavas como dois irmãos ou em grupos de doze, neste último caso tratando-se de foras-da-lei ou guerreiros de elite da corte real. freqüentemente aparecem como visitantes inesperados, desafiando homens (usualmente muito velhos ou muito jovens) a duelarem por suas propriedades, esposas ou filhas. Nestas narrativas, um herói (freqüentemente um estrangeiro que visita a corte ou é hospedado pelo homem desafiado, tomando seu lugar no duelo) adquire fama por vencer um ou mais destes *berserkir*²⁵⁷.

Na narrativa em análise, todos os atributos comuns são aglutinados não deixando margem de dúvida que Saxo refere-se a *berserkir* como a guarda real; mesmo aspectos como o barulho, a comparação com cães, o desafio a um visitante na corte e o ataque a mulheres são preenchidos na narrativa inteira, principalmente com a chegada posterior de Ericus Dissertus. Sua escolha exemplifica um tipo máximo da *fortitudo* no seu sentido limitado físico em contexto escandinavo; um *berserkir* constituía-se no mais temível desafiante para qualquer guerreiro, e aquele que o derrotava adquiria status e fama bastante elevados.

Entretanto, ao associarmos o episódio com o livro IV da Gesta, em particular a digressão relativa aos tipos de guerreiros, a caracterização de Saxo os identifica com a segunda modalidade²⁵⁸. Ou seja, guerreiros ao qual sobra valentia, força, *fortitudo*, porém nos quais a falta de *temperantia* os leva a cometer excessos. Sua força é desqualificada por sua incontinência.

²⁵⁶ Plural de *berserkir*.

²⁵⁷ BLANEY, Benjamin. *Berserkir*. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.

²⁵⁸ Vide a seção anterior, "Temperantia".

Saxo vai mais além na narrativa, e oferece um juízo explícito acerca das razões desta falta de comedimento: “(5.1.13)[12] In causa otium erat, quod expertia agitationis corpora amica vitiis quiete diffloerent²⁵⁹”.

Tendo em conta os posteriores elogios ao papel de pacificador de Frotho III e nos trinta anos de paz na terra com a vinda de Cristo, a causa focal dos comportamentos viciosos descritos não é a paz, isoladamente tomada. Mas sim a falta de exercício, a inatividade, o má emprego da *fortitudo*. A paz condenada aqui é a paz externa, a ausência de guerras contra inimigos externos. Indiretamente depreende-se que quando a *fortitudo* não é canalizada contra os inimigos da Dinamarca, ela acaba por dirigir-se deturpadamente contra os próprios daneses.

Portanto, o exemplo dos filhos de Westmarus e Colo apresenta a virtude da *fortitudo*, porém de forma deturpada. Simultaneamente, eles apresentam uma notável ausência de moderação e comedimento ao ponto de serem comparados a animais. Portanto, deficiência da *temperantia* que, por sua vez, pode ser associada como uma das razões da deturpação da *fortitudo* destes guerreiros.

Quanto à *prudentia* e os atributos ligados à mente e ao *ingenio*, apesar do elogio inicial às capacidades mentais dos conselheiros reais, estes não aparecem no restante da narrativa, e a maior representante destas características neste primeiro estágio (que no livro aparece estritamente ligada à eloquência) é Gøtwara, esposa de Colo.

Apresentada também como a mais habilidosa nos quesitos da linguagem, representa a antítese da eloquência que posteriormente será associada com a *prudentia* adequada ao bom conselheiro, e apresentará similaridades também com a má-conselheira de Hadingus, Harthgrepa, em particular no aspecto da dissimulação. Segundo Saxo:

(5.1.2) “[1] Uxor Colonis erat Gøtwara, quae eximiae procacitate facundiae quantumlibet disertos ac loquaces enervare solebat. [2] Altercando quippe efficax erat et in omni disceptationum genere copiosa. [3] Pugnat siquidem verbis, non modo quaestionibus

²⁵⁹ “A razão era o ócio, um amigo do vício; pois na ausência de atividades, tranquilamente desmoralizam-se os corpos”.

freta, verum etiam pervicacibus armata responsis. [4] Imbellem nemo feminam debellare poterat, a lingua spicula mutuantem. [5] Quosdam verbositatis petulantia refellebat, alios veluti quibusdam cavillationum nexibus implicatos fallaciarum laqueis strangulabat. [6] Adeo vegetum mulieri ingenium fuit. [7] Ceterum condere pacta aut rescindere praepotens erat, utriusque horum efficaciam oris aculeo gestans. [8] Quippe disicere foedera ac sociare callebat. [9] Ita ad utrumlibet anceps linguae commercium fuit²⁶⁰.”

É por conselho de Gøtwara que embaixadores são enviados para obter a filha do rei dos hunos em casamento ao rei, e por meio de uso da magia, que obtém-se seu consenso. Casamento que não chega a resultados muito positivos; de início, não é por mérito e fama que Frotho III adquire sua esposa, mas por coerção e magia; em seu fim, trará uma guerra enorme à Dinamarca.

De modo não exatamente convincente ao leitor, mas com intenção clara do autor, este casamento é apresentado em conjunto com o estado degenerado da corte de Frotho III, já anunciado anteriormente, e repetido então:

(5.1.11) “[1] Igitur Hanunda usus (Hunorum haec regis filia erat) florentissima pace triennium duxit. [2] Cuius contubernales, otio petulantiam nacti, partam quiete lasciviam improbissimis extulere sceleribus.²⁶¹”

Um resultado igualmente negativo é a humilhação do rei:

(5.1.12) “[3]Grep vero haud humili contentus Venere eo se temeritatis effudit, ut cum regina commercio libidinis habito tam regi perfidus quam ceteris violentus exsisteret. [4] Adolevit deinde

²⁶⁰ “A esposa de Colo era Gøtwara que, com extrema e insolente verbosidade costumava derrotar tanto eloqüentes quanto loquazes, por maiores que fossem. Era certamente eficaz em alterações e bem-provida em todo tipo de argumentos. Lutava, todavia, com palavras, não apenas confiante em discussões mas de fato armada com obstinadas respostas. Ninguém podia derrotar esta mulher - inapta para a guerra, mas armada de língua afiada. Alguns ela refutava com verbosidade petulante; a outros, envolvidos por porções de suas ironias, ela estrangulava em nós de ardis. Foi mulher de ardoroso engenho. Era proeficiente em fazer pactos ou reincidí-los, podendo manipular o aguilhão em sua boca de modo a ser eficaz de um maneira ou outra. Por isso era hábil em tratar ou destratar acordos, enquanto tratava com ambos os lados o comércio enganoso de sua língua”.

²⁶¹ “Assim, com Hanunda (esta era a filha do rei dos hunos) ao seu lado ele passou três anos de paz florida. Enquanto seus companheiros, num nascimento petulante de ócio, eram levados por tal tranqüilidade imoral a cometer os mais execráveis crimes”.

paulatim infamia, tacitoque gradu criminis suspicio serpsit, ante
vulgo comperta quam regi.²⁶²»

Apesar do conhecimento geral do adultério, as ameaças de Grep fecham os lábios de todos, e o rei adiciona à suas falhas ignorância do ocorrido: “5.1.14 [1] Nihil tamen eius apud Frothonem gratiae detractum est, quo minus consueto familiaritatis officio fungeretur²⁶³”.

O resultado é a desaprovação geral do rei por seus súditos e vizinhos: “(5.1.12) [1] Tam effrenata militum procacitas non exteris tantum, sed etiam patriae invisum fecerat regem.²⁶⁴”

O quadro é um exemplo negativo das virtudes e valores demonstrados até então; a *fortitudo*, como já afirmado, encontra-se deturpada; a *temperantia*, ausente. A *prudentia* e os dotes mentais encontram-se em poucos, mas são torpemente empregados. E por fim, este estado de desgoverno que torna o rei odioso ao povo e aos seus vizinhos demonstra a completa ausência da *iustitia*, que no conceito platônico governaria as relações entre os homens. O rei é fraco, não toma decisões por si, não possui renome com o estrangeiro – ao contrário, é odiado por seus vizinhos – e além de mau aconselhado é enganado não apenas por Grep, mas por sua esposa e por todos que encontravam-se coniventes com o adultério, fossem cortesãos, conselheiros ou súditos.

5.3.2 *Ericus Dissertus*

O responsável pela mudança da situação é Ericus Dissertus, um desconhecido a serviço de Gotarus, rei da Noruega. Gotarus pretende invadir a

²⁶² (...)Grep, não contente com simples donzelas, lançou-se em tal temeridade sensual que cometeu adultério com a rainha, tornando-se tão traiçoeiro para seu governante como era violento para com os restantes. Gradualmente o escândalo se espalhou (..) até que era conhecido ao público antes do rei”.

²⁶³ “Nada disso, entretanto, retirou-o debaixo das graças de Frotho, tampouco o fez gozar menos da costumeira familiaridade”.

²⁶⁴ “Este comportamento incontido e desavergonhado de seus guerreiros fez o rei odioso não apenas no exterior, mas aos seu próprio povo”.

Dinamarca, em virtude que “(5.2.1) proprium Danos fastidire regem”²⁶⁵. É convencido de mandar uma expedição preliminar de reconhecimento por um discurso de Ericus que, após o ocorrido, recebe do rei norueguês o apelido de “Dissertus”. Sua aparição súbita é acompanhada de uma descrição:

“(5.2.3)[2] Quem Gøtarus, ut imprudentem hactenus habitum, responsionis suae contextum exquisita sententiarum gravitate compsisse miratus, Diserti donat agnomine, excellentem eius prudentiam appellationis honore iudicans prosequendam.”²⁶⁶.

A primeira caracterização de Ericus, portanto, é a *prudentia*, pela qual o rei Gotarus concede-lhe seu apelido. Esta primeira concessão da virtude a ele é significativa; posteriormente Ericus receberá uma poção mágica e outros auxílios sobrenaturais que incrementarão suas características e virtudes; mas por esta primeira aparição súbita de Ericus sem maiores explicações, já proferindo um conselho através do qual será chamado de “dissertus” pelo rei, Saxo demonstra que Ericus já era não apenas dotado de *prudentia*, mas até mesmo reconhecido pelos demais por portá-la.

Joaquín Martínez-Pizarro, por exemplo, considera esta ordem dos eventos um absurdo, por considerar que a eloquência de Ericus deve-se a poção mágica bebida: “The chapter is marred by a glaring absurdity: the hero displays his gifts and earns the cognomen ‘the Eloquent’ before eating the magic food that will confer power over words”²⁶⁷. Sua interpretação baseia-se na pressuposição da existência de uma ou mais fontes escandinavas, em particular islandesas-norueguesas, que Saxo teria reformulado de forma a construir o quinto livro, ou então na inspiração dos capítulos 3 e 4 da *Historia Apollonii regis Tyri*. Consideramos possível que ambas tenham sido importantes na concepção de Saxo, mas julgamos mais plausível que a apresentação de Ericus enquanto portador de *prudentia* anteriormente à bebida da poção mágica tenha sido proposital, e não inabilidade de Saxo; seu propósito é

²⁶⁵ “(...)de os próprios daneses repugnar o rei (...)”.

²⁶⁶ “(..) a quem Gøtarus, que o considerava anteriormente um homem sem conhecimento (*imprudentem*) e estando maravilhado pela forma com que sua resposta fora feita com opiniões sérias e consideradas deu-lhe o apelido de Eloquente(Dissertus), crendo que sua impressiva *prudentia* devia ser honrada de alguma maneira”.

²⁶⁷ MARTÍNEZ-PIZARRO, Joaquín. “An Eiríks páttir málsþaka? Some conjectures on the Source of Saxo’s Ericus Dissertus”. In: In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). *Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture*. Copenhagen, 1981. p.109.

compreendido através da análise do livro cinco em conjunto com a obra, e não apenas isolado, e é a apresentação do conselheiro virtuoso; liga-se também a uma propensão de Saxo demonstrada em outras partes da Gesta (em Gram, Hadingus, Amlethus, dentre outros) a levar em conta algo similar à *natureza* do personagem desenvolvido.

A seguir Ericus e seu irmão, Rollerus, preparam-se para uma expedição à Dinamarca, uma vez que a expedição prévia permitida pelo rei norueguês fracassara pela magia do danês Oddo. Ericus ganha do rei além do apelido, um barco. Na preparação para a viagem voltam para casa, onde a mãe de Rollerus (pois são meio-irmãos) prepara poção mágica para os dois. Por meio de argúcia e *ingenio* Ericus inverte as porções, pegando para si a mais forte, destinada ao seu meio-irmão e dissimulando por meio de um dito: “(5.2.7)[5] Nec tenue viri ingenium fuit, industrii operis dissimulationem a navigii consuetudine mutuantis.”²⁶⁸

Como resultado Ericus, já dotado de *prudentia*, vê-la crescer ao mais alto grau: “(5.2.8) (...) ad summum humanae sapientiae”²⁶⁹, podendo também compreender linguagens dos animais. Em adição, temos a associação clara da eloquência e o bem dizer com a *prudentia/sapientia/ingenio* no livro 5: “[4] Praeterea tam comis atque ornati eloquii erat, ut, quicquid disserere cuperet, continuo proverbiorum lepore poliret.”²⁷⁰. Porém Ericus não vê-se dotado exclusivamente de razão e eloquência, mas também de contínuo sucesso em combate: “(5.2.9) Quippe sapido unius epuli gustu rationis atque eloquentiae summam nec non gerendorum prospere conflictuum gratiam assecutus videbatur.”²⁷¹.

Seus sucessos seguintes confirmam-no como campeão de várias virtudes e valores, e capaz de empregar a *fortitudo* com a *prudentia*. Paulatinamente todos os maus guerreiros e conselheiros vão sendo derrotados por Ericus; a magia de Oddo (que derrotara a expedição norueguesa anterior) Ericus vence com artifício, com

²⁶⁸ “Foi requerido do homem não pouco engenho para esconder sua ação tomando uma dissimulação sobre navegação(...)”.

²⁶⁹ “(...)ao máximo da sabedoria humana(...)”.

²⁷⁰ “Além disso, sua conversa era tão graciosa e refinada que o que quer que fosse que ele resolvesse dissertar era embelezado com diversos provérbios”.

²⁷¹ “Certamente tinha provado do gosto único da porção de razão e máxima eloquência, para não se dizer que viu-se tendo atingido a graça de prosperar em combate”.

engenho “[4] Victoria arti contributa est²⁷²”. No caminho, por meio de mais estratégias rouba vacas para alimentação e escapa do castigo dos donos. Seu próximo adversário é Grep, e a natureza da disputa é por meio de argumentos e eloquência em forma poética.

Neste ponto, ao ser questionado acerca de si mesmo, Ericus faz sua própria apresentação, e proclamação de seus próprios valores:

5.3.2 [6] Regno mihi pater est, habitus facundia linguae,
cui solum virtus semper amata fuit.
[7] Optavi sapere tantum, discrimina morum
lustravi, varium per loca nactus iter.²⁷³

Apresentação seguida pela reprovação da falta de *temperantia* de Grep:

[8] In rebus mens stulta modum deprendere nescit,
turpis et affectus immoderata sui²⁷⁴.

Segue-se a primeira derrota de Grep, que perde-se em suas palavras e revela seu adultério com a rainha:

Ericus: [7] Qui dominum fallit, qui foedas concipit artes,
tam sibi quam sociis insidiosus erit.
[8] Aede lupum quicumque foveat, nutrire putatur
praedonem proprio perniciemque lari.²⁷⁵
Grep:

²⁷² “A vitória é colaboradora da astúcia”, considerando “ars” no aspecto de habilidade ligada ao campo do conhecimento.

²⁷³ “Regner é meu pai;
minha característica, uma língua fluente
E apenas à virtude sempre amei.

O saber tem sido meu único desejo,
e desta forma perscrutei os diversos costumes dos homens
ao viajar por muitas terras”

²⁷⁴ “Uma mente tola não pode apreender o modo em que as coisas se dão,
estando torpe e afetada em sua falta de moderação”

²⁷⁵ “Ericus: Aquele que enganou ao senhor e fomentou negócios ignominiosos,
foi traidor tanto de si quanto de seus companheiros.

De todo aquele que acolhe um lobo em casa,
acredita-se que nutriu um ladrão
e o destruidor de sua própria habitação”.

[2] Non ego reginam, sicut tu rere, fefelli,
sed tenerae tutor condicionis eram²⁷⁶.

Ericus:

[5] En te cura premit culpa re, tutior huic est
libertas, cui mens intemerata manet.

[6] Decipitur quisquis servum sibi poscit amicum;
saepe solet domino verna nocere suo.²⁷⁷

No caminho para a corte do rei, Ericus e seu irmão Rollerus passam por outras provações e armadilhas, proferem outros ditos e provérbios e encontram os *berserkir* do rei uivando e fazendo barulhos de animais. O próximo conselheiro derrotado é Colo, responsável pela guarda dos bens do rei; o intermediário que perdesse ou danificasse presentes destinados ao rei seria morto. Ericus vai entregar um presente – um pedaço de gelo oculto em pano - e ao passar, derruba-o na lareira, fazendo a todos pensar que o culpado é Colo e causando sua morte.

O próximo a ser vencido é o próprio rei, em mais uma longa série de ditos, provérbios e artimanhas de espécies diversas, nas quais cada fala do rei é distorcida por Ericus de modo a tomar proveito da situação. Desta forma Ericus consegue diversos presentes e a própria mão da irmã do rei; Grep também é morto por Rollerus. Neste longo episódio, destacamos a parte central do diálogo:

(5.3.14)” [10] Tum Ericus: 'Sapiens a sapientiori erudiri debet. [11] Discendo enim doctrina proficit, dogmate disciplina provehitur.' [12] Contra Frotho: 'Quid mihi exemplaris documentum haec tua superfluitatis imitatio dabit?' [13] Ad haec Ericus: 'Tutius regem fides parvula quam ingens vallat perfidia.'²⁷⁸

²⁷⁶ “Grep: Eu nunca, como pensas, me aproveitei da rainha, Mas a protegi quando achava-se em tenra condição”.

²⁷⁷ “Ericus: Eis, esta inquietação revela culpa em ti
Pois a franqueza é mais segura
naquele cuja mente permanece imaculada.

Quem coloca um escravo como seu amigo é enganado;
Frequentemente acontece de o doméstico prejudicar ao seu senhor”.

²⁷⁸ “Então Ericus: Um sábio precisa ser educado por alguém ainda mais sábio. O aprendizado, e o ensino é fortalecido com a doutrina.

Responde Frotho: Que lição exemplar estas tuas supérfluas onomatopéias me dão?”

E então, Ericus: Um rei é mais firmemente defendido por uma pequena porção de lealdade que por imensa perfídia.”

A passagem é particularmente relevante e um clímax da primeira alteração entre Ericus e Frotho III. Por meio da disputa de máximas, Saxo passa a apresentar o rei de forma diversa até então, acrescentando outras dimensões ao personagem. Até então, era apenas citado, sem ação própria nenhuma, e completamente dominado pelos personagens da corte.

Aqui, suas primeiras falas e atitudes encontram-se numa disputa na qual reconhecia-se habilidades do intelecto, do âmbito da *prudentia* e *sapientia*; o instigador para isso é Ericus, ainda que de maneira a apresentar-se ainda como adversário. E o modo pelo qual chega a tal ponto de conflito é a substituição paulatina dos antigos e maus conselheiros e suportadores reais; até então, Oddo, Colo e Grep já foram mortos, e a rainha desmascarada.

Em contraposição a seus conselhos, Saxo apresenta a interação do rei com o próprio Ericus; o rei é instigado a dialogar e combater no campo do *ingenio* a fim de, inicialmente, descobrir o que ocorrera com Oddo. Na disputa, sai-se melhor que Grep, e apresenta sinais de inteligência, de *sapientia*. O autor atribui ao personagem a característica, e Ericus parece com ela concordar, mas em conjunto com a necessidade do conselheiro adequado: “Sapiens a sapientiori erudiri debet”; o rei é sábio, mas necessita alguém mais sábio para ensiná-lo, e o estado em que o reino e a corte encontram-se apresentam-se como evidências inequívocas do conselho.

A veracidade do “provérbio” encontra-se logo a seguir no texto; Ericus engoda o rei com suas próprias palavras, obtendo a princesa para si. O rei ao perceber seu engano, precisa manter a palavra e sua autoridade, no que é apontado como a busca de, ao menos em aparência, um julgamento maduro e, mais além, da própria *constantia*:

(5.3.15) “[9] Rex, promissi errore recognito, puellam tradidit, nolens incuriae vitium levitate rescindere, quo gravior pollicentis videretur auctoritas; quamquam inania pacta revocare maturitati potius quam inconstantiae deputetur²⁷⁹.

²⁷⁹ “O rei, reconhecendo o engano em sua promessa, deu-lhe a garota, não querendo incorrer no vício de rescindir uma frivolidade, pois sua autoridade aparentaria ter mais peso na manutenção do prometido; pois o cumprimento de um pacto vazio seria imputado por maturidade mais do que inconstância.”

A série de vitórias de Ericus continua e os próximos a serem derrotados são os *berserkir*, numa batalha em cima da água congelada²⁸⁰. A vitória contempla a Ericus e aos seus, num episódio que não apenas demonstra vitória do *ingenio* sobre a *fortitudo* (pois Ericus e os seus além de escolherem o local empregaram calçados apropriados, com resina e areia), mas que também apresenta uma comparação similar à primeira apresentação da *fortitudo*, no livro I, ao referir-se ao solo firme:

(5.3.16) “Tempore quod pugnae debebatur instante, Ericus cum suis crustatum glacie aequor ingressus lubricum instabilemque gradu hostem solearum nixus firmitate prostravit.”²⁸¹

A comparação entre “instabilitas” e “firmitatis” é bastante sugestiva; no livro I, na primeira enunciação acerca da *fortitudo*, Saxo afirma que os primeiros governantes daneses foram escolhidos sob rocha firme, para que a “firmeza do piso fosse augúrio na durabilidade de suas ações”²⁸². A questão de firmeza associada à força é a associação defendida da *temperantia* com a *fortitudo*, e da já discutida deturpação pela qual a segunda sofre sem a primeira.

Neste episódio da batalha sobre o gelo, os caminhos dos *berserkir*, supostos portadores de *fortitudo*, são “instáveis”, enquanto que os de Ericus encontram-se em solo firme. É ele, portanto, que representa a *fortitudo* adequadamente e que, de forma subentendida, mantém-se nos caminhos da *temperantia*, ainda que até então seus maiores feitos encontrem-se no campo da *prudentia*.

Por fim, o quadro completo das virtudes de Ericus faz-se com a derrota de mais dois dos conselheiros do rei; Gøtwara, a invencível no campo das palavras, e Westmarus, pai dos Grep. Quanto a Gøtwara, desafia Ericus numa disputa verbal de cunho obsceno, mas sai derrotada:

(5.3.18) “[3] Primum enim orbitati adacta ac deinde verborum violentia confutata, cum opibus simul eloquentiae pretium perdidit; beavit liberorum sublatores, auctorem orbitatis suae praemio

²⁸⁰ Se de mar, de rio ou lago, Saxo não informa.

²⁸¹ “No momento próximo que deveriam combater, Ericus e os seus caminharam pela superfície revestida de gelo escorregadia e instável com suas solas apoiadas firmemente, e derrubaram o adversário”.

²⁸² [1] Lecturi regem veteres affixis humo saxis insistere suffragiaque promere consueverant, subiectionum lapidum firmitate facti constantiam ominaturi. (1.2.1; 14).

munerata, nihil pro repensanda filiorum clade praeter inscitiae
probrum ac rerum inopiam referens²⁸³.

Sua *prudentia* e *eloquentia* são desmascaradas como nada mais que ignorância, imprudência, estupidez (*incitia*), opróbrio e vergonha (*probrum*).

Quanto a Westmarus, considera que se Ericus não poderia ser derrotado por palavras, talvez o pudesse pela força. Reconhece sua *prudentia*, mas questiona a sua *fortitudo*: “(5.3.18)[4](...) Westmarus verbis superiorem viribus incessere statuit, (...) [5] Nec Ericus condicione uti abnuat, ne lingua quam manu promptior existimari posset.”²⁸⁴ A disputa é uma espécie de “cabo de guerra”, cada um dos adversários segurando uma corda e puxando-a em direções opostas. Ericus sai vencedor, e recebe o juízo do rei: “ ‘*Arduum*’, inquit, ‘*reor contra fortem fune contendere*’ ”.²⁸⁵

O desfecho desta fase da narrativa dá-se com últimas tentativas de Frotho matar a Ericus, e a fuga deste com sua noiva, irmãos e companheiros. Neste episódio, o rei cai ao mar vestindo armadura, sendo Ericus e Rollerus que o salvam do afogamento. O discurso a seguir é de grande elaboração, ocupa quase tanto espaço no livro quanto toda a disputa anterior de Ericus contra Frotho III; é evidentemente o clímax do livro, e marca o ponto da transformação na trajetória do rei. Sua elaboração é diversa das disputas apresentadas até então; para Ellis-Davidson, formula-se mais de acordo com um debate acadêmico medieval do que as passagens anteriores, mais semelhantes às disputas de máximas nativas²⁸⁶. O rei Frotho III apresenta sua infelicidade e desejo de morrer por ter sido derrotado, e considera ter sido despojado de todas suas características, bens²⁸⁷, virtudes²⁸⁸, e do próprio reino. Ericus apresenta argumentos contrários, e apresenta aqui o peso da

²⁸³ “Primeiro despojada, depois silenciada por uma investida verbal, ela perdeu sua riqueza e o valor de sua eloquência ao mesmo tempo; alegrou o removedor de sua prole, enriqueceu o homem que a fez sem filhos e levou recompensa alguma pelo assassinato de seus filhos, exceto a perda de sua propriedade e a vergonha de sua própria inaptidão.” Note-se o uso de *inopia* – pobreza, secura de estilo, de *retórica*. (DICIONÁRIO de Latim Porto; *Inopia*).

²⁸⁴ “(...)Westmarus considerou que não poderia constituir-se em vencedor por meio de palavras (..) Ericus não recusou os termos em discussão, já que tinha reputação de ser tão pronto com sua língua quanto com seu braço”.

²⁸⁵ “ ‘*É difícil*’, disse, ‘*puxar a corda contra um homem forte*’ ”.

²⁸⁶ ELLIS-DAVIDSON, *Commentary*, 79.

²⁸⁷ [9] Quid vita donas, quem gloria spoliasti? [10] Sororem, regnum, gazam, supellectilem et, quod iis maius est, claritudinem perdidisti, tot infelix casibus, quot tu fortunatus agnosceris.

²⁸⁸ [8] Credita mihi erat rationis atque eloquentiae summa; sed quorum utroque pollere videbar, utroque destitutus sum, eo calamitosior, quod regum victor ab agresti victus videor.

fortuna e do destino²⁸⁹, que teriam posto Frotho à prova . Questiona suas virtudes, de forma exortativa²⁹⁰, e coloca-se à serviço do rei²⁹¹. Exortações à *fortitudo*, à *temperantia*, à *constantia*. E, na associação com a Fortuna e o destino, como discutido anteriormente, uma apreciação elaborada acerca da própria *iustitia*. Oferece a restituição do que porventura tivesse tomado do rei.

5.3.3 Frotho pacificador e legislador e a hegemonia danesa

A parte a seguir do livro, de igual extensão à discutida até então, marca a nova fase dos caminhos de Frotho; nesta fase suas virtudes são confirmadas, e suas ações estendem-se de forma a trazer a paz à Dinamarca e estender seus domínios de forma a constituir um *imperium* no norte. Sua primeira atitude neste sentido é efetuar campanhas contra os eslavos ocidentais. Não é Frotho quem as lidera, entretanto; coloca a este serviço Ericus Dissertus, que a efetua com sucesso em meio a mais estratégias e ditos.

Tal passagem é um reflexo muito nítido das campanhas travadas por Absalão entre os eslavos, levadas à cabo por ele, e não pelo rei Valdemar I. Em menor número, mas demonstrando virtudes e estratégias, os daneses conquistam os eslavos e adicionam-nos aos seus próprios contingentes nas batalhas a serem travadas posteriormente. Uma disputa com o rei norueguês vai acrescentar também contingentes de noruegueses ao exército de Frotho.

Tais contingentes ampliados são necessários nos eventos seguintes, os de maior amplitude na Gesta até então. Boa parte da narrativa seguinte coaduna-se com a “Batalha entre Godos e Hunos” encontrada na Hervara Saga, mas com outros elementos adicionados de Amiano Marcelino, Jordanes, Cláudio e Orósio, dentre outros. O papel efetuado pelos godos é transferido diretamente para os daneses, e os hunos cumprem seu papel próprio, porém em aliança com os rutenos.

²⁸⁹ [3] Tentatus es a fortuna, quo mentis habitu adversa exciperes, explorante.

²⁹⁰ [24] Insipidus est, qui numquam maioris poculum degustavit; nemo dura non passus temperanter facilibus utitur. [25] Qui fortitudinis columnen esse debueras, enervis animi specimen exhibebis?

²⁹¹ [40] Ceterum militare tibi, si acceptaveris, volo.

Ericus Dissertus derrota Olimar, “rei do leste”, e posteriormente Hun, “rei dos hunos”. Coligados por razão da quebra do casamento de Frotho, vão acrescentar ao seus domínios um caráter mais universal. Olimar, liderando os rutenos, é derrotado primeiro, pelo contingente dos daneses engrossado por eslavos e noruegueses. É adicionado ao exército de Frotho como comandante, e juntamente com Rollerus e Ønevus, sai em busca de mais contingentes para empreender a batalha contra os hunos. Quando retornam, trazem consigo tributo e aliados. Rollerus derrota certo Arthorus de Söndmöre e Nordmöre²⁹², trazendo tributo. Ønevus traz 90 navios das Órcades, com Glomerus, Hithinus e Høginus; Olimarus derrota Thorias o alto de Jämtland e Hälsingland²⁹³, retornando com contingentes da Estônia, Curlândia e Aland, incluindo diversos reis não mencionados.

O rei dos hunos é derrotado e incorporado aos vassalos de Frotho, sendo designado a governar a Saxônia. Olimarus e Onevus recebem Novgorod e Kiev, Revillus as Órcades, Dimarus a Escandinávia setentrional e Lapônia, e Dago a Estônia. Saxo conclui tal seção dizendo que “Itaque Frothonis regnum, Rusciam ab ortu complectens, ad occasum Rheno flumine limitatum erat”²⁹⁴. Frotho coloca todas estas regiões sob mesmas leis e costumes, e após revoltas, disputas e campanhas nas ilhas britânicas, Saxo apresenta-o como um pacificador, governando em paz por 30 anos ininterruptos:

(5.15.1) “[1] Itaque post Britannicos triumphos Hibernasque manubias in Daniam reditum est annisque tricenis ab omni bellorum negotio *temperatum* est. [2] Quo tempore cunctis paene terris eximia *fortitudinis* laude Danicum nomen inclaruit” (*Grifos nossos*)²⁹⁵.

Tal passagem conecta a esquematização das virtudes com a hegemonia obtida. O uso de *tempero* nesta acepção de abster-se das guerras é raro em Saxo, especialmente tendo afirmado no início do livro acerca do estado deturpado que a

²⁹² Regiões dos fiordes noruegueses ao sul de Throndeim. Vide “Mapa Geral da Gesta Danorum” nos anexos.

²⁹³ Províncias do norte e centro da Suécia, respectivamente. Ao norte de Jämtland. Vide “Mapa Geral da Gesta Danorum” nos anexos.

²⁹⁴ “(...)os domínios de frotho incluíam a Rússia a leste e faziam fronteira com o Reno a oeste”.

²⁹⁵ “[1] Desta maneira, após os triunfos na Britânia e os despojos obtidos na Hibernia, retornou à Dinamarca e *absteve-se* de todo negócio de guerra por trinta anos. [2] Neste tempo praticamente por toda a terra brilhava o renome das extraordinárias *virtudes* dos daneses”.

ausência de guerra provocava. O uso conjunto do vocábulo *fortitudo* também aponta para o esquema apresentado das virtudes. Mas não há uma contradição na defesa de guerra no início do livro em relação a este estado de paz. Tal circunstância é excepcional, e Saxo irá expandi-la mais:

(5.15.3) “[1] Per idem tempus publicae salutis auctor mundum petendo servandorum mortalium gratia mortalitatis habitum amplecti sustinuit, cum iam terrae, sopitis bellorum incendiis, serenissimo tranquillitatis otio fruerentur. [2] Creditum est tam profusae pacis amplitudinem, ubique aequalem nec ullis orbis partibus interruptam, non adeo terreno principatui quam divino ortui famulatam fuisse, caelitusque gestum, ut inusitatum temporis beneficium praesentem temporum testaretur auctorem²⁹⁶”.

Aparentemente a idéia central foi tomada de Paulo Orósio, em sua *História contra ao pagãos*. Compare-se a seguinte passagem:

“⁵ Igitur eo tempore, id est eo anno quo firmissimam uerissimamque pacem ordinatione Dei Caesar conposuit, natus est Christus, cuius aduentui pax ista famulata est, in cuius ortu audientibus hominibus exultantes angeli cecinerunt Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae uoluntatis. eodemque tempore hic, ad quem rerum omnium summa concesserat, dominum se hominum appellari non passus est, immo non ausus, quo uerus dominus totius generis humani inter homines natus est. ⁶ eodem quoque anno tunc primum idem Caesar, quem his tantis mysteriis praedestinauerat Deus, censum agi singularum ubique prouinciarum et censeri omnes homines iussit, quando et Deus homo uideri et esse dignatus est. tunc igitur natus est Christus, Romano censui statim adscriptus ut natus est (Paulus Orosius, *historiarum aduersum paganos libri vii*)²⁹⁷”.

²⁹⁶ “Nesta mesma época, o autor da Salvação, dedicadamente e pela graça, suportou a condição humana, vindo ao mundo publicamente e à vista dos mortais, enquanto os fogos de guerra eram apagados e a terra gozava um período da mais calma tranqüilidade. Considerou-se que a extensa magnitude desta paz, a mesma e ininterrupta em todas as partes do mundo, atendeu antes ao divino nascimento que a um príncipe terrestre, e que por um ato celestial esta rara dádiva de tempo significou que o criador do tempo estava entre nós.”

²⁹⁷ “Ora, Cristo nasceu neste ano, i.e., no ano em que César Augusto consertou uma paz muito sólida e autêntica – em ordem ao plano estabelecido por Deus. Essa paz serviu como escrava o advento de Cristo. E no nascimento de Cristo, os Anjos exultando cantaram para os homens que os ouviam: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade...”

Encontramos relações em um bom número de elementos; o primeiro e mais evidente, é a idéia central relativa a paz, e a concordância do período envolvendo a vida de Cristo e a paz terrena. Orósio, entretanto, afirma que, ainda que César Augusto tenha negado-se a ser chamado *Dominus* pelos homens, ele fora predestinado por Deus. Note-se que a idéia em Saxo é diametralmente oposta; conquanto esteja narrando um episódio acerca de um grandioso rei, afirma que tal paz “non adeo terreno principatui quam divino ortui famulatam fuisse”²⁹⁸. Outros elementos menores indicam também a influência de Orósio neste episódio de Saxo, como por exemplo a idéia de Deus ser visto pelos homens, e a assumpção de uma forma humana. Conquanto esta última idéia seja comum e proveniente de textos paulinos²⁹⁹, a idéia do “ver a Deus” é diversa; o conceito mais habitual expresso pelo apóstolo Paulo em I Timóteo 6:16, “(...)a quem nenhum dos homens viu nem pode ver(...)”, é aqui empregado no sentido de quem viu a Cristo, viu a Deus, encontrado no evangelho de João³⁰⁰.

O início do livro II, também de Orósio, fornece outro elemento que ajuda a compreender as conexões entre os autores, e mesmo uma associação com as virtudes:

“⁵Eademque ineffabili ordinatione per quattuor mundi cardines quattuor regnorum principatus distinctis gradibus eminentes, ut Babylonium regnum ab oriente, a meridie Carthaginiense, a septentrione Macedonicum, ab occidente Romanum(...)”³⁰¹.

Nesse mesmo tempo, Augusto, a quem se concedera o supremo mando de todas as coisas, não tolerou que lhe chamassem senhor dos homens (sendo ele um dos mortais). Mais ainda: não lhe sofreu o ânimo que lhe chamassem SENHOR nos dias em que, entre os homens, nasceu o verdadeiro Senhor de todo o gênero humano.

Também nesse mesmo ano de 752ab.U.c, o mesmo César Augusto, a quem Deus predestinara para este tão grande mistério, foi o primeiro que mandou fazer o recenseamento de cada uma das províncias do seu Império e registrar o número de todos os que o povoavam. E isto precisamente quando Deus se dignou não só ser visto como Homem mas também assumir a natureza humana.” (Paulo ORÓSIO, *História Contra os pagãos*. Livro VI, capítulo 22 Tradução: CARDOSO, José).

²⁹⁸ “(...)atendeu antes ao divino nascimento que a um príncipe terrestre”.

²⁹⁹ (Apóstolo Paulo falando acerca de Cristo) “⁶que, sendo em *forma de Deus*, não teve por usurpação ser igual a Deus, ⁷mas a si mesmo se esvaziou, tomando a *forma de servo*, fazendo-se semelhante aos homens. ⁸E, achado na *forma de homem*, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz.”(Fp.2:6-8). (*Destques nossos*)

³⁰⁰ “⁸Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. ⁹Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis, Filipe? Quem me vê, vê o Pai (...)”. (Jo.14:8-9).

³⁰¹ “Mercê da mesma ordem, quatro reinos. Distinguem-se, porém, uns dos outros por categorias diversas. O reino da Babilônia, no Oriente; o de Cartago, ao Sul; o da Macedônia, ao Norte; o de Roma, a Ocidente”. (CARDOSO, 89).

E, no livro VI, um complemento da idéia:

“(...)hoc est quasi a meridie ac septentrione breuibz uicibus partes tutoris curatorisque tenuisse. ⁵ orientis et occidentis regnum Babylonium et Romanum iure uocitari, neminem umquam dubitasse scio(...)” (OROSIUS, VII:02)³⁰².

Remetemos à já citada passagem de Saxo, “Itaque Frothonis regnum, Rusciam ab ortu complectens, ad occasum Rheno flumine limitatum erat”³⁰³. Duas extrapolações advém daí. A primeira, conectada com uma expansão de leste a oeste, ligada aos pontos cardinais. A segunda, a própria conexão entre os diversos esquemas na Gesta, que conectam os próprios pontos cardinais às virtudes cardinais. Posteriormente, em Starcatherus, Saxo será mais explícito na enumeração da idéia dos quatro pontos, mas a abundância de esquemas numéricos e a partição em quatro somadas as características já discutidas mostram a conexão. A própria idéia de hegemonia danesa num sentido oeste-leste já fora antes expressa pelo contemporâneo de Saxo, Sven Aggesen, mas referindo-se ao rei Knut o grande, a expansão de Thule à Bizâncio, e Knut a Alexandre o grande³⁰⁴.

Entretanto, a própria enumeração das conquistas de Frotho extrapolam tal limite. Conquanto o limite oriental tenha-se dado numa vaga “Ruscia” (ainda que Saxo tenha posteriormente definido mais a situação, citando Novgorod e Kiev), as supostas conquistas e tributos a oeste vão muito além da Dinamarca, e em quesitos de latitude, extrapolam o mero leste-oeste ao incorporar desde as Órcades e Ilhas Britânicas à Lapônia, Saxônia e Rússia. Ainda assim, o destaque, quando referindo-se em termos de hegemonia, é dado por Saxo à dimensão leste-oeste.

Esta expansão rumo a leste é sintomática do contexto do século XIII. As campanhas descritas seguem as campanhas de Absalão e dos Valdemares; Ericus Dissertus obtém vitórias contra eslavos e incorpora-os como vassalos de Frotho; incorpora suas forças contra Olimar, rei do leste – entre os quais são listados

³⁰² “(...)Isto é: como se ao Sul e ao Norte, alternadamente, atenuassem as partes do defensor e do curador. Com razão é costume chamar ao reino da Babilônia o reino do Oriente e ao de Roma o reino do Ocidente. Sei que ninguém jamais pôs isto em dúvida”.(CARDOSO, 364).

³⁰³ “os domínios de frotho incluíam a Rússia a leste e faziam fronteira com o Reno a oeste”.

³⁰⁴ “Knut (...) enlarged the boundaries of his empire from farthest Thule to the empire of the Greeks, outdoing Geryon of Hesperus (...) and almost equalling the great Alexander”. (Sven AGGENSEN, 32; trad. CHRISTIANSEN); KÆRNDROP, 23-29.

estonianos, curônios e prussianos. Absalão da mesma forma prevaleceria sobre os eslavos que, por sua vez, seriam incorporados nas cruzadas efetuadas por Valdemar II na Livônia e Estônia.

O método que Saxo emprega para esta construção precisa ser lembrado. Frotho é descrito como o rei do maior domínio danês até então, em período histórico inigualável. As últimas referências a seu respeito são as seguintes: “[1] Hic Frothonis toto orbe clarissimi regis excessus fuit” (5.16.3)³⁰⁵. Precisamos lembrar, entretanto, que o início de sua trajetória foi marcadamente má e viciosa. A transição da pior corte até então ao mais notável rei do mundo é, evidentemente, fruto do trabalho de Ericus; as próprias conquistas efetuadas na trajetória “boa” de Frotho, ainda que sejam creditadas a ele, são executadas por Ericus. É Ericus quem empreende a vitória contra os eslavos, é Ericus quem por meio de estratégias adentra o exército do leste.

Saxo credits supostamente a glória a Frotho, ou ao menos, reconhece-o como governante de uma hegemonia danesa. Mas não perde oportunidades para descrever que os merecedores desta glória foram outros, e que o real destaque não trata-se do rei. A paz e hegemonia alcançados deveram-se “non adeo terreno principatui quam divino ortui famulatam fuisse”³⁰⁶. As virtudes danesas foram reconhecidas pelas nações externas, em contraste ao sentimento de ódio que a Dinamarca despertava anteriormente. Antes, “(5.1.12) [1] Tam effrenata militum procacitas non exteris tantum, sed etiam patriae invisum fecerat regem.”³⁰⁷. Depois, “(5.15.1)(...)Quo tempore cunctis paene terris eximia *fortitudinis* laude Danicum nomen inclaruit (*Grifos nossos*)”³⁰⁸.

Alguns dos elementos-chave empregados por Ericus nesta transição para uma hegemonia entre os pontos cardinais foram as virtudes cardinais. Sua trajetória define bem a temática do conselheiro em Saxo Grammaticus; revela a centralidade das virtudes em suas características, e apresenta de modo acentuado o emprego da *Prudentia*.

³⁰⁵ “Assim faleceu Frotho, o mais ilustre de todos os reis do mundo”.

³⁰⁶ “(...)atendeu antes ao divino nascimento que a um príncipe terrestre”.

³⁰⁷ “Este comportamento incontido e desavergonhado de seus guerreiros fez o rei odioso não apenas no exterior, mas ao seu próprio povo”.

³⁰⁸ “Neste tempo praticamente por toda a terra brilhava o renome das extraordinárias *virtudes* dos daneses”.

Fica evidente que este conselheiro é dotado também das outras virtudes cardinais, ainda que a *prudentia* receba este papel de destaque. Ericus apresenta-se como bem provido também de *fortitudo*, *temperantia* (que encaminha de forma adequada sua *fortitudo*) e é por meio de sua interferência que o governo do rei Frotho será marcada pela *iustitia*, transformando-se ele próprio em um dos primeiros e mais notáveis legisladores. Com Ericus Dissertus, Saxo apresenta sua descrição mais completa do conselheiro ideal, ainda que não encerre a apresentação da temática. Sua preferência pela *prudentia* pode refletir a defesa do arcebispado, de Absalão e de sua própria posição, principalmente porque está a narrar acerca do suposto maior rei existente até então, contemporâneo de Cristo.

Sua narrativa é exemplar acerca tanto da apresentação das virtudes como da defesa da hegemonia danesa e sua conexão com as cruzadas e expansão no Báltico Oriental no século XIII. Veremos a seguir o conselheiro cuja característica mais forte é a *temperantia*, que trata-se de Starcatherus.

5.4 STARCATHERUS

5.4.1 Starcatherus, virtudes e conselho

O personagem de Starcatherus/Starkadr aparece em mais de uma fonte de origem escandinava. Além dos relatos contidos na Gesta Danorum existem fragmentos de sua história em inúmeras outras fontes, entre as quais a Gautrekssaga, a Sögubrot, a Skjöldunga Saga, a Ynglinga Saga e a Hervara saga. É um herói popular no medievo escandinavo, sendo natural que sua estória apresente diversas variantes. Saxo destina espaço a ele em três livros da Gesta, sendo, em conjunto com o arcebispo Absalão, o personagem que mais espaço possui em sua obra, e que é apresentado de formas particularmente favoráveis e vigorosas. Se por um lado esta escolha de três livros para Starcatherus seja um ajuste adequado à sua suposta vida triplicada, por outro o grande período de tempo é adequado para Saxo apresentá-lo como herói no qual a virtude mais saliente é a *temperantia*; note-se que

o outro personagem da Gesta Danorum que possui espaço maior em mais de um livro é Amlethus, e esta expansão do espaço destinado a ele funciona muito adequadamente à demonstração de sua falta de *Temperantia*.

Quanto às outras fontes acerca de Starcatherus, a Gaustrekssaga, escrita possivelmente no século XIV, contém um relato semelhante (de menor extensão), mas com algumas diferenças significativas, principalmente no âmbito ideológico; a Sögubrot contém um relato razoavelmente detalhado da batalha de Bravalla (que Saxo descreve no livro VIII, sendo que a maior parte dos detalhes de ambos coincide) e a Hervarasaga contém uma narrativa da luta de Starkad contra os filhos de Angatyr, sendo que as outras fontes listadas possuem apenas referências e detalhes esparsos. Estas fontes são inestimáveis para a compreensão de algumas referências feitas e não explicadas por Saxo, e em particular na análise dos episódios alterados por ele, que demonstram suas ideologias.

Segundo estas fontes, Starcatherus seria um gigante vindo da Noruega. Saxo afirma conhecer esta versão, mas descarta-a como inverossímil e afirma que ele nascera nas regiões a leste da Suécia, onde habitam os estonianos e outras “hordas selvagens”. Recebera três vidas de homens – e tal circunstância Saxo não parece achar inverossímil -, com a condição de que em cada uma delas praticaria um feito execrável (*facinora*). Tal divisão é apontada de forma precisa em três livros diferentes na Gesta Danorum, o VI (caps.5-8), VII (5 e 10) e VIII (6 e 8).

Segundo a *Gautreksaga*, Óðinn daria as três a Starcatherus, enquanto que Thórr faria a adição dos feitos execráveis. Na Gesta Danorum, entretanto, Óðinn é quem concede estas três vidas, com a condição de que, em que cada uma delas, cometeria o pecado. É uma diferença que fala a favor da Gesta como relato mais fidedigno de um ou mais possíveis poemas originais, pois estas conseqüências indesejadas são mais coerentes com os características de Óðinn. Massimiliano BAMPI³⁰⁹, ao comentar a Gautrekssaga, chega à conclusão de que certos episódios como a narrativa do nascimento enquanto gigante seria a adição de uma tradição local norueguesa de forma a adequar a historia de Starcatherus no estilo de escrita das Sagas tardias, mas como Saxo já afirma conhecimento desta tradição, e por razões que veremos adiante, a explicação de que Starcatherus seria da Estônia não

³⁰⁹ BAMPI, Massimiliano. *Between tradition and Innovation: The Story of Starkadr i Gautreks saga*. In: The Thirteenth International Saga Conference. Durham and York, 6th-12th August, 2006

pode ser verificada em outras fontes, e é muito possível que seja uma singularidade de Saxo.

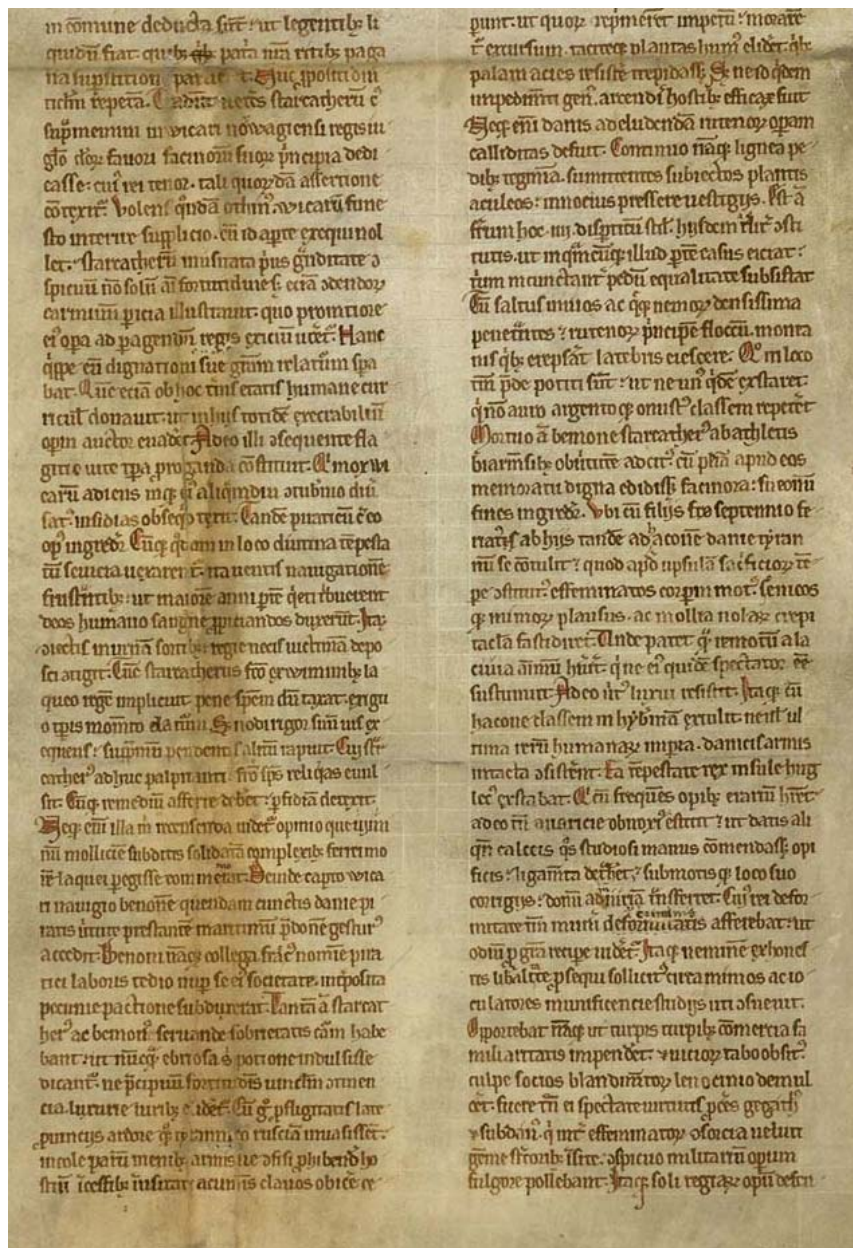


Figura 12: Fragmento de Lassen contendo parte da narrativa de Starcatherus. A página traz a execução do primeiro *facinora* de Starcatherus ao matar o rei Wicarus e algumas de suas campanhas. Começa em 6.5.5[2] [“(..) in comune deducta sunt”] e termina em 6.5.1[6] “regiarum opum defen(s)ores”] Fonte: Biblioteca real da Dinamarca, NKS 570 2º: Saxo, *Gesta Danorum, fragmenta recentiora: II recto*.

No plano de análise da temática do conselheiro, o Starcatherus de Saxo apresenta-se como um relato que apresenta características similares a Hadingus e Ericus Dissertus. A forma como Starcatherus adentra a corte do rei enquadra bem a narrativa ao tema “The king and the Icelander” exemplificado em Ericus Dissertus, mas o cenário e características do enredo circundante são mais similares à seção de

Hadingus. Assim como ele, Starcatherus tem uma conexão acentuada com o leste (lembrando-se que a mãe de Hadingus seria uma finlandesa, sua iniciação guerreira e primeiras campanhas de sucesso deram-se na Curlândia e “Hellesponto” de Saxo), temáticas de gigantes são mescladas na narrativa juntamente com digressões mitológicas, e a presença de Óðinn (Othinus) é relevante; assim como com Hadingus, aconselhado por um ou mais anciãos, Starcatherus é um ancião. A estrutura narrativa do conselheiro aparentemente serviu para moldar não apenas temas estrangeiros, mas também escandinavos. O rei Ingellus, que virá a ser exortado pelo ancião, apresenta elementos e nomes comuns em diversas tradições escandinavas e inglesas antigas, mas a forma que Saxo remodela-o é única³¹⁰.

Mas em principal, a característica que nos interessa é o papel de Starcatherus enquanto conselheiro. Em contraste com Ericus Dissertus, a principal virtude de Starcatherus é a *temperantia*, ainda que outras virtudes sejam demonstradas amiúde. Ambos são modelados segundo a narrativa de Absalão, e intentam passar a imagem de um herói completo em termos de virtudes. Ericus apresenta mais explicitamente o papel da *prudentia*, de um conselheiro propriamente dito, enquanto que Starcatherus exemplifica mais claramente o aspecto do guerreiro, também necessário ao conselheiro adequado e virtuoso, ainda que os aspectos da *prudentia* não sejam negligenciados, em particular na sua capacidade de composição.

Ele entra em cena na metade do livro VI. Entre o livro anterior e sua narrativa, Saxo apenas cita a morte de Ericus Dissertus por doença, fala sobre seu filho Haldanus e a sucessão do trono danês após a morte de Frotho III. Certo Hiarnus subira ao trono por ter vencido uma disputa de versos, pois o descendente de Frotho III, Fridlevus, crescia na Rússia. Volta à Dinamarca juntamente com Haldanus. Vencem um grupo de *berserkir* em circunstância que nos traz certa associação com o livro anterior e travam algumas disputas na Escandinávia (incluindo com Hiarnus, que não desejava abandonar o trono) e com saxões, culminando com a morte de Fridlevus quando seu filho Frotho possuía 12 anos³¹¹. Chamaremos-lo “Frotho IV”.

³¹⁰ MALONE, Kemp. *Ingeld*. In: *Modern Philology*, Vol. XXVII, nº03. Chicago: Chicago University Press, Fev/1930.p.273.

³¹¹ Note-se a recorrência do número 12 na obra, sendo que até então citamos duas vezes grupos de 12 berserkir. Kvaerndrup desenvolve a idéia na sua explanação acerca dos doze principados em Saxo.

As primeiras idéias levantadas no início do livro são o crescimento de Fridlevus no leste, e o episódio incomum da escolha do novo rei por meio de sua capacidade de compor versos. Estas duas idéias são mais expostas no decorrer do livro com Starcatherus, por meio de quem Saxo apresenta os mais longos poemas da obra e associa muito freqüentemente com assuntos orientais. São dois meios pelos quais Saxo apresenta o grau das virtudes de Starcatherus, suas campanhas e seus poemas.

Ainda neste início, com a vitória de Fridlevus e Haldanus sobre os *berserkir*, ambos demonstram virtudes, em particular *fortitudo* e *prudentia*, ao derrotar tais guerreiros por engodos, mas também a *temperantia*, ao reconhecerem o valor de um deles (Biorno – “Björn”) e incorporá-lo entre seus guerreiros³¹². Tais temas perpassam realmente a totalidade do livro VI.

Starcatherus entra na narrativa no reinado de Frotho IV. Único sobrevivente de um naufrágio, através de “força ou sorte”, é devido à superioridade de suas forças física e moral que entra a serviço de Frotho IV³¹³. Passou a simultaneamente executar expedições de caráter viking, enquanto vigiava as costas para o rei, e sua fama perpassou a Dinamarca, atingindo todas as províncias de Suécia e Saxônia³¹⁴. Segundo Saxo: (6.5.1)[3] Siquidem excellentius humano habitu corpus a natura sortitus, ita id animi magnitudine aequabat, ut nulli mortalium virtute cedere putaretur³¹⁵.

Segue-se a discussão sobre sua origem, uma digressão mitológica, a narrativa de como Starcatherus recebera suas três vidas, e a narração de seus feitos. São descritos campanhas de sucesso na Ruthenia (6.5.9), Biármia (6.5.10[1]), Suécia (6.5.10[2-4]), Irlanda(6.5.10[5] – 6.5.13), Curlândia e Báltico Oriental (6.5.14[1-2]), Ruthenia de novo (6.5.14[3-8]), Bizâncio (6.5.15[1]), e Polônia (6.5.15[2]), entremeados de combates individuais com campeões (6.5.10[1];

³¹² Conforme discutimos no capítulo 4 “As virtudes cardinais”, seção 4.4, “temperantia”, acerca das definições de Saxo das modalidades de guerreiros. Entre os guerreiros providos de fortitudo, o primeiro tipo, dotado de *temperantia*, de moderação, não perseguia inimigos que fugiam, e em outras associações, reconhecia seu valor e evita meramente dizimá-los.

³¹³ (6.5.1) [1](...)periclitatis naufragio sociis, solus vi aut fortuna delapsus ob incredibilem corporis animique praestantiam hospes a Frothone colligitur.

³¹⁴ (6.5.1)[5] (...)apud omnes Sueonum Saxonumque provincias speciosissima sibi monumenta pepererat(...).

³¹⁵ “A natureza equipara-o com físico sobrehumano e dávidas espirituais imbatíveis, de forma que cria-se que, em virtude, ele vinha atrás de ninguém”.

6.5.14[3-7]; 6.5.14[8]) e até mesmo um gigante (6.5.15[1]). Episódios nos quais a *fortitudo* do herói é demonstrada, e onde diversos paralelos geográficos com as conquistas de Ericus Dissertus e Frotho, no livro anterior, são efetuados.

Após isto, surge o episódio ao qual Saxo concede maior atenção. Voltando à Dinamarca à tempo, combate contra Hama, campeão dos Saxões³¹⁶, em defesa do rei Frotho IV(6.5.17). Os saxões sofrem derrotas; seu campeão é cortado ao meio por Starcatherus, e o exército de Hanevus derrotado pelo de Frotho (6.5.18). Mas no final das contas o saxão Svertingus convida Frotho IV à um banquete e queima o salão, matando a ambos (6.5.19).

A reação do filho de Frotho IV, Ingellus, trará o móvel do “aconselhamento” de Starcatherus, que no caso em questão, consiste mais em exortação. Tal móvel, de modo simples, consistiria na vingança à morte de seu pai, da qual Ingellus abstém-se. Encontramos aqui outra similaridade ao episódio de Amlethus. Em ambas narrativas há um pai a ser vingado; no caso de Amlethus, ele demonstra grande quantidade de *prudentia* na execução do plano, mas após, falha na *Temperantia*. No caso de Starcatherus e Ingellus, este abstém-se da vingança do pai, e recebe um conselheiro ou, como descrito no livro, um “guardião” notório em *Temperantia* que exorta-o.

Aqui o móvel da vingança paterna aponta para uma série maior de faltas que são de forma igualmente eloqüentemente apontadas. Trata-se do ponto de partida para a apresentação de um rei completamente desprovido de virtudes, não apenas de *temperantia*. O estado de sua corte é descrito similarmente ao episódio de Frotho III e Ericus Dissertus, e o rei Ingellus sobe ao trono com 12 anos, ainda que não haja mais nenhuma ênfase adicional acerca de incapacidade de governo por pouca idade. Aqui, os responsáveis principais que recebem a culpa de desvirtuar ao rei são os saxões³¹⁷:

(6.8.7)[2] Postquam se enim Theutoniae moribus permisit, effeminatae eius lasciviae succumbere non erubuit. (...) [5] Itaque regio nostra, quae continentiam in se tamquam naturalem aluit, luxum a finitimis depoposcit³¹⁸.

³¹⁶ Nesta situação, Saxo emprega “Saxones”, mas no decorrer da Gesta varia seu uso para “Teutones” e “germanos”, que verteremos por “teutões” e “germanos”.

³¹⁷ Saxo emprega alternadamente “saxones”, “theutones”, “germanici”.

³¹⁸ “Após ter entregado-se aos costumes dos teutões, não envergonhou-se em submeter-se a suas frivolidades efeminadas (...) Nossa terra, que tinha o que podíamos chamar de uma continência natural, agora praticava a luxúria de seus vizinhos”. É quase cômica a apresentação que Saxo faz dos mesmos. Amiúde referidos em outras fontes como brutos, grosseiros e violentos, os Saxões – pois Saxo intercala o uso do termo – são representados aqui como “efeminados”. Aparentemente,

Em adição a isso, Ingellus abandonara o modelo de seus ancestrais³¹⁹, trocara os exercícios de guerra pelos do ventre (6.6.1 [9-10]; 175), entregando-se à glotonaria, luxúria, práticas infames, preguiça e ociosidade (6.6.1- 6.8.7& 6.9.3-7). Qualquer desordem ou impropriedade, ele cultivava à perfeição³²⁰, e seus excessos eram tão vergonhosos quanto os feitos militares de Frotho, brilhantes³²¹.

Nos episódios anteriores de Hadingus e Ericus uma característica que Saxo coloca sempre como sintoma de estado desvirtuoso relaciona-se à questões sexuais deturpadas, exemplos de luxúria, de incontinência; os agentes para isso foram a gigante Harthgrepa no livro I, e os Grep no livro V. Com Ingellus, Saxo preenche boa parte deste papel com a glotonaria, os teutões e a esposa do rei, que ele define (6.6.9) como “Veneris(que) miles³²²”. Assim como o ancião, ou “Othinus” (livro I) e Ericus Dissertus (livro V), Starcatherus demoverá o rei destas práticas.

Já anteriormente à sua chegada à corte são apresentados outros episódios no qual Starcatherus é apontado como uma espécie de “protetor dos bons costumes”.

Em meio à suas campanhas no leste, derrota Wisinnus, que assolava a Rússia de forma similar aos *berserkir* da corte de Frotho III derrotados por Ericus Dissertus:

“(6.5.14)[5](...) ut etiam illustrium virorum coniuges, maritis spectantibus, raptas ad stuprum pertraheret. [6] Cuius sceleris Starcatherus rumore excitus tollendi auctoris gratia Rusciam petit.³²³”

A comparação com o livro V demonstra a similaridade do argumento: “(5.1.13)[10] Mariti metu, coniuges corporum suorum ludibrio vexabantur³²⁴.”

este desgosto não deve-se apenas às discordâncias entre Dinamarca e Império, mas também aspectos ligados a sociedade cortesã. As relações políticas entre daneses e germanos, entretanto, eram muito mais multifacetadas do que a leitura de Saxo pressupõe, sendo que por longos períodos a facção dos Welf foi aliada dos daneses em contendas contra os Hohenstauffen, em particular na figura de Heinrich, “o leão” – que por sua vez, fora genro de Knut VI, dos Valdemares. De qualquer maneira, é evidente o desgosto que tais alianças causaram em Saxo.

³¹⁹ “*relictis maiorum exemplis*” (6.6.1[2]); em *proiectis maiorum exemplis* (6.8.7 [1]) “jogou fora o modelo/exemplo/caminho de seus antepassados”.

³²⁰ Sane quicquid compositis moribus obvium aut inconcinnum erat, excoluit (6.6.1[4]).

³²¹ Nec minus luxuria foedus quam Frotho militia clarus exstabat (6.6.1 [12])

³²² Ou seja, “soldado dos prazeres” ou, como traduz FISCHER (190), “sexual soldier”.

³²³ “(...)ele podia ainda tomar esposas de homens ilustres e levá-las a serem violadas diante dos olhos de seus maridos. Provocado por relatos desta imoralidade, Starcatherus viajou à Rússia para exterminar o vilão”.

³²⁴ “Os maridos eram assoladas pelo temor, e suas esposas pelo ultraje feito de seus corpos”.

Já próximo à corte de Ingellus, Starcatherus apresenta-se como defensor e guardião da irmã do rei; novamente um tema semelhante ao livro V, quando a irmã do rei era assediada por Grep, o *berserkr*. Aqui, o assediante é um artesão que trabalha ouro, e seu defeito apontado o baixo nascimento. Ele coloca a irmã do rei em seu colo, a faz catar piolhos em sua cabeça e apalpa-a em lugares íntimos. Por tais feitos, é deixado “semi-morto” por Starcatherus que, não satisfeito em deixá-lo inconsciente, ferido e humilhado, “(...) ignominiam saucii invectivis exaggerandam curavit insultandoque sic coepit (6.6.6[5])”³²⁵. Segue mais um longo poema, que reconta exatamente o episódio inteiro, e termina da seguinte forma:

(6.6.12) “[1] Quanta sit in cunctis memini distantia fabris,
ictus ab his quondam. Nomen quippe omnibus unum
officii commune manet, sed pectora subsunt
ingeniis discreta suis. Me iudice praestant,
qui gladios et tela viris ad proelia cudunt
ingenioque animos produnt et corda rigore
officii signant ausumque labore fatentur.
[2] Sunt et nonnulli, quibus aes cava testula promit
diversas fuso species imitantibus auro,
qui torrent venas recoquuntque metalla, sed ipsis
mollius ingenium finxit natura manusque,
eximia quas arte dedit, formidine pressit.
[3] Tales saepe dolo, dum flatilis eliquat ardor
aes testae immissum, subducunt aurea massis
crustula, furtivum concha sitiente metallum”³²⁶.

³²⁵ “(...) tomou cuidado em alargar a ignomínia do homem ferido com insultos, e começou a zombá-lo”.

³²⁶ “[1]Eu me lembro que há uma grande diferença entre os vários tipos de ferreiro, pois eles já me feriram. Um nome comum de seus negócios os une, mas por trás esconde-se o que considera-se separar suas naturezas. Ao meu pensamento são superiores aqueles que forjam espadas e lanças para as batalhas dos homens, revelam seus espíritos através de suas disposições, assinalam seus corações pela dureza de sua tarefa, e na labuta admitem sua virtude.

[2]Mas aqueles que, quando os moldes ocos liberam seu metal, imitando diversas formas com o ouro moldado, e derretem o minério natural, estes são aqueles nos quais a Natureza formou um caráter mais fraco, enriquecendo suas mãos com extrema arte, mas abastecendo-os de medo.

[3]Geralmente tais homens, assim como o calor soprado liquefaz o minério que é derramado no pote, sutilmente surrupiam lascas de ouro do estivador, enquanto a embarcação anseia por seu metal roubado.”

Dentre os diversos tipos de ferreiro, portanto, aqueles que ocupam-se no fabrico de armas merecem o respeito de Starcatherus, mas não aqueles especialistas no manejo de ouro e confecção de ornamentos. Por tal episódio, encontra-se mais uma conexão com a narrativa de Amlethus. Na enumeração das falhas em que ele incorre por não possuir *Temperantia*, há um episódio no qual encomenda um escudo de ouro, e efetua gastos com acompanhantes reais. A apreciação de Saxo em tal ocasião apontara o erro da luxúria, ao qual Saxo contrapõe a *temperantia/continentia* de um guerreiro.

Ao observar conjuntamente os episódios de Hadingus, Ericus Dissertus e Starcatherus, no plano da temática do conselheiro, e de Amlethus e Rolvo Krake na exposição das virtudes, encontramos uma clara oposição da luxúria a *Temperantia*, em particular no aspecto da *continentia*. Os personagens dominados pela luxúria falham no controle de suas paixões, são evidentemente desprovidos de *continentia*. Tal característica é expandida nos episódios até então nos aspectos referentes às riquezas e à sexualidade.

Starcatherus, enquanto campeão da *temperantia*, mostra-se vitorioso nestes aspectos, e ainda na dimensão apresentada com Ingellus da glotonaria.

Recusa presentes:

[1] At regina, ne propositi irrita abiret, iram senis donis optime propulsandam existimans, mirifici operis vittam proprio capiti detractam gremio cenitantis apposuit, benevolentiam eius, quia virtutem hebetare nequiverat, mercari cupiens. [2] Quam Starcatherus, necdum offensae acerbitate deposita, in os offerentis reiciens (...)³²⁷

Recusa comida:

(6.8.5) (...) eorum usu lascivior contempto, ne quid externo ritui indulgeret, *temperantia*, qua plurimum pollebat, appetitum suum adversus deliciarum irritamenta firmavit (...)³²⁸

³²⁷ “Então a rainha, que acreditava poder dispersar a ira do ancião com presentes e, desta maneira, não deveria desistir até conseguir seus propósitos, tirou de sua própria cabeça uma argola lindamente feita e colocou-a em seu colo enquanto ele cejava. Já que não podia cegar seu valor, desejava comprar sua boa-vontade. Mas(...) Starcatherus, que, considerando que o presente carregava mais desdém do que respeito, lançou-o de volta em sua face” (versão nossa, baseada em FISCHER).

³²⁸ “(...)tendo desprezado seus usos dissolutos, não podendo ser indulgente com costumes estrangeiros, a temperança - que sobressaía grandemente - fortaleceu seus instintos contra os prazeres irritantes”. Mais uma vez encontramos a associação de vocábulo ligado à *firmitatis* (firmavit)

(6.8.6) [1] Cum ergo vetustos *continentiae mores* omnemque
pristinae consuetudinis habitum novo luxu ac lautitia corrumpi
animadverteret, rusticioris escae paratum appetens cenae
sumptuosioris impendium fastidivit³²⁹.

Uma associação direta entre esta luxúria e a comida está contida em sua canção, na qual também ataca à rainha, e demonstra mais similaridades à situação anterior de Frotho III, no qual seu primeiro casamento fora pernicioso e contribuíra para seu estado deturpado:

(...)
(6.9.9) [1] Uxor Ingelli levis ac petulca
Theutonum ritus celebrare gestit,
instruit luxus et adulterinas
praeparat escas.
(...)
[6] Haec procax fastu Venerisque miles,
appetens escae, bene temperatos
abdicat ritus simul et gulosas
instruit artes³³⁰.

Ainda em sua carreira como viking, evita embriagar-se:

(6.5.8)[3] Tantam autem Starcatherus ac Bemonus servandae
sobrietatis curam habebant, ut numquam ebriosam sibi potionem

com as virtudes, já apresentada nos livros I e V. Desta vez, entretanto, ligada à *temperantia*, não à *fortitudo*.

³²⁹ “Quando ele viu os antigos hábitos da temperança e todos os bons costumes antigos sendo pervertidos por estes novos, luxuriosos e incontidos, procurou por alguma comida mais rude servida, desdenhando a opulência de uma refeição mais suntuosa.” (Idem).

³³⁰ A esposa de Ingellus, leviana e libertina,
rejubila em praticar ritos dos teutões,
Inventa orgias e prepara comida adulterada.

(...)
Este insolente e soberbo soldado dos prazeres...
Ávida por comida,
renuncia aos bons costumes
do comedimento próprio
e instrui-se nas artes da glotonaria”.

indulsisse dicantur, ne praecipuum *fortitudinis* vinculum
continentia luxuriae viribus elideretur³³¹.

Os exemplos de *temperantia/continentia* são muitos, e Saxo os demonstra em mais de uma dezena de passagens; em diversos casos, eles apresentam conjuntamente a *fortitudo*, em adição ao número enorme de demonstrações através de suas campanhas prévias e posteriores à corte de Ingellus. Demonstrações nas quais, à semelhança de Ericus Dissertus, a *fortitudo* de Starcatherus é apresentada como maior e triunfante por valer-se da associação com outras virtudes. Seja na derrota do ferreiro ou na recusa a alimentos que ele considera “luxuriosos”, a máxima empregada é a da última passagem, “*fortitudinis* vinculum *continentia* luxuriae (...) elideretur”.

Tanto a caracterização inicial quanto referências posteriores definem a Starcatherus como provido de dotes físicos e espirituais. O termo empregado nestas passagens por Saxo é “animus”, por si só sugestivo. Pois se por um lado pode ser aplicado como “inteligência”, “espírito”, “cognição”, outros de seus significados e aplicações podem dar-se tanto no sentido de “vontade”, “ânimo”, quanto de “força”, “coragem”. Portanto, é empregado como sinônimo tanto de “*prudentia*” quanto “*fortitudo*”³³².

Seu uso complementar o quadro de suas virtudes: (6.5.1)[3] Siquidem excellentius humano habitu corpus a natura sortitus, ita id *animi* magnitudine aequabat, ut nulli mortalium *virtute* cedere putaretur³³³.

Neste ponto, sua associação com Haldanus, filho de Ericus Dissertus, pode ser sugestiva, “Haldanum repetit eiusque militiam promixa familiaritate”³³⁴. De si mesmo, Starcatherus canta, no final do livro VI, após exortar ao rei: “Exercens *animum* cum corpore, mente profanum omne relegavi (6.9.20 [2])”³³⁵.

³³¹ “Starcatherus e Bemonus eram tão cuidadosos em observar a sobriedade que eles supostamente nunca lançaram mão de liquor intoxicante, aflitos que a continência (*temperantia*), um grande elo entre homens corajosos (*fortitudinis*), pudesse ser lançada fora caso fossem auto-indulgentes”.

³³² BLATT, “Vademecum..”, verbete “animus, -i” & Dicionário Latim-português Porto Editora, “animus, -i”.

³³³ “A natureza equipara-o com físico sobrehumano e dávidas espirituais imbatíveis, de forma que cria-se que, em virtude, ele vinha atrás de ninguém”.

³³⁴ “(..)retornou a Haldanus e serviu-o como soldado, em amizade íntima (...)”.

³³⁵ “Exercitando alma e corpo, bani toda coisa profana de minha mente”.

Uma das evidências acerca dos dotes de espírito de Starcatherus é sua capacidade de compor e sua associação ao uso da linguagem. Seus poemas são longos e freqüentes; no livro VI possuímos seus poemas ao derrotar o ferreiro (pp.177-179), ao exortar Ingellus (187-193) e ao elogiá-lo por ter cumprido seu papel (194-195). No livro VIII, ao desejar morrer, é por meio de poemas que disputa com Hatherus (248-249), reconta seus feitos (250-251) e pede que ele o mate (251).

Saxo também afirma ter sido Starcatherus o primeiro cronista da grande batalha de Bravalla: “(...)qui et eiusdem proelii praecipuum columnen erat, primus Danico digessit eloquio, memoriae magis quam litteris tradito (8.1.0)”³³⁶. A quantidade de poemas e versos atribuídas a ele na narrativa são maiores do que as proferidas pelo próprio Ericus Dissertus, e como já observamos anteriormente, são atributos que Saxo apresenta no campo da *Prudentia*.

Na corte de Ingellus, ele atira ossos³³⁷ e provoca lágrimas no músico que tenta aplacar sua ira, e aparentemente o substitui, o que permite supor que seus versos subseqüentes em exortação a Ingellus foram cantados; “(...)in ampliorem histrionis suggillationem huiusmodi carmen subtexit”³³⁸ (6.8.12[3]); “[3] Praeterea hic hoc carmine usus asseritur (6.9.2[3])”³³⁹ – sucedida pelo primeiro poema de exortação- “clara rursum voce recinuit (6.9.8)”³⁴⁰ – seguido pelo segundo poema de exortação.

Relembremos que no livro III, na primeira demonstração da *Prudentia*, a anunciação que é proferida acerca de Hotherus. Fala acerca de não apenas força física, mas da capacidade de tocar vários instrumentos, vários modos, e provocar diversas reações e humores nos ouvintes³⁴¹. É mais uma conexão com os temas dos livros destinados a Amlethus, que são o III e IV, e a mudança efetuada no rei Ingellus dá-se após ouvir estes poemas-canções. Neste caso, a capacidade musical

³³⁶ “(...) foi o primeiro a narrar esta batalha em língua danesa, apesar de ter sido repassada mais por tradição memorizada que escrita”.

³³⁷ Episódio similar de atirar ossos em meio a um banquete já foi usado por Saxo no livro II, 2.6.10, no casamento do filho de outro rei Ingellus, em episódio que irá terminar com uma longa disputa de versos. O episódio em si encontra-se na narrativa mais longa do rei Rolvo Krake, e todos estes elementos em comum às duas narrativas encontram-se na Hrolfs Kraka Saga – que, por sua vez, é centrada no motivo “The king and the icelander”. O motivo do conselheiro, portanto, possivelmente influenciava a escrita do segundo livro, ou ao menos ali alguns dos elementos que posteriormente Saxo desenvolveria mais em Starcatherus, já teriam sido experimentados antes. É possível que o ancião que canta para o rei Frotho I no livro II, revelando a existência de tesouros, seja um ensaio de conselheiro, ou um personagem ajudador (nas acepções de Propp) de menores dimensões.

³³⁸ (...) como um último insulto ao flautista, compôs esta canção (...).

³³⁹ (...). (...)diz-se que continuou com esta canção”.

³⁴⁰ “(...)e mais uma vez cantou em alta voz(...)”.

³⁴¹ Livro III, 3.2.1. Em FISCHER, p.69.

é usada como derivada da *prudentia*, em particular porque presta-se não apenas para entretenimento, mas de forma a provocar mudanças no espírito dos ouvintes.

Uma última apreciação que apresenta a eloquência, e a associa com o despertar e defesa das virtudes:

(6.9.8) “[3] Quam porro industrium existimemus senem, qui *disertissima* admonitione immensum regalis animi vitium expugnavit eiusque loco, perruptis nequitiae claustris, efficacissimam *virtutis* sementem inseruit³⁴²?

Em conexão com esta última passagem, apresentemos o papel de conselheiro, tutor ou guardião do personagem, que é explicitado algumas vezes, em conjunto com a imagem reforçada do personagem enquanto um ancião, à similaridade do conselheiro de Hadingus.

Ao defender a irmã do rei e ferir o artesão, antes da intervenção de Starcatherus a garota encontra-se sem protetor: (6.6.2)[2] Quippe post obitum regis non existentibus, qui paterna in prole merita colerent, custodiae inops tutoribusque defecta fuerat³⁴³.

Obviamente, tal papel é preenchido por Starcatherus, sendo que após sua intervenção a garota podia assumir o papel de guardiã sobre si mesma: (6.6.6)[4] Quo effectum est, ut puella parentum officiis defecta eruditissimam moribus feminam ageret inque semet ipsam quasi seduli tutoris officium exerceret³⁴⁴.

O rei Ingellus, ao revelar à sua esposa quem era Starcatherus, o aponta como seu tutor desde a infância: (6.8.4) [3] (...)hunc sibi olim a patre tutorem datum infantiae suae indulgentissimum exstitisse custodem³⁴⁵

E, finalmente, no clímax da narrativa, no momento em que as virtudes de Ingellus são “despertadas”, Starcatherus é qualificado como “*educator*”, um preceptor:

³⁴² “De que forma podemos valorizar este veterano incansável, que atacara fortemente com suas eloqüentes admoestações a imensa corrupção na alma do rei e, em seu lugar, após romper as barreiras da imoralidade, inserira uma eficientíssima semente de virtude?”.

³⁴³ “Após a morte do rei Frotho não houve ninguém a honrar os méritos do pai adotando sua filha, com o resultado que ela crescera sem qualquer guardião para tutoreá-la”(versão baseada em FISCHER, 176).

³⁴⁴ “(...) a garota (...)tornou-se uma mulher de bem-treinada propriedade e encarregada, após isso, dos deveres de guardiã sobre si mesma.”

³⁴⁵ “Este era o tutor que seu pai outrora designara para si, o terníssimo guardião de sua infância(...)”.

(6.9.17) “[2] Primum enim rex vacuas carmini aures praebuit, deinde impensiori *educatoris* sui hortamine concitatus serum ultionis calorem animo traxit oblitusque convivae hostem induit³⁴⁶”.

(6.9.18) “[2] Exsulaverat siquidem probitas iuvenis, non exspiraverat; quae in lucem senili suffragatione producta opus(...)”³⁴⁷

O resultado do episódio aponta para a *iustitia*. Diferentemente da narrativa de Ericus Dissertus, onde sua inexistência anterior ao conselheiro é demonstrada diretamente em suas repercussões no reino e exterior, aqui a temática da vingança do pai morto é seu principal pretexto. A exigência por equanimidade é feita em meio à primeira canção/poema de exortação: “(6.9.5)[4] Num pii cladem genitoris *aequo* pectore ducis?”³⁴⁸”.

Seu reconhecimento, juntamente com a apreciação da situação, dá-se no poema final, de elogio à recém-encontrada virtude do rei:

(6.9.19) [3] Cedat in auctorem facinus, premat artificemque culpa relata suum³⁴⁹

(...) an ultos Frothonem satis esse putas, qui funera septem vindictae unius impendimus?³⁵⁰

Na primeira sentença, note-se a similaridade do argumento com o apresentado por Saxo no livro II, ao concluir a exposição da virtude da *iustitia*: “Adeo plerumque fortunae saevitia ulciscitur, quod dolo ac fallacia patrat.” (2.8.5[5])³⁵¹. Em “a má-ação retorna ao seu autor”, “delito ao seu artífice”, e a “fortuna vinga-se de feitos executados de forma enganosa” temos obviamente a mesma idéia acerca da *iustitia*, relacionada ao “dar a cada um o que merece” de Marciano Capella.

³⁴⁶ “De início os ouvidos de Ingellus estavam surdos a canção, mas logo ele foi movido pelas exortações mais urgentes de seu guardião (...)”.

³⁴⁷ “A integridade do jovem homem estivera em exílio, mas certamente não deixara esvanecer seu sopro; trazida a luz com a assistência do velho homem (...)”.

³⁴⁸ “Acaso podes discernir (acerca) da derrota de (seu) pio pai com equidade?”.

³⁴⁹ “A má-ação cai sobre seu autor, o delito volta e oprime seu artífice”.

³⁵⁰ “(...)pensas ser uma vingança suficiente a Frotho, quando pagamos sete mortos em restituição de um?”

³⁵¹ “Geralmente, a Fortuna vinga-se selvagememente de feitos executados de forma enganosa”.

Nesta narrativa, portanto, possuímos um rei corrupto que esquiva-se de vingar ao seu pai, associa-se àqueles que o mataram, e deixa sua corte imersa em imoralidade. Seu despertamento para um caminho virtuoso é efetuado por um conselheiro. O episódio incorpora os valores e definições efetuadas nos livros anteriores; apresenta a mesma idéia acerca da necessidade do aconselhamento real demonstrada em Hadingus e Ericus Dissertus nos livros I e V; apresenta *exempla* das diversas virtudes, em conexão também com as narrativas de Rolvo Krake e as exposições sobre a *iustitia* (livro II³⁵²) e Amlethus (livros III e IV). Comprova o papel-chave das virtudes na definição de um conselheiro adequado, e da insuficiência da *fortitudo* por si só. A narrativa de Starcatherus, portanto, agrega elementos de *todos* os livros anteriores, e linha condutora entre tais elementos é a temática do conselheiro, amparada pela definição de valores centradas nas virtudes cardinais.

5.4.2 Starcatherus, Bravalla e as cruzadas

No quesito de ambientação e inter-relação com as temáticas cruzadas, Starcatherus apresenta-se diverso de Ericus Dissertus. Há de se notar que as regiões nas quais ele efetua expedições e conquistas militares no período anterior ao aconselhamento do rei inepto coincidem e inclusive perpassam as regiões conquistadas por Ericus Dissertus e Frotho III. Entretanto, tais expedições possuem caráter de empreitadas privadas efetuadas pelo herói e sem a presença do rei.

No período de aconselhamento ao rei e nos episódios posteriores da trajetória de Starcatherus, uma característica faz-se notória; a acusação da associação com os teutões. No livro VIII Saxo narra a batalha de Bravalla, episódio semi-lendário ocorrido nos tempos antigos da Escandinávia, e que pressupostamente teria envolvido muitos povos setentrionais. Não é de se surpreender que na divisão das forças, Saxo emule de certas formas a situação presente do século XIII, com alguns diferenciais de sua própria lavra.

A divisão principal dos contingentes em Bravalla dá-se nos campos daneses e suecos. Os daneses são comandados por Harald – que Saxo apresenta como um rei

³⁵² Vide Nota 337.

cego. Seus aliados, incluindo diversos campeões de áreas do mundo escandinavo, são principalmente contingentes de saxões, eslavos e livônios. O lado sueco, comandado por Ringus, é formado também por campeões de diversas áreas escandinavas, mas com contingentes de suecos de diversas regiões, gotlandeses, curônios e estonianos. Analisemos rapidamente um trecho que resume muitos dos temas:

(8.4.2) “[1] Igitur, ubi praestolantibus Suetis Danicus supervenit exercitus, Ringo suis, quoadusque Haraldus aciem centuriasset, patienter considere iussis non ante signa canere praecepit, quam regem propter aquilas curru compositum aspexissent, praefatus sperare se facile collabi aciem posse, quae caeci ductamine niteretur. [2] Praeterea Haraldum supremo aetatis tempore alieni imperii cupiditate correptum non minus mente captum quam luminibus fore nec opibus exsatiari posse, qui, si annos respiciat, tumulto paene contentus esse debeat. [3] Suetis itaque pro libertate, pro patria ac liberis dimicandi necessitatem incumbere, hostem temeritate atque insolentia suscepisse bellum. [4] Praeterea ex parte adversa perpaucos Danos esse, Saxones complures, aliasque effeminatas gentes in acie stare. [5] Ob quod cogitare debere Sueones Noricosque, quantum Germanos ac Sclavos Septentrionalis semper turba praestiterit. [6] Sprenendam ergo aciem fore, quae potius lubrica hominum colluvione quam solido militum robore contexta videatur. [7] Nec parum ea oratione militum animos accendebat³⁵³.”

O lado danês possui um rei cego, alguns de seus contingentes são comandados por mulheres eslavas guerreiras, possui os saxões em suas fileiras e é

³⁵³ “Quando as forças danesas chegaram aos suecos que aguardavam, Ringo, que tinha instruído seus homens a aguardar pacientemente enquanto Harald arranjava suas companhias em formação, proibiu-os de soar o sinal de batalha até que percebessem que o rei inimigo encontrava-se em sua carroça perto dos estandartes; ele disse que confiava que tropas que dependiam de um general cego facilmente sofreriam colapso. Se a ganância pelo império(*imperii*) de outro havia tomado conta dele em seus anos de declínio, ele era tão insensato quanto cego; tal pessoa não se satisfazia com sua riqueza ainda que, a considerar pela idade, deveria contentar-se muito bem com um túmulo. Os suecos estavam sob forte compulsão de lutar por sua liberdade, terra-natal e crianças, enquanto que seus inimigos levavam esta guerra apenas por insolente arrogância. No lado oposto, entretanto, haviam na verdade poucos daneses; a maioria que encontrava-se nas linhas inimigas eram saxões e outros povos efeminados. Suecos e Noruegueses poderiam demonstrar quão vastamente superiores sempre foram as multidões do norte sobre germanos e eslavos. Seu exército era desprezível, composto não de sólidas vigas militares como parecia, mas de lodosa escória da humanidade. Este discurso acendeu o ânimo de seus soldados.”

dirigido por ganância e arrogância. O lado sueco é formado por diversos povos que Saxo frequentemente chama de bárbaros, mas que louva por sua bravura, virtudes, e por lutarem por sua liberdade. É neste lado que Starcatherus é colocado, e também este lado que obtém a vitória.

A análise completa do episódio é rica e escapa de nossos propósitos aqui, mas o episódio parece-nos muito claramente como uma espécie de aviso. Saxo, após apresentar um rei que após o aconselhamento de Starcatherus muda seus caminhos, a seguir apresenta a Dinamarca sob o comando de um rei cego e insensato, no campo oposto ao conselheiro. Sua principal falha são suas alianças espúrias com os saxões e eslavos. Apenas um período específico pode reunir tais elementos, e tratam-se dos anos de 1206-07, já que acredita-se que em 1219 Saxo não escrevia mais e supostamente estava morto.

Nestes anos Valdemar II leva a cabo expedição contra a ilha estoniana de Ösel, e o arcebispo Anders passa dois anos em Riga dando instrução teológica. Como nos narra a Crônica de Henri da Livônia³⁵⁴, neste mesmo ano uma leva de eslavos ocidentais, aparentemente fugindo das expedições danesas, teria sido expulsa da Curlândia pelos curônios, onde buscara refúgio, e abrigara-se na Livônia³⁵⁵. Nestes anos iniciais das cruzadas na Livônia os saxões empreendem campanhas contra os estonianos, auxiliados por livônios e letões. Os Curônios e estonianos não encontram-se convertidos, e as reações entre Valdemar I, Anders e os bispos e cruzados saxões ainda são amigáveis, até mesmo cooperativas.

O ano de escrita do episódio de Bravalla por Saxo não pode ser afirmado com exatidão, mas parece-nos bastante razoável pressupor a conexão dos eventos. Tal oposição de daneses, saxões, eslavos e livônios contra curônios, estonianos e suecos é uma construção inimaginável em outras ocasiões. Saxo apresenta sua preocupação de uma associação da Dinamarca com os saxões, e mesmo uma possível condenação ao uso extenso feito de seus recentes vassalos eslavos. Passagem notável, pode levantar algumas dúvidas até mesmo acerca da convicção interna que Saxo apresenta até então da legitimidade das cruzadas como meio para a hegemonia danesa.

³⁵⁴ HENRICUS LETTUS, 64ss.

³⁵⁵ Algumas edições do “*Cambridge Medieval History*” afirmam estes *vendi* serem diversos dos *vendi* eslavos ocidentais, e de “raça desconhecida”. Mas tal opinião é isolada e de certa forma defasada; a mesma obra apresenta resquícios da idéia do século XIX que os curônios (*kurs*) seriam originalmente uma tribo fino-úgrica. TANNER (ed.). *The Teutonic Order*. In: *Cambridge Medieval History*. Vol. VII: Decline of Empire and Papacy. Cambridge: at the University Press, 1968.

Note-se suas ressalvas, que haviam poucos daneses neste exército “desprezível”. Seu tom é realmente, de aviso, de preocupação; tal associação não é natural aos daneses; sua mensagem a Valdemar II e mesmo a seu arcebispo e patrono, é de cautela.

Tal situação seria diversa em uma década. No ano de 1219, por ocasião da segunda expedição cruzada de Valdemar II e Anders na Estônia, as relações entre os daneses e saxões encontram-se irremediavelmente deterioradas, necessitando de constante intervenção papal. Não podemos avaliar corretamente o papel de Saxo e de sua obra então, mas considera-se que tal década tenha sido sua última de vida e de escrita. Pode-se apenas notar que a influência e durabilidade de suas construções são enormes nos anos posteriores, servindo de base e modelo a um grande número de escritores e historiadores posteriores, e sendo consideradas das maneiras mais autoritativas possíveis. Ainda que na campanha em Tallin/Reval Valdemar tenha associado-se com o bispo Theodorico e seus cruzados germânicos e ambos tenham sido salvos da derrota por Vitslav e os eslavos, as relações posteriores entre Valdemar II e os teutões são quase que exclusivamente de disputa aberta.

O teor do conselho de Saxo até então salienta o uso das virtudes e do aconselhamento como meios indispensáveis a manutenção de um reino glorioso. A figura do Arcebispo Absalão é emblemática como o conselheiro virtuoso, ao mesmo tempo sábio e viril, e aponta o papel do arcebispado no aconselhamento real. As cruzadas prestam-se adequadamente como expedições militares onde este aconselhamento condiciona a força régia em objetivos que promovem a hegemonia da Dinamarca pelo Báltico e, em última instância, promovem até mesmo a expansão da Cristandade. Quando efetuadas sem a presença das virtudes e de correto conselho, entretanto, são um empreendimento voltado à ganância, à usurpação do domínio de outros.

Com Starcatherus, Saxo traz duas histórias principais de reis daneses. Um que aceita seu “aconselhamento”, e outro que encontra-se em posição antagônica a ele. Este último é cego, insensato; luta por ganância (*cupiditatis*). Alia-se aos teutões – representantes do Império. A observação das duas em conjunto fecha a inter-relação entre as temáticas das virtudes cardinais, do conselheiro e das cruzadas setentrionais. Finalizamos, portanto, todas as temáticas discutidas até então, com o intuito de ter promovido um todo orgânico.

CONCLUSÕES

A obra de Saxo Grammaticus é complexa, extensa, impossível de definir e analisar em termos simplistas. O modo como defende suas idéias e como equilibra suas próprias opiniões com a de seus patrocinadores é multifacetado. Por mais que defenda primordialmente a hegemonia e mesmo glorificação da Dinamarca bem como a instituição do arcebispado, direcionando seus esforços no sentido de defender tais primazias, por vezes parece questionar suas próprias motivações. Não obstante, não abre mão de certos elementos.

Procuramos demonstrar aqui o papel-chave que o esquema específico das virtudes cardinais possui na *Gesta Danorum*. Estas virtudes são por vezes remodeladas, por vezes ampliadas, de forma que incorporam uma gama de valores não apenas de formulação exclusivamente cristã e/ou clerical, mas também da tradição escandinava e dos extratos sociais belicistas. Dentre estas virtudes, apesar da freqüência da *fortitudo*, salientam-se *prudentia* e *temperantia*, e seu portador habitual é um personagem/herói conselheiro ou guardião. Sua imagem é freqüentemente ligado ao ancião, formulada de acordo com o arcebispo Absalão, e representa de modo mais genérico a instituição do arcebispado.

Este conselheiro possui o papel de colocar o rei nos caminhos devidos, de afastá-lo de más-influências, de exortá-lo à virtude e de levá-lo aos objetivos dignos. Tais objetivos muito freqüentemente envolvem projetos de expansão e supremacia da Dinamarca no Báltico. É também um personagem que promove muito razoavelmente um senso de continuidade entre a Dinamarca do período viking e a Dinamarca cristã e cruzada.

A obra num todo é reflexo pronunciado do contexto da transição dos séculos XII-XIII, do fortalecimento da realeza e do arcebispado daneses, das divergências e disputas da Dinamarca com o Império pela hegemonia báltica, e de seu engajamento nas expedições cruzadas. A relevância do contexto para a consolidação da Dinamarca não pode ser subestimada pelos eventos subsequêntes e mais recentes que assistiram subsequêntes supremacias suecas e russas na região; basta notar-se que a própria bandeira dinamarquesa, segundo consta o dito popular, teria surgido dos céus na batalha de Lyndanisse, por ocasião dos eventos envolvendo Valdemar II e o arcebispo Anders na Estônia.

O papel das cruzadas também é múltiplo. Presta-se ao imaginário, num senso de continuidade com o período viking, com as narrativas épicas e feitos heróicos dos daneses; responde a necessidades imediatas de proteção contra os pagãos que permanecem em sociedades similares às do período viking. Canalizam as tensões internas e disciplinam a força militar até então freqüentemente desordenada e fragmentada, sob o comando das instituições em processo de fortalecimento.

Apresentam-se em principal como um movimento eficaz à expansão dinamarquesa, mas necessitam ser levadas a cabo virtuosamente por meio de orientação adequada e aconselhamento. Não basta para o rei ser tão somente forte; ele necessita de sabedoria. Os portadores de tais virtudes são, em última instância, os homens do saber, da igreja danesa, com os quais Saxo se identifica e dos quais é porta-voz.

Nossa busca inicial pelo leste em Saxo Grammaticus foi ampliada. Os caminhos que Saxo levou-nos a percorrer nesta direção revelaram um aprofundamento em outros pontos cardinais e mesmo outras épocas. Por fim, Saxo, um autor danês da passagem de 1200, representante de um contexto supostamente isolado e à parte, revelou-se a nós como representante de elementos surpreendentemente *universais*.

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias:

ADAM BREMENSIS. **History of the Archbishops of Hamburg-Bremen**. Translated with an Introduction & Notes by Francis TSCHAN; with a new introduction & selected bibliography by Timothy REUTER. New York: Columbia University Press, 2002. P.198.

Texto latino completo em: <http://hbar.phys.msu.su/gorm/chrons/bremen.htm>

AGGESEN, Sven. “**Historia Compendiosa**”, “**Lex Castrensis**”. Tradução: CHRISTIANSEN, Eric. **The Works of Sven Aggesen**: Twelfth-Century Danish Historian. London: University College & Viking Society for Northern Research, 1992.

AGOSTINHO de HIPONA. **Carta nº155** (A Macedonio). In: CILLERUELO, Lope (trad.). **Obras completas de San Agustín** Xla: Cartas (2º) 124-187. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.

_____. **Carta nº171A** (A Maximus). In: CILLERUELO, Lope (trad.). **Obras completas de San Agustín** Xla: Cartas (2º) 124-187. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.

_____. (AUGUSTINE). **The Catholic and Manichean ways of life**: De moribus Ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum. Washington: Catholic University of America Press, 1966.

apud BARTHOLOMAEUS ANGLICUS. **De proprietatibus rerum**. In: BARANAUSKAS, Thomas. **Saxo Grammaticus on the Balts**. In: NYBERG, Tore (ed.) **Saxo and the Baltic Region**: A Symposium. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004. p.68.

BÍBLIA de referência Thompson: com versículos em cadeia temática. Tradução: João Ferreira de Almeida, edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1993.

CAPELLA, Martianus. **Die Hochzeit der Philologie und des Merkur**: diplomatischer Textabdruck, Konkordanzen und Wortlisten nach dem Codex Sangallensis 872 “De nuptis Philologiae et Mercurii”. *Nokter der Deutsche von St. Gallen*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1999.

Tradução inglesa: STAHL, Willian Harris & BURGE, E.L.(trads.) **Martianus Capella and the Seven Liberal Arts**. Vol II: The Marriage of Philology and Mercury. New York: Columbia University Press, 1977.

ÉSQUILO. **Os sete contra Tebas**. Tradução e prefácio: SCHÜLER, Donaldo. Porto Alegre: L&PM.

HENRICUS LETTUS. **The Chronicle of Henry of Livonia**. Tradução e notas: BRUNDAGE, James A. New York: Columbia University Press, 2003.

HROLFS Kraka Saga. Tradução: BYOCK, Jesse L. [**The Saga of King Hrolf Kraki**]. Suffolk: Penguin Books, 1998.

IOHANNIS SCOTTI. **Annotationes in Marcianum**. Edição: LUTZ, Cora E. New York: Kraus Reprint Co., 1970 [Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1939].

KONGE-SPEILET: et philosophisk-dikattisk krift, forfattet i norge mod slutningen af det tolfte aar hundrede. Christiania (Oslo): Trykt hos Carl C. Werner & Comp., 1848.

THE LIVONIAN rhymed chronicle. Tradução: SMITH, Jerry C. & URBAN, William. Chicago: Lithuanian Research and Studies Centre, 2001 (2ªed.).

OROSIUS, Paulus. **Historiarum adversum paganos libri VII**. In: OROSE. *Histoires* (contre les païens). Tradução: ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre. Paris: Les belles lettres, 1991. Edição bilíngüe latim-francês.

Versões:

ORÓSIO, Paulo. **História contra os pagãos** (Esboço duma História da Antigüidade Oriental e Clássica). Versão: CARDOSO, José. Braga: Universidade do Minho, 1986.

PLATÃO. **A República**. Tradução, Introdução e Notas; 10.ed.: PEREIRA, Maria Helena da rocha. Calouste Gulbekian, 2007 [1972?].

SAXO GRAMMATICUS, **Gesta Danorum**.

Texto latino completo disponível ao público na **Det Kongelige Bibliotek**, Copenhague. Baseado nas edições revisadas de Winkel Horn (1898) e J. Olrik (1908-12). Obtido em <http://www.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/index.htm>.

Traduções:

ELTON, Oliver (trad.) **The Nine Books of the Danish History of Saxo Grammaticus**. New York: Norroena Society, 1905

FISCHER, Peter (trad.). **The History of the Danes**. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer, 2006 [1979].

- HANSEN, William F. Hansen. **Saxo Grammaticus and the Life of Hamlet: A translation, History and Commentary.** Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1983.
- SNORI STURLUSON. **Heimskringla: Nóregs konunga sogur.** Editado por JÓNSSON, Finnur. København: Gads Forlag, 1911.
- Tradução para a língua inglesa: SNORRE STURLASON & Erling MONSEN. **Heimskringla or the Lives of the norse Kings.** Kessinger Publishing. 2004.
- SNORI STURLUSON?. **EGILS SAGA SKALAGRÍMSSONAR.** Edição de JÓNSSON, Finnur. Halle: Verlag, 1924.
- Tradução para o inglês:
- SCUDDER, Bernard. **Egilssaga.** In: SMILEY et alii (eds.). **The Saga of Icelanders.** New York: Penguin Books, 2000 [Reikjávík, 1997].
- VALERIUS MAXIMUS (Valérie Maxime). **Faits et dts mémorables.** Tradução: COMBÉS, Robert. Paris: Les belles letres, 1995. Edição bilíngüe latim-português.

2. Bibliografia:

- AMORY, Frederic. **Kennings.** In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia: An Encyclopedia** (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.pp.351s.
- ANTONSSON, Haki. **Some observations on Martyrdom in Post-Conversion Scandinavia.** In: Saga-Book. Vol. XXVIII. Viking Society for Northern Research: University College London, 2004.
- ARBMAN, Holger. **Os Vikings.** Lisboa: Editorial Verbo, 1967 [Londres, 1961].
- ARNALDI, Girolamo. **Igreja e Papado.** In: LeGOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Vol.I. Bauru, SP: EDUSC,2006 [1999].pp.567-589.
- BAMPI, Massimiliano. **Between tradition and Innovation: The Story of Starkadr in Gautreks saga.** In: The Thirteenth International Saga Conference. Durham and York, 6th-12th August, 2006.
- BARANAUSKAS, Thomas. **Saxo Grammaticus on the Balts.** In: NYBERG, Tore (ed.) **Saxo and the Baltic Region: A Symposium.** Odense: University Press of Southern Denmark, 2004. Originalmente em _____. **Lietuvos valstybes istakos,** Vilnius: 2000, p.42-48, 153-156, 165-167.

- BARFORD, Paul M. **The early slavs: Culture and Society in Early Medieval Eastern Europe**. Avon: Bath press, 2001.
- BARRACLOUGH, George. **The Origins of Modern Germany**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- BEREND, Nora (ed.). **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200**. New York: Cambridge University Press, 2007.
- BEYER, Harald. **Literatura Noruega**. Barcelona: Editorial Labor, 1931.
- BLANEY, Benjamin. **Berserkr**. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia: An Encyclopedia** (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.
- BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média (século XII)**. Lisboa: Edições 70, 1986 [1983].
- BOULHOSA, Patrícia Pires. **A *mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade**. Brathair 6(2), 2006:3-31.
- BRØNDSTED, Johannes. **Os vikings: história de uma fascinante civilização**. São Paulo: Hemus, S.D.
- BUMKE, Joachim. **Courtly Culture: Literature and Society in the high Middle Ages**. Woodstock & New York: The Overlook Press, 2000 [Munich, 1986].
- BYOCK, Jesse. **Alþingi**. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia: An Encyclopedia** (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.p.10s.
- CHRISTIANSEN, Eric. **The Norsemen in the Viking Age**. Oxford: Blackwell, 2002.
- _____. **The Northern Cruzades**. London: Penguin Books, 1997 [1980].
- _____. **The Place of Fiction in Saxo's Later Books**. In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). **Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture**. Copenhagen, 1981.
- _____. **The Works of Sven Aggesen: Twelfth-Century Danish Historian**. London: University College & Viking Socciety for Northern Research, 1992.
- CROSLAND, Jessie. **Medieval French Literature**. Oxford: Basil Blackwell, 1956.
- DUBY, George. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1994 [Paris, 1978]

- DUMÉZIL, Georges. **El destino del guerrero**. Siglo XXI editorial, 1971 [Paris, 1969].
- _____. **Do mito ao Romance**: A Saga de Hadingus. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [Paris, 1970].
- _____. **Mythe et Épopée**: types épiques indo-européens: um héros, um sorcier, um roi. Paris: Gallimard, 1986(4ªed)[1971].
- DVORNIK, Francis. **The Slavs**: in European history and Civilization. New Brunswick & New Jersey: Rutgers University Press, 3ª ed.1962[1960].
- ELLIS-DAVIDSON, Hilda. **Commentary**. In: SAXO GRAMMATICUS, **The History of the Danes**. Tradução: FISCHER, Peter. II Vols. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer, 2006.[1979-80].
- _____. **Gods and Myths of Northern Europe**. Penguin Books, 1964.
- FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. **La formación de la cultura eclesiástica en la génesis de la sociedad europea**. In: **Cultura y culturas en la historia** : Quintas Jornadas de Estudios Históricos organizadas por el Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea de la Universidad de Salamanca. Salamanca, 1995. Pp. 31-53.
- FORTE, Angelo, ORAM, Richard & PEDERSEN, Fredericus. **Viking Empires**. Cambridge, 2005.
- FINLAY, Alison. **Skalds, Trobadours and Sagas**. In: **Saga-Book**. Vol. XXIV. University College London: Viking Society for Northern Research, 1995.
- FRANKIS, John. From Saint's Life to Saga: **The fatal walk of Alfred Ætheling, saint Amphibalus and the Viking Bródir**. In: **Saga-Book**. Vol. XXV. University College London: Viking Society for Northern Research, 1999.
- FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). **Saxo Grammaticus**: A medieval author between Norse and Latin Culture. Copenhagen, 1981.
- GELTING, Michael H. **The Kingdom of Denmark**. In: BEREND, Nora (ed.). **Christianization and the Rise of Christian Monarchy**: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200. New York: Cambridge University Press, 2007.
- GIMBUTAS, Marija. **Os Baltas**. Rio de Janeiro: Rio Néris, SD. [EUA, 1963 & Vilnius, 1985].
- _____. **Os eslavos**. Editorial Verbo: Lisboa, 1975[London, 1971].
- GINZBURG. Carlo. **Os Andarilhos do Bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das letras, 1988[1966].

- _____. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989[1986].
- _____. **O Queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 3ªed; 2002 [1976].
- GRANT, John. **Introdução à Mitologia Viking.** Lisboa: Editorial Estampa, 2000[1990].
- HERMANN, Joachim & STRUVE, Karl Wilhelm. **Die Northwest-slaven zwischen Germanen und Deutschen.** In: HERMANN, Joachim (ed). **Welt der Slawen.** Leipzig, Jena & Berlin: Urania-Verlag, 1986.
- HILL, Joyce. **Pilgrimage and Prestige in the Icelandic Sagas.** In: Saga-Book. Vol. XXIII. Viking Society for Northern Research: University College London, 1993.
- JANSEN, F.J. Bileskov & HANSEN, R. Wagner (eds.). JOHNS, Per (trad.) **Panorama da Literatura Danesa.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1981 (Copenhagen, 1964).
- JOHANNESSEN, Kurt. **Order in Gesta Danorum and Order in the Creation.** Copenhagen, 1978. In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). **Saxo Grammaticus:** A medieval author between Norse and Latin Culture. Copenhagen, 1981.
- JONES, Gwyn. **A history of the Vikings.** New York & Toronto: Oxford University Press, 1968.
- JONES, Prudence & PENNICK, Nigel. **A History of Pagan Europe.** London & New York: Routledge, 1995.
- KAEUPER, Richard W. **Chivalry and Violence:** in Medieval Europe. New York: Oxford University Press, 2002 [1999].
- KARKLIŅA, Inese. **Daugmale antiquities complex on the crossroads between east and west.** In: Association of Baltic Studies: Anals. Visby; Götland, Sverige: 1994 (apresentação em congresso).
- KENDRICK, T.D. **A History of the Vikings.** New York: Charles Scribner's Sons, 1930.
- KENWARD, Paul & KRIST, Bob. **Os Viquingues:** Origens da Cultura Escandinava (2V). Madrid: Edições Del Prado, 1997.
- KVÆRNDROP, Sigurd. **The composition of the Gesta Danorum and the place of geographic relations in its worldview.** In: NYBERG, Tore (ed.) **Saxo and the Baltic Region:** A Symposium. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

- LeGOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval** (2V). Lisboa: Editorial Estampa, 1995 [1983].
- LOUTH, Patrick. **A civilização dos germanos e dos vikings**. Rio de Janeiro: Otto Pierre editores, 1979 [Genève, 1979]
- LUND, Niels. **The Danish Empire and the End of the Viking Age**. In: SAWYER, Peter (ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 2001 [1997].
- _____. **Viking Age**. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia: An Encyclopedia** (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993. p.693.
- MALONE, Kemp. **Ingeld**. In: **Modern Philology**, Vol. XXVII, nº03. Chicago: Chicago University Press, Fev 1930.
- MARTIN, Janet. **Medieval Russia 980-1584**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 [1995].
- MARTÍNEZ-PIZARRO, Joaquín. **"An Eiríks þáttur málsþaka? Some conjectures on the Source of Saxo's Ericus Dissertus"**. In: In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). **Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture**. Copenhagen, 1981
- MCGUIRE, Brian Patrick. **Conflict and Continuity at Øm Abbey: a Cistercian Experience in Medieval Denmark**. Copenhagen: Museum Tusculanum, 1976..
- MONGELLI, Lênia (org) **Trivium & Quadrivium: as Artes Liberais na Idade Média**. Cotia: Íbis, 1999.
- MUSSET, Lucien. **Les Peuples Scandinaves au Moyen Age**. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.
- NYBERG, Tore (ed.) **Saxo and the Baltic Region: A Symposium**. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.
- POWELL, T.G.E. **Os celtas**. Lisboa: Editorial Verbo, 1965.
- PROPP, Wladímir Yakovlevitch. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. [Moscou, 1976].
- SAWYER, Peter. **Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700-1100**. London: Routledge, 1998 [1982].
- SAWYER, Peter (ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 2001 [1997].

- SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. **Medieval Scandinavia: from conversation to Reformation circa 800-1500**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2003 [1993].
- SKOVGAARD-PETERSEN, Inge. **The Way to Bizantium: A study of the first three books of Saxo's History of Denmark**. In: FRIIS-JENSEN, Karsten (ed.). **Saxo Grammaticus: A medieval author between Norse and Latin Culture**. Copenhagen, 1981.
- SMILEY et alii (eds.). **The Saga of Icelanders**. New York: Penguin Books, 2000 [Reikjávík, 1997].
- СОЛОВЬЕВ, С.М. **История России с древнейших времен: Книга I**. Москва: Социально-экономической, 1960. (SOLOV'YEV, S.M. *História russa nos tempos da antigüidade*: Livro I. Moscou: Social-econômica, 1960).
- SØRENSEN, Preben Meulengracht. **Religions Old and New**. In: SAWYER, Peter (ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 2001 [1997].
- SOUZA, José Antônio de. **As Raízes da Hierocracia no "de institutione regia" de Jonas de Orleans**. In: **O Reino e o Sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média**. _____ (org.) Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- _____. **A teocracia Imperial no fim da alta Idade Média**. In: **O Reino e o Sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média**. _____ (org.) Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- SPEKKE, Arnolds. **History of Latvia: an outline**. Riga: Jumava, 2006[1948].
- STARCKE, Viggo. **Denmark in World History**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1962 [Dinamarca, 1946].
- TANNER (ed.). **The Teutonic Order**. In: **Cambridge Medieval History**. Vol. VII: Decline of Empire and Papacy. Cambridge: at the University Press, 1968.
- THOMAS, Keith. **Religion and the Decline of Magic**. Penguin Books Ltd; New Ed, 1991[1976].
- TOLLEY, Clive. **The Mill in Norse and Finnish Mythology**. In: **Saga-Book**. Vol. XXIV. Viking Society for Northern Research: University College London, 1995. pp.69-73; 76,78.
- TOYNE, S.M. **The Scandinavians in History**. London: Edward Arnold & Co., 1970.
- TURNBULL, Stephen. **Crusades Castles of the Teutonic Knights (2): The stone castles of Latvia and Estonia 1185-1560**. Oxford: Osprey Publishing.

- TURVILLE-PETRE, Gabriel. **The Heroic Age of Scandinavia**. London: Hutchinson's University Library, 1951.
- _____. **Myth and Religion of the North**: The Religion of Ancient Scandinavia. London: Weidenfeld and Nicolson, 1964.
- URBAN, Willian. **The Baltic Crusade**. Chicago: Lithuanian Research and Studies Center Inc. & McNaughton & Gunn Inc.: 1994.
- _____. **Religion in the Medieval Baltic**. In **Lithuanus**: Quaterly journal of Arts and Sciences. Vol.19, Nº01. Spring 1973.
- _____. **The Teutonic Knights**: a Military History. London: Greenhill Books, 2003.
- WHALEY, Diana Edwards. **Skáld**. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia**: An Encyclopedia (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.
- ZENKOVSKY, Serge .A. (ed.) **Medieval Russia's**: Epics, Chronicles, and Tales. New York: E.P.Dutton & Co., Inc.: 1974p.167ss.
- ZUMTHOR, Paul. **Histoire Littéraire de la France médiévale (VI-XIV siècles)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

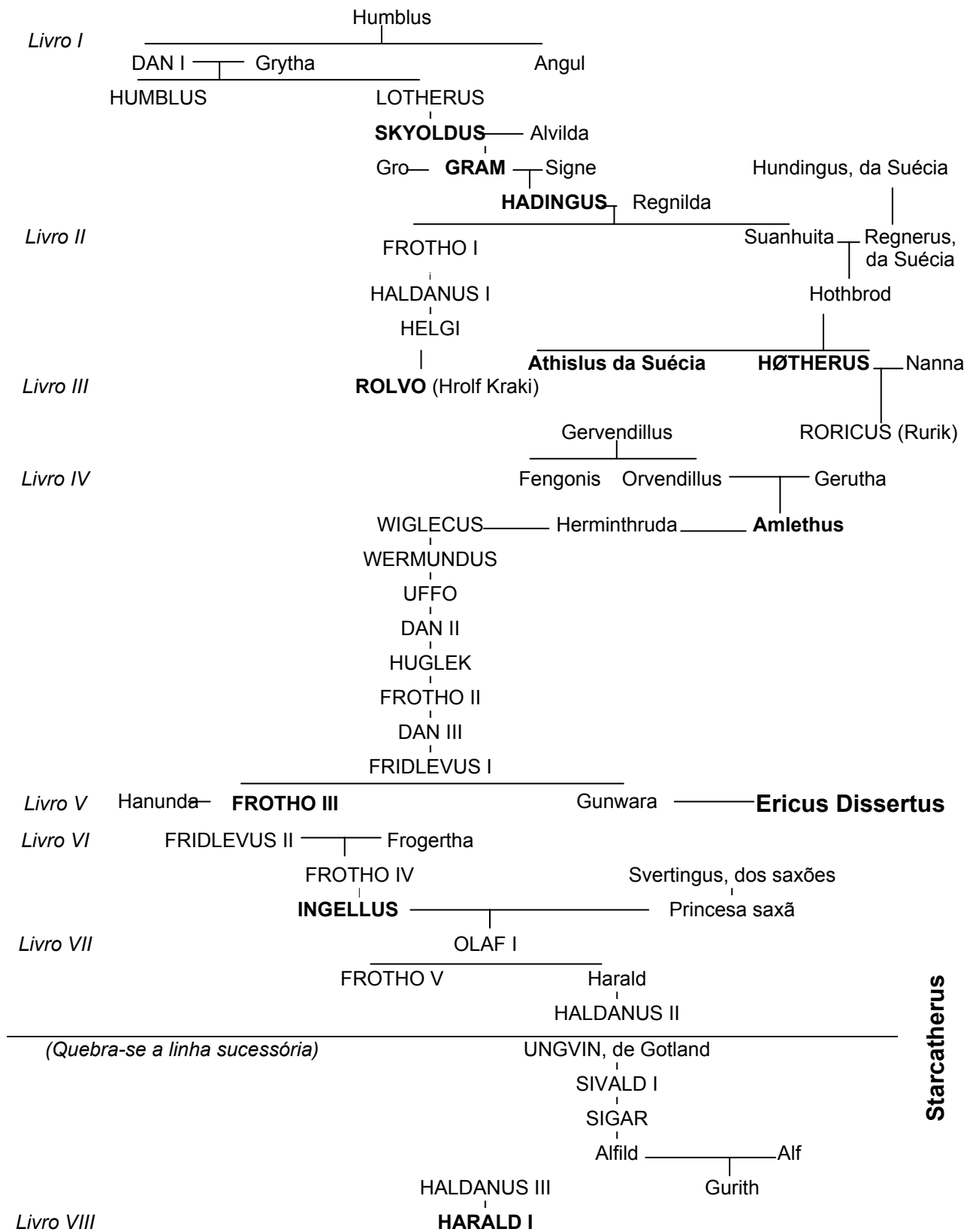
3. Dicionários, Enciclopédias e Obras de referência:

- BARRACLOUGH. Geoffrey (ed). **Atlas da História do mundo**. 4ºed. São Paulo: Folha da Manhã, 1995 [London: Times books, 1993].
- BLATT, Franz. **Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum**. Obtido em: <http://www.rostra.dk/latin/saxo1.html>, última consulta efetuada em 05/02/2008.
- COULSON, Jessie (rus.-eng.)& RANKIN, Nigel & THOMPSON, Della (eng.-rus.) & HOWLETT, Colin (rev.). **The Pocket Oxford Russian Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1998 [1994].
- DICIONÁRIO de Latim-Português**. Porto: Porto Editora, 2ºed, 2001 [1966].
- GAUVARD, Claude, ZINK, Michel, LIBERA, Alain de. **Dictionnaire du Moyen Âge**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. Pp.254ss.
- GINGRICH. F. W. & DANKER, F. W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001 [1984].

- HAYWOOD, John. **The Penguin Historical Atlas of the Vikings**. London: Penguin books, 1995.
- LeGOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Vol.I. Bauru, SP: EDUSC,2006 [1999].pp.567-589.
- PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) **Medieval Scandinavia: An Encyclopedia** (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.
- SIDWELL, Keith. **Reading Medieval Latin**. Cambridge:at the University press, 2006 [1995].
- SOSĀRE, M. & BIRZVALKA, I. **Latvian-English/ English Latvian Dictionary**. New York: Hippocrene Books, 2000 [1993].
- TURLAJS, Jānis (ed). **Latvijas vēstures atlants**. Riga: Apgāds Jaņa sēta, 1998. [Atlas de História da Letônia. Riga, Letônia].
- ZOËGA, Geir T. **A concise dictionary of Old Icelandic**. Oxford: At the Clarendon Press, 1910.

ANEXOS

1. Lista de reis nos livros I -VIII da Gesta Danorum



2. Lista de Governantes e Arcebispos da Dinamarca em relação aos acontecimentos no Báltico, Germânia, Império e Papado

Data	Papa	Governantes na Dinamarca	Arcebispos daneses	Acontecimentos relevantes	Data	
1047	Benedito IX Nov.	Svein Estridson (1047-1074)	Sob o arcebisado, germânico, de Hamburg-Bremen		1047	
1048	Damácio II 17/07				1048	
1049	Leão IX 12/02			Início da reforma "Gregoriana"	1049	
1055	Vitor II 13/04				1055	
1056	Estevão IX 02/08			Henrique IV imperador	1056	
1057	Nicolau 06/12				1057	
1058	Alexandre II 30/09				1058	
1059				Eleição papal livre pelos cardeais	1059	
1061					1061	
1073					1073	
1074	Gregório VII 22/04	Harald III Hen (1074-1080)		1074		
1075		Knut IV (1080/1081 - 1086)	<i>Dictatus papae</i> , Querela das Investiduras	1075		
1080	Vitor III 24/05	Olaf Hunger (1086-1095)		1080		
1086				1086		
1088	Urbano II 12/03			1088		
1095		Eirik I Ejegod (1095-1104)	Papa Urbano II prega a 1º cruzada	1095		
1099				1099		
1002	Paschoal II 13/08					
1104				1104		
1106						
1118	Gelásio II 21/01	Nicholas (1104-34)		Fundação dos templários	1118	
1119	Calixto II 02/02				1119	
1122			Concordata de Worms	1122		
1124	Honório II 15/12			1124		
1127						
1130	Inocêncio II 14/02				1130	
1134		Eric II (1134-7)		1134		
1137				1137		
1138						
1140		Eric III (1137-46)			1138	
1143	Celestino II 26/09			Famílias da Holsátia e Nordalbingia iniciam expansão em terras eslavicas	1140	
1144	Lúcio II 12/03				1143	
1145					1144	
1146		Sweyn III (1146-54) Knut V (1146-52, 1154-7)			1145	
1146					1146	
1147	Eugênio III 15/02		Eskill (1138-1178) THRUGUT	Bula "Divina dispensatione", autorizando s cristãos do norte a guerras contra seus próprios pagãos; cruzada contra os wendi.	1147	
1152				Frederico Barbarossa eleito	1152	
1153	Anastácio IV 08/07				1153	
1154	Adriano IV (Nicholas Breakspear) 4/12				1154	
1157		Valdemar I (1157-82)				1157
1159						1159
1163					Lübeck rendida a Heinrich "o leão"	1163
1168	Alexandre III 07/09				Captura definitiva de Arkona pelos daneses	1168
1170					Morte de Albrecht, "o urso"; hegemonia de Heinrich "o leão" na Germânia de Norte	1170
1178					Queda e exílio de Heinrich "o leão"	1178
1180				Início das atividades do bispo Meinhardt entre os livônios	1180	
1181					1181	
1182	Lúcio III 01/09				1182	
1185	Urbano III 25/11				Início aproximado de escrita da Gesta Danorum	1185
1187	Gregório VIII (21/10-17/12) Clemente III 19/12				1187	

1189				Barbarossa, Adolf de Holstein, e o arcebispo de Bremen na 3ª cruzada. Retorno e invasão de Heinrich “o leão” à germânia do norte	1189
1190				Fundação da Ordem de Santa Maria dos teutões – posteriormente, Ordem teutônica	1190
1191					1191
1195	Celestino III 30/03			Tentativa de expedição contra os curônios, por germanos, suecos e gotlandeses, que acabaria na Estônia	1195
1198				Papa Inocêncio III conclama à 4ª cruzada	1198
1202	Inocêncio III 08/01			Fundação da ordem dos Irmãos da Espada, ou Ordem Livoniana	1202
1206				Valdemar II e arcebispo Anders Sunesson lançam expedição contra estonianos de Saarema (Õsel). Anders permanece em Riga por um ano dando instrução teológica.	1206
1210				Cerco dos curônios a Riga	1210
1216				Término aproximado de escrita da Gesta Danorum	1216
1219	Honório III 18/07			Batalha de Lyndanisse na Estônia e construção do forte de Tallin pelos daneses	1219
1220					1220
1224					1224
1227					1227
1228	Gregório IX 19/03				1228
1237				Absorção da Ordem Livoniana pela Teutônica	1237
1241	Celestino IV 24/10	Eric IV (1241-50)			1241
1250		Abel (1250-52)			1250

Baseada em: BARRACLOUGH, 1972; CHRISTIANSEN, 1997 & 2002; ELLIS-DAVIDSON, 2006; FORTE et alii; LeGOFF, 1983; SAWYER, 1998 & 2001; SAWYER & SAWYER, 2003; SMILEY et alii, 200; STARCKE, 1968; URBAN, 1994; URBAN, 2003; et alii

Mapa Geral Gesta Danorum

3. Mapa Geral – Gesta Danorum



Do autor. Baseado nos mapas em ELLIS-DAVIDSON, & PÁLSSON (trad.).

4. Genealogia dos Valdemares

Styrbjörn, o forte	Gorm, o velho		Vide ao lado	Wulfnoth “Cild”	Olof Skötkonung X		Igor de Kiev					Boleslaw I (filho de Mieszko I X)	
Torgils Sprakalägg,	Harald “Dente azul” X			Godwin	Emund, o velho		Sviatoslav	Ragnvald Yngligas?	Eiríkr o Vitorioso			Mieszko II	
Ulf Thorgilsson “Jarl”	Sweyn I Forkbeard			Harold Godwinsson	Stenkil		Vladimir, o grande X	Rogneda (Ragnhild) de Polotsk	Olof Skötkonung X			Theodosios Monomachos	
Sven Stridsson	Gunhild Svendsdatter		Vladimir II Vsevolodovitch de Novgorod, “Monomakh” *	Ghyta, de Wessex	Inge I	Helena	Jaroslav I, “o sábio”	Ingigerd Olafsdottir	Constantino IX Monomachos; Bizâncio (1000-1055)	Maria Skleraina	Władysław I Herman	Henrich von Berg	
Eiríkr I, “Ejegod” Dinamarca		Boedil Thurgotsdatter	Mstislav I		Kristina		Vsevolod I Jaroslavitch		Anastasia?		Boleslaw III	Salome von Berg-Schelklingen	
Knut III “Lavard” , Duque de Schleswig			Ingeborg Mstislavna				Vladimir II Vsevolodovitch de Novgorod, “Monomakh” *				Rykxa Swantostawa (da Polónia) 1116-após1156		
Valdemar I “den Store” (o grande)							Sofija Vladimirovna						
Knut VI e Valdemar II													

X – Governantes a implantar o Cristianismo em seus reinos.

Componentes e dinastias:

-  – Daneses
-  – Suecos
-  – Varegues fundadores de Rus; etnicidade disputada escandinava-eslava
-  – Rus – Riurikidas
-  – Rus - outros
-  – Bizantinos – Monomachos
-  – Anglo-saxões
-  – Poloneses- Piats
-  – Outros (tchecos, germanos, etc.)

(Baseada em CHRISTIANSEN, 1997; ELLIS-DAVIDSON, 2006; FORTE et alii; СОЛОВЬЕВ, 1960; URBAN, 1994; URBAN, 2003; et alii.)